



ANESTESIA FATAL

RICARDO GARRETT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Anestesia Fatal

CAPÍTULOS

- Capítulo 1 – O músculo cansado.
- Capítulo 2 – Às 00.00h, no Parque.
- Capítulo 3 – De novo em paz.
- Capítulo 4 – Férias sob pressão.
- Capítulo 5 – A proposta.
- Capítulo 6 – A decisão duma vida.
- Capítulo 7 – A formação.
- Capítulo 8 – O dossier polémico.
- Capítulo 9 – A escuta nocturna.
- Capítulo 10 – A Rochelle HC.
- Capítulo 11 – Shelter Island.
- Capítulo 12 – A visita.
- Capítulo 13 – O suicídio.
- Capítulo 14 – A revelação.
- Capítulo 15 – O primeiro indício.
- Capítulo 16 – O reencontro.
- Capítulo 17 – Apertando o cerco.
- Capítulo 18 – Jogadas de emancipação.
- Capítulo 19 – A limpeza.
- Capítulo 20 – Operação relâmpago.
- Capítulo 21 – Números intrigantes.
- Capítulo 22 – Sincronização total.
- Capítulo 23 – O evento anual.
- Capítulo 24 – Finalmente localizada.
- Capítulo 25 – O resgate.

1. O músculo cansado

O novo emprego de Elisabeth era fantástico. Após cinco anos de experiência profissional, dos quais; um ano de estágio de fim de curso e os quatro seguintes na banca como gestora de carteira de empresas, dois deles ligados às pequenas empresas e os outros dois às grandes empresas; conseguiu, finalmente, ser admitida num grande grupo empresarial ligado ao negócio da moda e da cosmética. Esse fora, desde sempre, o seu primordial objectivo quando decidira cursar gestão de empresas e obter, também, uma especialização no setor da moda. O trabalho árduo e experiência que adquirira tinham sido bastante enriquecedores e valorizaram-na bastante em termos curriculares. Aquele tipo de negócio e as suas novas funções tinham tudo a ver com o seu perfil, era realmente aquilo que ela adorava fazer. O departamento de recursos humanos e a direcção comercial aprovaram a sua candidatura para a função de coordenadora regional, afecta ao estado de Nova Iorque, de uma grande e prestigiada cadeia de lojas *prêt-à-porter*.

Com a mudança vieram, em catadupa: o aumento da carga horária, a exigência duma disponibilidade suplementar, um aumento substancial de responsabilidades, as viagens regulares dentro do estado e, a parte melhor, um vencimento à altura das funções desempenhadas. Quando se trabalha por gosto e se é bem remunerado, normalmente, mais do que compensa tudo o resto. O esforço e a sobrecarga acima do comum acabam por ser estimulantes, tornando esse desafio, mais desgastante, num bom factor de motivação.

O facto de ela e do seu marido terem optado por aguardar e, desse modo, protelarem a decisão de constituir família, permitiu-lhe, ainda antes dos trinta anos de idade, dar um grande impulso na sua carreira profissional. A verdade era que, quer ela, quer Franklin, se tinham tornado nuns autênticos *workaholics*. Por sua vez, Franklin trabalhava em Wall Street, num banco de investimentos, e também estava numa fase de especial dedicação à carreira profissional. A mudança para Manhattan permitiu-lhes estabilizar a vida a dois e reduzir as despesas mensais em simultâneo. As despesas, anterior e mensalmente, gastas com a renda do apartamento de Albany deixaram de lhes delapidar a conta bancária, assim como os dispendiosos custos associados às deslocações, durante o fim-de-semana, de lá para Nova Iorque e vice-versa.

Todavia, nem tudo foi um “mar de rosas”. Aquele aumento violento do ritmo de trabalho começou a ter reflexos na sua saúde e, com o decorrer dos meses, Elisabeth começou a sentir um cansaço insuportável, em nada normal. Aquela fadiga começou a apoderar-se dela de modo exasperante e por muito que ela tentasse compensar o desgaste, repousando-se ao fim de semana, de pouco ou nada lhe adiantava. Perante a evidência de estar a perder rapidamente capacidades físicas e de começar a antever o seu desempenho fatalmente comprometido, não tardou muito tempo para que ela resolvesse consultar

um médico.

Eram dez da manhã quando Elisabeth Logan deu entrada na Rochelle Health Clinic e ela estava realmente muito ansiosa. O seu médico iria, após a realização e obtenção dos resultados de alguns exames, transmitir-lhe se havia ou não alguma coisa errada com o seu estado de saúde. Desde a data da realização dos exames até à da consulta médica seguinte, uma semana tinha decorrido. Talvez uma das mais longas e angustiantes da sua existência.

Na primeira consulta de clínica geral descrevera os seus sintomas ao médico e este conduziu-a de imediato para um outro colega que era especialista em cardiologia, o qual passou a tomar conta do seu caso. Na altura, Elisabeth apresentava o seguinte quadro de sintomas: fadiga agravada; desconforto torácico; enxaqueca e dores nos membros inferiores, geralmente, mais para o final do dia. No dia seguinte a essa consulta não foi trabalhar, pois teve que se submeter a uma multiplicidade de exames médicos adicionais.

A longa semana tinha finalmente chegado ao fim, e Elisabeth estava sentada numa sala de espera da Rochelle Health Clinic. Aquela meia hora de espera, em virtude do atraso do médico cardiologista, mais lhe pareceu uma longa eternidade. No entanto, o Dr. Julian Bennet pouco mais tardou em aparecer. Após cinco minutos, Elisabeth foi chamada pela recepcionista e entrou no consultório.

— Bom dia, minha querida. Como vai, bem-disposta? — Perguntou Julian, com a sua amabilidade habitual.

— Ufa! Muito nervosa, senhor doutor. Mas, apesar de tudo, poderei dizer; razoavelmente bem-disposta. Obrigada. — Retorquiu Elisabeth, suspirando. A inquietação não a largava e, enquanto aquela indefinição perdurasse, continuaria a ter um horrível e sufocante sentimento de angústia.

— Bom, é perfeitamente compreensível. — Concordou o médico. — Mas hoje vamos acabar com essa ansiedade. Os resultados já estão prontos, e está na hora de tomar uma decisão. Os sintomas que se manifestaram com mais ênfase, nos últimos meses, certamente, não lhe eram assim tão desconhecidos, pois não? — Perguntou Julian, continuando num tom sereno e afável.

— É verdade, sim, Dr. Bennet. — Assentiu Elisabeth. — Pensando melhor, eu já tinha, por uma ou outra vez, sentido estas dores. Ultimamente é que se começaram a agravar. Contudo, não me lembro com rigor desde quando tenho estes sintomas. — Explicou.

— No relatório do meu colega não consta nada acerca de antecedentes familiares, assim como no questionário por si preenchido que também nada refere a respeito da existência de eventuais antecedentes cardíacos pela parte dos seus progenitores. Nesse sentido, volto a perguntar-lhe se nunca terá ouvido algum dos seus pais queixar-se, por exemplo, de um elevado nível de colesterol no sangue ou de padecer de hipertensão arterial com regularidade?

— Tem razão doutor, de facto não consta nada nas respostas do questionário, pois, infelizmente, perdi os meus pais aos cinco anos.

— Oh! Lamento muito e peço-lhe desculpa. Não fazia a menor ideia. — Exclamou o médico, um pouco constrangido e continuou. — Bom. Então, vamos directamente ao seu caso. Tanto os resultados dos exames como o meu diagnóstico estão prontos.

— É muito grave, Dr. Bennet? — Perguntou Elisabeth, com voz apreensiva. — A verdade é que tenho um mau pressentimento.

— Tenha calma, minha querida. Há solução e poderia ser bem mais complicado. — Retorquiou Aron, com voz serena.

— Desculpe-me doutor. Diga-me rapidamente o que se passa, por favor. — Disse ela de rajada. Claramente preocupada e ansiosa.

— A Elisabeth tem uma doença congénita: uma cardiopatia. — Respondeu Julian, continuando a explicar. — Essa deficiência denomina-se, mais especificamente, coarctação da aorta.

Ela ficou a olhá-lo um pouco desorientada, pois não entendia nada de nada acerca daquele assunto.

— Ah! E isso é o quê? — Questionou Elisabeth, semi-cerrando os olhos, em sinal de incompreensão.

— É uma complicação que afecta o coração, isto é, com várias repercussões que se reflectem também ao nível do músculo cardíaco. Daí as suas queixas de cansaço que na verdade são mais do que justificadas. — Explicou o médico.

— No coração! — Exclamou Elisabeth, alarmada.

— Sim. Mas tenha calma que eu vou explicar melhor. — Retorquiou Julian, com uma voz calma, continuando a tentar contagiá-la positivamente graças à sua serenidade.

— É fatal, Dr. Bennet?

— Não. Serene, que eu vou entrar nos detalhes.

— Tudo bem, peço desculpa. — Disse Elisabeth, tentando conter o seu ímpeto.

— O seu caso não é assim tão incomum. Traduzindo para uma linguagem mais simples, para que consiga compreender, a coarctação aórtica é um estrangulamento da aorta, a artéria que recebe do coração o sangue filtrado, purificado, e que depois trata de o distribuir para as partes inferiores do corpo. É muito mais usual ver este tipo de complicação em recém-nascidos, mas, em alguns casos, pode manifestar-se na fase da adolescência ou em jovem adultos também. O que está a acontecer consigo é o seguinte: a circulação sanguínea está a ser dificultada, em virtude do estrangulamento da artéria aorta torácica descendente que é uma das artérias mais importantes no desempenho da função de condução do sangue vermelho (o purificado), bombeado pelo ventrículo esquerdo, aos órgãos e partes inferiores do corpo. Sendo a aorta uma artéria bastante elástica, esta deve expandir-se, através da acção de contracção do ventrículo, de modo a que o fluxo sanguíneo flua correctamente; permitindo assim e ajudando, graças a um bom impulso, após a contracção dessa dilatação, a manter a pressão sanguínea e a fazer uma boa

irrigação das partes inferiores do corpo. No seu caso, isso não está a acontecer, exigindo, por isso mesmo, um esforço suplementar ao músculo cardíaco, desgastando-o, e comprometendo a irrigação satisfatória desses órgãos. Em consequência disso, sente esse cansaço que não é mais do que o reflexo do esforço adicional solicitado ao seu coração. Além disso, com o decorrer do tempo, está a cansar o músculo cardíaco, obrigando-o a bater mais vezes do que devia, estando também a comprometer uma boa oxigenação e por consequência impedindo a nutrição adequada dos órgãos inferiores, podendo trazer consequências nefastas, para os mesmos, no futuro.

— Se antes estava assustada, agora estou aterrada! — Exclamou Elisabeth.

— Calma minha querida, tenha calma que eu ainda não terminei a minha explanação. — Disse Julian, deixando escapar um sorriso terno.

— Então continue, por favor. — Acrescentou ela, suspirando.

— Se há problemas que não têm solução, este não é um deles. E não é assim tão complicado como lhe possa parecer.

— Oh! Não? — Exclamou.

— A Elisabeth precisa de ser submetida a uma operação cirúrgica que lhe irá resolver o problema do estreitamento da aorta. Felizmente para si, o seu estado permite que a intervenção seja feita usando o método: dilatação percutânea. — Explicava o médico, com todo o pormenor. — Ou seja, fazendo a implantação de uma endoprótese expansível, através do uso de um cateter introduzido na artéria que passa junto da virilha.

— Desculpe interromper, mas agora estou completamente às escuras. — Disse ela. A surpresa e o seu desconhecimento do assunto não a ajudavam a compreender e a pensar com lógica.

— Será melhor usar outro tipo de terminologia mais simples. — Falou Julian e continuou com a sua explicação. — Esse implante não é nada mais do que um tubo metálico perfurado. O cateter é introduzido na virilha e será conduzido, pelo interior da artéria, até ao local do estrangulamento. Uma vez lá colocado, conseguimos repor o diâmetro ideal, evitando assim o estrangulamento actual. Desse modo, o sangue passará a circular normalmente, e o coração deixará de trabalhar em excesso evitando o perigoso risco de uma obstrução da artéria que causaria um enfarte do miocárdio ou, eventualmente, uma, também perigosamente nefasta, angina de peito.

— Quer dizer que neste momento estou a correr o risco de ter um ataque cardíaco? — Questionou Elisabeth, de novo em transe.

— Ora nem mais. — Assentiu Julian. — O que nos leva ao assunto final.

— Assunto final? — Interrogou ela, de novo, manifestando-se surpresa.

— Sim, Elisabeth. A marcação do dia da cirurgia. Tem que ser para ontem! — Afirmou Julian, com convicção.

— Já! — Exortou ela, arregalando os olhos.

— Não me parece que vá ter um ataque hoje, minha querida. — Disse Julian. — Todavia, não devemos adiar o inevitável e correr riscos desnecessários. A partir do momento em que esteja operada, sentir-se-á melhor e terá uma vida plena de bem-estar, aliás, como nunca imaginou ter. A Elisabeth não tem consciência disso, mas irá dar-me razão no futuro.

— Tenho que lhe perguntar acerca do risco, Dr. Bennet. — Avançou Elisabeth.

— Muiíssimo reduzido, minha querida. Se fosse um caso de um recém-nascido, seria consideravelmente maior. O verdadeiro risco está a corrê-lo todos os dias. — Argumentou o médico perentoriamente.

— Entendo doutor. Vou-me organizar. E se estiver bem para o Dr. Bennet, passarei por cá amanhã. Entretanto, pedia-lhe a sugestão de uma data. — Disse Elisabeth, resoluta, enchendo-se de coragem.

— Muito bem, minha querida. Amanhã, em primeira hora, pelas nove, teremos um breve encontro. Acertaremos o dia e a hora da cirurgia, está bem assim? — Perguntou Julian.

— Por mim, sim. — Assentiu Elisabeth.

— Sendo assim, vá para casa tranquila, descanse e até amanhã. — Falou Julian.

— Até amanhã Dr. Bennet, e muito obrigada.

Elisabeth saiu do consultório e encaminhou-se para perto de casa. Contudo, antes de se recolher no seu lar, resolveu dar um passeio no *Central Park*. Precisava de espairecer e reflectir um pouco. Afinal, tinha que se mentalizar da importante decisão que acabava de ser tomada. Elisabeth sabia bem que estava em boas mãos e era isso que a tranquilizava um pouco. O médico tinha fundamentado muito bem quais os motivos da importância daquela intervenção cirúrgica ao apresentar-lhe o problema daquela forma objectiva, revestida de total clareza. Na verdade, o problema congénito da artéria teria que ser resolvido recorrendo a uma intervenção cirúrgica e quanto mais tarde fosse resolvido mais desgaste provocaria no seu, já tão cansado, músculo cardíaco. Com o avançar da idade, a situação tenderia a deteriorar a saúde do seu coração e, com o avanço das técnicas cirúrgicas, não fazia o menor sentido protelar a intervenção. A mesma iria permitir-lhe deixar de viver um dia-a-dia carregado com um sentimento sufocante de constante apreensão também condicionado por inúmeros cuidados, medicação forte e restrições, passando dali em diante a ganhar mais e melhor qualidade de vida, e garantindo-lhe, em simultâneo, a tão desejada longevidade de vida.

Franklin encontrava-se em S. Francisco e ainda regressaria nesse mesmo dia. Ao longo dos últimos tempos, devido ao agravamento do estado de saúde da esposa, tinha vindo a desdobrar-se para lhe dar o máximo de suporte e atenção. A sua profissão, engenheiro de sistemas ao serviço de um grande grupo financeiro, obrigava-o a viajar com bastante frequência, realidade essa que constituía uma dificuldade adicional; exigindo dele um esforço suplementar em algumas tarefas para substituir, ou noutras para apoiar, a sua mulher. Se a cirurgia era muito importante para Elisabeth, também seria para Franklin.

Uma das alterações benéficas que tinham feito no quotidiano, tinha sido a mudança de residência para o centro de Manhattan, dado que se tinha tornado impraticável viver nos arredores de Nova Iorque. O tempo dispendido em viagens não permitia que tivessem uma vida organizada. Estarem próximos do local de trabalho diminuía a demora em chegar de casa ao emprego e do emprego a casa.

Faltavam umas escassas horas para que Franklin chegasse a casa. Elisabeth tinha optado por não lhe dar conhecimento da última consulta. E, para todos os efeitos, os resultados dos exames ainda não estavam prontos. Se havia algo que ela não queria, era preocupá-lo à distância. Aqueles problemas, no seu entender, não deviam ser relatados telefonicamente, mas sim pessoalmente. Para quê preocupá-lo precipitadamente se, muito em breve, poderiam conversar na paz do lar com a serenidade que o problema requeria. Os efeitos causados pela ansiedade são extremamente perversos. Antes da consulta médica, Elisabeth estava muito mais nervosa do que depois de saber mais acerca do seu problema. Apesar da gravidade do mesmo, após entender qual era a raiz e a respectiva solução, sentia-se muito menos agoniada. A incerteza! É ela quem nos rouba o sono, nos corrói, deixando-nos inseguros, vulneráveis e ansiosos. Elisabeth estava surpreendida com a sua própria reacção e, para quem iria ser submetida a uma operação cirúrgica, até se sentia surpreendentemente tranquila.

O magnífico pulmão de Manhattan aguardava-a. O céu limpo e o sol radiante realçavam as múltiplas cores da flora, proporcionando um dia bastante aprazível para passear e espairecer naquela riquíssima coutada verde de Manhattan: o *Central Park*, que era o lugar ideal para uma caminhada reconfortante e ajudá-la na sua reflexão. Seguindo à risca as recomendações médicas de repouso, em vez de caminhar, alugou os serviços de um *pedicab* e lá foi dar a sua volta.

Os pensamentos do tipo existencial vagueavam na sua mente. Pensava na vida, em o quanto somos frágeis, e que o melhor bem que alguém pode possuir é a saúde. Sem ela nada mais é importante! Tudo o resto, carreira profissional, luxos, bens materiais e todas as outras coisas desnecessárias, assumem a sua real dimensão: importância secundária. Ali, no meio da natureza, observava com satisfação todos os encantos do parque com a esperança de que tudo iria correr bem. Outro pensamento que lhe ocorreu foi a súbita vontade de ter filhos, ímpeto esse até àquela data ausente e, naquele preciso momento, jurou a si mesma que mal estivesse recuperada iria avançar, sem hesitar. A correria desenfreada do costume teria que ser mais contida e coordenada com a vida pessoal, à qual iria passar a dar mais importância.

Eram sete da tarde quando Elisabeth, já mais relaxada, entrou no seu apartamento que ficava na zona de *Upper East Side*, mais precisamente na *110 th Street*. O seu marido deveria estar para chegar, a qualquer momento, pois tinha acabado de lhe enviar um *SMS* a sugerir que jantassem fora. Entretanto, enquanto aguardava, aproveitou para tomar um duche e arranjar-se. Assim, quando Franklin chegasse não demorariam muito tempo para sair.

— És tu, Franklin? — Perguntou Elisabeth, ao ouvir o som da porta a bater.

— Sim querida. — Respondeu Franklin, num tom afável.

Ela estava a acabar de se vestir quando Franklin entrou no quarto e lhe foi dar um beijo.

— Então, que tal correu a viagem?

— Como de costume. E tu, não tens novidades? — Questionou Franklin. Achava estranho ainda não se saber nada acerca do problema dela.

— Sim. Mas agora despacha-te a tomar o teu banho. Conto-te tudo no restaurante. — Retorquiu Elisabeth. Pois sabia que se começasse a explicar, nunca mais sairiam dali.

— Mas está tudo bem, não está, Beth? — Questionou Franklin, apreensivo.

— Está sim. Não tens com o que te preocupar. — Respondeu, procurando tranquilizá-lo.

— *Okey*. Então vou tomar um duche rápido. — Retorquiu Franklin e encaminhou-se para a cabine de duche.

Entretanto, após o banho e já fora de casa, logo depois de entrarem no carro, Franklin disparou.

— Suponho que já deviam ter os resultados dos exames concluídos, ou sou eu que estou a imaginar coisas? — Questionou, manifestando estranheza.

— Tens razão. Deviam e têm. — Disse Elisabeth, tentando não deixar transparecer o ar de preocupação.

— Ui! Não me ligaste a dizer o resultado. Tanto te pedi, Beth! — Reclamou.

— Não te apoquentes, querido. — Continuou Elisabeth, esforçando-se por parecer tranquila e confiante. Mais parecia uma médica do que uma paciente.

— Bom, conta-me tudo. — Atirou ele. — Estou super ansioso!

— Antes de mais, quero-te dizer que está tudo controlado. — Avançou ela, procurando transparecer alguma serenidade.

— E! — Exclamou ele, imóvel, a olhá-la.

— Contudo, tenho que ser operada o mais rapidamente possível. — Acrescentou.

— Oh! Como isso? Não acabaste de dizer que está tudo bem? — Interrompeu Franklin e fitou-a com admiração pela atitude calma.

— Está, sim. Tem calma que eu vou explicar. Na verdade, foi-me detectada uma deficiência congénita numa artéria. Mais concretamente, na aorta descendente.

— Oh! Mas isso não é complicado, Beth? — Perguntou Franklin.

— Claro que é sério. Mas não é tão complicado quanto se possa pensar. — Disse. Depois da explicação de Julian, até ela se sentia, apesar de ansiosa, confiante.

— Como isso?

— Grave seria, se não se descobrisse agora. Caso se detectasse muito mais tarde, poderia causar complicações irreversíveis. Tendo sido detectado nesta fase, estou a tempo de corrigir a deficiência e resolver o problema definitivamente.

— Entendo. — Disse ele. — Mas não deixa de ser uma operação ao coração!

— Não é bem isso. — Interrompeu Elisabeth.

— Então explica-me melhor, por favor.

— É uma intervenção cirúrgica numa artéria abaixo do coração. O que se passa na prática é que tenho um género de estrangulamento na aorta. E, devido a isso, o sangue tem dificuldade em circular. Como tal, o meu coração está a fazer um esforço acima do que é conveniente.

— Mas, como se processa essa cirurgia? — Insistiu ele.

— É feita através do uso de um cateter introduzido na virilha.

— Ah! Então não têm que abrir o tórax? — Perguntou Franklin em tom afirmativo, e soltando uma expressão de alívio.

— Não. No meu caso não será necessário. — Confirmou ela, também transparecendo alguma paz.

— Se bem entendi, esse cateter é introduzido na virilha e será conduzido. Correcto?

— Ora nem mais. — Falava ela, mais aliviada ao verificar que o marido tinha, também ele, ficado menos apreensivo. — O cateter será conduzido até à zona onde a aorta precisa de ser dilatada e colocará lá um “tubinho metálico”. Após isso, o sangue passará a circular normalmente e o coração deixará de ter que se esforçar tanto para bombear o sangue.

— E o grau do risco! Há muito risco? — Perguntou Franklin. Apesar de estarem a relativizar o problema, o risco latente não desaparecia.

— Segundo o que me foi explicado, não. A percentagem de sucesso é muito grande. — Argumentou Elisabeth.

— Então, o teu cansaço e os outros sintomas todos estão associados a isso? — Deduziu ele, em virtude da explicação.

— Exacto. — Assentiu Elisabeth e especificou com mais detalhe. — Como o coração trabalha acima do ritmo ideal e a irrigação dos membros inferiores é deficitária, isso faz com que eu tenha esta fadiga constante. Além de que, no futuro, teria sequelas adicionais nos outros órgãos.

— E para quando esta prevista a cirurgia, Beth? — Perguntou, visivelmente preocupado apesar da esperança.

— Amanhã! Saberei amanhã. Tenho uma consulta marcada para esse efeito. — Respondeu Elisabeth.

— Vai correr bem. Vais ver que vais ficar boa. — Disse Franklin, olhando-a com ternura enquanto lhe acariciava o rosto.

— Eu gostei muito dos médicos e além disso, o cirurgião, o Dr. Aron Grubb, é considerado um dos melhores de Nova Iorque. — Falou Elisabeth, enquanto abanava a cabeça afirmativamente.

— Bom. A clínica é muito bem falada. Com certeza os seus profissionais farão jus ao seu bom

nome. — Assentiu Franklin.

— Sim, claro. Há pessoas que vêm de todos os estados e de outros países para serem tratadas na Rochelle Health Clinic. O prestígio da clínica é de tal forma elevado que vai além fronteiras. — Acrescentou ela.

Quando chegaram ao restaurante, já Elisabeth tinha explicado tudo ao seu marido. De modo que, durante o jantar, falaram de outros temas mais leves. Além disso, Franklin pensou que era melhor mudar de assunto. Queria distraí-la, e para isso introduziu o tema: férias.

— Já pensaste em algum destino para as próximas férias? — Perguntou Franklin.

— Ainda não. Nem me ocorreu querido.

— Que tal a Europa? — Atirou ele, sorrindo.

— Será que é desta vez? — Retorquiu Elisabeth, sorrindo também. — Andamos há séculos a falar em conhecer o velho continente.

— É verdade. — Assentiu ele, e avançou. — Está decidido. Estamos a um mês das férias. Só temos que planear quais os países a visitar.

— Preferências. Tens alguma, Franklin?

— Eu gostava muito de conhecer, especialmente: Espanha, Itália e França. E tu? — Perguntou.

— Na verdade gostava de conhecer todos os países, mas como isso é impossível, acrescentaria às tuas sugestões: Inglaterra, pelo menos Londres, e Alemanha, talvez Berlim. — Respondeu Ela.

— O melhor será fazer um roteiro por cidades. — Sugeriu Franklin, que era um homem bastante metódico e organizado.

— Concordo contigo. — Assentiu Elisabeth. Estava entusiasmada com o assunto e continuou. — Sendo assim, visitamos: Londres, Paris, Munique, Roma, Veneza, Madrid e, já agora, Lisboa em Portugal.

— Sete vezes três, vinte e um. — Falou Franklin, sorrindo, satisfeito ao ver a alegria manifestada pela esposa. — Com nove dias para viagens inter-cidades, penso que será exequível. Uma verdadeira loucura! Mas, possível de por em prática.

— O nosso filho será concebido em Veneza! — Atirou Elisabeth, com um sorriso rasgado no seu belo rosto.

— Ah! Falas a sério? — Perguntou Franklin, arregalando os olhos.

— Sim, porque não? Temos que começar a inverter as nossas prioridades e pensar na família em primeiro lugar antes que seja tarde. — Disse ela, entusiasmada.

— Não sei. Temos vindo a protelar e eu não sabia que estavas com vontade de ter filhos antes dos trinta. — Disse Franklin, olhando-a ternamente.

— Confesso que era essa a minha ideia. Todavia, já não penso da mesma maneira. — Explicou Elisabeth.

— Por mim está ótimo. Será melhor para a relação pai-filho, se for mais cedo.

— Melhor. Mas porquê? — Questionou Elisabeth, pois não estava a ver o alcance do que ele dizia.

— Eu falo por experiência própria. — Explicava Franklin. — O meu pai, agora que tenho vinte e oito anos, tem sessenta e cinco. Está a chegar à terceira idade. Na adolescência, por exemplo, a ideia de jogar *basket-ball* com ele, era só uma ideia. Quanto maior a diferença de idade mais complicado se torna. O meu pai era um pai “maduro”, como ele habitualmente falava, gozando e fugindo aos desafios desportivos.

— Se nos despacharmos o teu pai ainda será um avô activo. — Falou Elisabeth.

— Já para não falar que sou filho único. Tenho a certeza que seria uma grande alegria para ele.

— Estás a ver no que deu a vidinha de *play boy* que ele escolheu viver. — Disse Elisabeth, rindo do contexto e lembrando-se das histórias do seu sogro.

— É verdade. Segundo reza a história o Sr. Logan era um verdadeiro artista, hiper-activo nesse campo — Concordou Franklin, rindo.

— Sim, mas é um amor de pessoa. Gosto muito dele, como bem sabes. — Afirmou ela, que adorava o Sr. Wilson.

— Sei. Claro que sei, Beth. Aliás, a decisão de lhe propor viver connosco foi tua. — Lembrou Franklin, que se orgulhava de ter uma mulher com um grande sentido de família.

— Talvez tenha sentido essa vontade por ser órfã e ter carência duma figura paternal. Sabes que nós, os que cresceram sem pais, damos outro valor à figura paternal. Adoro o nosso pai. — E disse a palavra: nosso, e não teu. Pois era como ela realmente o via, o sentia.

— E ele a ti, querida. — Disse Franklin, com os olhos em água, emocionado.

— Eu sei. Sei bem disso, Franklin.

— Lembrei-me agora, Beth. Já lhe contaste alguma coisa acerca da cirurgia? Olha que ele anda bastante preocupado contigo. — Afirmou, certo do que dizia.

— Não, ainda não. — Respondeu Elisabeth. — Estava a pensar contar-lhe amanhã, depois de saber a data precisa da intervenção.

— Concordo contigo. É melhor assim. Evita-se pô-lo mais ansioso do que é necessário. — Falou Franklin, olhando-a com admiração.

— No entanto, penso que ele vai reagir bem. — Continuou ela. — O pai é uma pessoa muito positiva e optimista, daquelas que conseguem ver sempre o lado bom em tudo, mesmo nas situações bem complicadas.

— É verdade. Ele é um homem vivido, experiente, muito conhecedor e, acima de tudo, com muito bom senso. — Concordou Franklin. E depois, sugeriu. — Que tal, se fossemos embora?

— Boa ideia. Vamos que se está a fazer tarde.

— Sim e tu tens que descansar.

Elisabeth era uma mulher de armas, cheia de raça. Desde da idade de infância, particularmente dura, após ter perdido os pais num dramático acidente de viação, teve que crescer num orfanato localizado na cidade de Albany. Apesar disso, com a ajuda dos responsáveis do novo lar, conseguiu orientar muito bem a sua vida até à idade adulta, com a dificuldade acrescida de ter sido obrigada a ser uma trabalhadora-estudante. Nunca perdeu um único ano e, desde sempre, obteve resultados académicos notáveis, vencendo as adversidades da vida com bravura!

O seu sogro “adoptou-a”, acolhendo-a como se tratasse duma filha de sangue, e ela sempre o tratou com o carinho e respeito que uma filha deve tratar um pai. Uma das suas maiores qualidades era a forma como olhava a vida, sem uma ponta de amargura. Perante as dificuldades com que ela se deparou e superou, era uma postura surpreendente e reveladora de uma grande força interior. Ela era um exemplo vivo de que as carências e adversidades não são uma barreira intransponível, uma prova clara de que se pode alcançar o sucesso sem o suporte que ela encontrou no seu novo “pai” apenas a partir da idade adulta.

2 ÀS 00.00 HORAS, NO PARQUE.

Do outro lado do Atlântico, na encantadora cidade do Porto em Portugal.

«Hoje não me apetece sair. Este livro é realmente muito interessante!», pensava Thomas, confortavelmente recostado numa espreguiçadeira enquanto se bronzeava, no seu terraço, lendo um livro policial com avidez! A história estava prestes a chegar ao fim e ele estava completamente agarrado ao enredo daquele desfecho emocionante.

Tinha chegado de Zurique, recentemente, e apetecia-lhe desfrutar de paz e sossego na companhia da sua família naquele precioso período de férias de verão que principiava.

A partir de muito cedo, desde tenra idade, revelara uma capacidade fantástica para comunicar, no entanto, na calma da sua privacidade, vivia tão bem quanto em grupo e havia momentos em que sentia necessidade de se recolher ao seu mundo. Naquele dia, especialmente naquele, completava vinte e seis anos de idade e queria estar apenas na companhia dos seus mais próximos para festejar, quer o seu aniversário, quer a efectivação, ao nível profissional, no *LIB (London Investment Bank)*. Já não convivía com os amigos do Porto, companheiros de longa data, há alguns meses, mas tinha recebido alguns telefonemas de felicitação pelo seu aniversário, porém não tencionava dar continuidade aos festejos fora de casa.

«Hoje, não estarei com a malta. Espero que não levem a peito, mas não vai dar...», pensava Thomas.

Em boa verdade, iria ter um encontro sinistro após festejar o seu aniversário com a família. Aos amigos tinha dito que queria estar só. Ninguém compreendeu, contudo ele assim decidiu.

Iria ficar sozinho?

Ou, será que teria alguma saída programada?

De facto tinha um encontro e não podia fazer-se acompanhar por quem quer que fosse! Era imperativo que assim acontecesse. Esse misterioso compromisso, às zero horas, de que ninguém tinha conhecimento, nem tão pouco os seus maiores confidentes: os pais.

Absolutamente ninguém!

«Nem com os pais posso partilhar esta informação. Tenho que ouvir, avaliar e decidir, sem consultar seja quem for. O encontro de logo à noite poderá ser decisivo para o meu futuro. Todavia, a grande questão é que a minha forma de estar na sociedade nunca mais será a mesma; a decisão é de muita responsabilidade e não é reversível», pensava Thomas para si.

Thomas nascera fruto do enlace de um professor de ciência política, inglês, com uma portuguesa, professora também, mas de criminologia. As vinte e seis primaveras estavam completas e começava o período de descanso anual, do qual, uma parte era habitualmente dedicada há família mais chegada. Os destinos de férias que costumavam escolher eram a praia ou a montanha, ou, por vezes, um turismo de carácter mais cultural, ou seja, conhecer cidades e países. A última opção era a preferida do seu pai que se fascinava com o mundo multi-cultural, sendo também um apaixonado por história.

O relógio marcava 20h00m, quando uma agradável voz feminina sonou.

— Thomas! Estão todos a chegar. Será melhor subires, pois está muita confusão no hall — Disse Joana.

— *Okey*. Dá-me mais três minutos mãe.

Naquele momento entravam no apartamento, dos Stewart, as famílias Peres e Stewart. A prima Filipa tinha combinado com os pais e os avós Peres para que chegassem com pontualidade britânica, visto estar incumbida de ir buscar os avós Stewart ao Hotel. Assim chegariam todos em simultâneo ao apartamento que se localizava perto do Hotel Boavista, na Avenida Marechal Saldanha: uma bela cobertura de um prédio com vista mar.

Era como se fosse “religioso”. A partir do momento em que o seu neto único, Thomas, mudara de residência para a cidade do Porto, os avós ingleses passaram a visitar Portugal, com bastante regularidade, para disfrutar uns dias de verão na sua companhia dele, do seu filho, Richard, e da sua nora, Joana. Thomas e os seus pais foram viver para o Porto, após ele ter nascido e vivido em Londres até aos seis anos. Em virtude da distância, intercalavam as visitas nas férias longas. Ora o filho, nora e neto, viajavam para o Reino Unido; ora os avós, viajavam para Portugal. Quando eram eles a viajarem para o Porto, faziam sempre questão de ficarem hospedados no mesmo hotel acolhedor, mais precisamente no Hotel da Boavista. O edifício que fica localizado na Foz do Douro, em frente ao forte e

perto da bela Praia do Ourigo. Um lugar encantador onde o emblemático Rio Douro e o Oceano Atlântico entram em colisão.

Os familiares começaram a chegar. Foi uma algazarra total! Abraços e beijos para “matar as saudades”. O hall do apartamento que tinha vinte metros quadrados, parecia a caixa de um elevador completa com todos a entrarem ao mesmo tempo.

— Viva, Joana! Onde está o Thomas? — Perguntou General Alfred Stewart, de rompante, mal entrou no apartamento e continuou dizendo — Richard! Dá-me um grande abraço. Ah! Mary Jane, vá lá, então, segura as lágrimas. Não percebo como podes ter tantas saudades assim. Agora com estas modernices todas, *MSN Messenger, facebook...* Dás à treta com eles todos os dias. — Disse o General à esposa, em tom alegre.

— Sabes muitíssimo bem que não é a mesma coisa. Tudo bem, sei que ajuda um bocadinho: mas vê-los é incomparável! — Replicou a avó, Mary Jane.

Nesse momento apareceu Thomas. Os avós, quer os paternos, quer os maternos, pareciam crianças bem crescidas com os olhos a brilharem, como se estivessem prestes a abrir uma grande “pilha” de presentes. O seu único neto homem aparecia diante deles. Com um metro e oitenta e sete, envergando um robusto corpo atlético e musculado, porém sem parecer um “psicótico do culto da musculação”, tom de pele moreno, olhos verdes rasgados, do lado materno, e com o cabelo castanho claro que puxava ao pai. A sua aparência resultava de uma mistura de genes ingleses, portugueses e franceses. Um verdadeiro “Deus Grego”. Costumavam dizer as três primas, filhas da tia Ana, que o adoravam. A Joana, com vinte e cinco; a Inês, com vinte e três; e a Sofia, a mais nova, com vinte e um. Thomas era um homem que colocava o sexo feminino deveras encantado.

Ao mesmo tempo que entraram os avós Stewart, entraram também os avós maternos, a D. Laurance Dupont e o Sr. Vasco Almeida de Peres. Os últimos, até à entrada de Thomas na Universidade, tinham privado mais regularmente com o neto, visto residirem na mesma cidade, tal como a tia Ana de Peres Bauer e o seu marido, o tio Gustaf Bauer.

— Meus queridos! — Exclamou Joana, em voz alta para se conseguir fazer ouvir — Vamos para o terraço. É lá que começa a festa.

Tratasse duma bela cobertura ajardinada, iluminada e primorosamente decorada com mobiliário de exterior e uma belíssima zona verde. Tudo aquilo disposto numa ampla área total de oitenta metros quadrados voltados para o mar.

Antes da refeição principal juntaram-se todos no terraço a petiscarem diversos aperitivos e a beberem as respectivas bebidas, enquanto conversavam num clima onde reinava a boa disposição.

O jantar estava delicioso e Thomas estava satisfeito por ter a família completa em seu redor. Mas, a cada instante, não conseguia deixar de pensar no dito encontro que ia ter mais tarde. Era o reflexo de uma ponta de ansiedade que não conseguia deixar de sentir.

— Que tal têm corrido as coisas no trabalho? — Perguntou-lhe General Stewart.

— Está tudo a correr dentro da normalidade. Acho que tenho conseguido progredir a bom ritmo. — Respondeu, com a sua modéstia habitual.

— Sim senhor, meu bravo! Sempre soubeste o que querias da vida. Sempre bem informado, atento e com uma determinação admirável. Os teus pais estão de parabéns! — Disse o avô, orgulhoso do neto.

— Obrigado, já diz o velho ditado: “Quem sai aos seus, não degenera”. Daí se pode depreender que o avô também tem o seu mérito. Não lhe parece? — Elogiou Thomas, sabendo que o avô ficava todo empolgado.

— Muito obrigado. E não me vou pôr com falsas modéstias. Sei que fiz um belo trabalho com a educação que dei e proporcionei ao teu pai.

As três primas eram as suas melhores amigas. Aliás, o seu círculo de amigos mais próximos, em Portugal, coincidia com o das suas primas. Entretanto uma delas, a Inês, aproximou-se e disse.

— Não me digam que estão com os inquéritos do costume! Olha que eu já escapei, Thomas. Imagina tu, que já me querem casar. São uns abelhudos, uns intrometidos e uns machões à moda antiga.

E com aquela tirada, provocou uma gargalhada geral.

— Ah! Minha querida... tem toda a razão. Uns verdadeiros clássicos e, por isso mesmo, sempre bem. Não esquecer, nunca, que são os clássicos que resistem às modas. Os nossos princípios, os nossos valores, a perduram ao longo dos tempos! — Ripostou alegremente, General Stewart, com o seu vozeirão.

A festa estava muito divertida mas, por volta das 23h30m, Thomas despediu-se de todos e saiu conforme tinha planeado. De qualquer forma, com a sua saída, facilitou a vida aos seus avós que também começavam a precisar de se recolher e descansar.

— Os meus amigos esperam-me. — Avançou em tom alto, dirigindo-se ao grupo — Vamos beber uns copos e pôr a conversa em dia. Se não apareço, nunca mais me perdoaram, espero ter a vossa compreensão. Beijos e abraços para todos. — Disse ele, faltando com a verdade. Algo que detestava fazer, mas não tinha outra alternativa.

Foi, desde muito cedo que as qualidades de Thomas se fizeram notar. Ingressou na Escola Francesa do Porto, uma excelente instituição de ensino internacional, aos seis anos de idade. Seguiram-se onze anos de trabalho árduo, e de assimilação de conhecimentos, apresentando sempre resultados brilhantes. Esse facto implicou que completasse o ensino secundário aos dezassete anos com uma média geral elevada, garantindo-lhe, sem a mínima dificuldade, o acesso às melhores universidades. O nível de exigência da escola era bastante elevado e, por consequência, preparava os seus alunos para o futuro de forma exemplar. O seu percurso foi admirável, quer no plano intelectual, quer no plano físico. A *École Française* é uma instituição bilingue, tornando possível que Thomas se tornasse poliglota, pois, em casa comunicava com o pai em inglês, na escola em francês, e no seu meio social em português. Aos dez anos

de idade foi introduzida outra língua, e a sua escolha recaiu sobre o idioma espanhol. Daí que, aos dezassete anos, falasse e escrevesse fluentemente inglês, francês, português, espanhol e alemão, visto, paralelamente, ter frequentado e obtido uma graduação em alemão no *Gotten Institute* do Porto.

O pai tinha por hábito dizer-lhe: “A melhor ferramenta que alguém pode deter é o domínio das línguas. Só assim se pode ser um verdadeiro cidadão multicultural neste mundo. O domínio da linguística dar-te-á, no futuro, acesso a um vasto universo de oportunidades.”

Além do brilhantismo no campo académico, o desporto foi um factor de equilíbrio que Thomas também não descuroou. No fim das jornadas escolares e nas manhãs de sábado, desde os seus cinco anos, dedicou-se à prática do *Ninjutsu*, arte marcial conhecida como sendo a ancestral técnica de combate dos famosos e enigmáticos ninjas. Esta completíssima arte marcial é de origem japonesa e foi desenvolvida pelos camponeses japoneses, há cerca de oitocentos anos, para se defenderem dos abusos de poder por parte dos senhores samurais. A prática daquela exigente e disciplinada arte marcial permitiu ao Thomas desenvolver-se física e mentalmente de modo bastante equilibrado. Apesar de não ser com essa intenção, o domínio do *Ninjutsu* tornaram-no numa autêntica “arma letal” com condição física e mental invejáveis. O Domingo era dia livre e Thomas dedicava-o a diversos hobbies, levando a que se “apaixonasse” pelo karting e pelo motociclismo. Graças a vida pela de actividade, adrenalina e emoções fortes também não lhe faltavam. Sendo dotado de um perfil tão multifacetado, não será de surpreender o porquê da sua popularidade, pois, além de mais, tinha adicionalmente um certo charme e provocava uma empatia geral junto das pessoas com quem convivia, muito especialmente no seio do sexo oposto. As inúmeras qualidades dele implicaram que possuísse um elevado nível de auto-estima sem ser um indivíduo que usasse, fosse o que fosse, para se evidenciar por vaidade. Se observarmos atentamente quem nos rodeia, poderemos constatar que os melhores são sempre as pessoas mais simples, pois, para eles, isso é algo normal, e nada de especial ou extraordinário.

Após ter concluído o ensino secundário, deu continuidade à sua formação académica naquela que é considerada uma das melhores universidades do mundo: a “University of Oxford”, na qual ingressou no curso de “*Economics and Managment*”. Três anos depois obteve a sua graduação. Por volta dessa altura não lhe faltaram boas oportunidades de trabalho. Contudo, aproveitou o facto de ter sido premiado com uma bolsa académica por mérito, atribuída pela *CKF (Charles IV Kingstone Foundation)* que lhe permitiu o acesso directo, com as despesas integralmente pagas, à Harvard University onde, mais uma vez, se distinguiu concluindo o *MBA* com nível de excelência.

Em virtude do seu percurso brilhante e do seu elevado nível de desempenho tornou-se, naturalmente, num elemento de enorme utilidade para qualquer grupo empresarial. Mas essa performance não passou despercebida à *CKF* como é obvio que, imediatamente após a conclusão do *MBA*, o convidou a integrar o quadro do seu banco de investimento: o *LIB (London Investment Bank)*. Mais especificamente, destacando-o para a sucursal de Zurique, na Suíça.

Ao longo dos três anos que se seguiram, Thomas distribuiu o seu tempo de trabalho entre Zurique e a sede do banco, na fantástica e emblemática cidade de Londres. As suas funções consistiam em avaliar uma diversidade de operações de financiamento e fazer o devido acompanhamento dos projectos empresariais às mesmas associados. Além disso, procedeu a diversas auditorias em empresas onde o Banco tinha capital investido e, nesses casos, teve que viajar, com considerável regularidade, dentro da Europa e também para os Estados Unidos, o Brasil, a China e a Índia. Foram três anos de plena e intensa actividade laboral que lhe conferiram uma enorme bagagem profissional e, simultaneamente, um enriquecimento cultural em virtude do estreito contacto estabelecido com povos e países tão diferentes. O seu passaporte mais parecia o de um ministro dos negócios estrangeiros, fazendo-lhe valer no banco, a título de piada, a alcunha de “Ministro”.

O relógio marcava 23h40m quando Thomas entrou na garagem. O espaço estava dividido em três partes: a zona onde a mãe estacionava a sua carrinha, uma *Chrysler*; a zona onde o pai estacionava o seu *Range Rover* e o espaço de Thomas. Aí guardava uma bicicleta de montanha; uma prancha de surf, actividade que praticava como *hobby* aos Domingos de manhã quando o mar lhe oferecia ondas convidativas; o seu *Kart Rotax RM1 125 cc*; e a sua fabulosa *KTM 450 cc*, cem-por-cento da mais pura adrenalina numa todo-o-terreno descarnada. Thomas tinha recebido a moto directamente da fábrica, alterada relativamente ao modelo comercial. A máquina estava rigorosamente igual ao modelo da equipa oficial da *KTM*. Uma máquina fantástica; era de arrepiar!

Enfiou a cabeça dentro do seu capacete, um *Shoei* preto, e montou na mota. De repente ouviu o roncar da máquina e disse para si: «vamos desenhar grafites no asfalto». Segundos depois, explodiu pelas ruas do Porto com um lenço vermelho a esconder a matrícula e pensava: «podem-nos ver ou ouvir mas não nos apanham». Àquela hora, transgredir o código da estrada era menos arriscado, dada a ausência de trânsito e a escassa presença de polícia no percurso programado. É claro que um lenço a esconder a chapa de matrícula ajudava a preservar o anonimato. Já dizia o ditado popular: “Mais vale prevenir do que remediar!”. Ele era um tipo quase perfeito, todavia tinha alguma da irreverência que bem caracteriza a juventude, e aquele era o seu “pecado”, o gosto por sensações fortes, muitas das vezes satisfeito fora das pistas.

O local secreto ficava junto do lago, no centro do parque da cidade, e o seu contacto chamava-se Marcel Franz. A *KTM* saltou literalmente para a rua e começou a rodar. O ponteiro das rotações embatia feroz e irrequietamente na zona vermelha do conta-rotações com as sucessivas acelerações e travagens sempre a roçar o limite. Ainda faltavam vinte minutos para a hora marcada, daí ele ter optado por fazer um percurso menos directo, desfrutando da condução ou, melhor dizendo, da pilotagem da *KTM*. Queria aproveitar para satisfazer a sua curiosidade e ver o desempenho da sua máquina nova. Começava a aproximação ao local designado. Após percorrer a Avenida do Brasil, paralelamente à linha marítima, subiu rápida e habilmente o passeio e desceu velozmente, em derrapagem, a rampa íngreme na zona do

Castelo do Queijo, entrando depois em piso de terra batida. Penetrava lesto pela ala oeste do parque. Subiu..., saltou..., desceu..., subiu..., saltou e derrapou várias vezes, num percurso que é decorado pela beleza bruta da natureza; até que lá chegou ao seu destino. O motor soltou uns soluços nervosos e roucos quando a moto ficou imobilizada no ponto de encontro.

Faltavam sessenta segundos para a hora marcada.

«O parque é realmente o local ideal para o efeito pretendido. A esta hora não se passa nada», pensava Thomas e o seu coração começou a bater um pouco mais rápido. Uma ligeira sensação de ansiedade apoderou-se dele.

À hora marcada, alguém acendeu uma lanterna duas vezes seguidas. Era o sinal de aproximação. Thomas saltou da moto, movimentou-se em direcção à luz e cumprimentou Marcel Franz.

— Boa noite Sr. Franz. Cá estou eu, conforme combinado. — Falou Thomas.

— Boa noite Sr. Stewart. — Retorquiu Marcel Franz. — Aprecio a sua pontualidade! Vamos então, dar continuidade ao nosso assunto. Faz hoje seis meses que nos encontramos em Londres, onde lhe perguntei quais seriam as suas ambições em termos de carreira para além da banca. Nessa altura já tínhamos efectuado um diagnóstico às suas aptidões e capacidades, ou seja, tínhamos traçado o seu perfil desde o tempo da sua formação universitária.

— Recordo-me perfeitamente dessa entrevista. Confesso que fiquei um pouco intrigado! O senhor foi enigmático quando insinuou que os seus interesses iriam muito para além do meu trabalho no *LIB*. Na altura, apenas adiantou a possibilidade de me propor para agente de uma organização internacional, sem entrar em mais quaisquer tipo de detalhe. — Respondeu Thomas, com um certo ar de admiração.

— É compreensível, e teve bom motivo para ter essa intuição. As perguntas que lhe foram colocadas não eram de âmbito financeiro, envolviam outras questões, daí ter-lhe explicado que o teor da reunião teria que ficar 100% *off the record*.

— Mas então, do que se trata? Não estou a entender como chegaram até mim e o que pretendem em concreto? Ser agente...

— Bom... existem algumas universidades espalhadas pelo globo que têm no seu seio alguns membros que, paralelamente, colaboram com uma agência privada de serviços de inteligência. Essa organização designa-se *GONE*, cujas iniciais significam: *Ordem Mundial Nunca Termina (Global Order Never Ends)*. A agência está acima de interesses pessoais, de países e de pequenas ou grandes corporações (públicas e privadas). Essas universidades — Continuou Marcel Franz — são, por exemplo: nos EUA, a *Harvard Business School* e a *Stanford University*; em Inglaterra, a *London Business School*; em França, o *Insead*; na Suíça, a *Swiss Federal Institute of Technology of Zurich*; na Alemanha, a *University of Munich*; na Rússia, a *Moscow University* e outras mais.

Thomas estava surpreendido e ao mesmo tempo fascinado com o que Marcel Franz lhe estava a confidenciar.

— E quem a financia? — Continuou Marcel Franz colocando ele mesmo a questão que Thomas iria levantar — Para já posso adiantar-lhe que é financiada através dos lucros libertados pelas suas actividades económicas da fundação, e também por um vasto grupo de empresários que são verdadeiros filantropos. Alguns deles pertencem à internamente denominada “*Consciência Central*”, que é um conselho superior de administradores formado por doze homens poderosos que entendem ter obrigações perante a humanidade, outras que vão além de bem gerir os seus negócios e fortunas pessoais. São homens especiais que acreditam ter o dever de contribuir para o restabelecimento do equilíbrio e da justiça neste mundo cruel e desigual em que todos vivemos. Ante isso, decidiram assumir o papel activo de ajudar a controlar, diminuir e “tentar pôr fim” à corrupção e actividades criminosas que tantas injustiças causam e que são invasivamente nocivas para o nosso mundo globalizado onde o crime ocupa um espaço expressivo. As maiores preocupações da *GONE* são ao nível da corrupção económico-financeira e do crime internacional organizado que representam a origem da maioria dos problemas do globo. Tudo o resto vem atrás. Nós acreditamos que procurando ser excelentes “*guardiões*” do mundo dos negócios, quer dos legais e convencionais, quer dos clandestinos e ilegais, não precisamos de exercer grande pressão sobre políticos e governos. A essência da questão está em impedir que o mundo empresarial e o crime organizado o façam! Para isso desenvolvemos acções e operações de modo a aniquilar, de modo implacável, o mundo dos negócios criminosos, tais como, por exemplo: o tráfico de drogas, tráfico de armas, a corrupção financeira, e muitos outros que actuam de modo informal, ilegal e camuflado. — Explicou Marcel Franz.

O seu objectivo era dar a Thomas uma noção sintetizada e global acerca da *GONE* sem entrar em detalhes internos prematuramente. Marcel Franz era um homem que deveria ter os seus quarenta e oito anos de idade, de estatura média e encorpado. Percebia-se que estava em boa forma. Era caucasiano, com o cabelo praticamente todo branco de descoloração natural, olhos azulados e possuía um olhar penetrante. A sua postura hirta era o resultado de muitos anos de treino militar. Era suíço e vivia em Zurique.

— Compreendi o âmbito genérico das actividades e a nobre finalidade da Agência. — Respondeu Thomas — No entanto, a vossa abordagem à minha pessoa baralha-me um pouco. Porquê eu, e para quê?

— Bom Thomas, a *GONE* dispõe duma rede de profissionais, em quase todos os países, a quem chama de “*observadores*”. São colaboradores nossos que estão encarregues de identificar os homens e as mulheres que se destacam no mundo académico, via informação recolhida junto das melhores escolas e universidades. Essa informação é relativamente fácil de obter. — Continuou Marcel Franz — O percurso de um potencial operacional da nossa organização é recolhido e colocado numa base de dados. No fundo, a primeira triagem é efectuada usando a informação relacionada com a performance académica. Em seguida, investigamos a origem familiar e a sua implicação na formação do carácter do candidato. Verificam-se, também, quais as suas actividades complementares, tais como, a prática

desportiva e outro tipo de actividades físicas. Acredite que quando se junta toda a informação, perante os nossos elevados critérios de exigência, o número de potenciais operacionais reduz drasticamente. Para o recrutamento do ano de 2010, apenas, identificamos seis pessoas que preenchem os pré-requisitos referidos.

— Mas, porquê apenas seis? — Questionou Thomas.

— Muito simples. No sentido do estou a explicar, potenciais elementos com o *Q.I.* e *Q.E.* elevados, obviamente, existem mais do que seis, mas, aliando a isso, ser poliglota, ter robustez e agilidade física, destacar-se em actividades desportivas, ter perícia, como por exemplo pilotar uma moto e um karting, como é o seu caso, e por fim ser uma potencial arma letal, ou seja, ser um fora de série em combate e artes marciais; em resumo: trata-se de espremer um laranja e apenas conseguir obter algumas gotas de sumo. — Argumentou Marcel Franz.

— *Okey.* Entendido! De facto, não conheço nenhum anormal como eu. — Comentou Thomas, acabando por deixar escapar um sorriso. Não se conseguiu conter, manifestando uma discreta ponta de vaidade!

— Bom. — Continuou Marcel Franz — A nossa conversa termina agora, já passaram quarenta e cinco minutos e hoje, nem eu, nem o Thomas, devemos adiantar mais nada. Nesta *pendrive* tem um ficheiro *docx* onde consta um endereço de correio electrónico, uma palavra-chave e um ficheiro descodificador, em anexo. Receberá uma mensagem de correio electrónico encriptado de hoje a sete dias, mais precisamente às 00.00h do dia 22 de Julho. Antes disso, não receberá mais nada. O servidor só terá o endereço activo nessa data e nesse preciso momento. Quando abrir a caixa de correio electrónico terá uma pergunta para responder e mais informação relevante, de carácter *top secret*, para que possa tomar uma pré-decisão bem ponderada, pois a mesma poderá decidir o seu futuro modo de vida. Será a sua pré-decisão à nossa proposta formal. Entretanto, tem os próximos sete dias para começar a pensar e a reflectir. Após ler a nossa mensagem deverá tomar essa pré-decisão e informar-nos em 48 horas, às 00h00m do dia 24. A decisão definitiva poderá ser tomada em Londres naquela que será a derradeira reunião. Entendido?

— Compreendo. — Afirmou Thomas.

— Para terminar gostaria de vincar algo. Quero que registe mais um ponto muito importante. O Thomas deve memorizar e bem interiorizar a expressão: *Top Secret*. Nós não existimos! — Continuou Marcel Franz, olhando-o nos olhos — Não pode partilhar a informação com ninguém, nem família, nem namorada, nem o melhor amigo. Absolutamente ninguém.

— Muito bem. Pode ter a certeza que assim farei, Sr. Franz. — Retorquiu Thomas, com firmeza.

— Boa noite e pondere bem. — Despediu-se Marcel Franz.

— Boa noite e até breve. — Retribuiu Thomas.

3 DE NOVO EM PAZ.

Conforme estava agendado, com o Dr. Julian Bennet, eram nove da manhã quando a assistente do médico chamou Elisabeth que aguardava pacientemente na sala de espera.

— Bom dia, minha querida Elisabeth. É impressão minha, ou hoje está mais calma?

— Bom dia, Dr. Bennet. Não, não é impressão sua. Hoje estou muito melhor do que ontem. Já estou mentalizada e confiante que tudo se irá resolver. — Respondeu Elisabeth.

— Ótimo! Excelente. Essa é a melhor atitude. Confiança e pensamento positivo. — Felicitou Julian.

— Contudo, ainda gostaria de lhe colocar algumas questões. — Disse Elisabeth, no momento em que outro médico entrava na sala.

— Nem de propósito. — Disse Julian. — Acabou de chegar o homem que lhe irá dar as respostas. Apresento-lhe o meu colega e amigo, Dr. Aron Grubb.

— Bom dia, menina Elisabeth. Posso tratá-la por menina? — Perguntou Aron, com simpatia.

— Claro que sim, Dr. Grubb. — Respondeu Elisabeth, apreciando o tom de voz afável do médico. E o prestigiado médico-cirúrgico sentou-se diante de ela, ao lado do seu colega.

— Com certeza quer saber mais detalhes relacionados com a intervenção, imagino. Estou certo? — Questionou Aron.

— Sim. É isso mesmo, doutor. — Respondeu Elisabeth, que estava ansiosa por conhecer todos os pormenores.

— Bom. Antes de mais quero dizer-lhe que estou aqui porque serei eu o médico que vai liderar a equipa responsável pela intervenção cirúrgica. Como sabemos, o meu colega Dr. Bennet é cardiologista e fomos nós, os dois, em perfeita sintonia, que traçamos o seu quadro clínico. Agora, cabe-me a mim, que sou o cirurgião, conduzir as coisas daqui em diante. — Explicou Aron, com muita calma.

— Sim. Compreendo, Dr. Grubb.

— Agora estou à sua inteira disposição. Pode colocar as questões que muito bem entender. — Falou Aron, sorrindo afavelmente.

— Ontem não cheguei a perguntar, por exemplo, qual é a duração da operação, e quantos dias terei que ficar internada. — Falou Elisabeth.

— Muito simples. Será preferível que dê entrada na clínica um dia antes da intervenção. Outro pré-requisito fundamental é o seguinte: cumprir um período de jejum absoluto de, pelo menos, entre quatro a seis horas antes da intervenção. — Explicava Aron, sempre num tom sereno. — A operação deverá demorar cerca de três horas, menos um bom bocado de tempo que as intervenções de tórax aberto. No

que diz respeito ao tempo total de internamento, será entre quatro a cinco dias.

— E depois da operação, quanto tempo terei que aguardar até retomar a minha vida com normalidade? — Perguntou Elisabeth. Aquela era uma das questões que mais a preocupava, pois não queria abusar do tempo de licença.

— Isso depende. Porém, no seu caso, estou em crer que será muito rapidamente. A Elisabeth é uma mulher forte e jovem. E, felizmente, como os seus exames não revelaram complicações relacionadas com outros órgãos, o que significa que agimos atempadamente, pensamos que possa voltar em breve ao seu quotidiano sem grandes restrições. Portanto, vamos aguardar confiantes que a recuperação seja rápida e sem percalços.

— E já têm alguma data para me sugerir, Dr. Aron?

— Temos sim. Se estiver bem para si, sugiro que dê entrada na clínica na próxima quinta-feira, ao fim da manhã. Assim, poderá ser operada na sexta, às 12.00h. Parece-lhe bem? — Questionou Aron, com delicadeza.

— Por mim, não tenho nada a obstar. Pode ser como está a propor. — Assentiu Elisabeth.

— Muito bem. Então, está combinado, minha querida. Desejo-lhe um bom resto de semana e aguardamos por si, na quinta. E, daqui até lá, não esqueça: muito repouso, evite as correntes de ar e outras situações que costumam provocar constipações e gripes. — Recomendou Aron. — É importante que chegue aqui nas melhores condições. Combinado?

— Claro que sim, podem ficar tranquilos que eu terei em linha de conta todos os cuidados. — Afirmou Elisabeth, com determinação.

— Até breve, minha querida Elisabeth. — Disse Aron.

— Veremos-nos na quinta, e entretanto descanse em paz. — Disse Julian

— Obrigado por tudo, muito especialmente pelo carinho com que me têm tratado. — Agradeceu Elisabeth.

— Não tem de quê. — Retorquiu Julian.

Dali a dois dias, Elisabeth iria ser submetida à intervenção cirúrgica que lhe permitiria resolver aquele problema cardíaco: a coarctação da aorta torácica. Ante as recomendações dos médicos, o mais prudente seria recolher-se em casa para repousar e assim evitar pequenos contratemplos de saúde que naquele contexto poderiam ser mais complicados. Por isso mesmo, tinha pedido a Franklin para lhe comprar alguns filmes. Tinha que ocupar o tempo e não lhe apetecia muito apenas ler. Se o seu sogro estivesse em Nova Iorque, ainda teria alguém com quem conversar, mas com Franklin a trabalhar e o sogro a viajar estava entregue à solidão. O marido comprou-lhe umas películas clássicas e alguns DVD musicais.

O seu curto retiro decorreu com tranquilidade e quando deu por si, estava a dar entrada na Rochelle

Health Clinic na companhia do marido, pois Franklin, obviamente, pediu uma licença profissional de alguns dias. Era o momento mais importante para pôr em prática um dos votos matrimoniais: estar ao lado da sua mulher “na saúde e na doença”.

A clínica recebeu-a com toda a amabilidade, de tudo fizeram para que ela se sentisse como se em sua “casa” estivesse. Desde a recepção até ao quarto, recepcionistas, pessoal de apoio e acolho, enfermeiras e médicos, todos sem excepção, foram extremamente atenciosos. Os pacientes da Rochelle eram, realmente, muito bem acolhidos e instalados. Além do acolhimento pessoal; as condições de conservação do edifício, um imponente palacete do século passado, também eram irrepreensíveis. O prédio era uma daquelas construções antigas, mas que, quer no interior quer no exterior, possuía a magnitude de um hotel de estilo clássico e elegante. Não era de estranhar a grande procura dos serviços da Rochelle por parte de pacientes oriundos dos Estados Unidos e também do estrangeiro. É evidente que naquela unidade de saúde o sentimento dos pacientes se caracterizava por uma preocupação natural, própria de quem está para ser submetido a uma cirurgia, todavia, num ambiente tão bem cuidado, a organização, o conforto e a segurança, transmitiam uma confiança salutar aos pacientes. Como tudo na vida, a aparência e a imagem contam muito mais do que se possa imaginar e os serviços de saúde não constituem excepção.

Os médicos, Dr. Bennet e Dr. Grubb, visitaram Elisabeth ainda de manhã, aproximadamente à hora do almoço, para lhe darem as boas vindas e, simultaneamente, com o propósito de verificarem se estava tudo bem com ela. A intervenção estava marcada para o dia seguinte, como tal, todos os cuidados e precauções deviam ser salvaguardados.

— Boa tarde, menina Elisabeth. — Disseram, ambos, com voz simpática e usando a palavra “inadequada” – menina. Mas o contexto justificava aquele tratamento mais delicado, mais carinhoso.

— Olá! Boa tarde. — Retribuiu ela.

— Está com excelente aspecto, minha querida. Não concordas Julian? — Afirmou Aron.

— Sem dúvida. Até parece que já fizeste o teu trabalho. — Disse Julian, brincando com o colega, e ajudando-o a bem predispor a paciente.

— Bastou à Elisabeth entrar no nosso luxuoso hotel para ficar quase curada. Qualquer dia ainda somos dispensados, Julian. Temos que reduzir às mordomias. — Exclamou Aron, soltando uma risada.

— Ah! Não, isso é que não. Nós, os doentes, precisamos muito destes mimos. Ajuda-nos a tentar esquecer o que nos trás cá. — Ripostou Elisabeth, alinhando na brincadeira.

— Concordo plenamente, minha querida. E vou mais além. Se for possível fazer melhor, melhor faremos. É esse o nosso lema. — Disse Aron, com total sinceridade.

— Assim está muito melhor, Dr. Grubb. Pensemos um pouco naqueles que nada têm e dêmos graças a Deus. Na verdade, somos uns privilegiados. — Afirmou ela.

— Palavras muito sensatas, as suas. Tem toda a razão, minha querida. — Respondeu Aron,

abandonando a cabeça em sinal de concordância. — Agora descanse e siga, direitinho, as instruções da enfermeira Cameron. Ela é o seu “anjo da guarda”, aqui na Rochelle.

— Estejam descansados que me vou portar muito bem.

— Então, até amanhã, minha querida. — Disse Aron.

— Até amanhã, Elisabeth. — Falou Julian, e saíram ao mesmo tempo de quarto, deixando-a bem-disposta. E com a saída deles, entrava uma auxiliar com a refeição de Elisabeth num tabuleiro.

— Bom dia! Apenas para lhe deixar o almoço e lhe desejar bom apetite. Se precisar de alguma coisa, não hesite em chamar. — Disse a mulher com simpatia.

— Bom dia, e muito obrigada. — Retorquiu Elisabeth à auxiliar que saiu do quarto com a mesma rapidez com que tinha entrado.

Entretanto, alguns minutos depois, Franklin, que tinha descido ao refeitório dos visitantes, voltou para lhe fazer companhia.

— Estás muito sorridente! O que te aconteceu? — Perguntou, vendo que ela estava toda risonha.

— Nada. Acabaram de sair daqui os médicos. Sabes, eles são muito simpáticos, é só isso. — Respondeu ela, ainda a sorrir.

— Ah! Deduzo que esteja tudo bem. O que é que eles disseram? — Questionou, curioso.

— Está tudo bem. Podes ficar descansado, Franklin.

— Formidável! Ainda bem. — Disse Franklin, que procurava animá-la a ela e a si próprio, também.

— Oh! A clínica é qualquer coisa... isto mais parece um hotel. — Disse Elisabeth, positivamente impressionada com a Rochelle.

— Eu também estou encantado! Concordo contigo. Devias ter visto o refeitório dos visitantes. A comida é excelente, assim como o serviço. — Sublinhou Franklin.

— Não só a das visitas. A dos pacientes, apesar de ser uma dieta, do tipo hospitalar, também é muito saborosa. Conseguem confeccionar uma comida muito apetitosa sem usar os temperos comuns. Dá para perceber que se podem cozinhar coisas saborosas, não tendo que recorrer aos condimentos agressivos para a saúde.

— Agora, mudando de assunto. Falaste com o pai? — Questionou Elisabeth, sabendo que o sogro gostava de estar a par de tudo.

— Falei, mesmo antes de almoçar. Ele chegará hoje ao fim da tarde. — Respondeu Franklin.

— Queria muito que fosses buscá-lo ao aeroporto. — Disse Elisabeth com um tom quase autoritário, pois não queria que o marido sequer tentasse contornar o assunto.

— Olha que ele proibiu-me de o fazer! — Ripostou Franklin.

— Ah! Nem pensar, Franklin. Isso não faz sentido nenhum. Sabes bem que te podes ausentar daqui por algum tempo. — Insistiu Elisabeth.

— Hum! Olha que vai sobrar para mim, Beth. — Falou Franklin, colocando-se na defensiva.

— Diz-lhe que fui eu que te pedi, ou que te exigei! *Okey?* — Retorquiu Elisabeth, reforçando a sua argumentação.

— Está bem, eu digo-lhe isso. Assim, talvez me safe! — Falou Franklin, encolhendo os ombros, de novo adoptando uma atitude defensiva.

O Sr. Wilson Logan chegava do Texas, de mais uma das suas viagens de rotina mensal. Com a mudança para Nova Iorque não tinha cortado os laços estreitos com o estado texano, onde continuava a manter o seu rancho imponente. O único pedido de promessa feito ao seu filho e nora, era que nunca vendessem o *Mustang Hills Ranch*, a não ser numa, claramente improvável, situação de absoluta necessidade. A propriedade era rentável e a sua avançada idade não constituía um factor impeditivo para o apertado acompanhamento que ele fazia questão de conceder à gestão da sua obra de vida. O *Mustang*, como ele lhe costuma chamar, era um dos melhores e maiores ranchos do Texas, com cerca de 2.590 km quadrados; líder nacional na exploração de carne bovina e tendo também como actividade complementar a criação de cavalos *Mustang*. Era graças à famosa raça nativo-americana, homónima do rancho, que o rancho ocupava um prestigiado lugar de destaque no mercado da equitação. Um estatuto do qual o Sr. Wilson Logan muito se orgulhava.

Ante o pedido da mulher, Franklin saiu da clínica, mais cedo do que tencionava, para ir buscar o pai ao *JFK International Airport*. O voo estava previsto chegar pelas 19h30. O pai, mal o visse no aeroporto, primeiro iria rabujar com ele, contudo, depois de saber que tinha sido a pedido da sua querida nora, ficaria todo babado com certeza.

E assim foi, tal e qual! Quando o filho o abordou; o pai abraçou-o e, logo de seguida, desatou a barafustar com ele.

— Eu disse-te que ia de táxi para casa, Franklin! — Resmungou Wilson, elevando o tom de voz. — Apre! Será que falo chinês? Sabes bem que detesto ser contrariado. Além de tudo, o teu lugar não é aqui, é junto da Beth. Era com ela que tu devias estar agora. Eu não preciso de ti aqui, e tu sabes muito bem disso. Bolas!

— Mas pai... — Tentou Franklin, mas foi interrompido abruptamente. O seu pai ainda não tinha desabafado tudo.

— Mas pai, nada! Desaparece imediatamente daqui e vai prá clínica. És um teimoso. Caramba, Franklin!

— Posso falar? — Tentou Franklin, novamente.

— Pronto, diz lá. — Respondeu Wilson, encolhendo os ombros em sinal de aborrecimento.

— Estou aqui por muita insistência da Beth. Foi ela que me pediu. Aliás, quase que ordenou... Com certeza concordas que é ela quem não devemos contrariar. Estás mais calmo ou ainda vais continuar... — Argumentou Franklin.

— Ah! A tua mulher é muito especial! Estima-me a Beth. Uma jóia... não é justo. Uma menina tão bondoza como ela a sofrer tanto, não me conformo! — Falou Wilson, gesticulando em sinal de desalento.

— Calma. Tenha calma, pai. Vai correr tudo bem. — Retorquiu Franklin, tentando acalmá-lo.

— Pois vai! — Disse Wilson, falando num volume de voz alto e gesticulando. — Tem que correr, ou tu julgas que eu sou louco e que não sei para onde a mandei. Filho, o Dr. Aron Grubb é o melhor médico-cirúrgico do estado e arredores! Aquele tipo é só o génio que salvou dois dos meus melhores amigos. Ai dele! Ai dele, se não faz, no mínimo, o mesmo pela nossa querida Beth. Agora, dá cá outro abraço! Desculpa-me filho. Sabes que eu gosto muito de ela. Elisabeth, para mim, é como se fosse minha filha. — Disse Wilson. Mais parecia um pavão, todo vaidoso com a atitude da nora.

— Eu sei. E a Beth também te adora a ti. Aliás, és o *cowboy* preferido dela. — Rematou Franklin, em tom de brincadeira.

— Ah, Ah! Sim, claro que sou. E tu, para seres um verdadeiro vaqueiro, ainda vais ter que cavalgar muito pela pradaria afora, meu rapaz. — Falou Wilson, dando uma grande gargalhada. E continuou. — Bom. Já que estás aqui, podíamos jantar juntos. O que te parece?

— Carne ou peixe? — Perguntou Franklin.

— Talvez peixe. Hoje almocei com o pessoal e é escusado dizer o que comemos. — Respondeu Wilson.

— Peixe seja. Onde? — Questionou.

— Vamos ao *Eleven*. É isso mesmo, Vamos lá! — Exclamou Wilson, energeticamente.

— *Okey*. — Assentiu Franklin.

Saíram do aeroporto e trinta minutos depois, circulavam na *Madison Avenue*. O restaurante ficava diante do *Madison Square Park*, um dos melhores locais para comer peixe em NYC (Nova Iorque); onde o Sr. Wilson Logan gostava de se regalar comendo lagosta. Apesar de não terem reserva, sentaram-se numa mesa indicada por um empregado que o conhecia muito bem.

— O que queres comer Franklin? — Perguntou Wilson, enquanto passava os olhos pela carta.

— Escolhe à vontade, pai. — Respondeu-lhe o filho.

— Muito bem, meu bravo. Sendo assim, vamos pedir umas belas lagostas e beber um vinho branco que eu cá sei. — Falou Wilson, animado.

— E o rancho? Nem te perguntei nada acerca do Mustang. Está bem por lá? — Questionou Franklin.

— Sim, está tudo dentro da normalidade. E tu? Já pensaste na proposta que te fiz? Sabes bem que preciso de ti, Franklin. Está na hora de decidires o teu futuro. Não te quero pressionar, mas tens que tomar uma decisão. — Falou Wilson.

— Sim. Tens razão... e eu já decidi. Tenho que te confessar uma coisa.

— Oh! Diz lá. Estou super curioso, como podes imaginar. — Disse Wilson, arregalando os olhos e

recostando-se na cadeira. Estava ansioso por obter a resposta do filho.

— O meu futuro será do teu lado... no seio do rancho. — Disse Franklin, sorrindo ao ver a felicidade emergir no rosto do pai. — Porém, a minha formação académica e experiência profissional estão a léguas do negócio da pecuária, como é obvio.

— Eu sei filho, mas tu cresceste naquele rancho. Está-te no sangue. — Argumentou Wilson.

— É lógico que sim. — Continuou Franklin. — Mas, não concordas que seria melhor eu tratar de tirar uma especialização? As coisas mudaram, os tempos são outros, pai. Um *master* em negócios e administração poderia ser um bom investimento.

— Não estás a pensar mal. Embora possas aprender muito da minha experiência, obtendo mais formação, mais longe poderás chegar. Eu acho bem que invistas um ano nisso. — Concordou Wilson, que sabia o quanto importante era a formação nos tempos correntes.

— Outra questão sensível é a Beth. — Falou Franklin.

— Como isso? — Questionou Wilson, e arregalou os olhos, pois não estava a compreender o porquê da ressalva.

— Sabes bem que a vida profissional dela está centrada aqui, em Nova Iorque. — Expôs Franklin.

— Sei, claro que sei. Todavia, não estou a sugerir que mudes a tua vida para o Texas. Os escritórios estão e vão continuar cá. — Retorquiu Wilson.

— Achas então, que não haverá necessidade de me mudar? — Perguntou Franklin.

— Claro que não. Eu vivo convosco, não vivo? — Reforçou Wilson.

— Sim. Eu sei, mas... — Tentou Franklin. Contudo, o pai continuou a argumentar.

— Evidentemente, terás que seguir o meu método de trabalho. Alguns dias no Texas e a maior parte do tempo em Nova Iorque. A nossa empresa trabalha à escala internacional e a maior parte dos negócios é feita a partir dos escritórios. Embora antigamente fosse diferente, actualmente, dada a nossa dimensão, temos o negócio globalizado. Aliás, os departamentos, comercial e administrativo estão aqui agrupados.

— Ah! Assim dás-me boas notícias. — Disse Franklin, pois estava por fora do negócio e não sabia como funcionava a estrutura organizacional. O pai não tinha por hábito falar nos detalhes relacionados com os assuntos do rancho, porque não queria que ele se sentisse pressionado.

— Eu diria que, durante um mês, estarás dez dias no rancho e o tempo remanescente aqui. — Explicou Wilson.

— Isso já é, mais ou menos, o que eu faço no banco. Sugiro que, depois da nossa Beth sair do hospital, façamos uma reunião no escritório para me pões ao corrente do funcionamento global da empresa. — Disse Franklin, e depois mudou o assunto. — Tenho a dizer-te que a lagosta está divina!

— Como sempre, filho... como sempre, uma delícia! — Concordou Wilson, e acrescentou — O cozinheiro daqui também é uma mais valia, realmente brilhante.

— É caro, mas merece bem o dinheiro. — Comentou Franklin.

— Ora nem mais, Franklin. — Concordou Wilson. E logo de seguida, questionou. — Quanto a tudo o resto, tem corrido tudo bem no banco?

— Ora bom... agora que os bancos, seguradoras e grandes correctoras, puseram os pés no chão, as coisas estão um bocado complicadas. Porém, antes desta bolha gigante rebentar e atingir proporções mundiais, os lucros eram uma espécie de ilusão óptica, em virtude da especulação absurda... a económica real deu lugar à economia de casino. E eu estou desiludido com tudo o que veio à tona. — Respondeu Franklin, que andava desencantado com a série dos recentes escândalos do mundo financeiro.

— Mas o banco está bem, não está?

— Nem por isso, pai. Acredito que venha a superar as dificuldades, no entanto, a verdade verdadeira não veio toda à superfície. Os grandes protagonistas dos mercados financeiros, os grandes bancos, cometeram erros gravíssimos e com isso lesaram muita gente. A realidade é que “têm sempre as costas quentes”. O governo dá-lhes cobertura, protege-os e, ironicamente, teve que ser assim para evitar um *crash* ainda maior, de repercussões mundiais ainda mais dramáticas. — Explicou Franklin.

— É por isso mesmo que eu nunca acreditei em milagres! Até nós, que temos uma gestão empresarial muito “terra a terra” acabamos por sofrer efeitos colaterais. Os nossos clientes, muitos deles, estão na penúria. O que nos valeu foi, desde sempre, evitar ao máximo o recurso a capital alheio, pois trabalhar com dinheiro da banca fica muito caro. Arriscar o dinheiro que não é nosso, caso corra mal, pode conduzir a situações irrecuperáveis. O meu lema sempre foi: quem tem, tem, e quem não tem, tem que trabalhar para ter. Demorou mais, contudo, agora somos maiores do que muitos outros que muito depressa cresceram, para depois mingarem ou até desaparecerem. — Alongou-se Wilson, revelando a sua sabedoria e sensatez.

— Ora aí está. Não foste infectado pelo “vírus da engenharia financeira”. Porém, poucas empresas do negócio da pecuária têm a nossa dimensão. Uma estratégia paciente e de longo prazo que resultou... estás de parabéns, pai! — Elogiou Franklin, que concordava com a política e os princípios usados pelo seu pai na gestão do negócio.

— Inclusive, digo-te mais. Lamentavelmente, a infelicidade dos outros, de alguns dos nossos concorrentes, tem-nos sido bastante favorável. Uma das poucas certezas desta crise é que quem está sólido, mais sólido fica. Temos feito negócios fabulosos em virtude dos problemas de outros. Já diz o ditado popular: “cautelas e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém”. — Acrescentou Wilson, rindo.

— Grande verdade! — Concordou Franklin.

— Penso que é melhor continuarmos esta conversa depois. Está a ficar um pouco tarde e amanhã teremos um dia muito duro pela frente. — Sugeriu o pai, enquanto se levantava.

— Teremos, sim senhor! Tens razão, é melhor irmos andando. — Assentiu Franklin.

— Atenção que duro, não significa mau. Estou confiante que tudo se vai resolver. A nossa querida Beth vai ficar boa. — Falou Wilson e deu uma palmada nas costas do filho, como sinal de afecto, para o encorajar.

— Deus queira, Deus queira que sim. — Disse Franklin, retribuindo o gesto ao pai.

Após o belo manjar, Franklin deixou o pai em casa e, logo depois, encaminhou-se directamente para a clínica. Elisabeth dormia profundamente e quando chegou ao quarto, olhou enternecido para a sua mulher e deitou-se, procurando não fazer barulho para não a acordar. Foi uma daquelas noites em que Franklin dormiu a correr, em boa verdade não conseguiu pregar olho. Uma sequência de pensamentos, em turbilhão, preenchiam-lhe a mente, provocando-lhe uma agitação constante que não lhe permitiu dormir uma boa noite de sono. Apesar do optimismo que sentia ou, melhor dizendo, que tinha muita vontade de sentir, era, a cada instante, atormentado por pensamentos negativos. Na véspera do dia decisivo, um estado de ansiedade tinha-se apoderado dele. E, dadas as circunstâncias, era algo perfeitamente lógico e compreensível.

De manhã, mal se deu conta que Elisabeth tinha despertado, deu-lhe prontamente os bons dias. Depois tomou um duche, desceu ao refeitório, e foi tomar o pequeno-almoço.

Naquela manhã, em que o tempo parecia voar, até a sua mulher ser transportada para a zona do bloco operatório, quer um, quer outro, tentaram abordar todo o tipo de assuntos menos o da intervenção cirúrgica. Franklin falou-lhe acerca da sua decisão de mudar de emprego, salvaguardando que uma potencial mudança para o Texas não seria imprescindível, e teve o apoio incondicional da parte dela. Entretanto, a chegada do Sr. Wilson, ao final da manhã, rompeu o clima como uma rajada de energia positiva e de boa-disposição. Entre outras afirmações, por ele proferidas, uma delas, um pouco antes de as enfermeiras aparecerem para transportar a Elisabeth em direcção ao bloco, foi:

— Ainda não te pedi desculpa por aparecer tão tarde, mas como ainda vais ter que me aturar por muitos anos, hoje quis poupar-te. — Disse, soltando uma risada de seguida.

— Oh! Pai, não diga disparates. — Reagiu Elisabeth e sorriu. Só ele para a pôr a rir daquela maneira.

— És uma querida, minha filha. Sabes bem que não consigo deixar de ser um chato incorrigível. É por gostar muito de ti que te maço, se não fosse assim, é que seria de estranhar. — Atirou Wilson, continuando no mesmo tom.

— Pois, mais disparates. Só o pai para me fazer rir assim hoje. Obrigado por ter vindo. — Disse Elisabeth, enquanto apertava a mão do sogro com as duas mãos.

— Obrigado? Juízo! Eu estou aqui com muito gosto, ninguém me obrigou, Beth. — Falou Wilson, olhando-a carinhosamente.

— Agora, tenho de ir pelos vistos. Quero um beijo de cada um. — Disse Elisabeth, deixando escapar algumas lágrimas de emoção.

Os dois aproximaram-se e deram-lhe, cada qual, um beijo emocionadamente, um carregado de amor e outro de carinho. E, depois, nem mais uma palavra foi por eles proferida, restou uma emoção arrebatadora expressa no olhar dos dois e um esforço sufocador para conseguirem segurar as lágrimas. Elisabeth saiu para o bloco operatório, e com a sua saída instalaram-se em força o nervoso miudinho e a ansiedade. Dali até ao fim, pai e filho, fizeram um descomunal teste de força ao sistema nervoso de cada um. Não havia postura física, por parte dos dois, que não estivesse constantemente a mudar; ora se sentavam, ora se levantavam; andado de um lado para o outro da sala de espera, inquietos. Além disso, poucas frases articularam entre eles. O diálogo esgotou-se rapidamente, apenas se percebia que inspiravam e expiravam, profunda e vagorosamente, o ar contido nos pulmões, tentando manter a serenidade. Franklin pressionava a zona temporal da cabeça, massajando-a com movimentos circulares, usando as pontas dos dedos das duas mãos, enquanto o seu pai apertava a parte posterior do pescoço; ambos tentavam aliviar a grande tensão do momento. O tempo foi passando, todavia, devagar, devagarinho, muito lentamente. Até que, finalmente, se passaram as três horas de duração prevista e, a partir desse momento, quer um quer outro, fixaram os olhos nas portas de acesso à zona de acesso condicionado. Os minutos iam passando, todavia nada nem ninguém aparecia. O cronómetro registava 4h15m quando finalmente surgiu um dos médicos, Dr. Stone. Nesse momento, Franklin ficou petrificado. Nem para trás nem para a frente, tentando estudar a expressão facial do médico. Já tinha passado mais de uma hora para além do tempo previsto e ela tinha um mau pressentimento.

— Está tudo controlado. Digo-lhes já para não ter que chamar dois maqueiros. — Disse o médico, sorrindo.

— Mas já passaram mais de quatro horas! — Exclamou Franklin, arregalando os olhos com uma expressão de preocupação.

— Já, sim senhor. Mas ainda vai demorar mais uma hora e meia, no mínimo. Por muito que se tentasse, não foi possível resolver o problema do estrangulamento com a utilização do catéter. Fomos obrigados a abrir na zona torácica e, por isso mesmo, está a demorar mais do que o previsto.

— Ah! Doutor diga-me que não há perigo, por favor — Disparou Franklin, levando a mão ao peito.

— O que lhe posso adiantar é que está tudo controlado, temos que aguardar mais um pouco e não nos parece que venha a surgir mais nenhuma complicação. Tenham paciência e muita calma.

E, mal acabou de falar, desapareceu como um foguete, não dando tempo para que lhe colocassem mais questões. O marido continuou petrificado durante mais uns minutos, enquanto o seu pai se sentou. O cansaço fez o seu corpo ceder e pouco tardou para o filho o imitar. Todavia, a espera foi mais curta do que o colega do Dr. Grubb tinha previsto. Cinquenta minutos depois apareceu o cirurgião que, apesar de estar nitidamente amarelo, vinha com um sorriso estampado no rosto.

— A sua mulher está bem, pode ficar tranquilo Sr. Logan. Penso que o meu colega já lhe explicou o porquê da demora. — Disse Aron Grubb.

— Sim. Já fomos informados acerca do motivo. — Respondeu Franklin, sem acrescentar mais nada.

— Dr. Grubb, eu sou o sogro da Beth. Só quero que nos diga se o imprevisto possa vir a constituir alguma mazela ou se considera que tiveram sucesso garantido? — Perguntou Wilson, com frontalidade.

— Podem ficar tranquilos. Alteramos o método, apenas o método. O resultado alcançado foi o mesmo. Desobstruímos a artéria com toda a eficácia. O período pós-operatório será um pouco mais desconfortável, apenas isso. — Explicou Aron, visivelmente fatigado.

— Excelente doutor. Muitíssimo grato... Graças a Deus, temos a nossa querida Beth connosco e com futuro. — Exclamou Wilson, enquanto estendia a mão ao médico.

— Obrigado Dr. Grubb. Hoje, o senhor escreveu uma bela página no livro da nossa família. Ficarlhe-emos eternamente gratos. Muito obrigado. — Disse Franklin, com uma expressão de alívio e repetindo o gesto do pai, apertando a mão do médico com firmeza.

— Agora sugiro que desçam ao refeitório. Bebam um café, uma água, e conversem um pouco para fazerem um largo compasso de espera antes de verem Elisabeth. Ela vai demorar e não convém que faça qualquer tipo de esforço nas próximas horas. Aliás, o ideal seria ela falar convosco amanhã e não hoje.

— Nós teremos todo o cuidado. Só queremos dar-lhe um beijo. E mais uma vez obrigado, Dr. Grubb. — Disse Franklin.

— Agora tenho outra guerra nos próximos minutos. Até breve, meus senhores. — Despediu-se Aron, que parecia estar exausto.

O médico virou costas e os Logan abraçaram-se. Ficaram radiantes e não viam a hora de estarem com Elisabeth. Para isso, ainda teriam que aguardar um bom bocado. Aproveitaram esse compasso de espera para desceram ao refeitório e lancharem qualquer coisa. O apetite deles despertou logo após terem ficado tranquilos.

Conforme era previsto, Elisabeth dormiu directamente até à manhã do dia seguinte. Os efeitos da anestesia e a hora tardia da conclusão da cirurgia assim determinaram. Nessa noite, Franklin desforrou-se face à insónia da noite anterior. Todavia, já estava acordado, a ler o jornal, quando a sua mulher murmurou, a muito custo, as suas primeiras palavras pós-operatório.

— Franklin... És tu? Estás aí, Franklin? — Perguntou Elisabeth, com uma voz débil.

— Sou eu querida. Bom dia! — Retorquiu Franklin, sorrindo e saltando da poltrona.

— Olá... bom dia. — Cumprimentou Elisabeth, arrastando a voz.

Franklin aproximou-se e baixou-se, junto de ela, para lhe dar um beijo enquanto lhe apertava a mão delicadamente. Nesse momento, vislumbrou-se uma emoção nos seus olhos e ele deixou escapar uma lágrima de alegria. Estava visivelmente emocionado, de felicidade, por vê-la viva e curada diante dele. O pesadelo tinha-se esvanecido e podiam finalmente suspirar de alívio.

— Estás a sentir-te bem? — Perguntou Franklin.

— Estou um bocadinho moída, mas estou bem. — Respondeu Elisabeth, com uma voz cansada.

— O médico aconselhou a que te poupássemos. Será conveniente que não fales muito, querida. — Recomendou Franklin, naturalmente preocupado.

— Não consigo, nem que quisesse. Ele tem a sua razão, tenho mesmo que me esforçar para falar. — Assentiu ela, reconhecendo o esforço.

— *Okey*. O que interessa é que estás bem, recuperada e com mais saúde. Para o resto temos todo o tempo do mundo.

Ela ouvia-o com satisfação.

— Outra coisa que ele falou, foi que a tua recuperação será um pouco mais demorada, pois foram obrigados a usar o plano “B”. O catéter não resultou e, por isso, tiveram que te abrir. Não sei explicar melhor. Isto foi o que entendi, mas o que interessa é o resultado final. — Explicou Franklin.

Entretanto o Sr. Wilson estava quase a chegar. Vinha radiante e com uma enorme vontade de ver a sua nora. Era Sábado e o clima solarengo resultava como se fosse a cereja em cima do bolo, porque, além de ter corrido tudo bem, estava uma bela manhã com o céu limpo, muita luz, e uma temperatura excelente. O caminho entre o centro de Manhattan e a Rochelle foi por ele percorrido ao volante do seu Ford Mustang descapotável. Quis celebrar aquele belo e especial dia de verão perfazendo o trajecto que o levava ao encontro de Franklin e de Lisa ao volante do seu automóvel desportivo.

Quando entrou no quarto, irradiava energia e uma boa disposição contagiantes.

— Bom dia Beth! — Exclamou Wilson, entusiasticamente, mal a avistou.

— Olá pai. Bom dia. — Retorqui Elisabeth.

Wilson levava a sua mão esquerda detrás das costas de forma a esconder um grande ramo de flores. Apenas as mostrou, esboçando um sorriso rasgado, quando se aproximou de ela.

— São para ti, minha querida. — Afirmou Wilson, sorrindo. Aquele seu espírito brincalhão fazia com que parecesse um rapazote e não um homem a entrar na fase da terceira idade.

— Ah! Muito obrigada pai. As flores são lindas! — Agradeceu Elisabeth.

— O ramo está um bocado exagerado, pois é uma oferta minha e do Franklin. Como ele não quis sair daqui, e muito bem, fui eu que fiquei incumbido desta tarefa.

— Então, obrigado aos dois. Vocês são uns amores. Sou mesmo uma mulher muito afortunada.

— Oh! Pára por aí. Assim vamos ficar completamente babados. — Disse Wilson, orgulhoso do elogio.

— Escolheste lindamente, pai. — Falou Franklin. — Nos próximos tempos temos que a mimar até não podermos mais.

— Concordo filho. Assim é que se fala. Enquanto a Beth não sair da clínica vamos tratá-la como se fosse uma criança. — Reiterou Wilson.

— Vocês os dois são uns maluquinhos. Querem uma boa ideia? — Disparou Elisabeth.

— Diz lá querida. — Disse Franklin.

— Podiam tentar saber se há alguma criança internada e se encontrarem alguma, o que será muito provável, façam-na feliz também. Acreditem que a minha alegria será maior se alguma criança ficar feliz. — Sugeriu Elisabeth, com sinceridade.

— Generosa, como sempre! Tens um coração de ouro minha filha. E graças a Deus mais saudável de agora em diante. — Comentou Wilson.

— Parem com isso e basta de mimo exagerado. Assim ainda me estragam.

— A menina é quem manda! — Disse Wilson.

— Agora, peço-vos que me deixem descansar. Gosto muito da vossa companhia, só que estou a ficar muito cansada. O pai podia levar Franklin consigo para passear um pouco, fazia-lhe bem.

— Mas, ... — Tentou Franklin.

— Ordens médicas, meu querido! — Sublinhou ela.

— Tudo bem. Vou-te fazer a vontade.

— Pronto filho. Vamos até à cidade e deixar a Beth sossegada. — Disse Wilson.

— Muito bem... Beijinhos e até mais logo. — Disse Franklin.

— Um grande beijo e até amanhã. — Falou Wilson, que não voltaria mais.

— Até amanhã pai, e muito obrigado. — Disse Elisabeth arrastando a voz. Estava, de facto, a precisar de descansar.

Pai e filho saíram da Rochelle e encaminharam-se para Manhattan. Foram almoçar juntos e Franklin aproveitou para passar por casa antes de voltar para a clínica.

A permanência de Elisabeth na clínica demorou uma semana.

Na sexta-feira seguinte, Aron concedeu a alta médica que permitiu a Elisabeth voltar para casa. A recuperação ia ser mais demorada, contudo antevia-se que, após mais alguns dias, ela pudesse retomar a sua vida sem restrições de maior. Ante isso, o casal Logan sempre poderia viajar para a Europa conforme desejava. Nada melhor do que uma mudança de ares para que Elisabeth recuperasse as suas forças, festejando assim a vitória perante a adversidade com o sucesso da intervenção cirúrgica.

Nos dias subsequentes, Franklin tratou de apresentar a sua demissão no banco, e de confirmar a sua inscrição no *MBA*. Desse modo, ficou tudo resolvido antes de rumarem na cruzada turística pelos domínios do velho continente. Porém, alteraram o roteiro anteriormente definido, tornando o itinerário mais curto e, naturalmente, menos extenuante para Elisabeth. Ambos concordaram em reduzir ao número de cidades a visitar, aumentando o tempo de permanência nas que elegeram. O roteiro começava com a ligação Nova Iorque – Zurique e, uma vez na Suíça, voariam em seu redor, conhecendo Paris, Roma, Munique e Madrid. De Espanha seguiriam até Lisboa, de onde regressariam a Nova Iorque. Desse modo,

ficariam uma média de quatro dias em cada uma das metrópoles europeias e Elisabeth juntaria o útil ao agradável, conhecendo alguns lugares e descansando simultaneamente. Os outros destinos ficariam para outra oportunidade; particularmente Londres, onde Franklin já tinha estado aquando da sua viagem de fim de curso. Assim planearam e assim executaram. Entretanto, daquele momento até à lá, concentraram-se na recuperação de Elisabeth que tencionava retomar a sua actividade profissional logo após o período de férias. A sua licença também expirava, sensivelmente, por nessa altura.

4 FÉRIAS SOB PRESSÃO.

A manhã do dia 16 de Julho deu início ao tão desejado período de férias. Nesse dia, Thomas acordou mais tarde, praticamente, à hora de almoço. Na realidade, a noite anterior acabou por se prolongar. Ele precisava de descomprimir e, contrariamente ao planeado, acabou por se reunir com um grupo de amigos num bar da baixa e a noitada que deu em farra terminou por volta das 04h30.

— Joana! — Chamou Richard. — Vai acordar o Thomas, por favor. Já é meio-dia. Ele teve mais do que tempo suficiente para recuperar da noitada... deve ter sido um bonito sarilho. Imagino!

— Concordo contigo, deixa estar que vou eu acordá-lo. — Respondeu Joana. A mãe gostava de o ver descansar. Uma das coisas boas, entre muitas outras, do instinto materno.

— *Okey*. Entretanto vou comprar os jornais. Queres que te traga alguma coisa? — Disse Richard, enquanto ia caminhando para a porta.

— Não, obrigado. As revistas não têm nada de realmente interessante. Mas, pensando melhor, escolhe tu uma decente. Escolhe alguma coisa que tenha conteúdos interessantes. — Pediu Joana, que já estava saturada das revistas de mexericos.

— Está bem, comigo a escolher, já sabes que ficas em boas mãos. Um beijo e até breve. — Disse Richard, enquanto se dirigia para a porta.

A rua estava tranquila, um clima óptimo, cerca de 27 graus, e corria uma brisa suave num dia de verão perfeito para o arranque das férias. Richard caminhou no sentido descendente da rua, dirigindo-se para a Avenida do Brasil. Desde sempre tinha sido um homem de hábitos e a partir do primeiro dia que passou a residir na cidade do Porto, nunca deixou de comprar, todos os sábados, os jornais na mesma tabacaria que ficava a 100 metros da esplanada onde se costumava sentar a tomar o seu café matinal. Era um lugar encantador de onde, cada vez que levantava os olhos do jornal, podia contemplar o Oceano Atlântico e um imponente aglomerado rochedos cujo efeito da erosão, ao longo dos tempos, convertera numa maravilha da natureza. Enfim, um enquadramento perfeito para relaxar um pouco. Essa sua boa rotina costumava durar à volta de sessenta minutos.

Passado essa preciosa hora de descontração; o relógio marcava uma da tarde, quando o pai de Thomas estava de regresso a casa.

— Joana! Comprei-te uma revista de viagens e outra de decoração. — Disparou Richard, sabendo que eram dois dos temas que ela apreciava.

— Obrigado, Richard. O Thomas está lá em baixo na piscina. Disse-me que ia dar um mergulho, mas que não tardaria a subir. — Falou Joana.

— Seria boa ideia fazermos as malas a seguir ao almoço, pois partimos às 18h25m e é conveniente chegarmos ao aeroporto com uma hora e meia de antecedência, no mínimo. O avião descola às 20h25. —

Recomendou Richard.

— Tens razão... — Assentiu ela.

Entretanto, em baixo, na zona da piscina.

«A água está a uma temperatura excelente. Dá vontade de não sair daqui...» Pensava Thomas, enquanto se banhava na piscina.

O condomínio privado onde viviam era bastante completo. O empreendimento era composto por apenas doze apartamentos dotados de áreas interiores bastante generosas. O deles era um T4+1 duplex com três suites. No exterior, possuíam um belo terraço e, tudo somado, totalizava uma área de trezentos e cinquenta metros quadrados, dos quais oitenta estavam afectos ao terraço.

No que dizia respeito à decoração, imperava o estilo moderno com algumas peças e apontamentos clássicos. Era um espaço confortável e muito acolhedor. Tudo obra da Joana, com excepção dos quadros e das esculturas que tinham sido escolhidos e adquiridos por Richard; fruto das suas viagens profissionais, de onde trazia sempre algo de especial. As palestras e conferências, por ele realizadas e participadas, levavam-no aos mais diversos países e Richard, sempre que podia, no pouco tempo livre que lhe sobrava, visitava galerias de arte e assim foi acumulando uma colecção pessoal bastante interessante.

— Mãe! Vou tomar um duche rápido. A que horas começamos a almoçar? — Perguntou Thomas, quando passou por Joana a caminho do seu quarto.

— Às 14h00. A Maria está a terminar de cozinhar. — Retorquiu Joana.

— Claro que está! Cheira super bem. — Comentou ele.

Maria era uma cozinheira ímpar, claramente acima da média, a quem não faltavam dotes de culinária.

Às duas da tarde, a família encontrava-se reunida à mesa.

— Oh! Maria o almoço está muito bom. Uma delícia! — Elogiou Joana, abanando a cabeça afirmativamente em sinal de aprovação.

— Obrigado Prof.^a Joana. Os senhores merecem tudo de bom, não podia ser doutra maneira. — Respondeu a mulher, que era moçambicana, deixando transparecer, como era usual, uma expressão de alegria genuína.

— Aliás, como sempre Maria! Olhe que vamos ter saudades dos seus pratos nas férias. — Disse Thomas, reiterando o comentário da sua mãe.

— Ah! Os senhores vão escolher bons restaurantes, tenho a certeza, menino Thomas.

A cozinheira trabalhava em casa dos Stewart há quinze anos e ainda chamava ao Thomas: menino. Para ela, ele iria ser sempre um menino. A Maria era uma mulher que os Stewart tinham descortinado numas férias passadas em Moçambique. Na altura ela laborava numa pousada onde tinham ficado

hospedados. Foi aí que, encantados com os seus dotes culinários, a convidaram para os acompanhar e ficar, definitivamente, no Porto. A admiração dela por Thomas e pelos seus pais era enorme.

Após terminarem a refeição, tomaram um café no terraço e, posteriormente, foi cada um para seu lado tratar de fazer as suas malas e pegar na documentação necessária. Pelas 16h30 estava tudo preparado e resolveram caminhar à beira mar. Ainda tinham tempo para isso, pois faltava um pouco mais de uma hora e meia para arrancarem. O táxi solicitado chegaria às 18h15. Estava um dia muito agradável de céu limpo, corria uma brisa marítima suave e a temperatura amena mantinha-se.

A encantadora Praia da Luz, lugar para onde se dirigiram, tem uma extensa esplanada solarenga; um lugar muito bom para ler, conversar e, ao mesmo tempo, bronzear a pele. Cada um deles pediu uma bebida gelada e, após se refrescarem, voltaram para casa, onde apanharam o táxi que os transportou para o aeroporto.

Pelas 19h15, já tinham o *check in* efectuado e dirigiram-se para a porta de embarque.

Nesse ano, Thomas fez-se acompanhar pelo seu *laptop*, o que causou estranheza aos pais, todavia o motivo real não foi revelado.

Eram 20h25m quando o voo da Ibéria descolou. A hora prevista de chegada estava estimada para as 22h35, e o destino era: Madrid (terminal 4). O Airbus A320, da companhia espanhola, foi pontual e chegaram a Espanha dentro do horário definido. O longo percurso do terminal 4, apenas utilizado pela Ibéria e companhias associadas, até ao outro lado, onde se encontravam os terminais 1, 2 e 3, era efectuado de metropolitano subterrâneo. O próximo voo era no dia seguinte e, como tal, tiveram que pernoitar em Madrid.

— Este aeroporto é megalómano. Segundo a informação dos placares electrónicos demoraremos uns bons trinta minutos a chegar à saída. — Disse Thomas. E com todo o fundamento, visto o Aeroporto de Barajas ser realmente grandioso.

— Sem dúvida Thomas. — Concordou o pai. — Depois deveremos apanhar um táxi em direcção ao centro, onde temos reservas num de Hotel de Design. Quer tu, quer a mãe, vão adorar o espaço, pelo menos assim espero. — Acrescentou Richard.

— As tuas escolhas são, normalmente, excelentes. — Disse Joana, animada. — Podíamos deixar a bagagem na recepção e ir comer umas tapas. Na zona dos Ministérios há uma bodega, pertíssimo do Estádio Santiago Bernabeu, muito agradável onde se come divinamente.

— 100%. Estamos contigo. — Assentiram os dois em simultâneo.

Finalmente, chegaram ao exterior e apanharam um táxi que os transportou até ao centro de Madrid. O Hotel ficava nas proximidades da *Gran Via*, a caminho do Banco Central de Espanha e apenas a dez minutos a pé do famoso Museu do Prado.

— Quanto devo, por favor? — Perguntou Richard ao taxista.

— São 30,00 €, senhor.

— Aqui tem, boa noite. — Retorquiu Richard, enquanto pagava, já diante do hotel.

Fizeram rapidamente o *check in* na recepção e deram instruções para que as bagagens fossem colocadas nos quartos respectivos e, subitamente, entraram noutra táxi. Tudo feito em tempo *record*. A hora era tardia e a fome dava sinais de vida, por isso se apressaram com as rotinas menos interessantes.

— Boa Noite! Pretendemos ir para a zona do Estádio *Santiago Bernabeu*, por favor. — Disse Richard, enquanto se acomodavam no táxi.

— Boa Noite. Assim será, senhores. — Disse o taxista, com uma voz simpática.

— Esta cidade nunca cansa. Madrid, é uma metrópole encantadora! — Comentou Thomas.

— A seguir a Londres e Paris, Madrid é a cidade da União Europeia que tem mais habitantes, sabiam? Estou de acordo contigo, Madrid é realmente uma bela capital! — Elucidou e concordou Richard. E, como sempre, fez um dos seus comentários, próprios de quem de tudo sabe um pouco.

— O Real Madrid é o clube de futebol das contratações “loucas”; imaginem a fortuna que pagaram pelo passe do Cristiano Ronaldo. De facto, a marca *CR7* deve ter um potencial de retorno brutal, imagino! — Falou Thomas.

— Pelo que ouvi comentar, o Real Madrid conseguiria amortizar o investimento em muito pouco tempo. Às vezes investir muito é mais seguro do que investir pouco. O rapaz vende muitas camisolas, garante bons contratos publicidade, etc. É uma autêntica mina de ouro! — Acrescentou Richard, quando estavam prestes a chegar ao restaurante.

— Chegamos. São 15,00 €, por favor. — Disse o taxista.

— Aqui tem. — Falou Richard ao entregar o dinheiro. — Pode guardar o troco. — Acrescentou enquanto Joana e Thomas saíam da viatura.

— São 23h46. Dá para comer tranquilamente, pois amanhã basta-nos acordar às nove horas. — Lembrou Richard.

A casa de tapas chamava-se - *El Lateral* - e ficava na Avenida *Paseo de la Castellana*, nº. 132. Um espaço agradável, dotado de uma decoração apelativa, que oferece múltiplas tapas deliciosas e um interessante ambiente cosmopolita.

Após terem lido atentamente a carta.

— Boa noite. Traga-nos o seguinte: três “*gaspachos*”, um “*solomillo con cebolla confitada*”, três de “*Pan al ajo con tomate y jamón ibérico*”, uma de “*pimientos del piquillo rellenos de carne*”, três “*brochetas lateral*”, um “*brie fundido con jamón ibérico*”, uma “*tortilla española*” e nove “*croquetas de jamón*”. — Falou Richard, que fez o pedido para todos.

— Sim senhor. E as bebidas, querem aguardar ou pedem já? — Questionou a simpática e bonita empregada de mesa.

— Preferimos agora. São três águas e um jarro de sangria. — Acrescentou Richard.

— Sim senhor. — Disse ela, e deixou-os à vontade.

As bebidas chegaram e pouco depois as tapas. Devoraram a deliciosa refeição num ápice. Estavam famintos. Durante aquele tempo, praticamente, ninguém falou e assim que terminaram voltaram ao hotel para uma boa noite de descanso, pois a viagem, do dia seguinte, iria ser bem longa. Em virtude do voo não ser daqueles madrugadores, deu-lhes a oportunidade de poderem dormir até mais tarde e, também, de poderem tomar o pequeno-almoço sem grandes correrias.

O táxi que eles tinham solicitado, junto da recepção, apanhou-os às 10h00 e uma meia hora mais tarde depositou-os à porta do aeroporto. Deu tempo para que os Stewart fizessem tudo sem *stress*. E quando se instalaram nos seus lugares, já dentro do avião, a descontração e o espírito relaxado reinavam entre eles.

O relógio marcava 12h10 quando o avião da *American Airlines*, um imponente Boeing 787-9 Dreamliner, se fez à pista e descolou. O mais recente orgulho da *Boeing Company*, uma gigantesca aeronave, com autonomia para voar entre 14,800 a 15,750 km, dotado dum asas com uma envergadura de sessenta metros, sessenta e três metros de extensão e dezassete de altura. Impressionante! Além disso também dispunha da capacidade para transportar entre duzentos e cinquenta a duzentos e noventa passageiros, a uma velocidade máxima de 0,85 Mach que corresponde 1.049 km/h. Aos seus excelentes níveis de eficiência mecânica acrescia também um conforto notável. De facto, todo um conjunto de factores determinantes para que uma jornada de 13h35m de duração se fizesse sem desesperar. O serviço a bordo também era de muito bom nível, assim como a simpatia da tripulação. A hora prevista de chegada foi anunciada para as 14h50, hora no destino.

— Chi! O avião é espectacular. — Observou Thomas.

— É um modelo novo que resulta de uma evolução do anterior. Mas este é claramente superior. — Explicou Richard.

— Assim vai dar para descansar, mãe! — Disse Thomas, sabendo que a mãe estava a precisar aproveitar ao máximo o tempo de descanso.

— Bom... o avião parece ter tudo, realmente! Um monitor por cadeira com um videoclube completíssimo, um excelente sistema audio, com uma *jukebox* completíssima, e além disso também disponibilizam jornais de vários países. Temos bem com o que nos distrair! — Afirmou Joana, com satisfação.

— Que grande surpresa me pregaram vocês. Com que então, Miami! Sim senhor! — Atirou Thomas, abanando a cabeça afirmativamente e sorrindo, em sinal de aprovação.

— Atenção! A surpresa ainda é bem mais agradável, apesar de nos obrigar a uma ponte aérea. No entanto, a dita surpresa é para ti, e também para a tua mãe. Ela, assim como tu, desconhece qual é o destino final. — Acrescentou Richard, sorrindo. Joana ria, feliz só de observar a expressão de satisfação

de Thomas.

— Afinal qual é o destino? Não é Miami? — Inquiriu Thomas, com uma expressão de curiosidade.

— Bahamas, Thomas! Bahamas e mais Bahamas. Eh, eh, eh... Serão quinze dias no paraíso! —

Respondeu Richard, rindo. — Relaxamento total, daquele que a tua mãe e eu estamos a precisar. Quanto às atracções para ti, aquelas aparte da natureza, abstenho-me de as nomear. — Disse e sorriu com malícia.

Durante o voo assistiram a diversos filmes, dormitaram, leram e foram conferenciando. Todavia, para o Thomas foi bastante mais do que isso, pois havia algo que ocupava sistematicamente o pensamento. Tinha que tomar uma decisão de vida, extremamente importante, num curto espaço de tempo. E colocava a si próprio as seguintes questões: que tipo de restrições e riscos implicaria? Como seria ter dupla identidade e uma “verdadeira” vida dupla? Até onde iria o compromisso? E muitas outras...

Por outro lado, sabia que atingiria um nível de conhecimento superior em inúmeras matérias, podendo transformar a sua vida numa grande aventura ao integrar uma organização que zelava por repor a justiça e a ordem natural das coisas, que combatia a economia de casino, a corrupção e os mercados negros que tanto mal faziam ao mundo actual.

O facto de poder vir a ser um verdadeiro “guardião” deslumbrava-o!

No decurso da longa jornada foi sonhando, imaginando, diambulando, e reflectindo acerca do assunto.

A dado momento, um membro da tripulação recomendou que apertassem os cintos de segurança e, pouco depois, o piloto começou a reduzir a altitude. Apenas faltavam trinta minutos para chegarem ao destino e em breve iriam ter vista aérea sobre *Miami*.

A aterragem foi suave e tranquila.

Até que, com os pés no solo americano, após saírem do avião não procederam à recolha das bagagens, visto que, dali a meia dúzia de horas, levantariam voo de novo rumo a Nassau, Bahamas. Fizeram, sem pressas, o circuito interno dentro do aeroporto de Miami, respeitando os procedimentos inerentes à ponte aérea. E depois disso, tiveram muito tempo para passear pelo *free-shop*, comprarem alguma coisa e também aproveitarem para jantar.

Eram 20h40 quando o Airbus A320 da companhia aérea *Bahamas Air* descolou em direcção às Bahamas. Feita a viagem, consideravelmente mais curta do que a anterior, aterraram em Nassau às 21h35 do dia 02 de Julho, hora local. Àquela hora, nas Caraíbas, o “sol já descansava”. Após recolherem a bagagem e efectuarem a passagem vagarosa pelos serviços da alfândega à moda antiga, apanharam um táxi e dirigiram-se para o Hotel. Estavam maçados e a sofrer das consequências inerentes à mudança radical de fuso horário. Aquando da chegada, nem se deram conta da beleza exótica do *resort*, apenas um dos sentidos reagiu, apenas um: o olfacto! O odor característico que resultava da acção do efeito daquele calor húmido, na vegetação tropical, libertava uma espécie de fragância natural e relaxante.

Sentiam, por via olfactiva, que estavam “noutra atmosfera” e isso, por si só bastava para os entorpecer mais ainda! Quando chegaram aos quartos, “caíram redondos” adormecendo profundamente, contudo satisfeitos por ali estarem. Quanto a Thomas, esse desligou um pouco mais tarde que os pais, quando o cansaço acabou por vencer o turbilhão de pensamentos e imagens mentais acerca da aventura que, muito provavelmente, iria passar a viver.

Às seis da manhã ou, melhor dizendo, ao romper da aurora, a família Stewart acordou e, depois do duche matinal, reuniu-se no *lobby* do hotel conforme tinham combinado na noite anterior.

— Bom dia Thomas. Tomei a liberdade de pedir um sumo natural igual para ti, é de ananás. O ananás local não tem nada a ver com aquele que importamos. Este goza do privilégio de amadurecer normalmente, enquanto o importado é colhido verde, congelado depois, e quando chega à banca da frutaria, se não está podre pouco lhe falta. O sabor nem é tão pouco comparável a este! — Comentou Joana, que adorava o sabor genuíno dos frutos tropicais.

— Tens razão. Este é completamente diferente... até parece outro fruto. Está delicioso! — Assentiu Thomas, e continuou. — Quanto ao *resort*, é fabuloso e nível do serviço não lhe fica em nada a desejar. Ah! Nem imaginam a vontade que tenho de nadar, logo que termine o pequeno-almoço vou directo pro mar.

— Concordo contigo, Thomas. O serviço é óptimo! — Falou Joana. — Passei na recepção e informaram-me acerca do número correspondente à nossa palhota. Nós temos direito a três espreguiçadeiras e as toalhas não precisam sequer de ser trocadas. Eles encarregam-se de executar essa tarefa. — Depois acrescentou. — Se quiserem pedir alguma coisa, bebidas ou *snacks*, basta solicitar nas palhotas da praia, em qualquer um dos bares ou nos restaurantes. E para isso, só temos que mostrar a pulseira, pois, se repararem bem, verão que a mesma tem uma inscrição com o número do quarto.

— Fantástico! — Disse Thomas — Mas provavelmente irei até aos bares, de quando em quando, para conhecer umas “bonecas”, ou será que eles também se encarregam de as trazer numa bandeja?!... — Falou, em tom de graça.

— O “Dom Juan” vai começar a trabalhar? E, pelos vistos, logo no primeiro dia. Impressionante! — Replicou Richard, e Joana riu conjuntamente com ele. De seguida, acrescentou. — Então, não reparaste no avião? Aquela mulher, linda de morrer, que não descansou enquanto não o conheceu. O Thomas parece que tem um íman! — Disse Joana orgulhosamente, lançando um olhar risonho ao filho.

— Está a exagerar, Dona Joana. Nessa matéria, só o Sr. Richard Stewart pode fazer avaliações justas. Se bem me lembro do que fui ouvindo, ao longo dos anos, histórias de jovem conquistador não lhe faltam. Eu não passo dum mero aprendiz em comparação com o mestre aqui! — Falou Thomas, em sua defesa, e reventaram numa gargalhada geral.

A boa-disposição e descontração reinavam entre eles. Entretanto, levantaram-se e dirigiram-se à zona do pequeno-almoço. O salão ficava praticamente em cima da areia que era, literalmente, branca e

muito fina. Uma bela edificação com nove metros de altura, sem paredes laterais, onde apenas se viam os pilares de pedra elegantes, estilo romano, e uns belos cortinados transparentes, semi-abertos. O mosaico era de um material rústico, lindíssimo e colorido. Por sua vez, o tecto assumia a forma de uma pirâmide invertida com a coloração natural das madeiras tropicais. As mesas, muito simples, em ferro, cobertas com toalhas imaculadamente brancas com um bordado creme nas bainhas, conferido-lhes um peculiar aspecto artesanal. Enfim, tudo perfeito, mas, para completar o encanto, a diversidade e qualidade das iguarias do pequeno-almoço, para se falar com a devida justiça, devia adjectivar-se como: simplesmente sublime!

A dada altura, durante a refeição.

— Bom, não como mais senão até parece mal. Senão vou dar uma de camelo, e com certeza servirão mais refeições hoje! — Disse Thomas, em tom de brincadeira.

— A minha dieta está de férias — Replicou Joana, continuando no mesmo tom. — Por isso, enquanto a dieta está noutra continente, vou traí-la sem dó nem piedade, todos os dias. Depois acertarei as contas, logo se verá...

— Ah! Dieta! Minha querida. — Afirmou o Richard — Tens que ter consciência de que o teu corpo é de trinta e poucos (ela já contava com 49 anos). Vamos, com toda a certeza, ver, nestas praias, muitas raparigas novas, que mais parecem uns “contentores”, a roerem-se de inveja e provavelmente a pensar: “...se eu fosse como aquela senhora, era certinho que conquistaria o filho. Mas, neste estado lastimável em que estou, nem me atrevo! “

Gargalhadas, muitas gargalhadas!

— Que cavalheiro! Vou fingir que nem ouvi. — Ripostou Joana, toda babada de vaidade.

— Contra factos não há argumentos. O professor falou muito bem. Agora vou abandoná-los para que possam namorar à vontade, e vou fazer o reconhecimento do território. Lá para as 12h30 apareço na nossa palhota; tchau. — Disse Thomas. Apetecia-lhe caminhar pela praia.

— Está bem, diverte-te que nós faremos o mesmo. — Respondeu Richard.

«O dia está super agradável, com este sol radiante. Devem estar uns 32 graus ou mais», pensava Thomas, enquanto se aproximava da praia. «Vou dar uma corrida. O ócio é inimigo do corpo e, lá porque estou de férias, não devo desleixar a minha condição física. Provavelmente, se decidir por aceitar a proposta, precisarei de estar a 100%. Bom, logo se verá...» Começou a correr. Em boa forma, era capaz de correr vinte quilómetros sem dificuldade, e sem alterar significativamente o seu ritmo cardíaco.

A praia era lindíssima, com a sua areia branca, as palmeiras imponentes, ligeiramente curvadas, e uma vegetação imaculadamente selvagem por detrás daquele vasto areal, densa e diversificada, revelando uma grande diversidade de várias tonalidades esverdeadas. No que dizia respeito ao clima, sentia-se uma humidade no ar que permitia desfrutar das altas temperaturas sem se abafar. O mais fantástico de tudo era aquele mar de cor azul-turquesa e, para além da sua beleza ante os olhos, usufruía

duma temperatura sempre acima dos vinte graus na água límpida onde também se podia contemplar uma grande variedade de espécies de peixes. Esses privilegiados vivem num dos maiores recifes do mundo, repletos de corais de uma beleza que excede a expectativa e imaginação de quem nunca os visitou”. Os golfinhos e tubarões, os últimos de muito maior dimensão, só se encontravam nas águas mais profundas. Por sua vez, em terra, havia uma grande variedade de espécies répteis e cobras naquela selva, que é um *habitat* de uma beleza rude e bruta, onde a mão invasora do homem ainda não mexeu demasiado. Thomas e os demais turistas não tinham que temer, antes pelo contrário, podendo observar todas aquelas belezas da natureza tropical nos divertidos passeios muito bem organizados e supervisionados pelos divertidos e afáveis nativos.

O atleta começou a abrandar o ritmo da corrida, passando a caminhar. A zona, onde se encontrava, era completamente deserta e ele pensava: «Que ironia! Estou de férias na ilha que serviu de cenário para parte das rodagens do filme “Casino Royale”, o famoso personagem de espionagem andou por estas paragens. Bom, mas uma coisa são os filmes, onde tudo acaba bem, outra é a realidade, e aí não há oportunidade para repetir a cena. Contudo, isto até parece um sinal. Não que seja supersticioso, mas que parece, parece. Inspirador! Daqui a alguns dias tomarei a minha decisão de vida. Estou devéras curioso! Que tipo de conteúdo me enviarão eles? O Marcel Franz disse-me que a leitura dessa mensagem será determinante para a minha tomada de decisão. A verdade é que sempre sonhei em ocupar um lugar diferente e útil na sociedade, por isso procuro ser determinado e faço sempre por dar o meu melhor em tudo. Tenho que admitir que gostava de fazer coisas que marcassem, que fossem realmente importantes; na realidade, só assim me sentirei realizado. Se o conteúdo me agradar, estarei tentado a aceitar a dita proposta.»

Naquele momento, resolveu mergulhar e nadou, a bom ritmo, uma distância bem extensa. Sentia a necessidade de exercitar o corpo. A falta de actividade desportiva era-lhe estranha, pois estava habituado a essa rotina saudável e não conseguia abdicar disso. E, já no mar, continuava a matutar.

«Espectaculares, estes corais! Vou submergir, já agora posso aproveitar para testar o meu fôlego. Ena! Quantos peixes coloridos. Os corais vistos de perto são fantásticos. É, sem margem para dúvida, uma riqueza do mundo aquático. Agora, vou emergir e nadar para terra, não me quero atrasar.»

Entretanto regressou, e os seus pais ainda estavam na zona da palhota.

— Então Thomas, que tal foi o passeio? Perguntou Richard.

— Porreiro! Esta ilha é espectacular. A água, os peixes, os recifes de corais, a vegetação, enfim: é tudo fantástico! — Retorquiou Thomas.

— A tua mãe já afinou comigo, mas, olhe para onde olhar, só se vêem “mulheres de catálogo”. Com certeza, devem vedar a entrada às que são menos dotadas! — Disparou Richard, em tom de gracejo.

Dito aquilo, riram todos. A boa disposição reinava no seio da família.

— Vou dar um salto ao bar e volto já. — Avisou Thomas.

O ambiente era bastante agradável, a frequência *resort* era muito boa, repleta de gente bonita e bem-disposta. Sentou-se no bar da piscina, com a água a dar-lhe pela cintura, e pediu um *cocktail* ao *barman* que não fugia à regra geral, sendo outro jovem muito simpático e brincalhão.

— Olá! Senhor. — Falou o *barman* — Está a gostar das Bahamas? E que tal o *resort*? Não me diga que está sozinho! — Falava e dançava, sem parar.

— Estou a adorar e estou com a família, mas parece que a sua pergunta tem outra intenção, não é verdade? — Perguntou Thomas sorrindo, com alguma malícia espelhada no rosto.

— Estou a falar de namoradas, claro! Não acredito, está sozinho?! — Ripostou o rapaz, falando e continuando a dançar ao som da música ambiente.

— Tem calma rapaz. Vais “vestir o casaco” e oferecer uma bebida àquela miúda que parece sueca ou dinamarquesa. Aliás, se souberes o que ela costuma beber, melhor ainda! — Retorquiu Thomas, preparando-se para conhecer um “hidroavião nórdico” que boiava na piscina.

— Ela pede, quase sempre, vodka tónica. Deixe que eu vou providenciar e já agora desejo-lhe boa sorte. — Informou o jovem, antes de preparar a bebida encomendada por Thomas. Era de facto um sujeito simpático e muito divertido.

A fêmea estava a uma distância de dez metros e dirigia-se em direcção ao bar. Deveria ter um metro e setenta e pouco, cabelo ruivo, olhos esverdeados e algumas sardas. Uma mulher com um tipo de beleza invulgar, diria até muito singular. Aquando da entrega da bebida, à jovem, o *barman* fez um gesto apontando em direcção ao Thomas. A nórdica sorriu e agradeceu com uma expressão de quem está a convidar. Face à abertura da parte dela, Thomas aproximou-se e apresentou-se.

— Obrigada, como adivinhou?!... — Perguntou ela, lançando-lhe um olhar provocador.

— Olá, chamo-me Thomas. Eu até lhe diria, todavia não posso revelar as minhas fontes. Ainda bem que acertei! Tenho o prazer de conhecer ...? — Ripostou Thomas, usando de uma atitude galante.

— Erika. O prazer é meu! Chegou hoje? É a primeira vez que o vejo por aqui. — Disse.

— Ontem. Cheguei ontem, ao fim dia, e valeu bem a pena. O *resort* é fantástico, em todos os aspectos! — Respondeu Thomas, provocando-a.

— Concordo e, felizmente, ainda tenho mais sete dias de paraíso. — Atirou Erika, aproveitando para lhe dizer que não estava de saída.

— Então vamos poder desfrutar esse tempo, juntos. Já conhece isto melhor do que eu, por isso conto consigo para me guiar. Podemos praticar algumas actividades em conjunto, é bem mais divertido! — Atacou Thomas.

— Volto a concordar! É inglês? — Perguntou ela.

— Sim, mas não só. O meu pai é inglês. Eu sou meio inglês e meio português, pois a minha mãe é portuguesa.

— Eu sou Sueca, embora more em Paris. — Disse Erika.

— Neste último ano tenho vivido nos Estados Unidos. No entanto, agora estou a caminho de Londres. Mas, o que faz uma nórdica em Paris?!... — Questionou Thomas.

— Sou modelo e estudo design de moda. — Respondeu Erika.

— Ah! Agora compreendo. E faz todo o sentido. — Ripostou Thomas, sorrindo maliciosamente.

— Eu adoro Londres. Sempre que tenho trabalhos lá, é demais! Adoro a cidade e o ambiente também. — Falou Erika.

— Ótimo! Está visto que nos vamos ver no futuro. — Retorquiu Thomas.

— Estou com fome. Acho que vou comer alguma coisa. Acompanha-me? — Convidou Erika.

— Claro que sim. Vou só avisar o pessoal e encontramos-nos no restaurante. Até já. — Respondeu Thomas. E saiu de seguida, pensando.

«Bom, vou dar um salto à palhota. Tenho que avisar que houve uma mudança de planos, assim também poderão namorar mais um pouco sossegados. O *Caribe* trouxe-me um presente e é muito feio recusar.»

Só que chegou tarde, perdeu-se com a conversa e, entretanto, os seus pais já tinham saído da praia.

«Já foram almoçar», pensou e resolveu dar um salto ao restaurante para verificar. E foi ao encontro deles.

— Então! Já vieram almoçar? — Perguntou Thomas, quando os encontrou.

— Estávamos esfomeados. E também já sabemos o que “a casa gasta” contigo de férias...— Respondeu Richard, fazendo-lho o sinal de aprovação com a mão cerrada e o polegar ao alto.

— É bem verdade. Sendo assim, desejo-vos bom apetite. Eu vou almoçar com uma amiga. — Falou Thomas.

— Uma amiga! Tu não perdes tempo, Thomas. — Exclamou Joana, sorrindo.

— Até mais logo. De seguida, com certeza iremos dar um passeio. Não estranhem se eu demorar. — Avisou Thomas e virou costas.

— *Okey*. Diverte-te ... — Disse Richard, rindo e piscando o olho a Joana.

Thomas voltou à zona da piscina, e lá estava Erika a aguardá-lo. Era uma mulher lindíssima! Ela propôs-lhe saírem e almoçarem num barco que oferecia um programa de passeio com almoço e actividades de mergulho incluídas. A embarcação mesmo prestes a sair, o que fez com que tivessem que correr para não a perder.

O barco era um pequeno veleiro que transportava doze pessoas mais uma pequena tripulação de três nativos, por sinal, muito bem-dispostos. O passeio contemplava a prática de *snorkling*, para dar a conhecer aos turistas a beleza dos corais que era inenarrável, de tão exclusiva e exótica ser, conforme Thomas testemunhara no seu mergulho do passeio matinal.

Os mergulhos tinham-lhes proporcionado momentos únicos, ficaram deslumbrados face ao equilíbrio proporcionado pela harmonia da aliança entre a flora e a fauna marítimas. Quanto à refeição que lhes foi apresentada, em nada ficou aquém das maravilhas do mar, pois devoraram um delicioso grelhado misto de peixe e marisco, acompanhado pelas espirituosas bebidas tropicais, nas quais o famoso rum e os frutos tropicais são tradicionalmente misturados.

O tempo voou e pequeno veleiro regressou à costa ao pôr-do-sol. Erika vinha encantada e, antes de se dirigirem aos seus aposentos, ainda permaneceram na praia um bom bocado, mais concretamente, até ao anoitecer.

Nessa mesma noite, voltaram-se a encontrar, muito mais tarde, na discoteca do *resort*. A simpatia dos nativos, o clima, o tipo de música e a predisposição dos turistas, tornavam aquele espaço semi-coberto num lugar fantástico para que todos se divertissem à grande. Thomas e a sua nova companheira dançaram, beberam, dançaram e beberam pela noite dentro, uma noite que acabou por terminar no quarto dele, prolongando-se para numa intimidade escaldante até à manhã seguinte. A atracção foi iminente e acabou por se tornar num caso quente na primeira noite.

Na manhã decorrente, Thomas acordou e ainda tinha Erika deitada a seu lado. Levantou-se devagar e ela fingiu que estava a dormir, pois apetecia-lhe ficar ali mais um pouco. Para uma noite fugaz, como aquela, pareceu-lhe estranho ter tido vontade de a prolongar, contudo não resistiu e lá continuou a fingir... e enquanto isso, espreitou Thomas matreiramente. Observou os movimentos dele, e sentiu um prazer especial fazê-lo sem que ele tivesse disso percepção.

Aquelas férias foram fabulosas, entre a praia, as actividades recreativas e o romance de verão. Tudo correu pelo melhor e no meio desse período, Thomas acabou por tomar a decisão mais importante da sua vida, ainda antes de regressar a Londres.

5 A PROPOSTA.

O *resort* disponibilizava o serviço *internet wireless*, quer nas zonas comuns, quer nas habitações. No seu quarto, sossegado e compenetrado no assunto, Thomas aguardava, pacientemente, a chegada da hora certa sentado diante do seu *PC* portátil.

«Ainda bem que posso aceder à *internet* no quarto. Aqui estou muito mais à vontade. São 23h45, no fuso horário português e inglês. Vou aceder e introduzir, na página do servidor, o endereço que Marcel Franz me entregou. Às 00h00, em ponto, digitarei a palavra-chave e assim, finalmente, acederei à informação e à respectiva proposta.»

Assim pensou e assim fez. E, precisamente à hora estipulada, introduziu a palavra-chave, acedendo

à caixa de correio electrónico previamente criada. O seu endereço de correio electrónico era: stewart.thomas@gone.com. A mensagem estava em branco, apenas continha uma hiperligação e a seguinte frase: “se pretende prosseguir com o processo de recrutamento, clique o *link*”.

Thomas avançou, foi direccionado para uma página em *HTML* e começou a visualizar o conteúdo da mensagem:

“Boa Noite, Sr. Stewart. Conforme combinado, servimo-nos do presente para lhe enviar a informação que entendemos ser determinante para o seu processo de tomada de decisão em integrar, ou não, a nossa Organização Internacional Privada de Serviços de Inteligência, *GONE*, cujas iniciais significam: *Global Order Never Ends* (Ordem Mundial Nunca Termina). A agência é uma organização de dimensão mundial, parte integrante da *C.K.F. (Charles IV Kingstone Foundation)*.”

Thomas interrompeu a leitura e pensou, subitamente.

«Como! Agora é que fiquei meio aparvalhado. A *GONE* pertence à *CKF*! E o *LIB (London Investment Bank)* também lhe pertence! Ao fim deste tempo todo não me apercebi de nada, aliás, nunca ouvi falar, dentro do Banco, da existência da organização...».

Pensou e ficou estupefacto, em virtude da surpresa. Entretanto, a leitura do conteúdo, por breves momentos tinha sido interrompida, continuou.

“O *Sir. Charles Kingstone*, fundador da *C.K.F.*, foi, na sua época, um filantropo notável e também um homem de negócios, audaz e próspero, dotado duma integridade inquestionável, cujo património de família, tanto líquido como imobiliário, já era considerável, sendo por ele exponencialmente aumentado através dos seus inúmeros negócios nos mais diversos sectores de actividade. Numa fase avançada da sua vida, teria os seus sessenta anos de idade, não tendo seguidores, tomou a decisão de criar a fundação, sediando-a em Londres. A data de constituição remonta a dois de Janeiro de 1890. Posteriormente, alguns homens de negócios, do seu conhecimento pessoal, juntaram-se a ele, contribuindo para o enriquecimento financeiro da fundação e permitindo transformá-la num verdadeiro império.

Desde o seu início, a *C.K.F.* dedicou-se à investigação científica, nos seus mais diversificados campos do conhecimento, tais como: física, química, economia, medicina, etc. O objectivo primordial da fundação era, assim como ainda é: estar sempre à frente, inovar e promover o desenvolvimento em prol do bem da humanidade. Com os excelentes resultados e descobertas, ciclicamente obtidos, a fundação colocava-os no mercado de modo a que fossem difundidos e vendiam-nos pelo mundo fora, obtendo, ao longo dos anos, os lucros da capitalização desses investimentos, via a comercialização do *know-how* e, ou, via a obtenção das contrapartidas associadas aos contratos de pagamento de longo prazo directamente indexados aos lucros dos seus clientes. A fundação que era uma *organização* próspera no passado; nos dias correntes, podemos afirmar que tem recursos financeiros quase ilimitados. Os seus estatutos da foram criados de modo a blindar a saída de capital, isto é, os lucros, desde sempre, foram ficando retidos, crescendo, e continuam a crescer, ao capital. A única forma de saída de dinheiro era, e ainda é,

para pagar excelentes remunerações aos seus recursos humanos, ou “capital humano”, como costumava dizer *Sir. Charles*. Ou seja, uma fundação em que o capital pertence à própria fundação.

Dada a dimensão alcançada, no ano de 1910, a *CFK* disponibilizou algum capital para a criação do Banco de Investimento de Londres (*LIB*), com o intuito prestar apoio financeiro aos projectos empresariais de grande potencial. Ainda hoje, continua a operar respeitando esse seu princípio basilar. O *LIB* funciona, claramente, como um banco de investimento, e como sociedade de capital de risco; de modo a financiar, controlar e fiscalizar os projectos que apoia e, posteriormente, sair da estrutura de capital dessas empresas, embolsando o seu capital e cobrando o respectivo prémio de risco.

O princípio de base da fundação consiste em contribuir para o bem da Humanidade. Qualquer actividade que desenvolva ou apoie terá de cumprir esse requisito essencial. A preocupação com tudo aquilo que nos rodeia, tem vindo a aumentar significativamente. Estamos a assistir, nos dias de hoje, a um autêntico “apodrecimento” e distorção dos princípios essenciais do respeito pela dignidade da vida humana, do respeito pelos cidadãos, minorias, sociedades, etnias e organizações. Temos vindo a constatar que vivemos numa sociedade selvagem onde se permitem práticas inaceitáveis, autênticas economias de casino, corrupção activa e passiva, tráfico de influências, pessoas, drogas e até órgãos humanos; governos totalitários e, também, democracias corruptas! Enfim acontecem atrocidades, dia-a-dia, sem que se tomem as medidas e as atitudes concretas, no sentido de resolver, minorar e evitar tudo isto.

Após esta explanação deve entender o porquê da criação da *GONE*. A fundação resolveu criar uma organização, por ela financiada e controlada, com o objectivo ajudar as organizações governamentais a repor a ordem e a justiça. Esta organização funciona como uma agência privada de serviços de inteligência que trabalha secretamente, desde 1971, e demorou alguns anos a implementar o projecto a nível mundial. A agência está apenas associada à fundação e não está sob a alçada de nenhum país ou governo; resumindo, é uma agência privada de serviços de inteligência autónoma e isenta.

O secretismo em volta do trabalho da *GONE*, no fundo, é equivalente ao trabalho que as Agências de Serviços Secretos, dos mais diversos países, desenvolvem quando não podem assumir publicamente certas actividades, sob risco de sofrer consequências políticas nacionais e internacionais. Há muitas operações ilegais que não são passíveis de serem legitimadas formalmente, a lei não permite, mas nada impede que essas operações não se executem. Por exemplo, numa situação de limite, quando se elimina alguém e nunca se apura a responsabilidade de quem executou, muitas das vezes, foi por acção de alguma agência de serviços de inteligência que não assume publicamente a operação. Outra questão relevante. As operações, levadas a cabo pela *GONE*, incidem sobre tudo o que corrói o mundo actual, todavia, não agem directamente contra governos de países e não exercem pressão sobre organizações religiosas; excepto nos casos em que tenha que agir contra alguém que seja membro dessas entidades, e da confiança delas abuse. Atacamos os problemas nas suas origens, ou seja, investigando e combatendo organizações

criminosas e empresas privadas que estejam a agir em prejuízo da sociedade civil.

Com certeza terá ficado surpreendido com o facto de estar a trabalhar no *LIB*, banco pertencente à *CFK*. A abordagem é feita deste modo, e como deve imaginar já o conhecemos muito bem, visto trabalhar no banco há três anos. Contudo, este é o nosso modo de operar e todos os recursos humanos da *GONE* estão ou estiveram a trabalhar em organizações relacionadas com a fundação, tais como o banco, o centro de investigação científica, a companhia de aviação, etc. Neste contexto fica a saber que os agentes operacionais da organização têm um vínculo contratual às empresas associadas à fundação e, dependendo dos casos, acumulam essas funções com a sua actividade de agentes operacionais, reduzindo, muito consideravelmente, o tempo destinado à sua profissão de fachada.

Pretendemos que pondere muito bem a pré-proposta e que no próximo dia oito de Agosto se apresente no *LIB*, em Londres, para tomar conhecimento das contrapartidas financeiras associadas à função e comunicar-nos a sua decisão final.

Sem outro assunto,
Melhores Cumprimentos
Marcel Franz”

6 A DECISÃO DUMA VIDA.

Londres, dia 8 de Agosto de 2010, 8h15. O futuro agente Thomas estava sentado na sala de espera, a um quarto de hora de darem seguimento às formalidades, pois ia assinar o seu contrato com a *GONE* e receber as suas primeiras instruções relacionadas com plano de formação. Thomas já tinha tomado a decisão de aceitar e também já informado a agência acerca da sua decisão, via correio electrónico, um dia antes da reunião.

Pontualmente, às 8h30, tocou o telefone e a secretária atendeu, dizendo-lhe de seguida:

— Sr. Thomas Stewart. Queira fazer o favor de entrar, os senhores, William Berckley e Marcel Franz, aguardam-no.

Thomas levantou-se e entrou na sala indicada. O imponente compartimento ficava numa ala do edifício que supostamente não era utilizada. Encontravam-se na sala, sentados à mesa, Marcel Franz e o Director Geral de Operações que se chamava William Berckley, um homem que deveria ter uns sessenta anos de idade.

— Bom dia. — Saudou Thomas.

— Bom dia Sr. Stewart. Sente-se nessa cadeira, por favor.

Thomas obedeceu.

Sr. William Berckley tomou a palavra, dizendo:

— Antes de mais, gostaria de felicitá-lo pela decisão tomada. Ficamos satisfeitos em acolher, no seio da *GONE*, jovens com o seu potencial. Estou convicto que será um elemento da maior utilidade. Nesta reunião vamos informá-lo, com maior detalhe, acerca do que se seguirá, assim como das condições base e contrapartidas financeiras associadas às funções de um agente operacional. Durante os próximos dois anos receberá formação através de um curso bastante completo, exigente e intenso. O curso designa-se: *Humint Master (human intelligence master)*. Quanto às condições de base, a cada agente, são propostas as seguintes: disponibilização de um apartamento, tipologia T2, em localização à sua escolha, dentro dos imóveis que temos disponíveis no nosso *portfólio* de investimentos imobiliários; um ordenado mensal de € 25.000.00 ao qual é adicionado um generoso prémio de risco paga anualmente, actualizável anualmente; um cartão de crédito para pagamento de combustíveis, qualquer despesa de viagem como, por exemplo, estadias em hotéis e passagens aéreas; um cartão de seguro de saúde; um *laptop* com serviço seguro de banda larga; um telemóvel tipo *pc-pocket*; uma viatura automóvel e uma moto. Findo o período de curso, serão redefinidas as condições financeiras para outro patamar. As suas funções no banco serão suspensas durante o primeiro ano da formação porque a carga e os níveis de exigência não comportam acumulação das duas actividades. O curso é de teor teórico-prático e obrigará a bastantes viagens. De forma sucinta, posso adiantar-lhe que a preparação é equiparada à formação de um agente secreto convencional, inclusive, terão formação em áreas relacionadas com a segurança de uma nação, apesar de não ser previsível que venham a ter missões desse tipo no futuro. No entanto, vão pisar um terreno onde poderão vir a cruzarem-se com esse tipo de agentes e devem estar preparados para todos os cenários previsíveis e imprevisíveis. O curso começa daqui a uma semana, por consequência, sugiro que aproveite bem os próximos dias para se reorganizar e escolher a sua residência. Desejamos-lhe a melhor sorte.

— Obrigado, assim farei. — Retorquiu Thomas.

Entretanto, despediu-se e saiu.

Nessa mesma tarde, procurou ver os imóveis disponíveis e teve a sorte de encontrar um apartamento do seu agrado, tipo duplex, pertíssimo da *GONE*, num prédio que pertencia, na sua totalidade, à fundação. A partir daquele momento pode trocar para um apartamento melhor localizado, sem custos a seu cargo e, naturalmente, aproveitou os benefícios desse privilégio. O duplex era fabuloso, equipado com uma cozinha moderna e funcional, uma suite e um quarto/escritório. O espaço irradiava imensa luz natural devido às janelas amplas, e o pavimento de madeira maciça também era muito atractivo. A localização, por sua vez, excelente, ficando entre Chalk Farm e Camden Town, apenas a dois passos do Regents Park, Belsize Park e de St. John Wood, simultaneamente, beneficiando de um rápido acesso à Baker Street & Marylebone.

Nessa semana, Thomas aproveitou para se ambientar a Londres; uma cidade que o fascinava dada a sua história, a sua beleza arquitectónica, a sua grande diversidade de espaços culturais e os seus majestosos parques naturais.

Londres, 15 de Agosto de 2010, 8h30m. Conforme agendado, Thomas chegou pontualmente às instalações da *GONE*.

Na sala de espera, além dele, encontravam-se mais cinco jovens: Olivier Dupont, francês; Karl Hoffmann, alemão; John Smithson, inglês; Greta Herrera, espanhola e Erika Viken, norueguesa. Os agentes recrutados, nesse ano, tinham sido divididos em dois grupos.

A porta da sala abriu-se e entrou Marcel Franz, dizendo.

— Bom dia! Sejam Bem-Vindos à *GONE*. Vejo que estão todos presentes. Hoje de manhã, vamos debruçar-nos sobre o plano de curso. A D. Mary Wells entregou, a cada um de vós, um dossier que contém a informação detalhada do plano de formação; com certeza, já tiveram oportunidade de dar uma vista de olhos.

Como podem imaginar, os próximos dezoito meses serão bastante intensos, e no final deste curso estarão aptos para qualquer tipo de operação, quer no terreno, quer nos bastidores. Hoje vamos aproveitar para conhecer as nossas instalações.

As instalações da *GONE* localizavam-se num prédio que ficava dentro da propriedade onde também estava sediada a fundação. Onde, para todos os efeitos, a agência não existia. Cada pessoa que entrava naquelas instalações, supostamente, estaria a visitar ou a trabalhar na fundação ou no *LIB* cuja delegação, no Reino Unido, ficava localizada naquele complexo.

O enquadramento da propriedade impressionava a qualquer um. A fundação detinha a propriedade de um parque todo vedado, com muros de 2,5 metros de altura, num terreno rectangular que ascendia aos vinte hectares, em pleno centro de Londres. O único acesso correspondia ao do palacete frontal, dotado de uma magestosa magnitude. De frente, visualizava-se um grande portão gradeado e uma portaria com serviço de segurança; por detrás do portão era possível visualizar um pátio rectangular, pavimentado com calçada em pedra, entre o edifício principal e a portaria e nesse mesmo pátio existiam duas rampas: uma do lado direito, de acesso e outra, do lado esquerdo, de saída. As rampas faziam a ligação a um piso subterrâneo. Aí existia um parque de estacionamento, gigantesco, cuja dimensão permitia o estacionamento de duzentas viaturas. Por detrás do edifício principal, que tinha três pisos de altura, existiam seis construções contemporâneas, e todas ascendiam ao limite da cota da construção antiga. Esses blocos tinham, portanto, três pisos acima da cota soleira e mais três abaixo da mesma, perfazendo um total de seis pisos. Dois dos blocos tinham um piso subterrâneo adicional. No miolo, existia um jardim frondoso e encantador, cujo acesso se fazia, apenas e só, pelo interior das construções. No terreno sobrance, entre os muros e o perímetro exterior das construções, ficava o denso bosque. Era uma rica propriedade, dotada de uma beleza encantadora.

As instalações da *GONE*, correspondiam ao bloco posterior, os quatro blocos laterais estavam afectos aos diversos centros de investigação, e no palacete frontal estava, já desde a data da sua constituição, a sede da Fundação e o *LIB*, posteriormente, passou a ocupar toda a ala esquerda do edifício.

Para aceder à agência, obviamente, entrava-se pelo parque de estacionamento, descia-se ao piso -3, onde se encontravam dois acessos, um de saída e outro de entrada; ambos obrigavam a uma leitura óptica das matrículas (via um *chip* integrado) que abria os portões, em betão aparente maciço, dando acesso aos corredores que, por sua vez, desciam para o quarto piso subterrâneo, localizado debaixo dos blocos posteriores.

A visita ao empreendimento começou. Até então, tinham desde sempre sido sempre recebidos, na ala direita do palacete, num salão de reuniões. Além do acesso subterrâneo, existia um acesso directo do palácio que era feito através de um elevador localizado numa zona do átrio central da ala direita do edifício. Esse elevador descia ao subsolo, dando acesso a um corredor passadeira encastrado num túnel blindado. No final encontrava-se uma porta, igualmente blindada, que abria mediante a digitação de um código após a introdução de um cartão de crédito do *London Investment Bank*. O que aparentava ser um simples cartão bancário funcionava, em simultâneo, como cartão de acesso às instalações da agência. Para usá-lo, com essa função, digitava-se um segundo código, que não coincidia com o código utilizado para as transacções bancárias comuns.

Os “*Dragons*”, nome atribuído ao grupo de novos agentes, estavam fascinados com tudo, e davam início à visita guiada às instalações secretas da *GONE*, assim como às suas carreiras secretas.

O anfitrião começou por informá-los.

— Meus senhores, irão receber, daqui a pouco, o vosso cartão de crédito que deverá ser utilizado acompanhado do código chave, quer no elevador, quer nesta porta. E procedeu à operação descrita, para exemplificar, abrindo a imponente porta que tinha trinta centímetros de espessura. Após trespassá-la, entraram para um lobby, revestido com madeira de carvalho francês e observaram o mais incrível: um tecto em vidro opalino, do qual irradiava uma luminosidade natural. Não dava a sensação de se estar no subsolo. O lobby tinha um pé-direito duplo e depois da porta, atrás deles, encerrar automaticamente; o chão moveu-se no sentido de ascender um piso. Quando parou, depararam-se com três corredores, um à esquerda, outro à direita e, por fim, um central. Cada um deles deveria ter quatro metros de largura. Ao longo dos corredores iam surgindo portas que davam acesso aos mais diversos departamentos e a meio, de cada um dos corredores principais, havia um elevador que permitia aceder aos pisos superiores. A visita foi-se desenrolando. Não acederam a todas as zonas, obviamente, mas tiveram a oportunidade de ver as secções com as quais iriam ter contacto no decurso da formação. Na verdade, algumas das áreas não eram de acesso livre. As secções que visitaram foram as mais diversificadas salas de aulas e de conferência, a oficina de mecânica automóvel, as salas de simuladores, o centro informático, a

biblioteca, o restaurante, o *Health Club & SPA* e a clínica médica. Às outras zonas, só fazia sentido aceder após a graduação, isto é, quando entrassem no activo.

Após finalizada a visita, o orientador, Marcel Franz, conduziu o grupo para a sala adjacente à recepção e entregou dois envelopes a cada agente. Um contendo uma chave e documentos de um automóvel e duma moto, e outro com um cartão de débito, um de crédito, mais os respectivos códigos necessários para utilização dos mesmos. A um dos cartões, ao de crédito, estavam associados dois códigos, sendo um deles a chave de acesso às instalações.

De seguida, dirigiram-se em direcção à garagem, cujo acesso se fazia pelo mesmo elevador que utilizaram aquando da entrada no edifício, só que, em lugar de usarem a porta do lado esquerdo, de acesso ao túnel, utilizaram a do lado direito. Essa, sim, permitia o acesso à garagem. Quando entraram na garagem, depararam-se com os automóveis e com as motos. Aquando da reunião da semana anterior cada agente pode, dentro de leque de opções, escolher um carro e uma moto da sua preferência. Thomas tinha optado por um *Mercedes SLS AMG Coupé*, cinza antracite. Um bólido equipado com um motor V8 de seis litros. Além disso, também escolheu uma *Ducati 846 EVO*. Uma das vantagens da profissão era usufruir do privilégio de escolher um carro e uma moto de gama alta. Um luxo que era, simultaneamente, uma necessidade, pelo simples facto de um agente operacional estar, a qualquer momento, sujeito a situações iminentes de fuga complicadas e, ou, de perseguição; como tal, a eficiência do meio de transporte pode fazer toda a diferença, entre sobreviver ou não!

Marcel Franz despediu-se dos seus novos agentes quando o mostrador do relógio marcava 18h30m. Cada um deles entrou na sua viatura e arrancou em direcção ao túnel, do lado direito, seguindo as indicações de saída. O túnel, que tinha 6 metros de largura, subia, em rampa, para o piso -3 e, percorrida a distância, abria-se a grande porta, revestida a betão aparente, concedendo o acesso ao parque geral. Contudo, quando alguma viatura estava a sair ou entrar, não se conseguia ver, pois a parte do piso -3 era interdita, rigorosamente vigiada e, além do mais, resguardada por meio de barreiras metálicas. Desse modo, impossibilitava que se percebesse a existência de algum acesso adicional.

Thomas ficou fascinado com o *SLS*, o fabuloso bólido era um desportivo de eleição. Além de ser um carro com um motor poderosíssimo, valia-se dum interior extremamente atractivo; os estofos e outras partes, revestidos a pele de côr camel, e outros demais detalhes em alumínio reforçavam o carácter desportivo daquela deslumbrante máquina germânica.

Entretanto, a circular pelas ruas de Londres.

Os outros colegas seguiam-no pelas ruas de Londres. A direcção tomada apontava no sentido da zona de Westminster, pois tinham combinado jantar em grupo para se conhecerem melhor. Afinal iam permanecer inseparáveis durante os próximos vinte e quatro meses! O percurso até ao restaurante era curto, dado que a fundação ficava inserida na zona de Chelsea. Thomas optou por seguir pela rota adjacente ao Rio Tamisa. A paisagem urbana, com o cair da noite, era esplêndida, e o efeito da luz

artificial, junto do rio, resultava fascinante. Em poucos minutos chegaram a Westminster e depois de estacionarem os carros, dirigiram-se ao ponto de encontro; um restaurante italiano muito agradável. Um dos locais usualmente frequentado por Thomas.

— Boa noite, Senhor Stewart. A sua mesa é aquela, junto da janela. — Explicou o gerente, enquanto os conduzia à mesa reservada.

— Boa noite, meu caro Jules. Obrigado, reservou-nos o meu lugar predilecto. — Agradeceu Thomas, com cordialidade.

— Espero que também seja do agrado dos seus convidados. Aqui têm a carta Sr. Stewart. À vossa disposição. — Falou o empregado educadamente.

— Bom pessoal; sou eu quem espera que seja do vosso agrado. Vão comprovar que a comida é óptima. — Disse Thomas, animado.

— O aspecto é excelente! — Comentou Erika. — E todos concordaram.

As cervejas e os aperitivos começaram a decorar a mesa. E o grupo começou a soltar-se. O serão prometia!

— É um dos meus restaurantes preferidos. — Afirmou Thomas, e explicou porquê. — Enquanto estudei em Oxford, pude explorar Londres aos fins-de-semana. Ao longo desses três anos apaixonei-me, quase que literalmente, por esta metrópole.

— É por teres bom gosto meu caro. Eu também sou frequentador desta casa e, como cidadão natural de Londres, felicito-te pela escolha. Nós ficamos orgulhosos e satisfeitos com o que a nossa cidade nos proporciona a nós e a todos os que a visitam ou passam a habitá-la. — Disse John, orgulhoso.

John era um homem de bom porte e expressava-se com uma simpatia contagiante. Um caso clássico de um homem educado e com muito charme.

Fizeram os pedidos e comeram a bela refeição que estava deliciosa, por sinal. Optaram pelas anti-pastas, pelas pastas, e escolheram acompanhar a refeição com um belo *Chianti*. Mais tarde, engrenaram na sangria para continuar e para o resto do serão. Aproveitaram aquele momento para se darem a conhecer uns aos outros e verificaram que havia muito em comum, os percursos académicos irrepreensíveis, o gosto por actividades desportivas, etc. Notava-se, claramente, que a *GONE* os tinha escolhido a dedo: John tinha cursado em França, no Insead; Karl na Alemanha, na University of Munique; Greta e Olivier nos Estados Unidos, ambos em Stanford; e Erika na Holanda, na Utrecht University.

O que constituiu surpresa para todos foi o nível de Thomas em artes marciais; todos tinham formação em combate, mas nenhum alcançara, nem de longe, nem de perto, o seu patamar tão elevado.

A noite prolongou-se um pouco até que decidiram ir descansar. No dia seguinte começava a dureza. No caminho de casa, Thomas pensou no desafio assumido e na ironia da vida. Aquilo que, desde cedo, sonhara ser acabou por se concretizar, mas, a realidade, superava todas as suas expectativas. Afinal,

ainda existiam pessoas que se preocupavam com o mundo, aquela que, na sua opinião, era a mais nobre forma de altruísmo. A fundação tinha uma história fascinante, assim como um protagonismo assinalável no desenvolvimento do globo e, paralelamente a isso, um sentido de obrigação face à protecção do mesmo, acima de quaisquer interesses particulares ou colectivos. A instituição era uma obra deveras impressionante e ele passava a ser, orgulhosamente, um membro integrante daquele projecto.

Após chegar a casa adormeceu a pensar no programa do curso que começaria no dia seguinte.

7 A FORMAÇÃO.

O curso teve um ritmo muito intenso. Os formadores eram indivíduos que detinham conhecimentos profundos acerca das matérias leccionadas. A *GONE*, de facto, disponha de um corpo docente muito completo e bastante consistente.

A formação foi estruturada como a de alguns serviços de inteligência dos países mais desenvolvidos. Aliás, a designação *HUMIT Master* significa especialização em inteligência humana, que é o termo geralmente utilizado neste tipo de organizações. A grande e quase única diferença residia no facto da agência ser independente de qualquer nação e de ter por principal fim, a protecção de todo e qualquer país das ameçadoras organizações mafiosas. Um aspecto em que a agência procurava não intervir relacionava-se com a área da defesa nacional dos países onde operava clandestinamente. Apenas observava o assunto para efeito de informação e evitava envolver-se nesse tipo de questões.

O programa de formação e treino, além de bastante abrangente, caracterizava-se por ser também muito exigente, quer no plano teórico, quer no plano físico. As disciplinas de teor teórico subdividiam-se do seguinte modo: técnicas de infiltração e de dissimulação (técnicas essas muito importantes e arriscadas); técnicas de escutas, telecomunicações e interceptação de informação; técnicas de invasão e assalto; técnicas de transmissão de informação; técnicas de contra-informação; operações clandestinas de espionagem; formas e métodos de esconder informação; técnicas de vigilância e de contra-vigilância (electrónica e humana); técnicas de interrogatório; técnicas de troca informação e de desinformação. Por sua vez, as disciplinas de teor prático, subdividiam-se em várias vertentes: artes de combate corpo a corpo; métodos de assalto; sobrevivência em meios adversos; armas brancas e de fogo, tiro de curto e de longo alcance; condução desportiva (motos, carros e barcos); pilotagem de aeronaves; pára-quedismo; alpinismo; esqui; natação e mergulho. A formação prática desenrolou-se nos cenários adequados à mesma. As técnicas de combate, corpo a corpo, incluíam, também, a utilização e o manuseamento de outros objectos para além das armas. Quanto à condução desportiva foi ensinada e praticada em diferentes pistas, designadamente: em piso de asfalto, terra e neve. A *GONE* tinha como instrutores: um ex-piloto de *WRC*, um piloto de testes de *F1* e um ex-piloto de motos da categoria de 500 cc. Foram

desafiados todos os limites: em Itália, nos troços do Rally da Córsega; na Finlândia, também nos troços das provas internacionais de Rally; e, em Inglaterra, no circuito de Silverstone. O esqui foi praticado em Cortina, sendo o treinador um ex-profissional da modalidade. Este cenário também serviu para a prática de alpinismo e de pára-quedismo. Por sua vez, a formação em pilotagem de aeronaves realizou-se numa empresa privada pertencente ao *LIB*.

A formação foi longa, exaustiva e extremamente dura. Os formadores eram dos melhores especialistas em cada uma das áreas leccionadas. A *GONE* apresentava, de facto, um corpo de excelentes instrutores. No que respeita, por exemplo, aos assuntos de espionagem, os formadores eram ex-espiões de várias nacionalidades que estavam aposentados. Os formandos tinham pela frente pessoas com muita experiência, quer teórica, quer de terreno. Por sua vez, as disciplinas práticas, como por exemplo o combate, os mestres eram japoneses peritos em artes marciais e, adicionalmente, instrutores ex-militares de tropas especiais oriundos dos mais diversos países. A *GONE* recrutara os melhores em cada área de intervenção.

8 O DOSSIER POLÉMICO.

A paisagem marítima da Riviera Francesa é de uma beleza divina, ao largo da encantadora costa verde, cuja combinação da flora com o mar mediterrâneo, conjuntamente com um estilo urbano riquíssimo, resultam num cenário edílico. Foi aquele o destino escolhido por Thomas para as suas mini-férias. Um total de doze dias de repouso para recuperar dos dois anos mais desgastantes vividos até àquela data. Havia sido um longo período, surreal, repleto de informação e de acção; de tal forma desgastante, a um extremo que ele nunca teria imaginado. Dois anos cronometrados ao segundo e com níveis de adrenalina altíssimos. A opção para desfrutar aqueles dias, de merecido descanso, recaíra sobre Nice, onde a temperatura média anda entre os 28 e os 32 graus com a água do mediterrâneo quase morna, fora uma excelente escolha, pois, além do requinte global, o ambiente da costa, também, era muito interessante.

Aquele era o seu último dia de férias. No final da tarde, estava aquele sol magnífico a despedir-se dele quando, subitamente, o seu telemóvel vibrou; o que implicava a entrada de um *SMS*. Calmamente, ainda sob o efeito do ritmo de férias, pegou no aparelho, digitou um código de segurança e consultou a mensagem que dizia o seguinte:

“Boa tarde Thomas, espero que se encontre bem e que tenha descansado nestas férias mais do que bem merecidas. Na próxima segunda-feira deverá comparecer na agência, às 7h30m. Assunto: Anestesia Fatal Op”

Encerrou a mensagem e, de seguida, ao regressar ao menu anterior, a mesma apagou-se

instantaneamente.

Desfrutou o resto do dia, terminando com um jantar tardio que estava delicioso. Dado que, aliada à excelente gastronomia, corria uma brisa suave e relaxante. Thomas aproveitou também para, no fim da refeição, pedir um conhaque francês e foi bebê-lo no terraço exterior. Queria contemplar o oceano e reflectir um pouco.

«Bom, daqui a trinta e seis horas entro no activo. Veremos o que me reservaram. Oxalá seja uma operação importante. Estou com uma vontade enorme de começar a trabalhar, de dar o meu contributo.» Pensava Thomas.

No dia seguinte, o regresso a Londres foi rápido. O avião aterrou no Heathrow Airport à uma hora da tarde, de Domingo. Thomas chamou um táxi; chegou a casa; desfez a mala; desceu à garagem; montou a Ducati e saiu. O tempo convidava a dar um passeio de mota, visto estar um dia óptimo, e ele queria aproveitar as últimas horas de férias até ao último minuto, pois aproximavam-se tempos de grande actividade. Tomou a direcção de Southampton, pois apetecia-lhe comer peixe fresco e perfez os cento e trinta quilómetros, que separam as duas cidades, em apenas quarenta e cinco minutos. A cidade costeira de Southampton é um destino quase obrigatório para os apreciadores de bom peixe e Thomas seguiu em direcção àquele que era o seu restaurante predilecto, o “Oxfords”, onde se acomodou e presenteou com um belo misto de peixe.

O regresso a Londres foi alucinante. De noite, o fluxo de tráfego tornava-se bastante mais reduzido e com a estrada livre, a Ducati, deu tudo que tinha, mesmo tudo. Thomas aproveitou para testar o sistema de navegação *GPS*, com alta voz no interior do capacete, que o departamento técnico instalara no seu Iphone que era inovador e muito funcional. O telemóvel conectava, por *bluetooth*, com o capacete e dava-lhe as indicações. Assim, Thomas recebia a informação do percurso, detalhadamente, em sistema estereofónico, via o sistema áudio do capacete. O sistema dizia-lhe, com exactidão, por exemplo, qual o ângulo de cada curva, permitindo-lhe conduzir no limite.

Nessa noite, após ter comido divinalmente e ter libertado a adrenalina, deitou-se e “dormiu a correr”, pois estava ansioso para conhecer os detalhes da operação.

Eram sete horas e trinta minutos. Thomas chegou à estação central, como sempre pontual, e dirigiu-se à “Sala M”. Poucos segundos depois, entrou o Marcel Franz e cumprimentou-o, bem-disposto. Todavia, trazia o rosto compenetrado e ligeiramente tenso. O assunto a tratar era muito sério.

— Bom dia Thomas. Com certeza, como é seu hábito, tem acompanhado as notícias. Sei que cultivava esse bom costume.

— Tenho sim, mas a que tipo de notícias se refere em concreto? — Perguntou Thomas, calmo como sempre.

— No mês passado, a imprensa americana publicou uma notícia que despertou a nossa particular atenção, pois, da forma como a notícia foi divulgada e posteriormente abafada, tudo leva a crer que o

problema tem uma dimensão muito maior. Indo directamente ao assunto: uma cidadã norte-americana processou a Rochelle Health Clinic por lhe terem retirado um órgão, mais concretamente um rim, enquanto lhe faziam uma cirurgia do âmbito cardiovascular. — Informou Marcel Franz.

— Ah! Como? — Exclamou Thomas, incrédulo com o absurdo que acabava de ouvir.

— Exactamente isso que ouviu. A D. Elisabeth Logan foi internada para resolver um problema relacionado com o coração e saiu bem mais leve. Roubaram-lhe um rim! — Reiterou Marcel Franz.

— É inacreditável! — Exclamou Thomas.

— Macabro! Ela só descobriu porque após passados dois anos da cirurgia, efectuou um check-up, noutra clínica, e na sequência de uma eco-grafia foi questionada acerca do facto de apenas ter um rim. O trabalho do médico que lhe fez a cirurgia fora bastante meticoloso, pois fizeram-lhe uma correcção plástica para que ela não percebesse. — Explicava Marcel Franz.

— É de loucos! — Bradou Thomas.

— Mas, o mais inacreditável foi ela, logo após ter instaurado os processos, ter emitido um desmentido público e ter, também, cancelado as acções legais, sem explicar bem os motivos da desistência. — Continuava Marcel Franz.

— Mas se assim é, qual será o nosso papel nesta história? Deduzo que a “Anestesia Fatal Op” esteja relacionada com este assunto; correcto? — Perguntou Thomas, em molde de afirmação.

— O nosso objectivo vai muito mais além do que deste caso isolado, vamos aproveitá-lo, como ponto de partida, para lançar uma operação de maior dimensão. O problema do tráfico de pessoas, órgãos e tecidos, tem vindo a preocupar-nos bastante. Temos vindo a estudar este problema que tem escala mundial, tendo como agravante o facto dos mais diversos países terem uma legislação muito pouco desenvolvida e ineficiente, facilitando a vida a este tipo de crime organizado. Para que tenha uma noção da dimensão do problema, posso-lhe dizer que este tipo de tráfico é o terceiro maior a nível mundial, logo a seguir ao tráfico de armas e de drogas. A *GONE* vai começar a atormentar este tipo de criminosos, nesse sentido vai persegui-los e agir de modo implacável. Se os Governos não podem ou não conseguem, seremos nós a perseguir os cabecilhas destas máfias e levaremos tudo até às últimas consequências. Entendemos que é gravíssimo e repugnante, como tal, devemos agir. Está em causa o respeito pela dignidade da vida humana. — Explicava Marcel Franz.

— A operação será muito complicada. Imagino a existência de inúmeras organizações distribuídas pelo mundo, sabe-se lá por onde?!... — Comentou Thomas.

— A operação será faseada. Ao pegarmos num caso conhecido e actual, como este que agora mesmo referi, começaremos a investigar do fim para o início da cadeia, assim poderemos, provável e rapidamente, descobrir ligações adicionais. — Falou Marcel Franz.

— Okey. Compreendo. A base da investigação, do lado da oferta criminosa, acabará por estar, inevitavelmente, ligada à procura.

— Para já, e para começar, vamos averiguar se este cirurgião agiu isoladamente ou se a Rochelle Health Clinic está envolvida. Será uma clínica de fachada que tem como principal actividade a realização de transplantes ilegais? Veremos. — Explicou Marcel Franz.

— Pelo menos já se pode deduzir que, além deste médico, estarão envolvidos enfermeiros, anestesista e seguramente outro cirurgião, mais concretamente, o responsável pela cirurgia plástica. — Deduziu Thomas.

— Correcto Thomas, mas será um grupo dentro da Rochelle Health Clinic? Quantos transplantes farão por ano? Enfim, muito em breve descobriremos. — Disse Marcel Franz.

— Parece-me absurdo, terem corrido tantos riscos! — Comentou Thomas, admirado face à imprudência absurda daqueles médicos.

— Perante semelhante risco de exposição pública, deduzo, sem margem para dúvida, que estivesse muito dinheiro em jogo. O beneficiário será com certeza alguém muito poderoso e ou com muito dinheiro. Só assim se pode tentar compreender o risco corrido. — Concordou Marcel Franz.

— Mesmo assim, estou intrigado! — Falou Thomas, abanando a cabeça.

— Recomendo-lhe muito cuidado. — Disse Marcel Franz e continuou. — Estes mafiosos, quando se sentem ameaçados, são capazes de tudo; além disso, para termos sucesso, temos que usar de muita paciência. Muita atenção! Se queremos chegar à origem, ao ninho deles, não devemos permitir que descubram que estão sob investigação.

— Compreendo e concordo, terei todo o cuidado. — Disse Thomas, que continuava com um olhar incrédulo.

— Bom, por agora é tudo. Pegue nesta *pen drive*, a partir de ela poderá aceder a um dossier electrónico. Lendo-o, atentamente, ficará mais enquadrado como o caso e também com o tema do tráfico numa perspectiva global. — Acrescentou Marcel Franz.

— Quanto mais informação e mais conhecimento acerca do problema, melhor. — Sublinhou Thomas.

— Deverá viajar de imediato para os Estados Unidos, já amanhã bem cedo. Temos o seu passaporte pronto e, para todos os efeitos, irá trabalhar na filial de Nova Iorque do *LIB*, suspostamente desempenhando a função de Analista Internacional. Na realidade, apenas irá dedicar ao banco uma parte insignificante do seu tempo, como pode imaginar. — Explicou Marcel Franz.

— Perfeito. Procurarei visitar o banco com a regularidade necessária de modo a evitar qualquer tipo de suspeição. — Assentiu Thomas.

— Isso é inevitável. A *GONE* tem a sua estação, dos Estados Unidos, sediada em Nova Iorque, mais precisamente, no edifício do banco. Desejo-lho boa sorte. — Despediu-se Marcel Franz.

— Obrigado chefe. — Agradeceu Thomas, enquanto se levantava.

A missão estava formalmente atribuída. Após sair da sala M, Thomas dirigiu-se aos serviços administrativos para levantar a documentação, onde lhe entregaram dois passaportes, o seu e um fictício para usar em certas e determinadas situações. Logo de seguida, foi para casa para preparar a mala e quando entrou na garagem, encontrou-a vazia. O *SLS* já tinha sido enviado para os Estados Unidos e, conforme lhe tinham dito nos serviços de logística, estaria aparcado no parque de estacionamento do aeroporto; estava tudo rigorosamente organizado.

Depois de tudo preparado, ligou o seu computador portátil, introduziu a *pen drive*, estabeleceu a ligação à *internet*, clicou no ficheiro denominado “Anestesia Fatal Op” e foi direccionado para o servidor da *GONE*. Aí, introduziu a sua palavra passe e o conteúdo encriptado foi decodificado automaticamente.

No ficheiro estavam informações acerca da paciente americana, tais como: nome completo, caracterização do seu agregado familiar, endereço da sua residência, números de contacto, endereço de correio electrónico e, por fim, o nome e endereço da empresa onde ela trabalhava. Além disso, também constavam informações a respeito da clínica e do médico objecto alvo da investigação, cópias das notícias publicadas na imprensa, assim como alguns anexos com informação e uma análise global da temática do tráfico de órgãos e tecidos humanos. O conteúdo informativo fazia referência aos mais diversos casos que a imprensa internacional tinha vindo a publicar ao longo dos últimos anos, notícias e histórias medonhas, nomeadamente: tráfico de sangue extraído, à força, a pessoas internadas em hospitais, assassinatos de doentes com o objectivo de extracção dos seus órgãos; referência a negócios de compra e venda de órgãos em que os vendedores dos órgãos, oriundos de populações onde a predominava a miséria, recebiam quantias de dinheiro insignificantes; ocorrências chocantes de venda de cadáveres a universidades privadas para efeitos de estudos científicos, obtidos com o recurso ao extermínio de vagabundos; anúncios de imprensa onde pessoas, em desespero de causa própria, colocavam à venda órgãos por valores mais baixos que o preço, por exemplo, de um automóvel usado; corrupção envolvendo penitenciárias, das quais desapareciam prisioneiros que na realidade não se tinham evadido, mas sim por alguém executados para, de seguida, serem entregues a mafiosos que os comercializavam por fracções; extracção de órgãos para pagamento de dívidas de jogo e, para terminar a síntese, referências a agências que se dedicavam a um turismo muito peculiar que envolvia, no contexto de uma viagem turística, a realização de transplantes, com as despesas de transporte, internamento, cirurgia e órgão, agregadas, como de um destino turístico vulgar, em regime de tudo incluído, se tratasse.

Os ponteiros do relógio marcavam 19h30 quando o telemóvel tocou. Era a Erika — Olá Thomas, está tudo bem? — Perguntou, energeticamente.

— Tudo em ordem Erika. Que tal as férias, já regressaste? — Perguntou Thomas.

— Já. Cheguei ontem, e tu? — Retorqui Erika.

— Também, foram doze dias óptimos para recarregar as baterias. — Disse Thomas.

— Podes crer. Eu estava exausta, estes dias de descanso foram realmente preciosos. — Acrescentou Erika.

— Então, por onde andas? — Indagou Thomas.

— Estou em casa, acabei de tomar um duche e preparava-me para sair. — Respondeu Erika.

— Eu também estou por casa. — Falou Thomas.

— Liguei para te desafiar para jantar fora, alinhás? — Convidou Erika.

— Ah! Alinho, claro que alinhó. Só preciso de uns minutos para tomar um duche. — Aceitou Thomas. — Já tens alguma ideia em mente?

— Sim. Se estiveres de acordo, gostava de ir a um japonês. — Respondeu Erika.

— Perfeito, deixa que eu reservo a mesa e daqui por meia hora pego em ti. — Disse Thomas.

— Está bem, quando chegares dá-me um toque para o telemóvel que eu desço.

— Perfeito, então um beijo e até já.

De seguida, Thomas enviou-lhe uma mensagem a informá-la que iria de moto, não fosse a Erika vestir uma saia ou um vestido. Não que isso não a favorecesse, pois era uma mulher extremamente atraente e elegante, mas de moto não seria nada prático, nem conveniente.

Erika apareceu. Linda! Mostrando o seu sorriso encantador e disse:

— Estou cheia de saudades, dá-me um beijo.

— Olá boneca! Eu também — Retorquiu Thomas. — E cumprimentaram-se calorosamente.

A mulher que ele tinha pela frente era alta, dotada de um corpo atlético, no entanto, exibia uma silhueta feminina perfeita, de contornos bem definidos, tom de pele moreno, cabelo louro, de ondulação natural, e uns olhos azul-turquesa rasgados. Uma mulher possuidora duma beleza de cortar a respiração.

Saltou para a Ducati colando-se às costas de Thomas e, após colocarem os capacetes, arrancaram. A boneca da Holanda, como ele lhe chamou quando a viu pela primeira vez, adorava andar de moto à pendura dele. A condução segura e veloz de Thomas deixava-a fascinada. Aliás, durante formação, tinha sido notória a superioridade dele, comparativamente com os outros colegas, no domínio dos veículos de duas rodas. Era como se a moto e ele fossem apenas um.

Após terem arrancado, Thomas sentiu as coxas dela apertarem a sua anca e a parte superior das suas pernas. Aquela forma peculiar de o agarrar, com uma pressão adicional ao normal, era uma forma subtil de lhe transmitir o seu calor humano. Desde o primeiro dia que se viram, sentiram uma faísca recíproca, todavia, fizeram de tudo para, a todo custo, conterem essa atracção. Apesar disso, algo de inevitável estaria para acontecer e não tardaria muito, pois, com o curso terminado, o contexto era completamente diferente. Não corriam o risco de se desconcentrarem e de serem indiscretos. Ambos sentiam e pensavam o mesmo; havia, entre eles, uma química muitíssimo forte.

A viagem não foi longa. Demoraram uns quinze minutos, no máximo, até chegarem ao restaurante.

Thomas tinha reservado uma mesa numa parte da sala mais recolhida. Aquele restaurante transmitia uma aura intimista que, aliada ao som de fundo, proporcionava a criação um clima perfeito para um jantar romântico.

— Já conhecias este espaço? — Perguntou Thomas.

— Não. É muito giro, realmente tem uma decoração única. — Disse Erika, agradada com o espaço.

— E podes ter a certeza que vamos comer muito bem, respeitando a regra e sentando no chão. Aqui não existem cadeiras. Seguiremos a tradição oriental e sentaremos no chão, naquelas almofadas super confortáveis — Explicou Thomas, apontando para a zona onde se iriam sentar.

— Para mim está perfeito. Este restaurante não é japonês! — Exclamou Erika, quando se apercebeu disso.

— Tens razão, é Tailandês. Aliás, um dos melhores que conheço e olha que já comi em alguns muito bons. Vais adorar! — Esclareceu ele.

— É uma novidade, mas eu adoro surpresas Thomas!

— A gastronomia tailandesa é, na minha opinião, superior à japonesa. Agradam-me as duas, no entanto prefiro a tailandesa. — Disse Thomas.

— Já conheces há muito tempo? — Questionou Erika.

— Japonês? Desde os cinco anos. No dia em que comecei a praticar Ninjutsu, o meu pai levou-me a um restaurante japonês. Quanto à culinária tailandesa, conheço-a desde a adolescência. — Explicou Thomas.

— Praticas desde os cinco anos? — Perguntou Erika, não disfarçando a surpresa.

— Sim, já lá vão muitos anos de dedicação. — Confirmou Thomas.

— Agora percebo! — Atirou Erika.

— Como? Percebes, o quê? — Questionou Thomas.

— No curso, fiquei impressionada e não fui só eu, pois estávamos todos pasmados ao vermos o teu domínio em artes marciais. Bem sabes que foste o único a conseguir derrotar os instrutores! — Lembrou Erika.

— Derrotei, mas também fui derrotado. Um deles era muito forte, lembras-te disso com certeza?

— Sim claro que lembro. Tu foste derrotado pelos instrutores e um grupo. Embora todos tenhamos um nível elevado, ficou evidente que, quer tu, quer eles, pertencem a outra dimensão. — Disse Erika.

Realmente a performance de Thomas, durante a preparação em artes marciais e manuseamento de armas brancas, impressionou os instrutores. Chegaram ao ponto de afirmar que ele seria o agente melhor preparado para enfrentar qualquer tipo de confronto no futuro. Um dos instrutores classificou Thomas como sendo um exemplo de alguém que tinha um controlo natural, uma grande capacidade de abstracção em relação à dor e reacções puramente instintivas em combate.

O ambiente do restaurante era inspirador. Thomas via nos olhos da Erika, mais do que admiração, via uma atracção forte e ela via reflectido o mesmo sentimento nos dele.

Encontravam-se sentados, nas fantásticas almofadas, quando Erika murmurou — Acho melhor seres tu a pedir. Para mim, isto é completamente indecifrável! — Ao que Thomas respondeu — Estás em boas mãos, deixa que eu tratarei de ti como bem mereces.

O jantar estava delicioso, Erika gostou bastante daquela culinária oriental e deu-lhe especial prazer a companhia dele. Como seria de esperar confessaram-se e o clima aqueceu, o que levou, inevitavelmente, ao culminar numa noite inesquecível. Thomas não só levou a sua companheira a casa, como também lá ficou até de madrugada. Às cinco horas da manhã despediram-se, apaixonadamente, sabendo que durante os próximos tempos não se iriam ver. Ambos tinham sido destacados para operações distintas, acerca das quais não deviam falar. Regra essa que ambos respeitaram, em virtude do rigor associado ao sigilo relativo às operações especiais, que também deveria existir entre agentes. Nenhum agente deveria partilhar informação acerca da sua missão com os colegas que não estivessem nela directamente envolvidos.

9 A ESCUTA NOCTURNA.

Seis e meia da manhã, terça-feira, dia vinte e três de Agosto de 2011, Heathrow Airport, Londres. Thomas fazia o *check in*, e no placar electrónico indicava a partida para às oito horas e vinte minutos. Depois de despachar a bagagem, dirigiu-se à porta de embarque. Na proximidade da mesma havia uma cafetaria, aproximou-se do balcão, pediu um café e bebeu-o, tranquilamente, enquanto aguardava a chamada.

O avião, um Boeing 747 Jet, da British Airways, partiu no horário previsto. A hora de chegada, ao JFK Internacional Airport, estava prevista para as onze da manhã, hora local.

O voo madrugador permitiu-lhe estudar o dossier electrónico da Anestesia Fatal Op, cujo conteúdo era deveras chocante. O enquadramento do problema ultrapassava todos os limites do respeito pela vida, pela dignidade do ser humano. Aquelas horas, gastas na travessia do atlântico, serviram-lhe para conhecer, ao pormenor, algumas das atrocidades cometidas, especialmente, nos países onde se registam os maiores desequilíbrios sociais. No entanto, alguns desses países são, actualmente, os grandes protagonistas no plano económico internacional, por consequência de se começaram a afirmar, como grandes potências, graças às suas economias emergentes e à sua competitividade. Os mesmos estão a ganhar muita força, apesar de terem, no seu seio, graves problemas de carácter social. E foi assim que Thomas ocupou o seu tempo até chegar a Nova Iorque.

Depois de recolher a bagagem, procurou o parque de estacionamento onde encontrou o seu carro; tal

e qual, conforme programado. Introduziu o seu endereço no *GPS*: “West 58 th Street, West Side, Nova Iorque”, e arrancou. Tinha que conduzir vinte e cinco quilómetros até chegar à “sua nova residência”, trinta minutos depois lá chegou. A zona era excelente. O *LIB* possuía alguns bons imóveis nas cidades onde funcionavam as suas sucursais; aquele localizava-se num cruzamento com 6th Avenue, o último, precisamente antes do Central Park. O apartamento tinha cento e oitenta metros quadrados, distribuídos por duas suites, um WC de serviço, um salão e uma cozinha *gourmet*, muito funcional, totalmente equipada. No que diz respeito aos materiais de pavimento eram de topo, tais como: soalho maciço e mármore. O espaço usufruía de muita luminosidade e encontrava-se cuidadosamente mobilado; além disso, também se caracterizava por ser esteticamente irrepreensível e bastante confortável. Nas imediações do prédio, havia a possibilidade de fazer compras na 5th Avenue, ficando pertíssimo de Carnegie Hall, do Columbus Circle e de uma série de restaurantes de classe mundial. Thomas constatou que não poderia ter ficado melhor instalado. Numa óptica cosmopolita, encontrava-se no “centro do mundo” moderno. Para que tudo tendesse para a perfeição, a sucursal do *LIB* ficava apenas a sete quilómetros; tão simples quanto, sair do Edifício, virar à esquerda, seguir recto na 6th Avenue, também chamada Avenida das Américas, continuar pela Church Street, virar à esquerda na Thames Street, à direita na Broadway e novamente à esquerda, chegando à Wall Street. Parecia perfeito mas, em horas de ponta, demoraria cerca de uma hora e meia; concluindo, durante o dia seria mais inteligente fazer como a grande maioria dos habitantes de Nova Iorque e utilizar o metropolitano. Entrando na West 59th Station e saindo na Wall Street Station, apenas se despendiam trinta minutos, no máximo.

O apartamento beneficiava de um terraço magnífico. Após entrar no espaço, pousou as malas e seguiu em direcção ao exterior; abriu as portadas e, quando olhou em seu redor, visualizou um pequeno jardim, muito acolhedor, excelente para sentir e ouvir o coração de Nova Iorque, servir um pequeno cocktail ou desfrutar de um jantar pela noite dentro. O dia solarengo convidava a estar no terraço. Thomas deu uma saltada à cozinha, abriu o frigorífico que estava recheado (até nisso tinham pensado), pegou numa cerveja gelada e voltou para o exterior. Olhou para o menu da meteorologia, num *menu* do seu *iphone*, para confirmar a temperatura. Trinta e dois graus e alguma humidade. Foi então que se acostou num cadeirão a beber a cerveja enquanto contemplava a magnitude de NYC.

No dia seguinte começava a grande aventura, organizou tudo e saiu à rua a pé. Resolveu vaguear pela cidade e só regressou para ir directo para a cama; quando se deitou estava exausto, todavia satisfeito e igualmente bastante empolgado.

Acordou às seis e meia, bebeu um batido de fruta e comeu umas torradas acompanhadas de um café longo. De seguida, visto ainda dispôr de algum tempo, foi dar uma corrida à volta do parque. Thomas procurava, estivesse onde estivesse, não descurar o seu exercício matinal. Às sete e meia, já após ter tomado um duche e o pequeno-almoço, encontrava-se bem fresco e tonificado. Saiu do apartamento, apanhou o metro que o deixou em Wall Street e meia hora depois entrava na sucursal do *LIB*, onde se

identificou e foi conduzido ao seu gabinete privado, passando primeiro pela sala do Sr. Clark Gibson, o administrador do banco.

— Bom dia Sr. Stewart. Seja bem-vindo a Nova Iorque. — Disse Gibson, recebendo-o com simpatia.

— Bom Dia, obrigado Sr. Gibson. — Retorquiu Thomas.

— Tenho uma reunião daqui por cinco minutos, falaremos mais tarde ou amanhã. Hoje tenho que sair mais cedo e não sei se terei tempo para lhe dispensar mais atenção. — Falou Gibson.

— Muito bem, como preferir e lhe for conveniente. — Respondeu Thomas.

Entretanto, a assistente ajudou-o a encontrar o seu gabinete que ficava num dos três pisos do edifício afectos à Estação de NYC. Assim que entrou, sentou-se na secretária e à sua frente visualizou um envelope, abriu-o e começou a ler: “ Exmo. Sr. Thomas, no armário ao seu lado esquerdo, existe um cofre onde encontrará o que precisa.”, Assinava Clark Gibson.

Levantou-se, abriu a única porta que a estante continha e encontrou um cofre encastrado na parede. Em Londres, no envelope que lhe tinha sido entregue, o mesmo continha o código secreto que ele precisava para abrir o seu cofre pessoal. Dentro da caixa forte encontrou um dossier com informação classificada e uma pasta metálica que guardava duas pistolas de fabrico austríaco, duas Glock 18C, e quatro carregadores por arma. Dois de dezassete munições, mais outros dois de trinta e três munições com nove milímetros de calibre. Além das armas e dos respectivos carregadores, verificou que existiam outros acessórios disponíveis para aquela arma que é uma evolução da Glock 17, diferenciando-se por ser automática e sendo geralmente muito utilizada para fins militares. À parte das armas, tinha também alguns dispositivos electrónicos usados em tácticas de vigilância. No entanto, quem costumava executar esses trabalhos era a denominada *BSO (Brigada de Suporte Operacional)*. A outra Brigada existente, em cada Estação da *GONE*, era a *BAC (Brigada de Assalto e Combate)*, usualmente destacada por altura das operações em que se organizam os ataques massivos. Thomas, por sua vez, pertencia a outra brigada, a *BAO (Brigada de Agentes Operacionais)* que era composta pelos grandes protagonistas.

Durante o seu primeiro dia, passado na Estação de NYC, estudou exaustivamente toda a informação, pois cabia-lhe a grande responsabilidade de planear as acções meticulosamente. Em primeiro lugar, e para despoletar o arranque da operação, enviou um pedido para a Estação da central, em Londres, solicitando-lhes que telefonassem, no dia seguinte, para a Elisabeth e para o seu marido, o Sr. Franklin. Os telefonemas deveriam ser feitos para o local de trabalho, de cada um, em nome de uma empresa fictícia de serviços de fibra óptica. O objectivo consistia em confirmar que não estariam, por qualquer motivo desconhecido ou imprevisto, na sua residência e, simultaneamente, prender-lhes a atenção. Thomas precisava de se certificar que tinha o caminho livre, da parte da manhã, visto saberem que o casal Logan tinha uma empregada doméstica que trabalhava da parte da tarde, mais rigorosamente, das catorze às dezanove horas.

No dia seguinte, às nove horas e quinze minutos da manhã, encontrava-se sentado numa cafetaria que ficava três minutos a pé da residência a visitar. Às nove e meia recebeu uma mensagem electrónica que dizia simplificadaamente: “ caminho livre “. Levantou-se de imediato e dirigiu-se ao prédio que se enquadrava numa zona residencial de grande densidade, mas, àquela hora, razoavelmente calma. As pessoas a trabalhar, as crianças nos infantários e nas escolas, como tal, muito pouca gente no edifício, reduzindo assim o risco de ser avistado. Quando se acercou da porta do apartamento, fê-lo tendo o cuidado de verificar se estava, ou não, a ser observado. Num ápice, abriu a porta que comunicava com a cozinha. O problema do alarme foi ultrapassado, visto Thomas ter o código em sua posse. No dia anterior, um *hacker* ao serviço da *GONE* tratara do assunto, copiando o mesmo, após ter penetrado no sistema informático da empresa que prestava esse serviço aos Logan.

Já dentro do apartamento, dirigiu-se directamente ao quarto de casal e instalou um dispositivo de escuta electrónico dentro de um rádio despertador que se encontrava pousado numa das mesas-de-cabeceira da cama de casal. Decorreram, tão só, três minutos e o serviço estava concluído. Thomas saiu do edifício, rápida e discretamente, em direcção ao carro e desapareceu sem deixar rasto.

«Vamos passar a ouvir o casal Logan na sua privacidade. Muito provavelmente conseguiremos obter informação relevante para nos ajudar a entender o que realmente aconteceu à Elisabeth. Vou instruir os serviços para gravarem os diálogos no horário compreendido entre as dezanove horas e as duas da madrugada».

Já no seu gabinete, Thomas resolveu fazer uma vídeo-conferência com Marcel Franz. Queria fazer um ponto de situação e informá-lo relativamente à sequência dos próximos passos. Ligou o seu portátil e solicitou a conferência, ao que o seu director, Marcel Franz, retorquiu afirmativamente.

— Bom dia chefe. Conforme já deve ter conhecimento, hoje de manhã, coloquei um dispositivo de escuta na residência dos Logan. — Informou Thomas.

— Viva Thomas! Sim, já sei. — Confirmou Marcel Franz. — Uma boa decisão, Thomas. Deste modo poderemos verificar a veracidade de algumas das informações e obter conhecimento adicional acerca dos demais factos.

— Segundo consta no dossier, o cirurgião joga ténis num clube de Manhattan. — Disse Thomas. — De seguida darei instruções para que me inscrevam nesse clube, assim poderei observá-lo de perto.

— É uma boa ideia. — Assentiu Marcel Franz. — Além disso entrará de modo natural no círculo social do médico.

— Precisamente! Esse é o meu principal objectivo.

— Ora bem, meu caro Thomas progrida mais na investigação. Agora tenho que me ausentar. Um abraço. — Despediu-se Marcel Franz.

— Sim senhor, até breve.

A Estação de Nova Iorque da *GONE* usufruía, além das brigadas operacionais, duma equipa de

apoio administrativo que dava suporte às operações em curso nos Estados Unidos. Thomas solicitou, de imediato, que o inscrevessem no dito Clube de Tênis, pois tencionava fazer uma visita ao espaço ao final da tarde.

Entretanto pegou na sua pasta e encaminhou-se para casa. O trânsito, em Nova Iorque, tinha um fluxo brutal, o que implicou uma demora mais de uma hora até chegar ao seu destino. Depois de estacionar o carro, saiu para comer uma refeição ligeira. Em consequência da correria do primeiro dia, esquecera-se por completo de almoçar. A ilha de Manhattan estava bem apetrechada ao nível da oferta de serviços de lazer e de restauração, havia uma grande diversidade de *coffe shops*, *snack-bars*, e restaurantes, de tudo e para todos os gostos, dispersos por todo o lado.

Entretanto, após comer, regressou ao condomínio para preparar o saco de desporto e voltou a sair, desta feita, em direcção ao clube que também ficava em Manhattan. O mesmo denominava-se Iorque Tênis & Health Club e localizava-se junto ao Riverside Park, a uns escassos cinco minutos do seu apartamento, foi esse o tempo que o Thomas demorou a chegar lá.

— Boa tarde, chamo-me Thomas Stewart. Estou em crer que foram contactados a meu respeito. Correcto? — Disse Thomas, quando chegou à recepção.

— Muito boa tarde Sr. Stewart. Seja bem-vindo ao Iorque Club. O meu nome é Violet e sou a relações públicas do clube. De facto, o *LIB* já enviou a sua inscrição e também nos avisaram que o senhor gostaria de usar o clube ainda hoje. — Respondeu a relações públicas que tinha uma simpatia contagiante.

— Exactamente. Desde já, agradeço a vossa amabilidade e disponibilidade tão célere. — Agradeceu Thomas, cordialmente.

— Sendo assim vou-lhe mostrar o nosso clube. Com certeza que, quem nos recomendou, já lhe terá feito um resumo. No entanto, se me permite, vou proceder à apresentação do espaço e de todos os serviços disponibilizados. — Falou Violet, continuando num tom afável e simpático.

— Agradeço-lhe.

— O clube, além da prática livre ou monitorizada do tênis, também tem algumas quadras de *squash* e um espaço de *fitness* equipado com aparelhos de última geração. Dispomos, adicionalmente, de uma sala sauna e outra para banho turco, ambas, enquadrados no espaço *SPA*, onde poderá usufruir de vários tipos de massagens de relaxamento e, para terminar, temos a zona da piscina interior que comunica com a do exterior. Essa só é utilizada nos três meses de verão, altura do ano em que, para conforto dos nossos associados, temos um bar a funcionar no exterior. Assim, quem está em lazer evita a maçada de ter que se deslocar ao bar principal, no interior. No que respeita aos oito *courts* de tênis, os quatro descobertos funcionam, no Outono e no Inverno, apenas quando não chove. — Explanou Violet, à medida que circulavam pelo clube.

— Agrada-me bastante. Como a Violet disse antes, a recomendação é justificada. Sem margem para

dúvidas. — Afirmou Thomas.

— Folgo em saber que é do seu agrado. Agora, se me permite perguntar, quem foi que lhe recomendou o nosso clube? — Questionou a anfitriã.

— Foi por interposta pessoa. Na verdade solicitei à minha assistente pessoal que me recomendasse um clube. A Mary, por sua vez, perguntou não sei a quem. E depois, simplesmente me transmitiu que lhe tinham dito que este clube seria a melhor opção! — Explicou Thomas.

— Ótimo! Está visto que temos boa fama. — Comentou Violet.

— Seguramente! Os meus parabéns. — Assentiu Thomas.

— O Sr. Stewart deseja começar hoje, correcto? — Perguntou-lhe ela.

— Afirmativo.

— Está tudo tratado. — Informou Violet — Aqui tem o seu cartão de associado.

— Muito obrigado, a visita foi bastante esclarecedora. — Agradeceu Thomas.

— Agora, vou deixá-lo à vontade, com licença. — Disse Violet, e saiu de seguida.

Terminada a apresentação, Thomas entrou nos balneários para se equipar. O clube era realmente o ex-líbris de Nova Iorque, graças às suas instalações de luxo aliadas a uma bela arquitectura e decoração interior. Naquele primeiro dia, optou por utilizar o salão de *fitness*, onde treinou uns quarenta minutos e, depois disso, deu uma volta pelos courts de ténis, mas não avistou Aron. Antes de sair, acabou por voltar ao interior para dar umas braçadas. A piscina imponente olímpica, que convidava a dar umas boas braçadas, estava inserida num pavilhão, amplo e deslumbrante, onde a visão arrojada do arquitecto não podia passar despercebida.

«O clube é bárbaro! Nem perderei tempo a procurar outro. Aqui posso juntar o útil ao agradável, assim como será, também, a minha ponte de ligação para travar conhecimento com o “nosso médico amigo” e, simultaneamente, aproveitar para me manter em forma. Acho que vou jantar directo, já são oito da noite. Está visto que o tipo não deve vir cá hoje.» Pensou, em virtude da hora tardia.

Saiu do clube e conduziu bem devagar; ia a reflectir acerca da operação. O sucesso da investigação dependeria de um bom começo. Os resultados da escuta colocada em casa dos Logan, provavelmente, surtiriam efeitos no dia seguinte, o que lhe iria permitir delinear qual a estratégia a seguir.

O tráfego flui-a com regularidade; durante o percurso, Thomas ligou para um restaurante de gastronomia mediterrânea e conseguiu reservar uma mesa. O sistema de *GPS* do carro disponha da opção de reconhecimento de voz e ele aproveitou aquele trajecto para testar o funcionamento daquela tecnologia. Indicou o endereço do restaurante, em Melrose, e foi respeitando as indicações emanadas pelo sistema e observando Nova Iorque que, de noite, era especialmente fascinante. A metrópole conhecida como sendo a cidade que nunca dorme, é, sem margem para dúvida, um meio cosmopolita singular. Com um vasto universo de restaurantes, oferecendo múltiplas opções gastronómicas, bares,

discotecas, enfim, inúmeras atracções numa cidade multi-cultural. O segundo maior aglomerado populacional mundial, apenas superado por Hong Kong. Thomas quase contornou os trezentos e quarenta e um hectares que compõem o pulmão de Manhattan, conduzindo o seu bólido pelo trilho urbano ditado pelo *GPS*, e ficando maravilhado com o efeito do impacto visual proporcionado pelo turbilhão de luzes artificiais, após o pôr-do-sol. Tinha decidido jantar num restaurante denominado “Lusíadas”; a vontade de saborear um prato tradicional lusitano venceu os seus hábitos alimentares regulares que eram bem diferentes. Naquela noite ia deliciar-se regando a refeição com um bom vinho, maduro tinto, da região demarcada do Douro. Em Nova Iorque, até um restaurante de gastronomia portuguesa encontrou. Era, realmente, “A Cidade”.

Eram oito e meia da manhã, do dia seguinte, e Thomas já estava na estação. Conforme esperava, o resumo da escuta da noite anterior foi-lhe disponibilizado, imediatamente, mal entrou no seu gabinete.

«Vamos lá ouvir o resumo da escuta. Pelos vistos, já dispuseram de tempo suficiente para preparar a montagem das partes relevantes, das conversas do casal Logan, que nos possam ser úteis. Dada a gravidade do caso, é muito provável que eles abordem o tema do roubo do rim quotidianamente. A situação é muito traumática para Elisabeth, e o simples facto de a terem compensado financeiramente (era uma das hipóteses ponderadas) não será cura para a dor e o vazio associado ao sentimento de perda. O dinheiro não compra tudo e este caso é, seguramente, um claro exemplo disso. Já para não falar que os Logan não são carenciados, antes pelo contrário.»

Sentou-se, ligou o portátil, e acedeu à sua caixa de correio para verificar se na pasta das mensagens recebidas constava algum ficheiro áudio relativo à escuta. Em conformidade com o recado colocado em cima da sua secretária, na sua caixa de entrada, tinha uma mensagem com o seguinte assunto: “síntese da escuta Logan”. Abriu a mensagem que continha o respectivo ficheiro áudio, comprimido e, após clicar, começou a ouvir:

“— Beth, minha querida. Tens que tentar ultrapassar isto, não podes viver com estes pensamentos ruminantes. Estás a entrar num autêntico processo de auto-destruição. Agora que recomeçaste a trabalhar, vais ver que te ajudará a superar tudo o que aconteceu. — Falava o marido, preocupado e com uma entoação carinhosa.

— Não consigo! Não consigo suportar mais isto. Não encontro palavras para te explicar este vazio que sinto. No início sentia raiva, revolta, e até parecia que tinha mais força. Agora só sinto uma sensação de perda, um enorme vácuo interior, parece que estou a enlouquecer. Todo o dinheiro que nos deram para estarmos quietos e calados, por muito que seja, não vale nada, é como dinheiro sujo, é nojento. E nós não precisamos de dinheiro. Privaram-me do meu direito mais importante, roubaram-me o corpo e com o corpo levaram-me a alma! — Desabafou Elisabeth.

— Eu sei, mas tenta, tenta esquecer. — Retorquiou Franklin, procurando confortá-la.

— A minha força vem do amor que te tenho a ti e aos nossos. E foi por temer por vós que aceitei o

dinheiro e permiti que nos amordaçassem. — Disse Elisabeth, com voz trémula e esmorecida.

— Só não consigo entender como é que, depois de tudo isto, o Dr. Aron Grubb ainda consegue exercer. É um sádico e um cínico. Isso sim, não deixa de me revoltar cada vez mais. — Comentou Franklin, abanando a cabeça.

— Só de pensar que ele poderá estar a cometer mais atrocidades. É doentio! Espero que as pessoas tenham fixado bem o seu nome. Apesar do desmentido, estou em crer que ninguém recorrerá aos serviços dele. — Retorquiu ela, numa expressão de indignação.

— Sim, é muito provável que não, qualquer pessoa de bom senso deverá temê-lo. — Assentiu o marido.

— Há algo que, ainda hoje, me intriga. O facto de estar viva! Entendes? — Interrogou-se.

— Que dizes! — Exclamou Franklin.

— É tão óbvio, não entendes?! — Insistiu ela.

— Não! Não percebo onde queres chegar. — Retorquiu ele.

— O que se passou não tem lógica. Se eu tivesse sucumbido, durante a operação, seria mais fácil esconder o que me fizeram. Percebes? Morta!.. não falaria, não seria uma ameaça! — Explicou Elisabeth, erguendo os olhos. Não via lógica em nada.

— Entendo. Mas é melhor nem pensar nisso. Vê se dormes, vamos tentar descansar um pouco. Amanhã é um novo dia. Dá-me um beijo e tenta descansar. — Sugeriu Franklin, falando com uma voz meiga e olhando-a com ternura.

— Dorme bem, Franklin. Se não fosses tu, o que seria de mim e do nosso filho! Amo-te muito. — Respondeu Elisabeth, também usando tom meigo.”

E assim terminou o resumo da escuta.

Perante o que tinha acabado de ouvir, e após ter desligado o portátil, ficou arrepiado e pensativo. Incomodava-o ouvir aquelas pessoas despedaçadas no seu íntimo. O caso era tenebroso, mas o que Elisabeth afirmou no final da conversa fazia sentido, era realmente intrigante! Terem permitido que ela sobrevive-se; não fazia sentido nenhum. Depois de cometerem um crime tão repugnante, permitirem que o mesmo viesse a público, representava uma conduta criminosa irracional. O argumento de que algo tinha corrido mal na cirurgia permitiria ocultar, mais facilmente, a extracção do órgão. Com uma equipa médica sem escrúpulos, não teriam grande dificuldade em controlar um médico legista e fazê-lo alinhar no esquema, nem que para isso tivessem que recorrer à ameaça ou chantagem. Era tudo muito sinistro e irracional.

Thomas telefonou a Marcel Franz que também partilhava da mesma opinião. A próxima etapa consistiria investigar o médico cirurgião; tornava-se fundamental proceder assim para desvendar o enigma.

10 A ROCHELLE H.C.

No início da tarde, Thomas resolveu dar um salto à Rochelle Health Clinic. Ainda da parte da manhã, deu instruções à Mary para lhe marcar uma consulta de medicina dentária, marcação que ela conseguiu agendar, para as dezasseis horas, com a Dra. Jennifer Herrera. Uma cidadã americana, provavelmente, descendente de latinos.

— Obrigado Mary, com que então arranjou uma dentista latina?!... — perguntou Thomas, gracejando.

— O Sr. Stewart prefere um dentista americano?! — Perguntou Mary, sorrindo maliciosamente.

— Juízo, nem pense nisso! Não vai alterar nada de nada, eu aguento-me. Se for uma brasa, ótimo; senão, deverá ter primas e amigas. Tenho que entrar no ritmo de NYC, certo? — Atirou ele, rindo de seguida.

— Sorte, a dela! — Retorquiu Mary, sorrindo e corando. Ficou atrapalhada e saiu do gabinete como uma flecha.

A distância a percorrer de Wall Street até à Rochelle Health Clinic, localizada em New Rochelle, ascendia a trinta e oito quilómetros, o que implicaria cerca de um hora e quinze minutos de viagem em hora de ponta. Já passava das duas horas da tarde, daí Thomas ter optado por ir de imediato e almoçar por lá perto.

Pontualmente, pelas quatro horas da tarde, aguardava pacientemente, na confortável sala de espera, a chamada para a consulta. Enquanto isso, ia observando e escutando as conversas. Passaram vinte minutos até que foi chamado por uma assistente. Na clínica havia, fixado numa parede da recepção principal, um painel electrónico com os nomes dos médicos e as respectivas especialidades. O nome do Dr. Grubb não constava o que era estranho, pois, ainda há poucos dias, tinha recebido informação contraditória no conteúdo do dossier da “Anestesia Fatal Op”.

— Pode entrar, Sr. Thomas Stewart. A doutora aguarda--o no consultório. — Disse a assistente.

— Obrigado, em que sala devo entrar? — Questionou ele.

— Na sala 207, por favor. — Retorquiu a assistente.

Thomas levantou-se e entrou na sala referida.

— Boa tarde, Sr. Stewart. — Saudação proferida pela Dra. Jennifer Herrera, com uma voz quente e simpática, acompanhada de um sorriso encantador.

— Boa tarde, Dra. Jennifer. — Retribuiu Thomas, também simpaticamente.

— Então o que o trás por cá? Tem, com certeza, algum dente a incomodá-lo! — Falou Jennifer.

— Não, de modo algum. — Respondeu Thomas.

— Então deduzo que seja uma visita de rotina para prevenção? — Deduziu ela.

— Exactamente Dra. Jennifer. E se constatar que preciso de uma limpeza, pode fazê-la.

Aliás, foi para isso que marquei esta consulta. — Explicou Thomas.

— Muito bem. Então vamos ver o estado dos dentes. Agradecia que se recostasse na cadeira, por favor. Sente-se confortável? — Perguntou, com simpatia.

— Sim, estou muito bem. Obrigado. — Agradeceu Thomas.

A Dra. Jennifer começou a observar, com toda a atenção, a dentição do seu novo paciente. E, logo de seguida, comentou.

— O senhor tem uns dentes bonitos e em muito bom estado. Posso fazer-lhe uma limpeza se isso o faz sentir melhor, mas será superficial, visto entender não haver grande necessidade.

— Já agora que estou aqui, agradeço que a faça, por favor. — Solicitou Thomas.

— Sim senhor. Então vamos já tratar disso.

No final perguntou-lhe.

— Nunca o vi por estes lados, Sr. Thomas. É inglês, não é? Tem um sotaque britânico bem acentuado. — Falou a dentista.

— Sou sim. Cheguei a Nova Iorque há poucos dias. — Confirmou Thomas. — A Dra. Jennifer também não me parece americana!

— Eu sou americana, mais especificamente *Yankee*, só que descendo de uma americana e de um latino. O meu pai nasceu em Porto Rico. — Disse Jennifer, e continuou — O Sr. Stewart veio de longe?! Na realidade, Nova Iorque é uma cidade procurada por muita gente. Vai ver que irá gozar umas férias espectaculares. — Atirou Jennifer, à sorte. Não queria ser indiscreta e perguntar-lhe, directamente, se estava, ou não, de passagem.

— Era bom, sem dúvida. Mas não estou de férias, vim para trabalhar. — Retorquiu Thomas, intuindo que ela queria saber mais.

— Ah! Então reside aqui. Desculpe a indiscrição, já agora trabalha em quê? — Questionou Jennifer. Mais parecia que estavam fora do consultório, num encontro social.

«A Mary acertou em cheio, tenho que lhe oferecer um presente por esta “maçã-de-adão”. Bela oferenda!». Pensou rindo para dentro e respondeu logo de seguida.

— Eu vivia e trabalhava em Londres, no *LIB*. O mesmo banco de investimento que me propôs ocupar um lugar de *Sénior Account Manager*, aqui, na nossa sucursal de Nova Iorque. — Explicou Thomas.

— Excelente!..— Saiu-lhe, espontaneamente, ficando um pouco constrangida sem conseguir disfarçar.

— É sim. De facto é realmente muito estimulante. Como bem sabe, Nova Iorque é, por excelência,

um dos maiores centros financeiros do mundo, e a cidade, em si, é qualquer coisa. Estou a adorar Manhattan! Além do mais, ainda estou a descobrir a cidade e se há uma verdade inegável é que será uma “grande cruzada”. — Falou Thomas, deixando uma ponta solta.

— Sendo assim, posso ajudar! Está interessado na minha proposta de guia turístico? — Perguntou Jennifer. Não resistiu ao charme do Thomas, e partiu para o ataque directo.

— Quero sim, claro que estou. — Respondeu Thomas, demonstrando total abertura. E continuou, dizendo. — Uma boa companhia tornará mais divertida a descoberta de NYC, como é hábito chamarem-lhe por cá! Tem aqui o meu cartão, quando tiver um tempo para mim, basta dar-me um toque.

— Okey. Está combinado. — Respondeu Jennifer, mostrando aquele seu sorriso encantador.

— Acho melhor ir, não concorda? Perdemos-nos completamente. Não quero que os seus pacientes fiquem impacientes. — Disse Thomas, em tom de gracejo.

— Tem razão, nossa senhora! Está aqui há mais de uma hora. Até um dia destes Thomas. — Retorquiu Jennifer.

— Aguardo a sua chamada Dra. Jennifer. Até uma próxima! — Disse Thomas.

— Só Jennifer. Posso tratá-lo por Thomas? — Questionou Jennifer, que tinha acabado de o fazer.

— Claro que sim, Jennifer.

Thomas deixou o consultório e caminhou para fora da clínica. A médica era uma mulher lindíssima, com muito *sex appeal*. Uma latina dos seus vinte e dois ou três anos, de estatura média, com cabelo negro, morena e dona duns olhos verde azeitona, lindos e rasgados. Evidenciava uma silhueta perfeita e, além disso, era dotada de uma simpatia contagiante. Durante a consulta, optara por não fazer quaisquer perguntas acerca do Dr. Grubb, pois entendeu que seria precipitado e imprudente fazê-lo. A administração da Rochelle Health Clinic, certamente, deveria ter-se precavido e dado instruções rígidas ao seu pessoal para que não falasse, absolutamente a ninguém, acerca daquele assunto.

De manhã, saíra de casa prevenido na posse do seu saco de desporto o qual colocara na bagageira do carro. Assim evitou uma passagem por casa, seguindo directamente para o Clube. Perante a informação obtida, tornava-se cada vez mais urgente encontrar Aron.

«Tenho que ter em mente dois factos. A Elisabeth ter sobrevivido, por um lado, e, por outro lado, a ausência do nome do médico no painel da Rochelle Health Clinic. Alguma coisa não bate certo e não deverá ser tão linear quanto parecia inicialmente. Parece-me que estamos colocados perante uma situação muito mais complexa.»

Nesse dia, ao fim da tarde, tinha uma partida de ténis agendada com um *personal trainer*. O seu pedido, efectuado no dia anterior, para que lhe arranjassem um adversário de ténis, fora considerado. Quando chegou ao *court* número três, deparou-se com um indivíduo que se chamava Greg, que teria uns vinte e poucos anos. Notava-se, dado o seu porte físico, que era um atleta a sério.

— Boa tarde, suponho que seja o Greg? — Disse Thomas.

— Sou sim, boa tarde Sr. Stewart. — Respondeu Greg.

— Oh! Greg trate-me por Thomas, por favor. Afinal será o meu adversário semanal, portanto vamos pôr de parte as formalidades. *Okey?* — Falou Thomas, descontraidamente, para colocar o seu adversário à vontade.

— Tudo bem Thomas. Primeiro vamos aquecer um pouco, e depois quantas partidas quer jogar? — Questionou Greg.

— Sugiro que joguemos durante cinquenta minutos sem interrupção, independentemente do número de jogos. Parece--lhe bem assim? — Retorquiou Thomas.

— Por mim tudo bem. O Thomas joga muito disto? — Perguntou.

— Razoavelmente, há coisas que faço muito melhor. — Retorquiou Thomas, não fugindo à verdade.

O jogo foi bastante disputado. Ao longo da partida o adversário de Thomas percebeu que ele não só jogava muito bem como também gozava duma forma física muito acima da média, findo o tempo de jogo Greg parecia um chuveiro a escorrer água e disse:

— Thomas, Eh lá! Podias, ao menos, ter-me avisado que és uma máquina humana, o ritmo foi muito violento. Eh pá! Estou todo partido.

— Então, achaste assim tão duro?!... Digo-te uma coisa, meu caro. És um adversário de peso. Valeu Greg. E agora vou confessar-te uma máxima que defendo: “O exercício físico tem que doer, se não doer, vale mais nada fazer!” Agora vou fazer um turco. A gente vê-se por aí, tchau. — Disse Thomas, ficando bem-disposto com a vitória.

— É uma grande verdade, concordo plenamente! Até à próxima, Thomas. — Despediu-se Greg, saindo dali deveras baralhado.

E Thomas assim fez. Antes de ir embora foi até ao *SPA*. A cabine de banho turco estava por sua conta e aproveitou para, durante os vinte minutos que lá esteve, procurar abstrair-se de todos os pensamentos.

Entretanto, na Rochelle Health Clinic. Eram dezanove horas quando Jennifer terminou o seu dia de trabalho. Nessa tarde ficou particularmente animada. Aquando da sua saída da clínica, ao passar pela recepção, caminhava sorridente e deixava escapar um brilho no olhar.

— Boa tarde e até amanhã minhas queridas. — Disse ela às recepcionistas.

— Boa tarde Doutora. Está muito bem-disposta! Dá gosto, só de olhar para si. Como sempre bonita, mas assim ainda fica mais bonita! — Comentou uma das recepcionistas.

— Muito obrigado meninas, mas não exagerem. — E saiu apressadamente.

Estava em cima da hora e não queria, de modo algum, chegar atrasada à aula de dança. O seu hobby predilecto era a dança contemporânea. Jennifer fazia tudo por procurar cumprir, religiosamente, os

horários das aulas e também nunca faltava. Mesmo nunca! A dança era uma paixão que vinha desde os seus tempos de infância, aliás, chegara a ponderar, antes de ter optado pela medicina dentária, em seguir uma carreira ligada às artes, acabando por optar pela medicina. Mas dançar, mesmo não sendo ao nível profissional, completava-a, revelando-se um *hobby* imprescindível para o seu bem-estar e equilíbrio pessoal.

Nesse fim de tarde, deixava transparecer um estado de espírito especialmente alegre e para uma pessoa como Jennifer, que era bem-disposta por natureza, estar ainda melhor humorada, não passava despercebido a quem quer que fosse que com ela trabalhava diariamente. A caminho da academia, enquanto conduzia o seu Jeep Grand Cherokee, ia a escutar um *CD* esplêndido, de World Music, e não conseguia evitar deixar de pensar no Thomas. Estava completamente vidrada, isso causava-lhe maior surpresa, pois não era, de todo, normal nela. O porte robusto e atlético de Thomas em conjunto com o seu tom de pele moreno e olhos verdes, num rosto que parecia desenhado ao detalhe para ser perfeito, encantou-a. Para Jennifer era um homem atraente que não a deixou indiferente. O ar distinto, a simpatia, os modos de cavalheiro, algo que para ela julgava ser uma espécie extinta, despertaram a sua especial atenção. Não tinha conseguido resistir ao charme e encanto natural de Thomas e isso intrigava-a, até porque, no final, tinha ficado com a impressão de se ter, apesar de o ter feito de modo subtil, “oferecido”. Mas a verdade é que tinha sido mais forte do que ela; em resumo, não fora capaz de resistir. «Pelo menos foi dele a iniciativa de me dar o número de telemóvel, e se o fez foi porque me quer rever». Pensou Jennifer, entusiasmada.

A sua vida, nos últimos tempos, estivera centrada em volta da Rochelle e da academia de dança. A sua última relação amorosa, terminada há mais de um ano, não tinha corrido nada bem, nem tão pouco tido um epílogo em nada pacífico. Uma relação com um homem obsessivo e controlador deixaram-na com vontade de estar só durante um longo período, no entanto, naquela tarde a chama reacendera-se. Apesar da sua vontade em telefonar ao Thomas, nesse mesmo dia, conteve-se. «Se lhe tivesse dado o meu contacto, podia esperar que a iniciativa partisse dele, assim não. Vou sofrer e pode ser que ele também sofra um bocadinho». Pensava, rindo do que lhe estava a acontecer.

Entretanto, aqueles agradáveis pensamentos mudaram abruptamente. «Os últimos tempos na clínica não têm sido fáceis. O escândalo do transplante afectou o seu bom funcionamento, já para não falar nos danos causados na boa imagem que ficou, significativamente, debilitada perante a comunidade. A redução do fluxo de pacientes foi significativa e irá demorar algum tempo até se conseguir recuperar o estatuto que, mesmo com o passar do tempo, dificilmente voltará a atingir o patamar de excelência do passado» Pensava, e entretanto dissipou-se a boa aura.

O receio de alguns dos seus colegas, levou a que se demitissem como forma de se demarcarem do sucedido e, não fosse a raça e o perfil combativo de Jennifer, ela teria enveredado pelo mesmo caminho. Todavia, preferiu não “abandonar o barco”, porque acreditava que o tempo iria “sasar a ferida”. Além

disso, a sua especialidade não tinha sofrido uma redução de tráfego tão significativa, tanto quanto a das que implicavam cirurgias com internamento.

A administração, após semelhante episódio tão macabro e repugnante, desenvolveu uma campanha pública, de esclarecimento, provando terem sido apuradas todas as responsabilidades e os respectivos prevaricadores. Por consequência, acreditavam que tudo seria esquecido no médio prazo. Os médicos e os enfermeiros teriam que ser perseverantes, tratar muito bem as pessoas, e com o passar do tempo, como todas as más notícias que diariamente são difundidas pela imprensa deixando o público aturdido e chocado, tudo acabaria por ser esquecido. Talvez até muito mais depressa do que seria de esperar.

Entretanto, na residência de Thomas.

A noite caiu e NYC, que tem um clima temperado, oferecia vinte e quatro graus acompanhados duma brisa suave. O *moto-boy* da pizzaria acabava de entregar o pedido do Thomas e pouco segundos depois, já no terraço, visualizavam-se em cima da mesa: um jarro de sangria; uma terrina com uma salada; pão de alho e uma pizza *prosciutto & funghi*. Naquela mesa, de aspecto soberbo, dava vontade de devorar tudo e foi exactamente isso que Thomas fez, só que, fê-lo com calma, desfrutando da atmosfera e da magnífica paisagem urbana de Nova Iorque. Nessa noite, optou por ficar por casa, tranquilo, e jantar sem confusão. Precisava de pensar bem e arquitectar um plano de forma a encontrar Aron, conseguir perceber o que tinha acontecido no passado, e o que estava a acontecer no presente. Para avançar na investigação havia que abrir uma porta fulcral e quem possuía a chave era o cirurgião. Na sua opinião, dos novos factos e da versão dele resultariam informações cruciais para o desenrolar da operação.

As notícias divulgadas na imprensa e nos demais meios de comunicação social não tinham sido, no seu entender, suficientemente esclarecedoras. A primeira notícia, divulgada num dos jornais diários de NYC, resumia-se ao seguinte:

“ PRESTIGIADO CIRURGIÃO ROUBA RIM

Uma habitante de Manhattan processou legalmente a Rochelle Health Clinic, em consequência de lhe terem extraído um rim, à sua revelia, enquanto a operavam ao coração. A cirurgia cardiovascular foi realizada para efectuar a colocação de um *stent* numa das coronárias, porém, o cirurgião não se ficou por aí, retirando-lhe também um rim. A paciente veio a descobrir, posteriormente, no momento em que o seu ginecologista a confrontou com essa realidade. Perante os factos, D. Elisabeth Logan interpôs duas acções legais, uma contra a clínica e outra contra o galardoado e prestigiado cirurgião cardiovascular e chefe dos serviços de cardiologia da clínica, o famoso Dr. Aron Grubb. O estado e o país estão abismados com semelhante atrocidade e atentado contra a dignidade da vida humana. A vítima encontra-se incontactável, assim como o cirurgião e o porta-voz da clínica. Apenas foi emitido, por parte da Rochelle Health Clinic, um curto comunicado a desmentir os factos e nada mais. Até à data não se

conseguiu apurar o paradeiro do órgão vital, ou seja, a identidade do beneficiário do transplante continua incógnita. Como é do conhecimento geral, os transplantes de órgãos devem obedecer a um conjunto de normas muito rígidas que são criteriosamente controladas. Aguardam-se desenvolvimentos para que se possa esclarecer este sinistro caso que chocou a nossa comunidade e o mundo. “

Thomas estava a rever toda a informação. Quanto mais lia, e voltava a ler, mais intrigado ficava. Ver um cirurgião famoso de idoneidade inquestionável, bastante reconhecido no meio académico, cometer um acto tão hediondo, era algo quase impossível de acreditar.

«Quem no seu perfeito juízo, com uma família à sua responsabilidade, sendo respeitado e admirado, se suicidaria profissional e socialmente! Ninguém, ponto final. Esta história cheira mais do que mal. Tenho que agarrar Aron Grubb e pô-lo a cantar. Aqui haverá, com toda a certeza, muita coisa camuflada. Deveremos estar perante uma máfia muito poderosa e influente! Estudei profundamente o dossier e já conheço, de trás para a frente, o tema do tráfico de pessoas, órgãos e tecidos. Além deste, os casos ocorridos noutros países até têm maior dimensão e é chocante o modo como operam as máfias criminosas que controlam este negócio, tudo isto aqui deverá formar uma teia extremamente complexa e perigosa. Agora, cada vez que vejo uma criança solta, demasiadamente à vontade na rua, fico indignado, assim como fico, ao observar o facilitismo negligente com que alguns pais entregam os seus filhos em alguns lugares sem a mínima segurança. É revoltante e preocupante, pois actualmente sei, melhor do que nunca, que todos os cuidados são poucos. O tráfico de órgãos e tecidos está a atingir proporções desmesuradas. Por outro lado, a pobreza, que é um flagelo mundial, faz com que muitas pessoas fiquem mais vulneráveis, acreditem em contos de esperança, e façam qualquer coisa para ganhar algum dinheiro quando se vêem desesperadas. Como factor agravante, as leis, nesta matéria, estão pouco desenvolvidas em quase todos países. A sociedade, na sua esmagadora maioria, entende que um transplante deve resultar de um acto altruísta e não de um negócio. O nosso corpo não deve ser visto, nem moral nem legalmente, como uma mercadoria ou como um conjunto de peças. Porém, a legislação não é eficiente, particularmente nos países menos desenvolvidos; facilitando esta prática e permitindo a impunidade de quem infringe. Para combater um fenómeno deste tipo, à escala mundial, já não basta agir apenas de modo a capturar um pequeno traficante, sem escrúpulos, ou perseguir quem se vende, quem já nada tem a perder.» Pensava Thomas.

A “Anestesia Fatal Op” precisava, para chegarem ao centro duma teia criminosa, de identificar um caso, que reunisse fortes indícios da presença do crime organizado, relacionado com números de grande escala e o trabalho desenvolvido até àquela data indicava que estavam no caminho certo. As incongruências, inerentes àquele caso, levavam a crer que, por detrás do “nevoeiro”, estariam perante uma máfia: a forma estranha como tudo acontecera, após divulgação da polémica junto da imprensa; a rapidez e eficácia no encobrimento dos factos; assim como o rápido desmentido, abafando tudo. Existiam

fortes indícios de estarem perante uma teia criminosa muito poderosa, daquelas que não teme nada nem ninguém.

Thomas pensava: «Como funcionará tudo isto?!... Quem estará envolvido?!... Quem vende?!... Quem manda?!... Quem ganha o dinheiro ensanguentado à custa das vítimas inocentes, sejam elas, conscientes ou inconscientes?!...»

Como estava estafado e transpirado, resolveu tomar um duche e a seguir foi descansar. Continuar a remoer no assunto, naquela noite, não iria adiantar nada e o dia seguinte iria ser extenuante. Antes de adormecer, ainda pensou: «a semana está quase a terminar e ainda não encontrei o médico. Na Rochelle não está, não tem frequentado o club e não tem estado em casa ou ignora as chamadas telefónicas. O que não seria de surpreender. Amanhã farei uma ronda pelas imediações da residência do tipo e, quando o conseguir encontrar, será prudente colocar um dispositivo de localização *GPS* no seu carro. No futuro, não devo perdê-lo de vista.»

Foi uma daquelas noites mal dormidas.

Thomas acabava de chegar do parque. Podendo, não dispensava a sua corrida matinal. O seu pensamento estava focalizado no nome “Grubb”. Logo após tomar um duche e o pequeno-almoço, desceu à garagem e montou a sua Ducati; a *GONE* tinha-a enviado e colocado na garagem. Dali em diante deixaria de perder tanto tempo nas horas de ponta. O metropolitano de Nova York era um meio de transporte cómodo, se bem que, nas horas de ponta, ficava demasiadamente sobrecarregado e, pior do que tudo isso, forçava-o a perder autonomia, mobilidade total e tempo precioso. A Ducati preta saltou para as largas avenidas, entre os imponentes arranha-céus e encruzilhadas de NYC, soltando um ronco forte, e arrancou veloz. Lá ia Thomas, a derreter, pelas várias vias atulhadas de carros e autocarros, satisfazendo aquela, peculiar, necessidade de alimentar a adrenalina. O destino estava traçado e apontava na direcção do bairro residencial onde vivia a família Grubb.

Nessa manhã não passou pela estação, pois decidiu seguir directamente para chegar o mais cedo possível e evitar atrasos desnecessários. Quanto mais cedo chegasse, melhor. E, quem sabia, talvez conseguisse chegar antes de Aron sair de casa. Assim poderia segui-lo; caso contrário, esperaria o tempo que fosse necessário. Contudo, na eventualidade de ter que esperar demasiado tempo, transportava consigo, numa mochila, o seu *laptop* para aproveitar essa potencial delonga e trabalhar na redacção de um relatório. Antes verificara que, diante da residência dos Grubb, segundo indicações do *google maps*, havia uma pequena cafetaria. Um lugar suficientemente funcional para usar o seu equipamento.

A propriedade dos Grubb localizava-se na periferia, em Pelham Manor, aproximadamente a trinta quilómetros do centro de Manhattan. Viajando de carro, em hora de ponta, demoraria sessenta minutos a chegar, na melhor das hipóteses; havendo pouco trânsito, à volta de trinta. A mota era de facto muito útil, Thomas pôs-se em Pelham Manor passados, mais ou menos, uns quinze minutos. Eram oito da manhã, quando parou diante da propriedade e deparou-se com mais uma surpresa: uma placa, de um agente

imobiliário, plantada no jardim frontal. A propriedade estava colocada no mercado para ser vendida.

«O meu *timing* está desastroso! Cheguei tarde! Devia ter vindo aqui mais prontamente.» Pensou ele, com irritação. «De qualquer forma, já que estou aqui, vou dar uma espreitadela...»

Saltou da moto e atravessou a rua em direcção ao jardim, pensando: «Vou-me aproximar e entrar pelos fundos. Quem me avistar, provavelmente irá imaginar que estou interessado na propriedade.» E foi-se aproximando, como se estivesse a admirar a casa. A porta de trás implicava um trabalho fácil, porém, antes de a forçar, teve o cuidado de verificar se o alarme estava ligado e constatou que não. A moradia era magnífica, mas já tinha sido esvaziada! Não havia absolutamente nada lá dentro. Pelo sim, pelo não, resolveu vasculhar na esperança de encontrar alguma pista acerca do paradeiro dos Grubb naquela casa enorme que mais parecia um palacete. No piso de cima era composta por cinco quartos, dois dos quais eram suites; no piso térreo tinha uma cozinha *gourmet* enorme e funcional; uma copa; uma sala de jantar; um salão de estar com pé direito duplo; uma sala de cinema e uma biblioteca. O espaço somava uns quinhentos metros quadrados, no mínimo. Uma pequena mansão! No exterior, estava enriquecida com um jardim encantador e uma bela piscina com um *lounge* apetrechado com um belo bar. E, para completar o encanto, usufruía dumas soberbas vistas para o Rio Hudson que tornavam o espaço ainda mais especial.

Já fora da casa, junto da moto, tirou umas fotografias para o caso de estar a ser observado. Afinal a investida tinha dado bons frutos. Alguém, por descuido, desleixara-se e esquecera uma papeleira no escritório. Dentro, da mesma, encontrou alguns papéis impressos com pesquisas imobiliárias e alguém desenhara, num deles, um círculo em volta da descrição duma casa.

«Apesar de tudo, talvez tenha tido sorte. Agora só tenho que apurar se os Grubb se mudaram para esta morada». Pensou Thomas, satisfeito com a sua sorte.

Entretanto, montou a sua “égua negra” e seguiu a toda a velocidade rumo a Wall Street.

Mais tarde, na privacidade do seu gabinete, acedeu à *internet* e repetiu a pesquisa cirurgião assinalada. Acertou, em cheio! O imóvel já não estava disponível.

— Bingo! Finalmente, Urra! — Exclamou alto, eufórico.

«Vou pôr-me a mexer de imediato. Avante!» Decidiu e agiu, energeticamente.

Abriu o cofre para pegar em dois dispositivos *GPS*. Quando encontrasse o automóvel de Aron, pretendia colocar um desses dispositivos. Abriu o roupeiro de emergência que ficava na sala de banho. De seguida pegou numa *t-shirt*, num par de *jeans* azul, num par de *boxers* e outro de meias. A isso juntou uma sacola de higiene pessoal e enfiou tudo numa bolsa da mochila, introduzindo na outra o seu *laptop*.

Era imperativo não perder aquele homem de vista.

Mary, atenciosa como sempre, perguntou-lhe — Sr. Thomas, precisa de alguma coisa?

— Obrigadíssimo Mary, mas não preciso que trate de nada. Estou com muita pressa e só nos reencontraremos, eventualmente, amanhã. — Retorquiu Thomas.

A assistente nem teve tempo de falar. Apenas o viu sair disparado pelo corredor afora.

11 SHELTER ISLAND.

Thomas saiu veloz em direcção a Shelter Island, uma pequena cidade, pertencente ao município de Suffolk, localizada no distrito de Long Island mesmo no limite oriental da ilha. Montou a *Ducati* e colocou as coordenadas no *GPS*. Aquela jornada implicava percorrer, aproximadamente, uns bons cento e sessenta quilómetros até chegar a Greenport; localidade onde apanharia o *Ferry* que faz a travessia para a ilha. Arrancou e, pouco depois, atravessou a Brooklyn Bridge; a primeira ponte de aço suspensa do mundo. Logo após atravessar a ponte e cruzar o Rio East, pisou Long Island e começou a aumentar o ritmo, em virtude do ritmo das instruções proferidas pelo sistema de voz do *GPS* que passaram a ser mais espaçadas. O clima ia ser um bom parceiro de campanha, os seus vinte e seis graus e o pouco vento que se fazia sentir, proporcionavam excelentes condições para viajar de moto. Além disso, a paisagem era outra boa companhia, dada a sua beleza natural e a baixa densidade de malha urbana. Porquanto lhe parecia, a zona era muito mais calma do que Manhattan, o que fez com que ele diso tirasse proveito para abusar da condução. A ausência de policiamento na estrada permitiu-lhe circular a grande velocidade e, graças a isso, em lugar de demorar as duas horas previstas, perfez o percurso em apenas uma hora e dez minutos. Às onze da manhã já tinha comprado a passagem para embarcar no *Ferryboat* e sabia que dali a uns escassos minutos estaria em Shelter Island.

«Tenho que procurar um motel. Acho que vou fazer vigilância durante o dia de hoje e só voltarei para Manhattan amanhã ao fim da tarde.» Pensava Thomas. «Esta pequena cidade é muito acolhedora, sem dúvida, o lugar ideal para arranjar um esconderijo seguro! Aquilo que os Grubb tanto procuraram e faz todo o sentido.»

Deu uma volta na cidade e muito facilmente localizou o Sunset Beach Hotel, um espaço pitoresco, muito simples e acolhedor, cujo edifício se encontrava enquadrado com a praia de Sunset Beach. Pareceu-lhe um refúgio de eleição para tirar umas pequenas férias, daquelas em que basta levar um bom livro e relaxar, nada mais. A natureza e aquela fabulosa paisagem encarregam-se do restante. Depois de se refrescar, instalou-se confortavelmente num terraço fantástico que ficava literalmente em cima do areal. Se olhasse para a frente, via uma praia em forma de baía e o mar onde flutuavam alguns barcos de recreio; olhando para trás, um monte moldado com a forma do interior de uma concha, tudo flora de um denso verde; olhando em profundidade, na ausência de neblina, conseguia-se avistar Long Island como pano de fundo daquela bela tela natural.

«Vim parar a um retiro paradisíaco, à beira-mar, só cá faltam umas sereias. É um lugar excelente para trazer uma amiga íntima ou uma namorada, sem dúvida. Depois de almoçar vou tratar de fazer o que

me trouxe até aqui. Estou um nada apreensivo, contudo, finalmente verei uma boa parte do quadro completo desta grande embrulhada», pensou Thomas.

Assim fez. E às duas da tarde começou a circunvagiar perto da pequena propriedade dos Grubb. A nova moradia do casal era incomparavelmente mais pequena do que o casarão de Pelham Manor, uma casinha, comparada com a outra, porém bastante agradável à vista. Na entrada da garagem, por debaixo de um coberto, visualizou uma carrinha familiar aparcada, uma *BMW Touring* cinza prata que, estando ali presente, indiciava que estaria alguém em casa. Observou cuidadosamente e com toda a discrição, pois não queria dar nas vistas, exactamente, por esse motivo não estacionou diante da propriedade, mas sim diante duma cafetaria localizada um pouco mais adiante. Aparcou a moto, entrou, saudou a funcionária, e sentou-se numa mesa de onde podia avistar a entrada da moradia. De seguida, pediu à funcionária para lhe servir um café acompanhado por uma água gasificada. O atendimento na cafetaria, assim como no hotel, era informal, todavia muito educado. Uma virtude típica dos meios pequenos onde proliferam pessoas simples e habitualmente afáveis.

Thomas sentou-se e retirou da sua mochila dois livros, um romance e um guia turístico de Long Island. Já esperava que a empregada de mesa quisesse bisbilhotar, outra característica muito comum dos habitantes de pequenos aglomerados. E acertou, em cheio!

— O senhor está de passagem?!... Aposto que é turista. Sabe, é que nunca o vi por estas bandas. — Exclamou a funcionária, entusiasmada. Parecia ser daquelas que falam pelos cotovelos.

— Ah! Adivinhou menina. Sou turista, sim senhor. — Respondeu Thomas, com simpatia.

— Olhe que a nossa ilha é muito bonita. Só tenho pena de sermos tão poucos. Mas acredite que não saía daqui por nada deste mundo. Mesmo nada! — Falou ela, electricamente.

— Eu estou a gostar muito da ilha, especialmente das pessoas. Até agora, só encontrei boa gente. São, sem dúvida, todos muito simpáticos. — Elogiou Thomas.

— Obrigadinha, senhor! Ai, fico tão contente em ouvir o que diz, nem imagina. — Retorquiu ela.

— Até lhe digo mais... — Continuou Thomas.

— Diga, diga! Estou a gostar muito de o ouvir. — A rapariga falava e sorria de satisfação.

— Bom, se um dia quisesse fugir do mundo stressante no qual vivo diariamente, escolheria esta ilhota. Pode ter a certeza absoluta. — Falou Thomas, com expressividade.

— Sabe senhor. Não seria o primeiro nem o último, de certezinha! — Retorquiu a funcionária.

— Acredito menina. Mas, há assim tanta gente a procurar a paz deste paraíso? — Questionou Thomas, carregado de segundas intenções.

— Há, claro que há. Dúvida?! Só para lhe dar um exemplo, aquela propriedade, ali do outro lado da rua, está a ver? — Perguntou entusiasmada, apontando para a casa dos Grubb.

— Sim estou a ver. É uma bela moradia! — Afirmou Thomas.

— Como lhe estava a dizer, aquela casa foi comprada por uma família muito educada. Basta falar com eles e percebe-se logo que é gente de categoria. O nome do marido é... — parou um instante para pensar — Ah! Já me lembro, é Warren. Um senhor reservado, de poucas conversas, mas nota-se bem que é um cavalheiro. — A empregada de mesa falava empolgada e continuou a descrição — A mulher, D. Ellen, já fala mais um pouco. Uma ternura de senhora! Vê-se pela maneira como trata as duas filhas, umas autênticas bonecas.

— Ah! Então, chegaram cá recentemente — Atirou Thomas.

— Há um mês, mais ou menos. — Respondeu ela, prontamente, e continuou. — A senhora fica muito por casa, quase só sai para levar as filhas à escolinha e para me visitar. Pede sempre um chá e lê uma revista tranquilamente. A seguir volta para casa. O senhor já passeia mais um pouco. Mas entretanto, lá para meio da tarde, volta e não torna a sair. Na minha ideia vai até à praia, pois sai sempre de calções. Entende? Para mim são escritores. — Explicava a rapariga, que falava mais do que um papagaio.

— A sério! — Exclamou Thomas.

— Claro está, senhor. Estão sempre em casa! Falam com muita elegância, e também parecem pessoas muito cultas. Não sei explicar bem porquê, mas parece-me assim. — Disse ela, arregalando os olhos, mostrando vivacidade.

— Se calhar tem razão, faz todo o sentido o que diz. Dou-lhe os meus parabéns! — Respondeu Thomas, com um sorriso no rosto.

— Porquê senhor?! — Perguntou.

— Porque é muito boa observadora. Olhe que, graças a semelhante astúcia, até poderia ser detective! Não acha? — Elogiou Thomas, sabendo que ela ficaria toda inchada de orgulho.

— Ah! Agora está a brincar comigo! Eu gosto muito do que faço, mas ser polícia?! Nem pense nisso. — Ripostou a pequena, com as maçãs do rosto ligeiramente coradas.

— Estou a brincar, claro.

— Tenho que ir à cozinha. Se quiser mais café, é só dizer e não paga mais por isso. — Disse ela, e de seguida virou costas.

— Muito obrigado, porém, para já, estou bem assim.

A empregada era muito engraçada, toda despachada e falava pelos cotovelos. Sem se aperceber forneceu-lhe uma data de informações úteis e relevantes. Se Thomas quisesse um informador e o procurasse, pouco mais conseguiria apurar. O relatório ficou completo e esclarecedor, fazendo-o ficar satisfeito com o bom resultado da sua estratégia de ter colocado o guia turístico ao alcance da vista da funcionária tagarela.

Do comportamento de Aron, o isolamento, a discrição, e o facto de manter a confidencialidade acerca de quem realmente era, induzia-o a pensar que a mudança de residência, para Shelter Island, se

traduzia num tentativa de se resguardar, quer a si quer aos seus. Todavia, havia algo que ele ainda não tinha confirmado. Faltou-lhe verificar se a imobiliária tinha recebido instruções para respeitar o sigilo quanto ao novo endereço, no entanto, muito provavelmente, deveria ter sido uma condição, por ele imposta, para a realização do negócio.

Confirmou-se o relatório coscuvilheiro da empregada de mesa. Até ter terminado de ler e reler o guia turístico, duas horas se passaram, e foi quando Thomas viu chegar um carro que estacionou ao lado da BMW, um Range Rover preto de onde saiu um homem. Finalmente, pode ver o cirurgião que acabava de chegar a casa. Pagou o consumo, despediu-se da sua “amiga” e dirigiu-se para junto da moto. Montou-a agilmente, arrancou e parou no cruzamento, poucos metros à frente, ficando com a moradia à sua esquerda. Olhou com precisão, focou e pressionou um botão que existia adjacente ao manípulo do lado direito e a objectiva da câmara fotográfica capturou instantaneamente uma sequência de três fotografias, apanhando a frente da casa, a traseira dos carros e as respectivas placas de identificação. Engatou, primeira, segunda... e seguiu para o hotel. Já tinha mais matéria para trabalhar. Na privacidade do seu quarto, transferiu as fotografias, via bluetooth, para o seu laptop. Abriu o programa de correio electrónico e escreveu um endereço de correio electrónico, anexando à mensagem as fotografias que tinha acabado de tirar. O conteúdo da redacção dizia o seguinte:

“De: stewart.thomas@gone.com

Para: franz.marcel@gone.com

Cc: —

Assunto: Dr. Aron Grubb localizado.

Caro Marcel Franz,

Conseguimos finalmente localizar o Dr. Aron Grubb. Deverá passar a constar que o endereço, anteriormente obtido, deixou de ter interesse, pois a propriedade está desabitada e foi colocada no mercado imobiliário para ser alienada. A nova residência localiza-se em Oldport Avenue, 111- cidade de Shelter Island – Long Island.

As fotografias da parte frontal da propriedade e das duas viaturas seguem em anexo (o Range Rover pertence ao cirurgião). As imagens dar-nos-ão a possibilidade de identificar as matrículas de cada uma das viaturas. Solícito que se verifique, junto da base de dados dos serviços gerais de viação, quem consta como proprietário. É importante apurar, até que ponto estão a evitar serem localizados, isto porque consegui, por meio informal, descobrir que estão a usar nomes falsos. Entre hoje e amanhã, colocarei um dispositivo de localização *GPS* em cada uma das viaturas. Desde já, solícito que monitorizem, ao minuto, o paradeiro das mesmas e que me informem se alguma delas sair do perímetro próximo de Shelter Island.

Penso que não será fácil penetrar na moradia para colocar um dispositivo de escuta. O casal estará,

seguramente, em estado de alerta máximo. No entanto, tentarei colocá-lo, se e só se conseguir garantia total de que a investida tenha sucesso, sem correr o risco de comprometer o meu disfarce.

Caso se confirme o que suspeito, eles poderão estar a correr risco de vida! O desenrolar dos factos leva-me a crer que o Dr. Aron Grubb possa ser uma de duas personalidades: um médico sem escrúpulos com posição activa e determinante numa organização mafiosa ou, o oposto, uma vítima dessa organização. Se for a segunda hipótese, o médico estará a correr um grande risco de vida. Se assim for, teremos que o proteger, e simultaneamente utilizá-lo para corroborar connosco na qualidade de informador primordial.

Estamos na iminência de progredir com certezas mais consistentes. Se, entretanto, obtiverem qualquer informação adicional, agradeço que ponham ao corrente *on-line*, a.s.a.p.

Sem mais a acrescentar.

Cumprimentos.

Stewart T.”

Pressionou “*send*” e desligou o computador. Após isso, tinha a oportunidade de dar um passeio pela praia e organizar as ideias, cautelosamente, para decidir quando e como agir, entre essa noite e, ou, no dia seguinte. Deu uma saltada à recepção para perguntar como arranjar uns *boxers* de praia, pois queria aproveitar para dar um mergulho. A bela baía de Sunset Beach convidava a isso mesmo.

Desceu e depois de comprar uns calções numa loja pequena dentro do hotel, da qual nem se tinha apercebido e, quando se voltou, quase esbarrou contra uma mulher, daquelas... Para seu espanto, arregalou os olhos e viu que era a Jennifer! — Uau! — Exclamou surpreendido. — Por aqui Jennifer?!

— Ah! És mesmo tu?!... Claro que és, parvoíce a minha. — Disse ela, surpreendida por vê-lo ali.

— Por aqui?! — Repetiu Thomas.

— Tiraste-me as palavras da boca! — Ripostou Jennifer.

— Olha, hoje pensei assim: Sexta-feira. O meu gabinete ia sofrer umas obras; durante a parte da tarde, a confusão instalou-se e eu, que me sentia um pouco cansado, ainda estranho devido ao efeito do *jetleg*, depois de dar uma espreitadela no *Google* descobri esta fantástica ilhota! Conclusão. Cá estou! Não me arrependo, pois vim parar à “*Isla Encantada*”, como podes muito bem traduzir. E tu?! — Explicou Thomas.

— Eu, meu querido, — e mais uma vez, não resistiu em galar Thomas, sorrindo como uma felina — que já conheço este paraíso, desde a minha adolescência, estando também um pouco cansadita, resolvi recarregar as baterias neste abrigo encantador. Não é à toa que a baptizaram de Shelter Island. — Retorquiu Jennifer.

— Estás deslumbrante. Sem a bata, que até te fica muitíssimo bem, deixas-me sem palavras. —

Thomas resolveu retribuir o ataque, sem quaisquer reservas, lançando-lhe um olhar repleto de charme e ligeiramente atrevido.

— Obrigado Thomas, és um amor! — Disse Jennifer, vislumbrou-se no seu rosto uma expressão de alegria. Estava visto que sintonizavam a mesma estação, sem qualquer margem para dúvida.

— Acabas-te de chegar? Queres ajuda com a bagagem, ou já está tudo no seu lugar? — Perguntou Thomas.

— Agradeço-te Thomas, mas acabei de descer do quarto para tomar um café na esplanada. A jornada foi um bocado extenuante. Imagina que demorei, quase, duas horas quarenta e cinco minutos a chegar até Greenport. Eu já “estava pelos cabelos” com o trânsito que só melhorou a partir dos últimos cinquenta quilómetros, felizmente, daí para a frente foi sempre a andar. — Falou Jennifer.

— A mim, a viagem correu-me lindamente. Uma hora e dez minutos, foi quanto me levou a chegar de Wall Street até Greenport. Somando a esse tempo mais trinta minutos para fazer a travessia de Ferry, o tempo total, do meu gabinete até à recepção do hotel, ascendeu a uma hora e quarenta minutos. — Riu de satisfação, só de ver a expressão de espanto no rosto dela.

— Desculpa que te diga Thomas, mas isso talvez pudesse acontecer num filme de desenhos animados ou de ficção. Estás a brincar comigo, só pode! — Comentou Jennifer.

— Não só não estou a brincar, como também insisto que fiz e faria outra vez, sem a menor dificuldade. — Ripostou Thomas, soltando uma pequena risada.

— Tudo bem, eu acredito! Sabes?! Não te quero ver triste! — Disse ela, sorrindo e fazendo-o com uma expressão de quem não acreditava.

— Jennifer, minha querida. É teu? Aquele Jeep! — Questionou Thomas.

— É meu, sim. — Confirmou.

— Vou dar-te uma dica. O teu Jeep é lindo, seguro e confortável. — Falou Thomas.

— Olha que também é veloz! — Acrescentou Jennifer.

— Eu sei. Mas deixa-me terminar. Aconselho-te, para quando tiveres pressa, a comprar uma *Ducati*. — Falou Thomas, com ar de gozo e continuou. — Vais ver que, depois de eu ter dar umas lições, conseguirás chegar aqui muito mais depressa. Eh, eh, eh! — E deu uma bela gargalhada.

— Oh! Olha Thomas, és um grande malandro e completamente louco. Mesmo de mota, neste tipo de estradas e com semelhante trânsito, até me arrepio só de imaginar. — Retorquiu.

— É uma questão de hábito, nada de especial. — Disse ele.

— Digo-te uma coisa, meu amor — Falou Jennifer, voltando-lhe a escapar uma expressão de afecto, desta vez sem intenção — Deus queira que só venhas a precisar de tratamentos aos dentes. Deus queira, meu maluquinho!

— Mudando de assunto. Que tal vestir os fatos de banho e darmos um pulo até à praia? — Sugeriu

Thomas.

— Acabaste de me ler o pensamento! Deixa-me só tomar o meu café. É um estantinho. *Okey?* —
Concordou ela.

— Tudo bem. Eu vou subir para me mudar e espero por ti cá em baixo. Até já. — Disse ele.

À medida que subia para o quarto, uma autêntica catadupa de pensamentos sequenciais sucediam, como flashes, na sua mente. Incrível, surgiu-lhe a oportunidade para, de modo natural e insuspeito, se infiltrar no seio da família Grubb. Jennifer era o cartão-de-visita perfeito! Pareceu-lhe evidente que a presença de ela ali, em Shelter Island, haveria de estar relacionada com os Grubb. Por momentos, ocorreram-lhe diversos pensamentos, algumas possibilidades que ele, por prudência, não deveria descartar. Tornou-se cristalino, no seu raciocínio, que havia três cenários possíveis: uma Jennifer amiga da família Grubb; uma Jennifer espiã, elemento de um “esquadrão da morte”, que perseguia Aron; ou, como última hipótese, uma Jennifer membro pertencente da organização criminosa controlada pelo médico.

A formação preparara-o para ter a mente aberta e ser capaz de raciocinar analiticamente, sem nunca se deixar influenciar por sentimentos pessoais. Agente que perdesse essa capacidade estaria condenado ao fracasso. Esta era uma das partes duras do seu trabalho, todavia, Thomas tinha essa qualidade bem vencida. Já dizia o velho ditado: “quem vê caras, não vê corações”. O conhecimento profundo do modo de funcionamento de uma mente perversa era fundamental. O segredo elementar residia em nunca retirar conclusões precipitadas, nem positivas, nem negativas, e observar, analisar, estudar meticulosa e analiticamente todos os indícios. No seu devido tempo, chegar-se-ia à verdade. O nunca subestimar alguém, também era muito importante, nunca esquecendo que escorregar poderia ser fatal. Quem sabe se, por vezes, o observador não estará também a ser observado.

Numa óptica de vigilância, investigação e, ou, acções em curso, podendo-se estar sujeito a alguma exposição, as regras essenciais devem ser, rigidamente, tomadas em linha de conta. Regras tais como, por exemplo: não confiar demais nos amigos; ocultar as intenções; falar sempre menos do que o necessário; fazer-se de amigo e agir com um espião; descobrir quem se tem pela frente; agir de modo a não se sujar ou se denunciar; descobrir o ponto fraco de cada um; saber qual o *timing* ideal para agir; antecipar os passos do inimigo e desarmá-lo; incomodar, irritar e destabilizar o inimigo, permanecendo anónimo; e, por fim, planejar com inteligência, muito cuidado e astúcia.

Conforme tinham combinado, aguardou por ela na esplanada. Espreitou o relógio que marcava dezassete e trinta. O sol ainda estava forte, mas não em demasia e o extenso areal branco da baía, banhado por aquele mar tentador, aguardava-os. A clássica espera de uma mulher bonita aconteceu, Jennifer não fugia à regra. Até que a avistou a descer a escadaria depois de esperar uns bons quinze minutos. Seria exagero estabelecer um paralelo com a aparição de uma actriz de cinema, mas, aparte de floreios, ela era uma mulher cuja presença causava impacto.

Desceu como subiu, deslumbrante, porém, vestindo um bikini, a história complicava-se. Não fosse Thomas um daqueles homens acostumados a acompanhar com mulheres vistosas e bonitas, ter-se-ia “afogado na própria baba”. Contudo, como disso nada tinha, simplesmente lhe sorriu, abanando ligeiramente a cabeça em sinal de aprovação. O corpo de Jennifer só não era perfeito, simplesmente, porque a perfeição é utópica!

— Desculpa a demora, Thomas! — Disse Jennifer.

— Até te agradeço, assim tive tempo para tomar um café. Agora, vou sugerir que deixes aqui a tua saída, acho que basta levar uma toalha. Podemos levar a tua; pode ser assim?

— Por mim tudo bem. — Assentiu.

— Então deixa comigo, que eu levo-a para ti, *Okey?* — Falou Thomas.

— Obrigado Thomas. E tu não levas a tua? — Perguntou Jennifer.

— Não. Eu gosto de secar o corpo apenas com o calor do sol? — Explicou. — Se estiveres de acordo, gostava de fazer uma caminhada, como hoje não há ginásio, sabe-me bem. De acordo?

— Tudo bem, por mim está óptimo. Mas queres fazer *jogging?* — Questionou Jennifer.

— Não. Apenas quero caminhar, é melhor para conversar. — Sugeriu Thomas.

— Vamos a isso! — Concordou ela.

Thomas colocou a toalha perfumada em redor dos ombros e começaram a caminhar. O dia estava quente, contudo, um pouco ventoso também, e os cabelos fortes e negros da Jennifer esvoaçavam ao ritmo daquela brisa agradável. Ela era, realmente, uma mulher deslumbrante e vistosa, não demasiadamente alta. Teria um metro e setenta, sensivelmente menos quinze centímetros do que ele. Os dois formavam um belo par.

— Nem me deste tempo para te telefonar, Thomas — Disse Jennifer a sorrir. — Queria muito telefonar-te, mas ia fazer isso durante a próxima semana ou no próximo fim-de-semana.

— Oh! Sério?! — Exclamou Thomas, com agrado.

— Sim, claro que sim. Se bem te lembras, assumi a responsabilidade de ser a tua guia em Nova Iorque. — Recordou Jennifer.

— Lembro, claro que lembro! Como poderia esquecer, mas como não ligas-te para nos encontrarmos este fim-de-semana, deduzo que preferias estar sozinha e eu estou a estragar o teu sossego. — Atirou Thomas, para ver qual seria a reacção dela. E assim, tentar saber algo acerca do motivo que a levava a Shelter Island.

— Nada disso. Vontade não me faltou, só que já tinha combinado visitar uns amigos que vivem aqui, entendes? — Respondeu Jennifer, e fê-lo com sinceridade. Pelo menos, foi o que lhe pareceu a ele.

— Então a minha intenção de te convidar para jantar, não passará do plano das intenções. — Arriscou Thomas.

— Digo-te já que aceito o convite, vou adorar jantar contigo. Hoje estou livre, amanhã é que não. O meu compromisso é para o almoço de sábado. — Explicou ela, expressando-se com aparente satisfação.

— Ainda bem, óptimo! Prometo que não te vou raptar, amanhã ficarás por tua conta. Os teus amigos escolheram um lugar super tranquilo para viver, aqui não há *stress* e é de facto muito agradável. — Acrescentou Thomas, continuando a tentar puxar por ela.

— Escolheram bem sim. Aqui podem descansar, estão isolados e protegidos de tudo, daquilo que é a azáfama do mundo dos dias hoje, enfim. — Falou Jennifer, soltando um suspiro de alívio no final.

— Está tudo bem Jennifer?! — Perguntou ele, apercebendo-se de uma mudança no tom da voz dela que esmoreceu, quebrou.

— Claro que sim Thomas. Mas falemos de nós, acho bem mais interessante. Não concordas? — Disse Jennifer. Estava visto que aquele tema era para pôr de lado.

— Concordo plenamente. — Disse-o peremptoriamente.

— Pelo que percebi no outro dia, deduzo que ficarás por cá, temporariamente? — Perguntou Jennifer, mudando de assunto.

— Em boa verdade, ficarei em Nova Iorque enquanto me quiserem cá, isto é, enquanto for útil cá. Poderá demorar muito ou pouco tempo, quem sabe meses, ou, talvez anos. A minha progressão na carreira também ajudará a determinar isso. — Explicou Thomas.

— No outro dia não entendi completamente e achei que não devia ser indiscreta. Afinal, em que é que trabalhas exactamente? Estudas-te o quê? E para que fim? — Inquiriu ela.

— É mais simples do que parece, eu faço-te uma síntese. No início da minha vida académica comecei por estudar numa escola internacional, para poder acompanhar os meus pais, sem padecer de problemas de adaptação, caso de mudassem de país por motivos profissionais, possibilidade essa que realmente acabou por acontecer. Em virtude disso, vivi em Londres, onde nasci, até aos seis anos de idade e entretanto mudamo-nos para o Porto, em Portugal. Vivi lá até aos dezassete anos, e foi uma fase da minha vida inesquecível. Aos dezassete anos mudei-me, de novo, para a minha nação de berço, Inglaterra, onde ingressei na Oxford University e me graduei em *Business & Managment*. — Thomas interrompeu para fazer um elogio. — Faço um breve interregno para te dizer que colocaste esta praia no patamar de uma das mais interessantes do planeta.

— És um querido. — Disse Jennifer, deixando escapar um sorriso e um brilho no olhar.

— E agora, continuando a minha história. Depois de terminar a formação em Oxford, internacionalizei-me, ainda mais, pois ingressei na Harvard University, nos Estados Unidos, sitio que com certeza não te soará estranho!

— Por amor de Deus, claro que não! — Risada.

— Após completar o meu *MBA*, em Harvard, voltei ao Porto e comuniquei família que ia gastar uma

boa parte das minhas economias. Durante seis meses viajei de mota pela Europa, corri-a quase toda; visitei: Itália, Grécia, França, Suíça, Alemanha, Áustria, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, Suécia e, por fim a Turquia. Acabei o roteiro a contemplar magnitude de Istambul. Não me preocupei com a Espanha, a Escócia e a Irlanda, pois já conhecia esses países, muito razoavelmente, visto estarem perto de onde residi. A minha epopeia turística resultou numa presença média de dezasseis dias em cada país, tudo feito por asfalto e terra, em cima de uma superbike.

— Oh! Estou estupefacta, confesso que estou! — Afirmou Jennifer boquiaberta.

— Prepara-te, a seguir és tu. E, para terminar, após ter completado a minha cruzada inter-cultural, regresssei ao Porto. Por essa altura, aceitei uma proposta de trabalho de um Banco de Investimentos, inglês. Posto isso, voltei para Inglaterra, para Londres, cidade onde trabalhei na área de análise de investimentos e auditoria internacional ao serviço do *LIB*. O emprego também me permitiu viajar, regularmente, dentro da Europa, no âmbito do desempenho das minhas funções. Muito recentemente, há cerca de um mês atrás, fui convidado para vir para os EUA, mais especificamente Manhattan, para assumir funções similares àquelas que desempenhava em Londres. Só que, desta feita, para me debruçar mais sobre as operações no mercado Norte Americano. Por isso cá estou e, o mais incrível, a relatar a história da minha vida à minha dentista preferida: a belíssima, Latino-Americana, Dra. Jennifer Herrena. — Acabou rindo, enaltecendo-a usando uma entoação teatral, do tipo: actor duma peça de William Shakespeare.

A reacção da Jennifer dificilmente se consegue descrever, fazendo uso dum papel e pena. O epílogo teatral, com que ele terminou a sua explanação, deixou-a a rir à gargalhada e de ela transparecia, irradiava, boa disposição. Aliás, ficou completamente encantada.

— Ah! A ser tudo verídico, a tua vida mais parece um sonho. Deixaste-me espantada, confesso! — Disse Jennifer.

— Eu provo-te! Tenho registos fotográficos de tudo, minha querida. — Ripostou Thomas, repetindo a mesma frase, em português, espanhol, francês e alemão.

Jennifer, que por acaso falava alemão, ficou completamente vidrada, sem reacção, e apenas disse:

— Acho que fiz uma limpeza dentária a um génio, agora percebo melhor a razão de Wall Street ser um centro financeiro multi-cultural. Mas tu deves ser dos mais especiais, pelo menos para mim estás a tornar-te nisso. — Disse Jennifer e sentiu-se, entre os dois, a emoção à flor da pele.

— A tua apresentação ficará para o jantar. Que tal darmos um mergulho para nos refrescarmos e descomprimir um pouco. — Sugeriu Thomas.

— *Okey*. Bora lá pró mar, vamos! — Assentiu Jennifer.

Correram, lado a lado, e mergulharam naquele fantástico mar azul-turquesa. Depois disso, sentindo o conforto daquela água salgada, quase tépida, não trocaram palavras, apenas sorrisos e olhares! Detiveram-se na água uns dez minutos. O clima gerado, entre eles, tinha uma aura especial, realmente,

durante todo o tempo que estiveram no mar, apenas se observaram, roçando-se suavemente um no outro, de quando em quando.

Até que, por fim, Jennifer perguntou-lhe:

— Que tal sairmos da água, parece-te bem? — Jennifer estava relaxada e falava com uma entoação meiga.

— Acho que sim. — Respondeu Thomas, também num tom semelhante.

Já fora da água, aconchegou-a com a toalha, após ter enxugado o seu rosto. Depois seguiram o trilho do areal até ao Hotel e combinaram encontrarem-se no *lobby*, dali a quarenta e cinco minutos. Jennifer sugeriu saírem no Jeep, pois de noite poderia arrefecer, ao que Thomas respondeu afirmativamente.

O quarto não era luxuoso, sem nada de ostentador, mas era acolhedor e bastante confortável. A casa de banho, muito cheirosa, dispunha duma cabine de duche ampla, ideal para tomar um chuveiro relaxante. Thomas regulou a água para uma temperatura alta, visto gostar de tomar o duche, ou bem quente, ou muito frio e, naquele fim de tarde, optou pela temperatura quente para ajudar a um bom relaxamento muscular. De seguida desfez a barba, secou o corpo e vestiu-se. Optou por um pólo azul marinho, umas calças brancas, de sarja fina, e calçou uns mocassins, também azuis. Voltou à casa de banho e penteou-se com os dedos, como era seu hábito, apenas colocando um pouco duma cera de menta para moldar o cabelo, ao seu gosto, e terminou de se preparar, não esquecendo o perfume. Ficou pronto para sair, e já sabia que teria que aguardar um bom bocado, por isso mesmo foi até ao bar, pediu que lhe servissem uma vodka tônica e sentou-se junto de um janelão semi-aberto a tomar a bebida e a contemplar o pôr-do-sol.

Quando Jennifer subiu aos seus aposentos, sentiu que não estava nela! Sentia que estava em estado de transe, só pensava. «Que bom ter encontrado o Thomas aqui.»

Havia qualquer coisa nela que não batia certo. Nunca tinha vivido nada assim, tão fora do convencional, tão inesperado e repentino. Contudo, os sentimentos não se explicam e dificilmente andam de mão dada com a lógica ou a razão. Aquele homem mexia com ela e o receio de se desiludir, como no passado recente, não era tão forte quanto a vontade que sentia de avançar. Mais do que os atributos físicos de Thomas, que a atraíam e muito, havia uma química inexplicável, muito intensa, e ela intuía que era recíproca.

Tomou o seu duche, demorando um bom bocado de tempo a mais do que Thomas, como seria de esperar. Após sair do banho, vestiu uma saia curta preta com uma racha lateral, uma blusa branca cintada, de linho, ligeiramente transparente com um decote arrojado e, por fim, calçou umas sandálias de salto alto que lhe favoreciam os pés elegantes. Optou por não exagerar nos adornos e bijutarias, perfumou-se e saiu com o seu belo cabelo preto, ainda húmido, apenas enxugado e penteado. Jennifer apareceu deslumbrante, fresca, elegante, e simultaneamente atraente.

Ao descer a escadaria, avistou Thomas sentado numa poltrona a observar a baía e ele apercebeu-se da aproximação de ela, pelo som dos saltos altos, embora tenha fingido não se aperceber.

— Já estou pronta Thomas. — Disse Jennifer, quando se apresentou diante dele.

Ele levantou-se, rodou e falou.

— Oh! Estás muito gira, Jennifer. Agora vou-te pedir ajuda, pois não conheço nenhum restaurante por estes lados. — Falou Thomas.

— Não te apoquentes com isso. Eu dou as direcções e tu, para compensar, conduzes o Jeep. Parece-te bem assim? — Retorqui Jennifer.

— Justíssimo, vamos! — Disse ele, e saíram em direcção ao Jeep.

Com o pôr-do-sol chegou a noite, e do negrume do céu imergiam inúmeras estrelas. O vento tinha desaparecido, tornando a atmosfera amena, e proporcionando um enquadramento soberbo para um final de dia agradável.

O Grand Cherokee era muito confortável, um daqueles tipos de todo-o-terreno que ficam bem, quer ao sexo feminino, quer ao masculino. Arrancaram e Thomas foi seguindo as indicações dela. O destino eleito pela sua companheira, obrigou Thomas a utilizar o *GPS*. Do hotel até ao destino escolhido eram uns quarenta e quatro quilómetros, seguiram pela Ferry Road até terem que usar um *ferry*, naquele caso, o South Ferry que fazia a travessia North Hadem – Shelter Island, trasladando-os para Sad Harbour; um belo passeio a repetir à luz do dia. Pouco tempo depois, tomaram a Pantigo Road, uma estrada mais rápida, e percorridos mais uns vinte e dois quilómetros, depois de uma hora de viagem pararam, diante do restaurante eleito, em Montauk Town. Uma casa famosa pela qualidade dos pratos de peixe e marisco frescos.

— Corri o risco de não te perguntar se gostavas de comida do mar, no entanto, se for o caso, eles também têm boas opções de carne. — Explicou Jennifer.

— Eu gosto de quase tudo. — Respondeu Thomas. — Até prefiro peixe, à carne. E, pelo aspecto tosco do restaurante, deduzo que vamos comer muito bem. O espaço é, de facto, muito agradável à vista. Mas aqui, suspeito que o estômago, que tem melhor relação com o paladar, também será muito bem tratado.

— Concordo contigo. — Disse Jennifer. — Um lugar bonito, super cosmopolita e elegante, se não tiver qualidade, pode perder todo o encanto. Este sítio é especial, é rústico, típico, e cozinham muitíssimo bem. Estou em crer que vais aprovar a minha escolha!

Não tinham feito reserva. Todavia, havia disponibilidade e foram colocados numa pequena mesa de canto, junto das janelas entreabertas, de onde podiam avistar a beleza baía. A escolha do menu foi muito simples: uma salada, um excelente rodovalho acompanhado com legumes e um bom vinho branco francês, escolhido por Thomas.

— Agora é a tua vez de falar. Podes começar, força! — Disse Thomas, imitando uma expressão e entoação inquisitiva.

— Sim senhor. Ora bem, a minha história de vida reza assim: sou americana, descendente de um empresário porto-riquenho e de uma médica americana. Nasci e vivi sempre em Nova Iorque, como vez é muito menos interessante do que a tua. — Disse ela, sorrindo.

— Só isso! Vá lá. Continua. — Falou Thomas.

— Muito bem, continuando. Estudei sempre no mesmo colégio privado, em Manhattan, desde a infância até à altura de ingressar no ensino superior, e depois cursei medicina dentária na NYC University, onde também me especializei em cirurgia e prótese dentária, seguindo as passadas da minha mãe. — Dissertava Jennifer. — Paralelamente aos meus estudos pratiquei, desde muito cedo, dança contemporânea. Aliás, ainda pratico e é aí que está a minha grande paixão, o meu ponto de equilíbrio. Adoro dançar! — Exclamou — Além disso, como é fácil deduzir, falo fluentemente espanhol e a surpresa é que também falo alemão. Não tive o privilégio de poder dar uma de *hippie* como tu, pois comecei a trabalhar, na Rochelle Health Clinic, logo depois de terminar o curso. Para terminar, confesso que não sou tão viajada como tu, mas conheço um pouco da Europa e da América do Sul. No velho continente visitei, Inglaterra, Suíça e Itália. Aqui por perto, do outro lado do Atlântico, conheço o Brasil, o México e Porto Rico, claro está. Ah! Também conheço as Ilhas das Caraíbas. Olha que vale bem a pena, são únicas!

— Sim eu sei, esqueci-me de referir os destinos que visitei na América do Sul. Estive nas Caraíbas e no Brasil, com quem nós, os portugueses, ainda hoje temos uma grande ligação. — Falou Thomas.

— Como vez tenho uma experiência muito pobrezinha, comparada com a tua. — Disse Jennifer, simulando tristeza e fazendo beicinho.

— Não podes comparar Jennifer. — Retorqui Thomas, sorrindo. E continuou. — Na Europa tudo é próximo. Basta teres a noção de que a distância entre o sul e o norte da Europa são três horas de avião. Por exemplo, de Portugal até Inglaterra, um voo demora apenas duas horas. Claro que o que fiz de mota é uma loucura, mas foram seis meses fantásticos, difíceis de repetir, e soube-me muito bem.

— Sim, claro que não se pode comparar. — Assentiu Jennifer.

— Com que então seguiste as pisadas da tua mãe? — Questionou Thomas.

— Segui sim, mas não por influência dela. Na altura em que tive que optar entre a medicina e a dança, não sofri qualquer pressão, nem por parte de ela, nem do meu pai, tão pouco. — Respondeu Jennifer.

Quando terminaram a deliciosa refeição, pediram café e, posteriormente, Thomas pediu outra garrafa do mesmo vinho para ficarem a tagarelar até tarde. Tanto que empregado de mesa, quase, teve que os pôr pela porta fora para poder encerrar o restaurante.

O caminho até ao Hotel foi feito em silêncio. Thomas, a cada instante, apercebia-se que ela o observava com um olhar de quem se está a apaixonar, e perante todo aquele contexto, decidiu que deveria ter alguma cautela. Seria péssimo envolver-se precipitadamente visto que, para todos os efeitos, só podia

ter uma certeza. A Jennifer estava a ser usada por ele sem se aperceber e muito menos imaginar quem ele era na realidade, e quanto à hipótese dela estar a usá-lo, era apenas uma possibilidade muito remota. O que o preocupava era o facto de não estar a ser totalmente sincero, contudo entre uma omissão obrigatória e uma mentira mal intencionada, ia uma grande distância. No entanto, quando chegaram ao hotel teve a vida facilitada, pois o cansaço dela era tal que adormeceu durante a viagem, quebrando-se assim qualquer clima perigoso, indo cada qual descansar para o seu quarto. Ele entrou no quarto e, uma vez sozinho, mergulhou em pensamentos mais frios e objectivos.

«Oxalá a Jennifer seja mesmo o que aparenta, caso contrário seria uma surpresa desagradável. A ser verdade a sua história de vida, ela é uma mulher bonita tanto por dentro quanto é por fora, mas devo estar alerta e não me deixar influenciar prematuramente. O conhecimento é recente e ainda está tudo muito fresco. Quantas são as vezes em que algumas pessoas, passados meses, e por vezes, até após alguns anos de convivência, vêem a constatar que uma determinada pessoa se revela numa grande desilusão, uma surpresa negativa. Claro que, também existem pessoas que muitas das vezes se recusam a ver com olhos de ver! Nestes casos, há um pequeno grande problema: o coração não vê! O facto de Jennifer não ter referido o nome dos Grubb, demonstra prudência, e prova que não confia em mim sem algumas reservas. É uma evidência de que possui bom senso e partindo do pressuposto do cirurgião ser inocente, vítima duma cilada repugnante ou ser um bode expiatório, esta atitude faz de ela uma mulher de “M” grande. Uma mulher que respeita a vida privada dos Grubb que, pelos vistos, são seus amigos de longa data. Além disso, é próprio do seu bom carácter não andar, por aí, a revelar aspectos privados da vida dos amigos e, muito pelo contrário, procurar ser discreta e nunca inconfidente. Portanto, não devo interpretar negativamente a sua omissão quanto à identidade dos Grubb. A minha missão é conhecê-la melhor e perceber como a posso usar, pois ela pode continuar a ser preciosa como tem sido até agora! Serei paciente. Quanto a resistir aos seus encantos, seja o que Deus quiser! Eu sou duro, mas não feito de ferro e ela igualmente! Amanhã vou servir-me da sua presença em Shelter Island. Durante o horário de almoço, no caso de se ausentarem da propriedade, poderei colocar os dispositivos de vigilância nos automóveis dos Grubb.»

O Thomas pensava com lógica, não tirando conclusões prematuras, não agindo de modo irreflectido, precipitado ou impulsivo e sabendo esperar o momento certo para fazer uso do seu conhecimento social. Eram as estratégias que o ajudariam a avançar no apuro da verdade. Ter a prudência de imaginar como cenário possível, aquele em que ela pudesse ser um elemento perigoso e perverso duma máfia que aterrorizava os Grubb, ou outro cenário oposto, em que ela fosse parceira no crime de uma organização liderada pelo cirurgião. Um agente tem que ponderar toda e quaisquer possibilidades até existirem provas concretas, certezas. Tudo deve ser considerado e nada deve ser excluído, inclusivamente qualquer hipótese que aparente ser muito remota. A história de confiar desconfiando é uma grande treta. Ou se confia, ou não se confia. Na dúvida, simplesmente, não se deve confiar, sem qualquer hesitação, e ponto final. Thomas acabou por adormecer de madrugada, esvaído de energia de tanto pensar e repensar. Mas

dormiu a correr, pois tomou o pequeno-almoço na alvorada do dia, apressadamente, como quem vai chegar na queima a uma reunião. Sabendo que Aron saía de manhãzinha, e como não queria rondar as imediações da propriedade no período em que Jennifer estivesse lá, optou por ser o primeiro, nessa manhã, a rodar na Ferry Road. Em primeiro lugar passou pela frente da casa, sem parar, e viu que as viaturas estavam por debaixo do alpendre, um sinal de que, naquela manhã, nenhum dos dois teria saído de casa. Depois serviu-se, mais uma vez, da cafetaria, vizinha dos Grubb como ponde de observação para poder vigiar as movimentações. Da mesa aonde se tinha sentado, anteriormente, conseguia ter uma visibilidade excelente. Mal entrou, foi saudado, de imediato, pela simpática funcionária.

— Bom dia! Bons olhos o vejam. — Disse ela, com a sua vivacidade.

— Bom dia, menina. Hoje quero um café longo acompanhado por um donut simples, pode ser? — Pediu Thomas.

— Pode, claro que pode. O senhor manda! Só lhe peço três minutinhos. — Retorquiu ela, e colocou-lhe o pedido na mesa com prontidão. Além de ser uma simpatia, era, também, muito despachada. O doce parecia ser de fabrico artesanal, com aquele aspecto, só podia ser de fabrico caseiro.

— Que bom! Quem inventou esta delícia?! — Manifestou-se Thomas, com agrado e surpresa.

— São feitos aqui mesmo. Gostou?

— Adorei! São uma especialidade. Este está a evaporar-se, será melhor trazer-me mais um. — Pediu Thomas, gracejando.

— Levo-lhe já. Só um instante, por favor. — Entretanto dispensou alguma atenção a outro cliente que acabava de entrar.

O relógio batia as nove horas, em ponto, quando avistou Aron a sair da garagem. O médico dirigia-se para o carro, contudo parou e voltou a casa, devia ter-se esquecido de alguma coisa. Thomas que já tinha pago a despesa, saiu com ligeireza, montou a mota e arrancou, devagar, enquanto via o médico entrar no carro. O Range Rover pisou a rua, aceitando a prioridade concedida pela mota que se encontrava em movimento, tornando-se insuspeito seguiu-o e foi isso que o astuto Thomas provocou, premeditadamente, seguindo Aron que conduziu o seu todo-o-terreno até ao Country Club da ilha. A perseguição foi muito discreta, aparentemente casual, até porque a distância era curta. Enquanto Thomas se apeou da *Ducati* e tirou o capacete, já o médico entrava na casa do club com o seu equipamento ao ombro. Apenas alguns minutos, foi quanto tempo ele dispensou para justificar a sua entrada nos terrenos do club, onde solicitou um pequeno desdobrável para tomar conhecimento das condições praticadas pelo club para o acaso, por exemplo, dele pretender jogar uma partida de Golf com um, hipotético, amigo que o tinha acompanhado naquelas, supostas, férias. Entretanto, deu uma espreitadela ao Green e voltou para o parque de estacionamento, passando pelo Range Rover onde depositou, dissimuladamente, o dispositivo de localização. A viatura já se via das estrelas e Thomas saiu do clube num abrir e fechar de olhos, apontando na direcção de Sunset Beach.

Com o seu *pc-pocket* conseguia obter a localização de qualquer viatura, onde tivesse colocado um dispositivo de vigilância, inclusive podia fazer uma perseguição com distância controlada, eliminando o risco de se expor. Complementarmente a isso, muito mais exaustivo era o trabalho que a *GONE* desenvolvia, nos serviços de suporte centrais, para os seus agentes operacionais. Thomas iria receber, quer no *pc-pocket*, quer no computador portátil, todos os dias, rigorosamente às seis da manhã, um relatório pormenorizado com todas as rotas e lugares visitados pelos indivíduos que estavam sob observação, no âmbito daquela operação. Era informado: para onde; por onde; a que hora; quanto tempo; etc.

Ainda era cedo. Jennifer ia almoçar com os seus anfitriões locais e talvez pudesse proporcionar-lhe uma boa oportunidade para que Thomas pudesse colocar o último dispositivo; faltava-lhe controlar a carrinha da Ellen. Mas isso só aconteceria para o caso deles almoçarem fora de casa, todavia ele, infelizmente, não tinha conseguido obter essa informação na noite anterior, contudo não seria de todo improvável de acontecer. Se a intenção da Jennifer fosse, com tudo indicava ser, distraí-los de modo a passarem um bom bocado de tempos juntos, seria muito provável que saíssem para dar um passeio. De qualquer maneira, planeava passar lá por volta da uma da tarde, e se a carrinha da Ellen estivesse estacionada ao lado do Range Rover, ou do Jeep, teria uma excelente oportunidade para levar avante a sua tarefa e, para verificar isso, bastaria que faltasse um dos carros para deduzir que teriam saído. No entanto, seria conveniente passar pelo hotel, por volta da uma hora, e confirmar se Jennifer tinha levado o Jeep; caso contrário, correria o risco de a terem ido buscar e aí, nada feito. Ele tinha que pensar em todas as possibilidades, inclusive na ausência da viatura de Aron ou de Jennifer, substituindo a hipótese de um deles ter saído temporariamente. O facto de não dispor do número de telefone fixo dos Grubb, visto o casal não ter instalado o serviço telefónico, impedia-o de comprovar se estariam, ou não, em casa, incorrendo sempre num risco que queria e devia evitar. Pensou mais um pouco, até que lhe ocorreu a seguinte ideia.

«Já sei como agir! Chamo um táxi, ao qual darei instruções para seguir pela Ferry Road, alegando ser um turista que pretende conhecer melhor a ilha, pois estou maravilhado com tudo em meu redor e estou tentado a comprar uma casa de férias. Ao passar diante da propriedade, dir-lhe-ei para abrandar por ter avistado uma casa do meu agrado. Se confirmar a ausência de alguma das viaturas, direi ao taxista que deve virar à esquerda, para a rua sem saída. Ele irá estranhar, claro. Porém, ficará com a informação de que pretenderei caminhar pela praia até ao hotel.»

Esquematizou com todos os detalhes o modo de prosseguir com a sua investida. Ao abandonar o táxi sabia que teria, à partida, o caminho livre. O ideal seria entrar pela parte recuada da propriedade, assim poderia confirmar se eles teriam saído para almoçar fora ou, pelo contrário, se seria confrontado com uma surpresa do tipo: estarem todos animados, no jardim, a fazer um churrasco. Contudo, caso, conforme previ-a, não estivesse ninguém, acederia pela praia ao jardim e contornaria a moradia beneficiando da

altura dos muros e das sebes laterais, tornando-se invisível. Desse modo ficaria num posição em que conseguiria ver as movimentações da rua sem correr o risco de ser visto. E para isso, bastaria que tivesse algum cuidado. Se todas as premissas se confirmassem, bastar-lhe-iam uns segundos para se aproximar da carrinha e ser bem sucedido, voltando, de seguida, a sair por onde tinha invadido a propriedade, ou seja, pelo lado da praia. Por volta da uma da tarde, já no interior do táxi, executou o seu plano com todo o rigor. Thomas vestia um pólo, uns calções de praia e uns chinelos de dedo. Além disso, apenas levava consigo uns óculos de sol. Mais turista só se carregasse uma máquina de fotografar. Tudo decorreu conforme o planeado, sem qualquer percalço, e uns instantes depois caminhava, descontraído, pela praia. Em Shelter Island, a maioria das propriedades tinham ligação directa com o areal da praia, a ilha era um refúgio soberbo onde a natureza bruta assumia um papel de destaque. Para fundamentar essa realidade, basta referir que da sua área total, setenta quilómetros quadrados, apenas trinta e dois quilómetros quadrados estão afectos ao urbanismo, a outra parte, aproximadamente trinta e nove quilómetros quadrados, é composta por 55% de água. Mais de 1/3 da ilha é pertença do Nature Conservancy e contínua no seu estado selvagem.

O que começou por ser uma caminhada pela praia converteu-se numa bela corrida. Thomas aproveitou aquelas circunstâncias, especialmente a longevidade do hotel, para se submeter a uma prova de resistência, galgando as sucessivas praias sem uma única paragem, e só diminuiu o ritmo quando a distância que havia para percorrer, entre o hotel e ele, lhe pareceu ser de uns mil metros. O seu vigoroso corpo provou ter uma excelente fiabilidade, como de uma máquina afinada e resistente se tratasse. À medida que foi reduzindo a velocidade, normalizou a batida cardíaca que nunca tinha acelerado substancialmente. Quando parou, ficando de costas voltadas para o hotel e de frente para o mar olhando em profundidade a linha do horizonte, sentia com prazer as gotas de suor a escorrer pelo corpo abaixo, contornando-lhe os músculos, e decidiu terminar a investida dando um mergulho revigorante. Nadou braços, calmamente, durante quinze minutos, até que voltou para o areal sentando-se com as mãos e os braços a suportarem o peso do tronco e com as pernas ligeiramente flectidas. Ali ficou até secar o corpo e de seguida subiu para a esplanada do hotel para beber algo fresco, precisava de se hidratar. O dia correria pelo melhor e ele estava a ter a agradável sensação de ter cumprido o seu dever, como tal, em Shelter Island, nada mais havia para fazer. Quando acabou de tomar a bebida, subiu ao quarto para tomar um duche, pois tencionava arrancar para Manhattan dali a sessenta minutos.

12 A VISITA.

Os Grubb aguardavam ansiosamente a chegada da Jennifer. Tinham combinado que o ponto de encontro seria na residência deles. Por volta da meia hora, a campainha tocou.

— A Jennifer chegou! — Disse Ellen, em voz alta, enquanto se dirigia à porta de entrada. E, quando abriu a porta, lá estava ela.

— Ora viva! Minha querida. Quantas saudades. — Disse, entusiasmada ao vê-la.

— Olá Ellen! Quanto tempo! — Exclamou Jennifer, com a voz carregada de emoção.

— O Aron está a acabar de se arranjar, mas não tarda a descer. — Falou Ellen.

— As crianças! Onde estão? Estão bem?! — Perguntou Jennifer, pois estranhou a quietude e o silêncio.

— Estão muito bem. Mas não estão cá, em Shelter Island. Daqui a pouco saberás quais são as novidades, minha querida. Nós queremos-te contar-te as novas e, mal o Aron desça, falaremos acerca de tudo aquilo que desconheces. — Explicou Ellen, sem adiantar mais nada.

— Uau! Jennifer. Olha bem para esta mulher Ellen, está uma autêntica boneca! — Exclamou Aron, que adorava Jennifer como se fosse uma das suas filhas.

— Que exagerado tio Aron. Estava cheia de saudades de vocês, muitas mesmo. Ah! Antes que me esqueça, os meus pais mandam beijos e abraços! — Falou Jennifer, animada.

— Obrigado! Muito obrigado Jennifer. Estamos radiantes por te ver, tu bem sabes que nós precisamos muito do teu apoio e da tua energia positiva. Não te esqueças de lhes dizer que também lhes mandamos um grande abraço, muito grande mesmo! — Retorquiou Aron, emocionado.

— Não me esquecerei, tio Aron. — Respondeu ela.

— Bom. Vamos fazer o seguinte. A visita guiada ao nosso novo lar ficará para mais tarde. Agora temos que está a ficar tarde. — Explicou Aron, e apressou a saída.

— *Okey*. Vamos! — Exclamou Jennifer — E, conforme combinamos, sou eu quem conduz. Hoje sou a motorista de serviço.

Saíram de casa e entraram no Jeep.

Jennifer não tinha revelado a Thomas o seu apelido materno, o seu nome completo era: Jennifer Grubb Herrera. O seu tio, Aron Grubb, era o irmão mais novo da sua mãe e seu único tio, porque o seu pai, o Sr. Herrena, era filho único. O tio era-lhe muito chegado devido ao facto da Jennifer ser a sua única sobrinha, a qual vira crescer. Assim como, as únicas primas de Jennifer eram as filhas de Aron. Jennifer não tinha irmãos, assim como o seu pai; era família muito pequena e, talvez fruto disso mesmo, muito unida.

O destino escolhido por seu tio, para o convívio, foi o alto-mar, a bordo do seu barco. Um pequeno iate que estava ancorado na famosa marina de Montauk.

— Oh! Vamos almoçar fora ou o quê?! Qual é programa? — Perguntou Jennifer. — A bagageira do Jeep serviu de depósito para acondicionar: uma arca, um saco térmico, um saco de desporto, contendo toalhas e roupa de banho.

Entraram no carro e Aron disse:

— Agora vou programar o teu *GPS*, colocando as coordenadas do destino que correspondem, nada mais, nada menos, do que à Marina de Montauk. — Atirou Aron. — Nem lhe passava pela cabeça que ela tinha estado lá na noite anterior.

— Bela surpresa tio, com esta não contava eu. Mas vai correr mal! Devia ter-se lembrado que a sua sobrinha, sem tomar os comprimidos para o enjoo, não pode passear de barco! — Disse Jennifer com um tom de reprimenda, mas a brincar.

— Não te apoquentes minha querida, o teu tio é um aluado, mas não se esqueceu de ti. As pastilhitas vão aqui na minha bolsa. — Ripostou Ellen rindo.

— Obrigado tia Ellen, que faria ele sem a tia. Seria uma desgraça total. Nós, as mulheres, dominamos a arte dos pequenos grandes pormenores. Somos o máximo. Eh, Eh! — Gargalhada geral.

Durante a viagem, os tios puseram-na a par das novidades, explicando-lhe que o pior pertencia ao passado.

— Bom Jenny, — falou Aron, em tom sério — agora vais ficar a saber que Aimee e Evelyn estão fora do país. A semana passada viajamos para Londres e entregamos as meninas à guarda de um colégio interno que nos foi muito bem recomendado. Elas estão muito bem, e como estão juntas podem apoiar-se mutuamente. Isso tornará a adaptação mais facilitada para ambas, pelo menos assim esperamos. — Explicou Aron.

— Boa notícia, tio. E muito mais importante do que isso, pois os adolescentes têm muita força interior, é a segurança delas. As meninas estão num meio seguro, distantes dos perigos que nos têm atormentado e aterrorizado nos últimos três anos. Tomaram uma boa decisão, ainda bem que o fizeram. — Disse Jennifer expressando alívio.

— Sabes Jenny, andamos muito preocupados e apreensivos. Esta escumalha é capaz de tudo, não têm respeito pela vida humana. Somos prisioneiros dentro do nosso próprio país e nada conseguimos fazer por nós, é angustiante. Às vezes sonho com o fim de tudo isto. — Desabafou Aron, emocionando-se.

— E as vossas carreiras, como é que ficam? — Perguntou Jennifer.

— Bem sabes que só me faltavam cinco anos para me aposentar, com plenos direitos, e já estava decidido a reduzir significativamente o meu ritmo de trabalho quando chegasse aos sessenta anos. Esta vida madrasta obrigou-me a antecipar essa decisão. Daqui para a frente, vou fazer o mesmo que a tua tia fez a vida toda, vou escrever e tenho muito para contar. Ao longo da minha carreira conheci tanta gente, vi tantas vidas, enfim, não me falta matéria para escrever algumas histórias empolgantes. — Respondeu Aron.

— Oh! Vais tornar-te um escritor, interessante tio. — Retorqui Jennifer.

— Sim. Vou-me tornar num romancista e assinarei com um pseudónimo. Sabes que preciso do

anonimato para viver uma vida nova e tranquila, do género: começar do zero! — Falou Aron.

— Penso que é uma excelente ideia, nem imagina como fico feliz por si. Quem sabe? Até poderá ser uma boa ajuda para superar tudo aquilo que tanto o atormenta. — Disse Jennifer, satisfeita por ver o entusiasmo dele.

— Deus queira que sim, minha querida Jenny. Deus queira... — Disse Ellen.

— Perante o que vivemos, o isolamento é a única saída. Acho que um bendito dia, juntos, haveremos de conseguir lembrar este pesadelo como uma memória distante. Essa é a nossa esperança, aquilo que nos dá alento e força. — Acrescentou o tio.

— Admiro-vos pela vossa força interior e coragem. Contado, ninguém acreditaria. Sois uns bravos! — Elogiou Jennifer.

Mal chegaram a Montauk, foram directamente para a marina e num instante estavam a navegar rumo ao alto-mar. Após terem entrado no barco, só falaram de coisas boas do passado e muito acerca do novo projecto do seu tio. Enquanto isso, devoraram petiscos, fruta, e doces, acompanhados de bebidas geladas saídas da arca frigorífica. O passeio marítimo decorreu com muita tranquilidade, o calor moderado do dia e a sua luminosidade proporcionou-lhes uma tarde muito agradável, navegando naquele mar relaxante, longe de tudo e de todos. Até o vento ajudou à festa, soprando suavemente.

Jennifer, depois de ter deixado os tios em casa, seguiu para o hotel, e o pôr-do-sol acompanhou-a até parar diante da Sunset Beach. A mota de Thomas tinha desaparecido, e ela logo deduziu que ele já teria regressado a Manhattan. Entretanto, no quarto, para seu espanto, deparou-se com uma flor silvestre de cor escarlate, lindíssima, pousada na cama em cima de uma almofada branca. Ao lado da flor viu um pequeno bilhete e rejubilou de alegria, mesmo antes de o ler, pois deduziu que só poderia ter sido deixado pelo Thomas. O bilhete tinha escrito o seguinte:

“ Querida Jennifer.

Obrigado pelo belo dia de ontem. Adorei conhecer-te melhor e quero muito rever-te.

Um Grande Beijo, Thomas “

Após ler, pensou.

«Simples e repleto de charme; este homem não pára de marcar pontos! Se já estou bem-disposta por ter visto os meus tios bem, finalmente a recuperar da desgraça que os avassalou, este gesto do Thomas completa, em perfeição, o meu dia.»

A noite estava prestes a cair.

Jennifer apressou-se a arrumar as suas coisas para se fazer à estrada em virtude de ainda ter pela frente, no mínimo, duas horas e meia de caminho e no dia seguinte não podia facilitar, pois tinha a sua

agenda profissional repleta. Thomas nem sonhava que a relação entre a Jennifer e os Grubb era excelente. Com certeza que, depois de descobrir, iria ficar satisfeito. Por sua vez, Jennifer, apesar de ter tido vontade em contar-lhe quem ia visitar, optou por não o fazer. Era muito cedo para falar de assuntos tão delicados.

13 O SUICÍDIO.

Segunda-feira, seis e meia da manhã, ainda o sol não tinha irrompido quando o *pc-pocket* de Thomas vibrou, avisando a recepção de uma mensagem de correio electrónico ou de um SMS, no preciso momento em que ele se preparava para dar a sua corrida matinal no Central Park. Thomas pegou no aparelho e viu que se tratava duma mensagem de correio electrónico com um ficheiro anexado.

De: info_research.department@gone.com

Para: stewart.thomas@gone.com

Ass. URG. – Elisabeth Long morta.

Caro Agente Thomas,

A pedra chave da operação foi encontrada morta, esta madrugada, no leito da sua cama. Enviamos, em anexo, cópia da notícia que está a chegar às bancas de jornais neste preciso momento.

Cópia parcial da notícia:

“ ELIZABETH LOGAN SUICÍDA-SE

Uma das protagonistas da recente polémica que chocou Nova Iorque – o caso do rim roubado, envolvendo o Dr. Aron Grubb -, foi encontrada morta às 2h00, desta madrugada, depois de ter deixado uma carta de despedida à família. Tudo indicia que tenha sido um suicídio. A fonte mais próxima da vítima, o seu marido, recusou-se a prestar qualquer tipo de declaração e, segundo a *NYPD* (polícia de Nova Iorque), o mesmo encontra-se em estado de choque... “

«Bela forma de começar o dia! Suicídio?!... Esta não! Acabamos de perder a nossa principal testemunha, a peça fulcral deste enredo. E só pode ser mais uma farsa! Estes tipos não brincam em serviço.» Pensava Thomas, enquanto lia o conteúdo recebido. Logo após de se ter inteirado da informação toda, tomou um duche rápido e saiu disparado. Não ia abdicar de seguir o rasto do corpo que,

provavelmente, já estaria a caminho da autópsia e, quem sabia, talvez conseguisse que o “desmentido” da Elisabeth caísse por terra, trazendo a verdade dos factos à tona. Eram oito da manhã quando Thomas passou diante do edifício e se deparou com um grande aparato policial junto da portaria. Tinham montado um cordão de segurança para vedar a entrada, logo não havia nenhum meio insuspeito de como se aproximar. No entanto, observou que não havia nenhuma ambulância presente e facilmente deduziu que o corpo já teria sido transportado dali para fora. Os serviços tinham-no informado da provável localização do corpo, assim como do nome do médico forense, para o caso do mesmo já não estar na residência dos Logan. A dada altura o seu *pc-pocket* vibrou de novo. Abriu a mensagem, leu-a e pensou:

«O médico só pode ser um farsante. Como é possível que o resultado da autópsia conclua que a morte tenha sido causada por envenenamento, ingestão de cianeto, e nada refira acerca da verdade acerca do rim! Para ajudar à farsa, na nota de suicídio supostamente manuscrita pela Elisabeth, constava um parágrafo no qual ela manifestava o desejo em ser cremada! Isto é perfeitamente inacreditável!»

Temos que admitir que a encenação, do suposto suicídio, foi interpretada com uma precisão exemplar. Dali Thomas tirou mais uma conclusão ao deduzir que a rede tinha tentáculos em todo lado, chegando ao ponto de controlar agentes da polícia forense e médicos também. Pouco depois de ter recebido a primeira mensagem de correio electrónico, recebeu outra, com o registo da gravação, efectuada pelo dispositivo de escuta que ele instalara no quarto dos Logan. O conteúdo ainda lhe pareceu mais estranho porque, nessa noite, o casal quase não dialogou, aparentando um peculiar estado de normalidade. O que falaram, de carácter desagradável, obviamente, relacionou-se com o pânico manifestado pelo marido ao perceber que a sua mulher estava a sofrer de convulsões violentas e, pior do que isso, ao vê-la morrer nos seus braços. Da gravação ouvia-se o seguinte:

“Beth! o que tens? Reage, por amor de Deus, reage! Meu Deus, isto não pode estar a acontecer!”

Imediatamente, após verificar que Elisabeth estava morta, fez um telefonema, histérico e desesperado para a polícia, cuja primeira reacção foi enviar uma ambulância, à cautela, para a residência deles. Pouco minutos depois, apareceram os serviços de urgência médica e as autoridades policiais. O responsável pela autópsia chamava-se Adrian Powell e era mais uma personagem para investigar. Uma certeza era indiscutível, alguém tinha ficado incumbido de terminar o serviço que Dr. Grubb deixara inacabado: eliminar a testemunha incriminatória. E o tal do Dr. Powell serviu exactamente para ajudar a encobrir o trabalho sujo. Um suicídio, posterior a um longo período de depressão, era, sem dúvida, muito conveniente. Mas, afinal porque é que o médico cirurgião não a assassinou quando a operou? Mesmo sendo arriscado, era muito mais fácil e evitava a grande embrulhada que se sucedeu! Essa era uma questão central naquele estranho *puzzle*. Nessa manhã, pôs-se de plantão, sentado numa esplanada, observando a porta por onde o médico teria que sair. Deveria segui-lo, pois não havia tempo a perder e não podia correr o risco de nunca mais o encontrar. A história ainda estava muito fresca, como tal, alguém podia descuidar-se e cometer um erro a qualquer momento. É o que comumente acaba por

acontecer quando a pressão e o risco aumentam. Dr. Powell circulava pela avenida entre o Central Park e o Rio Hudson, àquela hora, oito da noite, supostamente estaria a caminho de casa e estava a ser perseguido pelo Thomas que se tinha apercebido da insistência de outro carro, também colado atrás do médico, e que seguia no encalço dele há alguns quilómetros. A moto seguia-os, só que, por prudência, fazia-o com alguns carros pelo meio. A determinada altura o médico deu sinal e encostou ao lado direito, estacionando o automóvel, tal como o carro que seguia atrás dele que fez exactamente o mesmo. O sinal do semáforo comutou, para a cor vermelha, forçando o Thomas a parar e foi aí que aconteceu algo inesperado. O médico saiu do seu carro em direcção ao que o perseguia, do qual saltou um homem com uma criança pela mão. De repente, a criança correu para o médico que a agarrou, abraçando-a emotivamente. O estranho deu meia volta, sendo instantaneamente fotografado por Thomas, e voltou a entrar no carro.

«Ah! Valeu bem a pena. Esta perseguição acaba de render duas fotos muito importantes, um carro e um rosto capturados pela minha objectiva. Finalmente, um alvo identificado em quem posso descarregar a minha ira. É revoltante! Estes escroques usam o rapto como meio de coacção», pensou Thomas, satisfeito com o resultado da perseguição.

O semáforo comutou para verde e ele arrancou, tentando seguir os sujeitos que tinham raptado a filha do médico, aqueles vermes que eram capazes do pior. Mediante o que os seus olhos acabavam de ver, pôde tomar conhecimento de, pelo menos, um dos “modos operandi” daquela seita criminosa.

Entretanto, dentro do outro automóvel.

— Irra! És um anormal. Só uma besta, sem cérebro, como tu sai à rua de cara destapada! És um verdadeiro asno. Vou-te poupar, mas só desta vez. Mais uma burrice e conto ao chefe. — Bradou o homem atrás do volante, visivelmente enraivecido.

— Hum! Não te preocupes Joe. Achas mesmo que, nesta confusão, alguém reparou em mim? Estás a precisar é de beber um copo, pá. Não sejas paranóico! — Ripostou o outro, nada alterado e despreocupado.

— E mais uma coisa, minha besta! Fixa bem. *Okey?* Até para ser burro é preciso ser-se inteligente! Fixa, fixa bem o que te estou a dizer. — Disse Joe, ainda irritado, mas com um tom de gozo fininho e irónico.

— Não te entendo Joe? És um tipo muito complicado! — Rosnou o outro, ao qual, por clara limitação intelectual, nada o sensibilizava ou tão pouco o incomodava. Era um tipo bem bruto e verdadeiramente básico.

— Tens uma semana para tentar perceber, não te preocupes. Pensa, pensa devagarinho, quem sabe, talvez chegues lá! E volto-te a dizer que foi o último aviso. Agora ponto final. Chega de conversa fiada. Vou mas é livrar-me desta lata velha! — Resmungou Joe, com azedume.

Os dois sequestradores arrancaram, muito rapidamente, ultrapassando Thomas que rodava

vagarosamente. Face a isso, acelerou, para não os perder de vista, até que um semáforo comutou para vermelho. Nessa altura a dupla largou o carro no meio da avenida e, num flash, entrou na estação de metropolitano; evaporaram-se e Thomas não pode fazer nada para impedir, pois tinha uma fila de meia dúzia de carros a bloqueá-lo. Encontrando-se completamente encravado, pensou:

«...Aqueles idiotas provocaram um grande pandemónio, este engarrafamento vai parar meia cidade...»

Assim aconteceu. O sinal abriu e a fila ficou bloqueada até a polícia aparecer e rebocar o carro. Ficou caótico! Thomas acabou por furar, como uma enguia, pela encruzilhada de viaturas e dirigiu-se para Wall Street. Havia uma tarefa da maior urgência, ou seja, tratar de trabalhar sobre as fotografias que tinha conseguido tirar. Deveria, em primeiro lugar, tentar identificar o sujeito capturado pela sua objectiva para, depois, obter o nome do titular do registo de propriedade da viatura. Quando entrou no seu gabinete chamou Mary que apareceu com prontidão, passou-lhe o suporte contendo as fotos e pediu-lhe que tratasse de obter a identificação, endereço e local de trabalho do indivíduo fotografado e para ver, também, a questão da viatura abandonada. A sua assistente correu, tinha percebido uma certa adrenalina, no seu superior, comum a quem está a fazer e a pensar muitas coisas em simultâneo e com elevado grau de concentração. E na verdade tinha toda razão para pensar daquele modo. Thomas, de facto, estava mergulhado no seu computador a redigir um relatório destinado ao, seu chefe, Marcel Franz.

“Caro Chefe,

Estou, neste preciso momento, a aguardar a identificação de um sujeito que seguramente está envolvido no seio da organização que estamos a investigar. Consegui algumas fotografias, quer dele, quer dum automóvel. Apesar disso, suspeito que a viatura deveria ser roubada, doutro modo não a teriam abandonado à toa.

A notícia de hoje, em conjunto com o que aconteceu no decurso do dia, permite-nos depreender acerca de alguns dos métodos que esta gentalha utiliza, tais como: assassinato, sequestros e chantagem! Os médicos, vítimas da opressão, são confrontados com situações desesperantes e fazem tudo o que lhes é exigido. Afinal, Dr. Aron Grubb poderá ser uma vítima e não um vilão. E, na minha opinião, deverá temer pela sua vida e dos que lhe são próximos. Daqui em diante vou agir usando os médicos indirectamente. Estou confiante de que prosseguiremos com sucesso na nossa demanda de justiça.

Respeitosamente,

Stewart, T.”

Poucos minutos depois, Mary entrou no gabinete com os resultados na sua posse, e disse:

— Daquilo que solicitou, obtivemos os seguintes resultados. — Disse Mary, entregando-lhe um envelope.

— Obrigado Mary, pode ir para casa. Hoje não precisarei mais dos seus serviços. — Afirmou Thomas.

— Então, até amanhã Sr. Stewart. — Respondeu ela.

— Até amanhã, Mary.

14 A REVELAÇÃO.

Os últimos desenvolvimentos levavam Thomas a repensar noutras variáveis novas. Nada era o que parecia ser!

«... Hum! Vamos lá ver. Uma viatura roubada com chapas falsificadas, e usaram-na para fazer o “trabalhinho sujo”. O nosso “amigo” chamasse Devon Dover e é de nacionalidade americana. Até parece bom rapaz, com este registo criminal limpinho, mas escolheu uma bela forma de se iniciar no submundo do crime. Quanto ao emprego, curioso! Um rapaz que parece trabalhar numa empresa de transportes internacionais?!...» Pensou.

Thomas estava a viver o dia mais dinâmico desde o início da “Anestesia Fatal Op.”. Para terminar a campanha diária, em beleza, só tinha que marcar um encontro com a verdadeira beldade, e foi por isso que resolveu telefonar à Jennifer. Os acontecimentos mais recentes deviam, com toda a certeza, ter causado repercussões no seio do ambiente da Rochelle Health Clinic. A altura para “apertar” com ela, não podia ser melhor.

— Olá Jennifer. Então que tal, fizeste boa viagem? — Falou energeticamente e como se nada o preocupasse.

— Olá Thomas — Disse Jennifer. A voz nem parecia ser a dela, sentiu-a esmorecida, estranha.

— Perguntei-te que tal te tinha corrido a viagem. Demoras-te tanto a regressar, quanto demoras-te a lá chegar? — Questionou Thomas.

— Ah! A jornada. Desculpa Thomas, mas parece que não estou aqui. Entendes? Claro que não. Nem sabes do que estou a falar! Agora, respondendo ao que me perguntas-te. A viagem foi tranquila, todavia quase tão demorada como a de ida. — Notava-se na voz dela algo que transparecia uma espécie de desorientação, talvez um certo alheamento.

— Ontem não tive oportunidade de me despedir de ti. Aquele tempo especial, que estivemos juntos, parece que voou e resolvi ligar para te convidar para jantar. Parece-te bem? — Perguntou Thomas.

— Aceito sim. — Disse-o com convicção — Tu nem imaginas o bem que me vai fazer estar contigo hoje. Podes escolher tu o restaurante, aliás agradeço-te que escolhas. — Retorquiu Jennifer.

— Faço tudo por ti, Jennifer. Está descansada que eu escolho. Ah! Podes usar uma saia. Se te

apetecer, obviamente. Quero dizer que não vou aparecer de moto. — Disse Thomas, em tom de gracejo.

— Ih, ih! Só tu para me fazeres rir. Toma nota do meu endereço. — Atirou Jennifer, por um instante, mais animada.

— Já está, pego-te às nove horas. Pode ser? — Questionou Thomas.

— Perfeito. Um beijo e tchau! — Falou Jennifer

— Beijo. Até mais logo.

Desligaram e foi cada um para sua casa, pelo som de fundo Thomas percebeu que ela ia a conduzir. Quando entrou no apartamento, foi directo para o quarto para tomar um duche, daqueles terapêuticos do tipo cachoeira de água fria, visto sentir vontade de apanhar um choque térmico. Ligou o chuveiro, regulando-o com bastante pressão, e colocou-se por debaixo do caudal de água gelada. Passaram uns três minutos até o seu corpo se acostumar à temperatura baixa e à sua respiração normalizar. Thomas demorou uns quinze minutos a tomar aquele duche revigorante, quando terminou sentia-se tonificado. Vestiu uns boxers e foi até ao terraço onde a temperatura ascendia a uns vinte e cinco graus, o corpo fresco a brisa morna que corria provocou-lhe uma sensação fantástica. Já estava bastante mais descontraído e voltou ao seu quarto, onde se vestiu com elegância e se perfumou, quase abusando da fragrância. Logo de seguida, após beber uma água gasificada fresca, bateu a porta e desceu à garagem. Faltavam trinta minutos para as vinte e uma quando, depois sair da garagem, encostou o SLS à direita e pegou no seu *pc-pocket* para ver as recomendações gastronómicas do *Guia Michelin*, pois ainda não conhecia os melhores restaurantes de cidade e não queria dar um “tiro no pé”. Sabendo que a sua convidada era apreciadora de peixe, procurou um restaurante Japonês e escolheu o Nobu, localizado na zona de Tribeca. Pareceu-lhe uma boa opção, aliás, aquele nome não lhe era desconhecido. Fez uma chamada telefónica e conseguiu mesa para as dez da noite. Jennifer vivia a dois passos de sua casa, em Upper East Side, uma das melhores zonas residenciais de Manhattan, perto de boas lojas, boutiques exclusivas e também de excelentes escolas. Além disso, também dispunha de uma excelente oferta de bares interessantes e de restaurantes fabulosos.

Thomas parou diante da entrada do edifício e deu-lhe um toque para o telemóvel, conforme tinham combinado. Pouco tardou para ela aparecer e deparar-se com ele à espera, fora do carro. Assim que a viu, esboçou um sorriso e disse-lhe:

— Viva Jennifer. Uau! Hoje, contigo a meu lado, vou provocar muitas invejas. Estás deslumbrante!

— Disse ele, com ar divertido, ao que ela respondeu, com um sorriso teatralmente envergonhado.

— Essa agora! Olha quem fala. Eu é que não te vou deixar sozinho, nem por um segundo! — E logo de seguida, após de lhe dar um beijo no rosto, exclamou — Hum! Que cheiro bom, adoro o teu perfume!

Thomas abriu-lhe a porta, com modos de cavalheiro, contornou o carro, entrou e sentou-se a seu lado.

— Está mais do que provado que és viciado em velocidade. E, desculpa dizer-te assim, mas, ou és rico, ou assaltaste o banco onde trabalhas — Exclamou deslumbrada.

— Não posso negar que gosto de velocidade, mas está tranquila que este modelo é sinónimo de velocidade e segurança. Não sou rico, digamos que a profissão me concede certos e determinados privilégios. — Argumentou Thomas, sabendo que ela estava longe de imaginar a verdade.

Ele explicou e não se estendeu muito mais, sabia que se começasse a falar de automóveis nunca mais se calaria. Era um assunto, para ele, fascinante. No entanto, podia tornar-se aborrecido para quem não lhe desse tanta importância.

— Vamos com calma. O restaurante fica a vinte minutos daqui e a nossa reserva está para as vinte e duas horas. Ainda nos dá tempo para tomar uma bebida no bar, tranquilamente. — Explicou Thomas.

— Para onde me levas? Posso saber ou é surpresa?! — Perguntou Jennifer.

— Vamos ao Nobu. De certeza que já te é familiar? — Respondeu ele.

O restaurante é um espaço mediático, daí a pergunta em tom de afirmação.

— Conheço sim e gosto bastante. Fizeste uma boa escolha Thomas. Acredito que vais ficar *fan* do Nobu, a comida é qualquer coisa! — Assentiu Jennifer.

— Vou ficar, não! Eu já sou *fan* e há algum tempo. Este deve ser do género do que existe em Londres. Ainda bem que acertei com os teus gostos! — Acrescentou Thomas.

Naquela noite sentiu nela alguma coisa estranha, estava simpática e meiga, como sempre, mas transparecia alguma inquietude e nervosismo. Além disso, parecia ausente, talvez fosse reflexo dos pensamentos angustiantes que não lhe permitiam ter nem transmitir paz de espírito. Se havia alguém que a podia compreender era o homem que tinha pela frente. Ele, melhor do que ninguém, sem ela saber, era conhecedor dos últimos acontecimentos que tanto a apoquentavam. Naquela noite era fulcral, para ele, ser bem sucedido em obter resposta para três grandes interrogações. Estaria Aron inocente? Haveria envolvimento por parte da Jennifer? Quem poderia estar a correr perigo ...?

Entretanto, chegaram ao Nobu e foram conduzidos a uma sala de espera, a mesa deles ainda não estava disponível e o tempo de espera previsto era de trinta minutos. Enquanto aguardavam, Jennifer pediu que lhe preparassem um *manhattan* e Thomas uma vodka tónica. A meia hora foi consumida com conversa de circunstância, através da qual, Thomas procurou descontraír a sua companheira e afastá-la das preocupações. Ela, de facto, parecia-lhe particularmente tensa. Aos poucos pressentiu o surgir de um clima um pouco mais leve, e apercebia-se disso à medida que lhe ia roubando um ou outro sorriso, até que um empregado os conduziu à mesa que lhes estava destinada.

— Desculpa Thomas! Mas hoje sou uma companhia muito insossa. — Falou Jennifer, que percebia bem qual era o seu estado real.

— Juízo Jennifer! Ainda mal começamos a nossa noite, estás um pouco cansada. Apenas isso. Vais ver que com mais um *cocktail* começas a carburar melhor. — Disse Thomas, tentando diverti-la.

— Não é bem cansaço! A verdade é que não estou a ser uma boa anfitriã. — Respondeu Jennifer,

continuando — Mas, como amanhã não trabalho, se a noite se prolongar ainda pode ser que espevite.

— Como cantava o Frank Sinatra, estamos na cidade que nunca dorme e tu vais arrasar comigo. — Retorquiu Thomas, puxando por ela. — E se for caso disso, eu dormirei a correr. Não vás tu pensar que não tenho ritmo para te acompanhar, minha querida.

O olhar dela, contrariamente ao habitual, não tinha aquele seu brilho e vivacidade habituais. Estava esmorecido e vago. E, nas suas mãos, elegantes e delicadas, viam-se os dedos irrequietos, exteriorizando ansiedade e nervosismo.

— Hoje estás um pouco nervosa, não estás nos teus dias! Tens alguma preocupação em especial? — Inquiriu ele, delicadamente.

— É verdade sim, Thomas. E não consigo disfarçar. Estou muito ..., nem consigo explicar! Talvez sobressaltada seja uma boa palavra para descrever o meu estado de espírito e já reparei que os meus dedos me denunciaram. — Explicou Jennifer, cedendo à pressão. O seu instinto dizia-lhe que podia confiar naquele homem que, para todos os efeitos, ainda era um estranho.

— Tens que meter uma baixa na clínica. Uma dentista não pode trabalhar assim, ou, pior ainda, operar com essas tremuras. Como vês, assim tens uma bela justificação! — Atirou Thomas. Era uma “boa deixa” para provocar a conversa que lhe interessava e continuar a fazer por descontrá-la.

— Tocas num ponto extremamente sensível! Se há algo que não quero, é operar. Absolutamente ninguém! — Deixou escapar, Jennifer.

— Mas, não pretendendo ser indiscreto, o que é que te preocupa tanto assim? — Arriscou Thomas.

— Lêste a imprensa de hoje? — Questionou Jennifer.

— Li sim. Leio todos os dias, isso faz parte da minha rotina matinal. Tenho que estar ao corrente das notícias. — Respondeu Thomas.

— Então deves ter reparado numa notícia, de primeira página, cujo tema central era um suicídio! — Comentou ela, começando a desabafar.

— Ah! Sim, recordo-me perfeitamente. Contudo, casos desses acontecem com mais frequência do que se possa imaginar. — Disse Thomas. A conversa seguia o curso por ele provocado.

— Concordo contigo, Thomas. Mas esta, em particular, envolve a reputação da Rochelle Health Clinic que, como bem sabes, é o meu local de trabalho. A vítima em causa foi protagonista de um caso, muito mediático e polémico, no qual esteve envolvido um médico da clínica. Agora deves compreender a razão do meu nervosismo! — Explicou Jennifer, suspirando dramaticamente.

— Ah! Esse caso. Recordo-me perfeitamente que mencionavam também uma tal de Elisabeth Logan. — Exclamou Thomas, fingindo surpresa.

— Exactamente Thomas. — Disse ela, baixando os olhos.

— Mas, segundo estava escrito, a mulher sofria de depressão nervosa agravada e nada dizia de teor

depreciativo em relação à clínica. Infelizmente as polémicas proliferam nos meios de comunicação social e se acreditássemos em tudo aquilo que os jornalistas insinuam, estávamos desgraçados. Os tribunais é que devem julgar, não cabe à imprensa essa responsabilidade. — Argumentou Thomas, de modo a que ela desse desenvolvimento ao tema.

— Pois falas muito bem, faz todo o sentido. No entanto, apesar disso, os alvos das polémicas sofrem repercussões devastadoras nas suas vidas profissionais e privadas! É muito mais complicado do que aparenta. — Falou Jennifer, mostrando uma profunda tristeza no olhar.

— Mas afinal, aconteceu mesmo? Tem fundamento? — Questionou Thomas, lançando-lhe olhar incrédulo.

Ela fez uma pausa e ficou sem reacção, ficando completamente atrapalhada. E, subitamente, dos seus olhos verdes soltaram-se lágrimas! Jennifer sucumbiu à pressão e não se conseguiu conter. Havia qualquer coisa nele que a tornava vulnerável, sentia-se segura! Não entendia bem o porquê, resultava como se duma reacção natural se tratasse. Enquanto isso, o jantar foi decorrendo aos “soluços”, vagarosamente, e intercalado com aquele diálogo emotivo.

— É um assunto delicado, do qual parte é verdade. A ficção é demasiadamente aterradora ou, melhor dizendo, macabra! — Desabafou Jennifer, suspirando.

— Não te estou a acompanhar em pleno ... — Disse Thomas, aguardando mais revelações da parte dela.

— Não sei se devo entrar em detalhes — Disse Jennifer, todavia estava mortinha por deitar tudo para fora, mas, em simultâneo, parecia hesitante. — Gosto muito de ti, aliás está gravado na minha cara, só que o assunto é muito grave e conhecemo-nos há pouco tempo, desculpa-me Thomas. Espero que me entendas ...

— É perfeitamente compreensível. Claro que entendo Jennifer. — Respondeu Thomas, nada impaciente, antes pelo contrário. Ele sabia que se não forçasse, ela acabaria por relatar tudo. Era só uma questão de tempo.

— Sabes Thomas ... além disso é um assunto com o qual não te deveria preocupar, tu tens a tua vida ... — Falou ela, a medo.

— Vou-te dizer uma coisa Jennifer — Disse-o, olhando-a nos olhos, enquanto lhe segurava uma das mãos — Juntando o que li nos jornais ao facto de não queres revelar o que te preocupa, não me é difícil tirar algumas conclusões.

— Como isso? Quem não entende agora sou eu! — Afirmou Jennifer, arregalando os olhos como manifestação de curiosidade.

— Se existe um segredo ou vários segredos feios, associados à polémica, que te colocam pouco à vontade para desabafar, é porque aquilo que a imprensa pretende insinuar tem algum fundo de verdade. Parece-me evidente e lógico! — Atirou Thomas, atacando delicadamente, sem avisar!

— Agora vou limitar-me a ouvir-te, Thomas. — Replicou Jennifer, colocando-se na defensiva, não por suspeição mas sim por estar surpreendida com a perspicácia dele.

— A ser assim, será porque o rim, supostamente usurpado à paciente, na realidade terá sido extorquido. Esta é a minha primeira dedução. E, se assim aconteceu, o suicido, anunciado pela imprensa, poderá ser uma encenação que estará a encobrir um cruel e premeditado assassinato. Neste quadro, duvido seriamente que o médico do transplante seja o responsável ou que esteja sequer envolvido, nem tão pouco indirectamente. — Explicou Thomas. Fê-lo com toda a convicção e objectividade, provando ser dotado de um raciocínio analítico exemplar. Jennifer estava estupefacta.

— Já agora, porquê? — Perguntou ela.

— Simples, muito simples. Se a paciente sobreviveu à extracção do rim, é porque o cirurgião permitiu. Sendo assim, a que propósito iria ele, após passado tanto tempo, eliminá-la, encenando um suicídio? Não faz absolutamente sentido nenhum. Esta novela está muito mal contada e, para mim, o verdadeiro vilão anda por aí solto e impune! — Rematou Thomas.

— Estou sem palavras! — Exclamou Jennifer, atónita com o que acabava de ouvir.

— Calma que ainda não terminei, minha querida. — Disse Thomas, sorrindo.

— Oh! Ainda há mais ...

— Claro! — Continuou Thomas — Com o verdadeiro vilão solto, após ter agido premeditadamente para apagar os vestígios do passado, deduzo que mais pessoas poderão estar em perigo, tais como o médico e mais gente que conheça a trama, constituindo uma potencial ameaça para o verdadeiro criminoso.

Jennifer, depois de ouvir aquele raciocínio, ficou branca, pálida e estática, sem proferir uma única palavra, sem movimentar um músculo que fosse, nem tão pouco os do rosto. A reacção perceptível foi a de pânico, materializado pela transpiração que imergiu das suas mãos. Alguns segundos, depois de reunir forças, exclamou.

— Uau! Thomas! Estou parva contigo ... Acabaste de relatar tudo como se soubesses tanto quanto eu sei! Apenas um detalhe. Só não referiste um ponto importante!

— Ah! A sério. Não me digas que acertei em tudo? — Exclamou Thomas, fingindo estar surpreendido e representando com a desenvoltura de um verdadeiro actor.

— Sim. Apenas te escapou um pequeno detalhe. Repito, apenas um pormenor. — Disse Jennifer, olhando para ele com admiração.

— Desculpa lá. Mas sendo assim, mereço que me reveles esse pormenor. Será como um prémio de desempenho. — Exclamou Thomas, erguendo os olhos.

— Muito bem. Vou revelar e quebrar o *suspense* de uma vez. — Falou Jennifer, deixando escapar um ligeiro sorriso. — É o meu nome, Thomas!

— O teu nome?! — Perguntou Thomas.

— Jennifer Grubb Herrera. Grubb da parte da minha mãe, meu querido. — Confessou Jennifer, acabando de libertar uma pesada tonelada dos ombros.

— Grubb! — Exclamou Thomas, sussurrando e espantado.

— Sim e com muito, muito orgulho, mesmo. — Reafirmou Jennifer, emocionando-se.

Com aquela é que ele não contava.

— Ui! Deixas-me ... — Exclamou Thomas.

— O famoso e prestigiado cirurgião, cujo bom nome foi injustamente lançado para a sarjeta, é o meu tio e padrinho: o Dr. Aron Grubb. O homem que me viu nascer e crescer, o meu segundo Pai. — Acrescentou Jennifer.

— Oh! Desculpa-me Jennifer, não fazia a menor ideia. Lamento muito. Deves estar a viver um autêntico inferno! — Afirmou Thomas, daquela vez espontaneamente, sem precisar de representar.

— Não tens porque pedir desculpa, eu é que te agradeço. Tens sido uma companhia e um apoio ímpar. Nem imaginas! — Respondeu Jennifer, com os olhos em água e a voz trémula.

Entretanto chegaram as sobremesas que estavam divinas, assim como tudo desde o início do jantar. Fizeram uma pausa na conversa, enquanto se deleitavam com os doces, e Thomas notou que do rosto dela irradiava uma expressão de alívio. Após ter desembuchado todas as mágoas e preocupações, devolveu algum brilho aos seus olhos.

— Tenho uma surpresa que reservei para o fim do jantar. — Atirou Thomas, lançando-lhe um sorriso travesso.

— Surpresa! Adoro surpresas, as boas; claro! Mas qual é? Não me ponhas ansiosa, por favor! — Falou Jennifer, revelando uma ponta de empolgação.

Thomas levou a mão ao bolso e apresentou-lhe um pequeno saquinho de cetim azulado, fechado com um cordão entrelaçado, do mesmo tecido, e da mesma cor.

— Os meus parabéns pelas tuas vinte e seis primaveras. — Disse ele, observando, com imenso prazer, a expressão de surpresa retratada no rosto dela.

— És um querido. Obrigado Thomas! Como adivinhas-te?

— Foste tu quem me disse, na praia, em Shelter Island. Não te recordas? — Perguntou.

— Tens razão, recordo-me perfeitamente. — Respondeu ela, enquanto abria o embrulho elegantíssimo. E de seguida exclamou efusivamente — Uau! Tu és louco, completamente louco!

— Qual louco? Juízo!

— Dizes bem juízo, ou total ausência dele. Este relógio é deslumbrante, mas custa uma fortuna, Thomas! — Falou ela, com os olhos arregalados e fixados no presente.

— Então podes-te considerar uma afortunada. A vida tem muitas coisas boas, nunca te esqueças

disso, especialmente, nos dias mais difíceis. — Disse Thomas.

A Jennifer, como uma mulher educada que era, colocou o relógio no seu pulso fino. Era uma peça, da marca *Cartier*, muito elegante.

— É um espanto Thomas, obrigada mais uma vez. — Exclamou Jennifer, levantando-se e presenteando-o com um beijo quente e sentido.

— Se, por acaso, tiveres alguma dúvida pode-se trocar. Na loja tem outros, também, muito bonitos.

— Ah! Trocá-lo? Nem pensar. Nunca mais o tiro do pulso, isso sim! Cada vez que consultar as horas, lembrar-me-ei de ti e do tempo precioso que temos passado juntos. Este relógio passa a ser o meu amuleto da sorte que me recordará, sempre, o dia especial em que te conheci! — Disse Jennifer, sem se conter.

— *Okey*. Sendo assim, convenceste-me. Ainda bem que te agrada, fico muito contente. O relógio é que tem a sorte de ficar bem em ti! — Galanteou Thomas, para júbilo de ela.

O café chegou e pouco depois a conta, que Thomas se encarregou de pagar.

— Bom. Qual é o próximo destino? Agora decides tu. — Afirmou Thomas, satisfeito por vê-la bastante mais animada.

— Hum! Deixa-me pensar ... Já sei. Vamos saindo e eu revelo-te lá fora. — Retorquiu Jennifer, que já tinha um destino em mente.

Estava uma temperatura excelente e não corria ponta de vento. Dirigiram-se a um bar caminhando, pois era muito próximo do restaurante e não justificava pegar no caro. A escolha da Jennifer não podia ter sido melhor. Para uma noite que tinha começado apagada e triste, passando de emocional a alegre; nada melhor do que culminar a diversão num espaço moderno, 100% cosmopolita, repleto de gente bonita e com boa música para dançar. Algo que ela adorava e onde brilhava. A noite prometia, a tensão de Jennifer tinha-se dissipado, por completo, o que fez com que se divertissem até às três da manhã com ela a fazer jus aos seus talentos de bailarina. O tempo passou e com isso aumentou a intensidade do calor humano entre eles, até que o inevitável aconteceu. Foram acabar a noite no terraço do apartamento de Thomas, onde, ambos, não resistiram à química e atracção que entre eles existia, acabando por se envolverem numa noite apaixonada, adormecendo deitados lado a lado.

15 O PRIMEIRO INDÍCIO.

Eram nove horas, da manhã seguinte, quando Thomas saiu do apartamento sem fazer alarido. No que respeita à Jennifer, dormia profundamente e, não fossem as suas obrigações, ele ter-lhe-ia seguido o exemplo. A noite anterior tinha sido especialmente cansativa, mas simultaneamente revigorante. Antes de

sair, certificou-se de que nada de confidencial estivesse à vista e verificou que, à excepção do conteúdo secreto contido no cofre, não havia nada de comprometedor. A discrição era um imperativo. Thomas não podia, de modo algum, desleixar-se ou expor-se, nem que fosse inadvertidamente.

Devido à hora avançada da manhã, teve que enfrentar um trânsito caótico e descurou a sua corrida matinal. Uma vez não eram vezes. Em momentos como aquele é que ele dava o devido valor à sua *Ducati*. Da 58th Avenue até Wall Street foi um ziguezague, só visto, conseguindo colocar-se à porta do *LIB* nuns escassos doze minutos e, quando entrou, encontrou a Estação em polvorosa. No dia anterior, viveu uma agitação brutal e antevira a continuação com uma série de trabalhos de pesquisa em curso, desde a localização das filhas dos Grubb até à colocação sob escuta de vários números de telefone, etc. Enquanto não ficasse tudo sob controlo, a palavra de ordem era: “não parar, nem para respirar!” Uma das medidas ordenadas por Thomas consistia na interceptação das mensagens de correio electrónico das mais diversas pessoas envolvidas no caso, quer directa quer indirectamente. Nunca se sabia se alguém seria imprudente e escreveria acerca do assunto, tudo poderia acontecer. A sua assistente já tinha uma série de documentos impressos para que Thomas pudesse analisar sem perder tempo. Mary era uma agente de suporte extremamente eficiente. Da análise dos relatórios, pôde ver as movimentações de Aron e da esposa, mas nada de extraordinário ocorrera. Os veículos não se afastaram da periferia de Shelter Island. A única informação relevante relacionava-se com um telefonema do médico legista, Dr. Adrian Powell. O conteúdo da escuta entre ele e a esposa, Daisy, na qual, aliviado, lhe dizia que podia ficar descansada, visto já ter a filha em segurança e estar a caminho de casa. Com relação ao resto, confirmavam-se todas as ilações do dia anterior. À cautela, Thomas, deu instruções para colocarem sob escuta o administrador da Rochelle Health Clinic, o famoso Dr. David Crow, contudo, constaram que o médico mantivera o telemóvel desligado durante o dia todo. A acção mais urgente a desencadear relacionava-se com a utilização do homem identificado para abrir um novo canal na investigação, e obter informação adicional acerca da organização. O conteúdo apurado até àquele momento dizia respeito à nacionalidade do sujeito, assim como informações acerca do seu local de trabalho: uma empresa de transportes cujos escritórios se situavam na zona portuária onde Thomas tencionava deslocar-se no decurso da tarde. Quanto ao telemóvel do brutamontes nada se conseguiu, provavelmente, teria um número pré-pago e sem conhecer o número, nada feito. Era uma questão de tempo e oportunidade, nem que, para isso, tivessem que penetrar nos escritórios da empresa. Aliás, mais cedo ou mais tarde, teriam que invádi-los para obterem mais informação, um procedimento que seria inevitável. Outro passo obrigatório consistia em seguir o sujeito que já tinha errado uma vez e que, com toda a certeza, voltaria a fazê-lo.

«Naquela cabeça dura deve existir um abismo no espaço reservado para o cérebro», pensava Thomas.

Por volta da hora de almoço o seu telemóvel tocou. Era a Jennifer.

— Bom dia Thomas. — Disse Jennifer, com uma voz embriagada de tranquilidade.

— Viva! Bom dia. — Retribuiu Thomas.

— Saíste há muito tempo?

— Algum. — Respondeu ele.

— Podias-me ter acordado!

— Ah! Eu não sou cruel. Nunca te acordaria às nove da manhã, sabendo que estás a gozar o teu primeiro dia de férias. — Ripostou Thomas.

A Jennifer tinha-lhe mencionado que, face a toda aquela balbúrdia, iria aproveitar para usar uma semana de férias a que tinha direito.

— Obrigado. És um querido! — Falou, completamente derretida.

— Podes ficar à vontade, *mi casa es su casa*. — Disse Thomas, apressadamente.

— *Okey*. Vou tomar um duche na tua cabine que mais parece uma cachoeira, quero sentir a sensação de tomar um bom duche naquele paraíso. — Disse Jennifer, que tinha percebido a atrapalhação dele, deduzindo a hora inconveniente do seu telefonema. E adiantou com brevidade. — Depois vou para casa trocar de roupa. O que aconteceu esta noite foi um imprevisto, se é que me entendes! — Disse Jennifer, apimentando a voz.

— Pois, está claro. Mas um bom imprevisto! — Retorquiu Thomas, rindo.

— Já somos dois a pensar da mesma maneira! Agora não te roubo mais tempo, deves ter muito que fazer. Um grande beijo. Tchau! — Despediu-se.

— Outro ... — Retribuiu Thomas.

Jennifer tinha subido do inferno ao céu em menos de vinte e quatro horas. É incrível a forma como uma pessoa sentindo apoio, segurança e, naquele caso, também paixão, pode inverter o seu estado emocional. A Thomas, passava-lhe pela cabeça que iria ser o seu guardião pessoal nos próximos tempos, todavia não lhe podia confidenciar o porquê.

A empresa onde o brutamontes estava registado, denominava-se: Sea & Land Services, Ltd. Antes de arrancar, Thomas teve o devido cuidado de pegar na Glock 18 para além da pequena pistola de calibre 45 que usava na canela esquerda a contrabalançar com a faca de combate ocultada na outra canela. As duas armas que carregava nas canelas acompanhavam-no diariamente, contrariamente ao par de pistolas que geralmente transportava, quer no carro, quer na mota. O trânsito estava diabólico, o implicou uma demora adicional, mesmo circulando em duas rodas, tardando mais tempo do que pretendia a chegar ao seu destino.

«Ao brutamontes dá-me vontade de lhe aplicar um bom treino, e se pudesse era para ontem...», pensava Thomas. A revolta que sentia, em relação àquele tipo de bandido, era maior do que face a outro tipo de criminoso. O uso do terror e da chantagem, envolvendo crianças como moeda de troca, repugnavam-no. Quando se acercou das instalações da empresa, teve a prudência de não se aproximar em

demasia. Da posição onde parou conseguia avistar a entrada e o parque de estacionamento, como tal, quem saísse ou entrasse não lhe escaparia à vista. A sua intenção com a investida ia muito para além do burgesso, pois revestia-se duma importância ainda maior a identificação das demais pessoas, particularmente os elementos de “patente” mais elevada. Contudo, não deveria excluir a possibilidade do bruto ter uma vida dupla, ou seja, um emprego convencional na empresa de transportes, e outro adicional, sendo o segundo a actividade criminosa. Para concluir, com a devida segurança, em relação a isso, devia investigar a empresa, os seus principais responsáveis e os detentores do capital. Reparou que, no parque de estacionamento, existiam alguns lugares reservados para a gerência e dois deles estavam ocupados com duas viaturas de alta gama. Perante a oportunidade accionou a câmara e tirou algumas fotografias de forma a capturar as chapas de matrícula. A actividade local na zona dos escritórios, assim como na de cargas e descargas, parecia-lhe ser normal e, além disso, também verificou a ausência de automóveis nos lugares reservados aos visitantes. Enfim, nada de extraordinário. O final da tarde aproximava-se e ele seria descuidado ao continuar ali especado, pois acabaria por despertar atenções e isso não era desejável, por isso mesmo, e visto já ter matéria relevante para explorar, resolveu arrancar. Ia a matutar:

«...a identificação das viaturas vai-nos permitir, após consultarmos a seguradora, apurar quem são os seus condutores habituais...»

A empresa era uma sociedade anónima com acções ao portador, provavelmente, depositadas num cofre bancário. Devido a esse facto, tornava-se mais difícil desvendar quem eram os seus proprietários, podia ser qualquer pessoa, para isso bastaria que tivesse os títulos em mão. A consulta da certidão de registo comercial permitiria identificar os actuais gerentes e, segundo tinham conseguido apurar, eram duas mulheres muito jovens. Para completar o puzzle, daquele cenário incomum, bastaria confirmar se os condutores habituais das viaturas eram elas ou não. Se fossem homens e mais velhos, bingo! Seriam fortes indícios de ser uma empresa de fachada com duas mulheres ingénuas a dar a cara por algo de que não fariam a menor ideia; estariam perante duas utilizadoras de cartões de crédito sem nada em cima dos ombros que não servisse apenas para pendurar um par de brincos. Às vezes a procura de uma vida fácil no presente conduz a problemas complicados no futuro. As considerações podiam fazer, ou não, sentido, e para comprovar a teoria bastaria verificar a questão dos automóveis e quem seriam os seus condutores habituais. Era importante tratar o assunto e foi isso mesmo que Thomas fez, dirigindo-se de imediato para a Estação.

Chegou ao seu gabinete a horas tardias, organizou a informação e enviou o conteúdo, por correio electrónico com prioridade alta, para Mary. No dia seguinte, bem cedo, sabia que ela trataria de obter as informações por ele solicitadas. Já era tarde, Thomas desceu à garagem, montou a Ducati e apontou o trajecto de casa, onde chegou em poucos minutos. Naquele final da tarde sentia vontade de cumprir a sua rotina desportiva, habitualmente desempenhada pela manhã, e foi dar uma corrida em redor do parque. Depois de regressar, de se refrescar e de jantar, ainda tinha que analisar um dossier do banco referente a

um proposta, o seu parecer era fundamental numa tomada de decisão de aprovar, ou recusar, uma determinada operação de financiamento. Aquela actividade era complementar e residual, num campo onde ele era um *expert*, e onde desempenhara funções, no passado, em regime de *full time* ao serviço do *LIB*. Depois de ele ter saído do banco essas solicitações de pareceres eram muito pontuais, quase como se fosse um trabalho probónus para uma das empresas da Fundação, mãe de todas empresas por ela criadas. Para Thomas; ser chamado a pronunciar-se acerca de algumas operações, de grande importância, era um motivo de orgulho e até funcionava como um escape à sua actividade stressante. Na organização tudo tinha uma razão de ser e naquele caso relacionava-se com um futuro distante que o esperava. No dia em que deixasse de ser um agente operacional, ao serviço da *GONE*, iria ter outras funções na organização, daí que tivesse algum contacto com os demais assuntos de carácter global, e no âmbito de outras actividades da Fundação.

Mais tarde, quando tentava relaxar um pouco, surgiu uma mulher nos seus pensamentos: «...ainda por cima envolvida nesta trapalhada macabra e perigosa. Tenho que a proteger. Ela não imagina ou, mesmo que possa imaginar, não sabe até onde esta gente é capaz de chegar. Os homens por detrás de tudo isto são da pior espécie. Mantê-la sob vigilância, tranquiliza-me um pouco...», pensava Thomas, ao ver o bilhete que Jennifer lhe tinha deixado em cima da mesa de centro da sala.

No papel, estava escrito:

“ Querido Thomas,

Em poucas horas tiraste-me de um buraco negro e deste-me asas para voar até às nuvens. A ti devo ter acordado deitada numa delas, ou melhor ainda, deitada na tua nuvem e conseguir ver o céu limpo, tão limpo quanto está o meu pensamento.

Um grande beijo,

Jennifer

P.S. Vemo-nos daqui por uma semana. Brasil a quanto obrigas! “

Depois de sair do apartamento de Thomas, que a deixou fascinada, Jennifer passou por casa para mudar de roupa e acabou por sair rumo às ruas, apinhadas de gente, da zona comercial de Manhattan. Resolveu vaguear, sem destino certo, ainda sob o efeito do feitiço de alegria que o Thomas lhe tinha lançado. Durante toda a tarde correu e entrou em imensas lojas, entre as famosas da 5th Aveneu, onde comprou algumas peças de roupa, acessórios e calçado. Resolveu presentear-se, afinal fazia anos e havia que aproveitar as coisas boas da vida; acabando por almoçar, ou melhor dizendo, lanchar no Central Park. Quem se levanta a meio do dia, salta do pequeno-almoço, tomado na cozinha de Thomas que tinha de tudo para todos os gostos, directamente para o lanche. Foi o caso de ela nesse dia especial. Mas

estava de férias e comportou-se como tal, sem regras nem horários convencionais. Sabia que, nesse período de descanso, o ideal seria fugir de Manhattan. Era essa, sem margem para dúvidas, a melhor opção. Assim afastar-se-ia do ambiente adverso e recuperaria melhor as energias positivas e, além disso, podia acontecer que durante a sua ausência as coisas acalmassem. A boa aura e o optimismo eram bons aliados e Jennifer estava a saborear esse momento especial, mas, por outro lado, não queria afastar-se de Thomas. Após ter conhecido aquele homem, tão especial, não queria perdê-lo de vista, apetecia-lhe estar próxima dele. Não de um modo obsessivo, mas era essa a sua vontade. Portanto estava vacilante. Todavia, como “depressa e bem não há quem”, optou por se aconselhar com a sua almofada; decidiria, na manhã do dia seguinte, se ficaria ou se viajaria. Thomas era um homem novo que tinha acabado de entrar na sua vida e com ele voltava a esperança de pôr fim àquele horrível estado de depressão que tanto a atormentava.

No dia seguinte, na estação.

As informações acerca da intrigante empresa de transportes aguardavam-no, de manhã bem cedo, no topo da sua secretária. Quando chegou ao seu gabinete, logo após entregar no *LIB* o trabalho executado na noite anterior, deparou-se com os resultados das informações que tinha solicitado no dia anterior. Sentou-se na sua poltrona e começou a ler. Thomas já suspeitava daquilo que vinha reflectido no relatório: as viaturas estavam registadas em nome da empresa, no entanto, os seus condutores habituais não eram as administradoras, mas sim dois homens cujos apelidos coincidiam. Estava perante uma empresa de fachada, que, com toda a certeza, estaria a servir de cobertura para outra actividade, naquele caso, clandestina e criminosa. Perante os factos comprovados, não era complicado entender que fora justificada a sua suspeita lançada sobre o homem, seguido e fotografado que, realmente, trabalhava na empresa onde dois sujeitos, ainda por cima irmãos, se escondiam por detrás de duas mulheres “testas de ferro”. Ambos tinham a mesma nacionalidade, eram chineses com autorização de residência e constavam na folha de pagamentos da transportadora com funções de segundo plano. Adicionado a esses factos a especificidade do ramo de negócio da empresa, transportes internacionais, tudo indicava no sentido de estarem diante de uma empresa que, muito provavelmente, estaria a ser utilizada para trasladar pessoas entre continentes. Os irmãos Zhao seriam os cabecilhas dessa rede criminosa dentro do território Norte Americano.

16 O REENCONTRO.

Noutro distrito, a 160 quilómetros dali, Aron e a sua mulher, Ellen, viviam bastante apreensivos com os últimos acontecimentos. O médico respirava de alívio por ter as filhas em Londres, bem longe do alcance dos tentáculos da organização criminosa, mas temia por ele e por Ellen. Além disso, estava

cismado de que também poderiam fazer mal à sua sobrinha Jennifer, e para isso bastaria que descobrissem a existência dos laços de sangue. Aron sabia que o seu desaparecimento causava desconforto e desconfiança à organização que lhe tinha destruído a reputação, começando a temer que lhe tivessem reservado o mesmo destino, trágico, da sua ex-paciente, Elisabeth Logan. O refúgio em Shelter Island não era assim tão seguro, terem comprado a propriedade, assim como as viaturas, em nome duma empresa de investimentos estrangeira apenas os salvaguardava formalmente. Como se isso não bastasse, o agente imobiliário encarregue da venda da propriedade, onde viviam antes, era uma pessoa conhecida, contudo, muito provavelmente, seria mais amigo do dinheiro com que o poderiam aliciar para obter os contactos deles e a respectiva localização actualizada do casal ou, ainda pior cenário, em virtude de haver a possibilidade de qualquer um deles tentar vender a história a um jornal, tornando público o paradeiro deles e expôndo-os, a qualquer momento, a visitas de jornalistas e daqueles a quem os Grubb mais temiam. A própria Jennifer podia fazê-lo, inadvertidamente, sob ameaça, ou sendo coagida. No fundo sabiam que era uma questão de tempo e isso começava a preocupá-los seriamente. A única decisão inteligente, até então tomada, fora a de colocar as filhas noutra país. Isso sim; era bastante mais seguro. Na verdade, com a divulgação do suposto suicídio, voltaram as suas piores inquietações, os fantasmas do passado andavam ao redor de Shelter Island! Os dois mergulharam num autêntico estado de pânico ante a visão aterradora desse potencial futuro. Ellen que, em tempos transcorridos, tivera a capacidade anímica para apoiar Aron, naquele momento, deparava-se com os seus nervos de ferro a darem de si. Encontrava-se no seu limite, bastaria o peso de mais uma gota de água para ver desvanecer a sua força interior, e isso estava mesmo prestes a acontecer. Ambos se sentiam à beira de um colapso nervoso, ao temerem pela aterradora devastação da sua família.

Como era habitual, todas as manhãs, Aron saiu de casa em direcção ao Country Club. Mesmo nos dias em que o clima era adverso à prática do Golf, ele não abdicava de ir até ao Club. Se não fosse para o *green* jogar, pelo menos ficava no salão nobre a ler os jornais diários. Naquela manhã pôde vaguear pelo tapete verde do campo e jogar um pouco, tentando, como sempre, melhorar o seu *record* pessoal. Mais tarde, aquando do regresso a casa, mesmo antes de arrancar, verificou que tinha um envelope preso no pára-brisas. Agarrou o invólucro, ficando instantaneamente apreensivo.

Abriu o envelope e retirou um bilhete. E, mal começou a ler, ficou branco como cal!

“ Amigo Grubb,

Vás para onde fores, não nos conseguirás escapar!

Tu és o nosso carneiro predilecto. Mantém o BICO CALADO e mal de ti se te atreves a duvidar que estás na nossa mão.

Nunca te esqueças disso!

Até breve. “

O médico ficou petrificado! O seu coração disparou, batendo aceleradamente e logo depois começou a ter suores frios, gélidos! O seu pior receio era mais do que justificado, tinham-no localizado. Por momentos ficou sem reagir, estático e aparvalhado; até que, subitamente, pegou no telemóvel e marcou o número de Ellen.

— Ellen — Exclamou Aron, alterado — Pega de imediato na tua carteira, na pasta metálica que está no cofre, e nas malas de emergência. Não saís de casa, por nada! Absolutamente por nada! Fica dentro até que eu chegue.

O cirurgião desligou o telemóvel de imediato e a mulher nem teve tempo de articular uma só palavra. Entrou no Range e apontou para casa, conduzindo feito um louco, até chegar à sua porta. Nesse momento, avistou Ellen que corria para o carro, trazendo apenas o que o marido lhe tinha recomendado.

— Entra rápido, querida! — Disse ele aos berros — A mulher entrou sem hesitar nem perguntar, fosse o que fosse, pois percebeu que estavam em estado alerta. Era a fuga tão planeada e receada! Só podia ser a fuga!

— Vamos directamente para o Aeroporto de Montauk e apanharemos o primeiro voo disponível, independentemente do destino. Fomos expostos. Não sei como, mas é um facto. Lê este bilhete. — Disse Aron, que falava freneticamente, enquanto Ellen reventou num mar de lágrimas.

— Credo! Estamos perdidos! — Ellen expressou-se, apavorada. A sua voz soava como um grito de terror.

— Temos que nos manter calmos. Até agora não me apercebi de ninguém a perseguir-nos. Se Deus quiser, vamos conseguir escapar! — Disse Aron, enquanto conduzia nos limites.

Nunca o Range tinha circulado a semelhante velocidade, desrespeitando todas as regras de trânsito e limites de velocidade. A partir dali para a frente, a palavra de ordem era: não se separarem de nenhuma maneira! Entraram esbaforidos no Aeroporto de Montauk e Aron foi directamente ao balcão da American Airways, conseguindo comprar dois lugares num voo doméstico rumo a Nova Iorque, JFK Internacional Airport. O destino intercalar estava traçado, dali a sessenta minutos estariam a caminho de Nova Iorque. Ante a espera de trinta minutos, Aron ligou-se à internet e conseguiu comprar dois lugares para Lisboa, na companhia de aviação portuguesa *TAP*. Apenas duas horas e meia de espera e voariam para Portugal.

— Querida. A demora no JFK não será longa. Entre chegarmos ao balcão da *TAP*, fazermos o check in, mais o tempo de nos dirigirmos à porta de embarque, verás que pouco tempo restará. — Aron explicava, com uma expressão tensa espelhada no rosto.

— Se Deus quiser, conseguiremos escapar. Havemos de conseguir. — Disse Ellen, repetidamente, e esperançada.

O voo até Nova Iorque decorreu sem imprevistos nem sobressaltos. Executaram o plano com um rigor matemático, e quando se sentaram diante da porta de embarque, da *TAP*, faltavam uns escassos vinte minutos para subirem a bordo do A340. Em redor deles deveriam estar cerca de duzentos e cinquenta

passageiros. Todos pareciam suspeitos criminosos aos olhos dos Grubb que não conseguiam parar de olhar sobressaltados em todas as direcções e para toda a gente!

— Ellen! Faltam dez minutos para abrirem as portas. Vou ao WC, mas quero que me acompanhes. Não te quero deixar aqui sozinha. — Afirmou.

— Está bem, eu acompanho-te. De qualquer modo, também estou a precisar de usar a casa de banho. — Assentiu Ellen.

Entraram ambos na casa de banho masculina e entrou um sujeito atrás deles. Ellen entrou imediatamente numa cabine e Aron foi ao encontro dum urinol assim como o dito sujeito, colocando-se a seu lado. Entretanto, entrou outro homem que se dirigiu a um dos lavatórios. Aron sentia o seu coração a bater aceleradamente, o medo era tanto que até uma situação comum lhe parecia errada, sinistra!

«Que paranóia. Estou demasiadamente cismado, tenho que me abstrair ou ainda tenho um enfarte...», pensava ele.

O sujeito a seu lado voltou-se, dirigiu-se aos lavatórios, passou as mãos por água e saiu. A porta bateu e, subitamente:

— Oh! O senhor é o famoso Dr. Aron Grubb, não é?! — Perguntou outro homem, exibindo um sorriso malévolo, enquanto se voltava para ele. O médico olhou-o, surpreendido, e o pânico apoderou-se dele ao ver uma pistola apontada ao seu peito.

— Por amor de Deus, eu tenho duas meninas, não nos faça mal. Eu dou-lhe esta mala. Tem aqui uma pequena fortuna em dinheiro vivo! — Suplicava-lhe Aron, enquanto se ouviam os soluços de Ellen desesperada na cabine.

— Dois em um, Senhor Doutor! Arrumo consigo, despacho a sua senhora, que está ali escondida a guinchar, e ainda levo os dólares. Um espectáculo! — Disse o homem ordinário, soltando uma gargalhada mórbida.

De repente, apareceu um indivíduo, por detrás do homem que empunhava a arma, que, usando de uma agilidade invulgar, voou sobre ele retirando-lhe a arma e lançando-o violentamente contra a parede. Aron observava-o, completamente, imobilizado e aparvalhado com aquela cena de acção. O agressor posicionado frente a frente com o homem era o indivíduo que tinha acabado de entrar e sair da casa de banho. Esse “guarda-costas” era Thomas, vestido como de um piloto se tratasse.

— Hoje não vais matar, nem raptar ninguém! — Disse Thomas, fitando o agressor.

— Ah! Tu é que não vais sair daqui vivo! — Rosnou o outro.

O que fez Thomas sorrir. E tardou uma fracção de segundo para que ele arrumasse com o brutamontes, aplicando-lhe um pontapé de baixo para cima, com o qual lhe enfiou a cana do nariz pelo cérebro dentro. Bastou-lhe um golpe rápido, certo e fatal!

— Professora Ellen! — Chamou Thomas, com toda a calma do mundo. — Junte-se a nós, por favor.

— Podes sair querida — Repetiu Aron, tremendo e ainda em transe.

Ellen saiu, visivelmente desorientada.

— Agora coloquem-se naquele canto. Ainda há outro que deve estar prestes a tentar entrar. Já passou tempo demais, e ele irá estranhar aquele idiota não aparecer. — Alertou Thomas.

— Mas ... — Tentou falar Aron.

— Façam o que vos estou a pedir, falaremos depois. — Reiterou.

Thomas aproximou-se da porta e escondeu-se detrás da mesma. A qualquer instante iria aparecer outro gorila, o que não tardou a acontecer. O homem entrou, empunhando uma pistola, e Thomas torceu-lhe a cabeça, num movimento fulminante e preciso, partindo-lhe o pescoço num ápice. Depois, pegou nos dois, retirou-lhes os telemóveis, e empilhou-os numa das cabines sanitárias, fechando-a por dentro. Para isso, trancou-se com os cadáveres por dentro da cabine e de seguida, mostrando alguma ginástica, passou para o exterior pelo vão existente entre o tecto e a porta da cabine.

— Agora estamos seguros. Sigam-me, por favor. — Falou, firme e energético.

Os Grubb seguiram-no sem questionar, fosse o que fosse. Ainda não tinham percebido nada de nada, contudo, aquele piloto desconhecido acabava de lhes salvar a vida. O herói, para eles incógnito, andou uns metros em direcção a uma cafetaria e sentou-se. O casal seguiu-lhe o exemplo, sentando-se diante dele. A expressão dos rostos deles era de clara incredulidade.

— Agora sim, podem colocar as vossas questões. — Disse Thomas, novamente muito sereno.

— Nem sei por onde começar, ainda não estou em mim! Foi tudo muito intenso e rápido. — Afirmou Aron, desorientado.

— Nem eu! — Repetiu Ellen, igualmente, baralhada.

E ficaram os dois especados a olhar para ele, sem saber o que dizer ou, tão pouco, pensar.

— Ora bem, meus senhores. O meu nome é Charles Black e apareci aqui para vos ajudar a sair do país de forma segura. Daqui por uns minutos irão receber um telefonema do colégio inglês onde esconderam as vossas filhas. A pessoa que vos telefonar deverá estar em estado de pânico porque as meninas desapareceram, mas, na verdade, fomos nós que pegamos nelas, por prudência, e agora vou levar-vos para junto delas, daqui por uns alguns escassos minutos. — Os Grubb estavam estáticos! — Há muita coisa que não vos posso revelar, pois comprometeria o anonimato da nossa agência, no entanto, o que vos posso adiantar é que somos uma Agência de Serviços Secretos Internacional, que não responde perante governos ou autoridades de nenhum país. Somos 100% independentes.

— Mas, porque é que nos está a ajudar? O que querem em troca da vossa ajuda? — Perguntou Aron, a medo.

— Nada. Absolutamente nada! — Respondeu Thomas.

— Nada?! — Repetiu Ellen, arregalando os olhos em sinal de espanto.

— Só vamos solicitar informação para nos auxiliar nesta nossa operação de combate ao tráfico de pessoas, órgãos e tecidos. Sabemos que o Dr. Aron Grubb foi vergenhosamente usado e agora queremos usá-lo nós, porém com melhor das intenções. Daqui em diante passará a jogar do lado dos bons. — Explicava Thomas.

— Desculpe Sr. Black, entenderá que ainda estamos baralhados. No entanto, pode ter a certeza da nossa vontade em ajudar e pode contar com a nossa colaboração, em absoluto. — Salvaguardou Aron.

Ao fundo do corredor, na zona dos WC, começou a haver muita movimentação de empregados de limpeza com a polícia à mistura. Era o momento ideal para saírem dali.

— Está na nossa hora. Vamos! — Ordenou Thomas com firmeza.

— Mas ... e o nosso voo? — Perguntou Ellen.

— Olharam bem para mim? — Questionou Thomas.

— Realmente está com farda de comandante! — Observou Aron, que tinha reparado na vestimenta dele.

— Sou eu quem vai pilotar, esqueçam o voo da TAP. Para todos os efeitos os senhores não saíram dos EUA, nem vão entrar em Inglaterra. — Falou Thomas, sorrindo. — Sigam-me. Segundo o SMS que recebi, o abastecimento dos depósitos já terminou e descolaremos em breve.

O casal foi atrás dele até à porta de embarque que dava acesso à zona de embarque reservada para voos privados. Dali foram transportados, num carrinho, até ao avião que já estava preparado para descolar, um Boing geralmente utilizado por executivos ou em viagens de grupo para clientes pretendiam viajar com mais comodidade e privacidade do que na aviação comercial. Logo após terem entrado na aeronave, enquanto Thomas se instalou na cabine do piloto, os Grubb sentaram-se confortavelmente, um ao lado do outro, em duas belas poltronas revestidas com pele de cor camel. Os piores minutos da vida quer do Aron, quer da Ellen, os mais aterradores, tinham acabado de ser intensamente vividos. Entretanto, depois, confortavelmente sentados e em segurança, recordavam aquela cena aterradora e surreal que, graças a Thomas, tivera um desfecho feliz. Além dele, do co-piloto e dos Grubb, havia também uma hospedeira de bordo, por sinal muito bonita que era uma simpatia de pessoa. Foram necessários uns quinze minutos para que Thomas obtivesse autorização, da torre de controlo, para se fazer há pista e levantar voo. As previsões de boas condições meteorológicas levavam a crer que iriam ter um voo tranquilo. Quando, passada uma meia hora, Thomas se sentou diante do casal Grubb, já a hospedeira lhes tinha servido umas bebidas e ele pôde ver alguma serenidade reflectida nos rostos deles.

— Antes começarmos a conversar. Sentem-se confortáveis ou precisam de algo mais? — Perguntou Thomas, surpreendentemente sereno.

— Estamos muito bem, graças a si, Sr. Black. De momento não queremos mais nada, a hospedeira já nos dispensou toda a atenção, mas obrigado pela sua preocupação. — Respondeu Aron, respeitosamente.

— Ah! Ótimo. Fico contente que assim seja. — Retorquiu Thomas.

— Acima de tudo estamos bem e sentimo-nos seguros. E para nós, isso é uma sensação excelente. Já não nos lembrávamos do que era sentir serenidade e alguma paz de espírito. — Acrescentou Ellen.

— Perfeito. Agora, e daqui em diante, vamos aproveitar a longa jornada para conversar. — Falou Thomas.

— Como o Senhor desejar. Nós estamos e estaremos eternamente gratos a si, como pode imaginar. — Agradeceu Ellen, de novo.

— Bom. Eu só fiz o meu trabalho. Quero que fiquem cientes disso. *Okey?* — Retorquiu Thomas que, apesar de compreender a razão da gratidão deles, não se sentia nada confortável com tanta deferência.

— Compreendemos, mas isso não altera em nada o nosso sentimento de gratidão, Sr. Black. — Insistiu Aron.

— Agora, para começar, diga-me há quanto tempo dura esta operação de transplantes clandestina?

— Segundo sei, pelo menos na Rochelle, há uns malditos três anos no mínimo. — Respondeu Aron, cabisbaixo. Era uma situação que, apesar de ele não ter culpa, o envergonhava profundamente.

— Consegue-me confirmar quantos e quais são os médicos e enfermeiros envolvidos nesta operação criminosa, quer directa, quer indirectamente?

— Posso redigir-lhe um documento com essa informação de forma mais organizada, até porque, além do pessoal da nossa clínica, existem outros profissionais que trabalham noutras instituições. — Sugeriu Aron.

— Agradeço-lhe isso. Então há mais colegas seus, oriundos de outras clínicas? — Questionou Thomas, erguendo as sobrancelhas de espanto.

— Exactamente Sr. Black. — Assentiu Aron.

— No que respeita ao local, a organização usava outros espaços além da Rochelle Health Clinic? — Inquiriu Thomas.

— Penso que não. Os médicos eram transportados para operar na Rochelle, compreende?

— Sim claro. E faziam-no de livre e espontânea vontade? — Perguntou Thomas.

— Isso, que eu saiba, não. Estou convicto que todos os profissionais eram coagidos de uma ou de outra forma. Perante o rigor da nossa legislação, independentemente de qualquer motivação adicional, o risco de perder a carteira profissional é muito grande. — Argumentou Aron.

— E na clínica, acha que ninguém desconfiava do que se passava?

— Não. Ou, pelo menos que eu tenha conhecimento, o assunto não era comentado. O edifício onde tudo se passava foi, desde sempre, de acesso restrito e estava supostamente afecto à investigação científica. Era um local insuspeito. — Explicou Aron.

— Quanto à administração da Rochelle, qual era o papel do administrador da clínica no meio disto tudo?

— O Dr. David Crow, que também é cirurgião, era mais um dos elementos vítima de coação com a agravante de ter responsabilidades acrescidas. O homem deixou de ter vida, mais parece uma bomba relógio, daquelas prestes a explodir a qualquer momento. — Afirmou Aron.

— No que concerne os pacientes, pelo que entendi, eram internados e saíam da Rochelle Health Clinic depois de terem a certeza do transplante ter sido bem sucedido, correcto? — Questionava Thomas. — Sabe-me dizer onde era efectuada a extracção dos órgãos? Essas pessoas também iam para a Rochelle?

— Não, nunca. Isso era uma das regras de segurança de que eles não abdicavam. Aonde eram extraídos os órgãos, ninguém sabia! Absolutamente ninguém, excepto os operacionais da rede obviamente. — Esclareceu Aron.

— Qual era o meio de transporte utilizado para esse efeito?

— Os órgãos eram transportados por helicóptero. Penso que se sentiam mais seguros usando esse método, pois evitavam o risco de ficarem encravados no trânsito. Repare que, por exemplo, no caso de um coração há muito pouco tempo entre o momento da extracção e o do implante, estamos a falar de quatro horas, no máximo! — Explicou Aron.

— O Dr. Grubb chegou a ter contacto directo com o cérebro da rede criminosa? — Perguntou Thomas.

— Infelizmente, penso que sim. É um sujeito asqueroso, desprovido de qualquer sentimento de respeito pela dignidade da vida humana, um mercador de carne humana sem escrúpulos ... — Resmungou Aron, incomodado só de pensar no líder da rede.

— Pode-me confirmar o nome do animal?

— O apelido dele é Zhao. São dois irmãos chineses. Um deles é o líder, enquanto o outro está em segundo plano. O mais velho chamasse Zhao Míng, o mais novo Zhao Yao. Penso, mas não tenho a certeza, que o Yao é médico e deve ser ele o homem que extirpa os órgãos às vítimas.

— Então, o Dr. Grubb apenas conhece os procedimentos do transporte em diante, correcto? — Inquiriu Thomas.

— Exacto. Lamento não lhe poder ser de maior utilidade, mas isto é tudo o que sei. — Assentiu Aron.

— Havia muito dinheiro pelo meio? — Perguntou Thomas.

— Sim. Muito dinheiro, mesmo muito! Sendo todo pago em numerário. — Exclamou.

— Quanto aos valores cobrados, tem alguma ideia dos montantes envolvidos?

— Tenho sim. Essa informação era conhecida porque os pacientes acabavam por comentar. Mas era tudo muito pouco criterioso, pois dependia essencialmente da capacidade financeira dos pacientes. Os valores mínimos rondavam os € 600.000,00 e o máximo, segundo ouvi comentar, chegou a atingir os €

6.000.000,00, um absurdo. — Esclareceu Aron.

— O doutor e os seus colegas aceitavam pagamentos, algum tipo de remuneração ou de compensação?

— Inevitavelmente. E quem não aceitasse, ficava em muito maus lençóis! — Respondeu Aron.

— Como isso?

— Para aqueles pulhas, uma atitude de recusa do dinheiro era vista como uma afronta e constituía um factor de desconfiança. Todo o dinheiro, por mim recebido, foi doado para causas humanitárias e muitos dos meus colegas fizeram o mesmo. — Argumentou Aron, explicando ao detalhe, pois não queria, de modo algum, parecer ter beneficiado dos lucros inerentes às atrocidades.

— Ah! Então, quem possuía mais posses mais pagava? Era esse o critério! — Perguntou Thomas, abanando a cabeça ironicamente.

— Ora nem mais! — Exclamou Aron, continuando. — Um leilão internacional de órgãos, ou pouco faltava!

— Essa gente deve fazer bem o trabalho de casa. É evidente que investigavam a capacidade financeira dos potenciais pacientes. — Deduziu.

— Sim. De facto, antes de abordar os pacientes, faziam uma investigação exaustiva, através da qual lhes basculham a vida pessoal. — Confirmou Aron.

— Sabe se alguém lhes concedia acesso às listas de espera? Penso que só assim se torna possível fazer esse trabalho sistemático. — Interrogou Thomas.

— Assim acontecia e ainda acontece, pois apenas mudaram de instalações. A actividade não parou. — Afirmou, expressando pesar.

— Mas, voltando à questão das listas de espera! — Insistiu Thomas.

— Ah! Sim, claro. Além das listas de espera dos serviços de saúde Norte Americanos, acredito que também tenham acesso às doutros países. Repare que, muitas das vezes, eram eles a abordar os necessitados de transplantes. — Clarificou Aron convictamente.

— O suborno deverá ser outra das metodologias dessa máfia, as nossas suspeitas acerca da dimensão desta organização ficaram aquém da realidade. O mercado fornecedor, obviamente, terá que ter origem nos países cujos níveis de pobreza são elevados, mas a procura vai muito mais além das nossas previsões. — Afirmou Thomas. Especulava, porém não estaria muito longe da verdade.

— Pode crer que esta rede criminosa tem ligações em todo o lado. Perante as mais diversificadas proveniências dos pacientes, percebemos que não há limites nem fronteiras para o alcance dos seus tentáculos assassinos. — Sublinhou Aron.

— Enquanto lá estive, qual era a regularidade com que as intervenções eram efectuadas? — Inquiriu Thomas, visto não ter a mínima noção da dimensão da operação.

— Diariamente. O banco de órgãos disponível é, realmente, inacreditável! Qualquer que fosse o paciente, carenciado de qualquer tipo de transplante, havia solução quase instantânea. — Informou Aron.

— A realidade do turismo médico, neste âmbito, já vem de longe. Isso é um facto inegável. — Comentou Thomas, que estudara a questão a fundo.

— Tem toda a razão. Mas o risco de um paciente se submeter a uma cirurgia deste tipo é demasiado elevado em alguns desses destinos. — Alertou Aron.

— Compreendo ...

— As condições de higiene, a qualidade dos meios técnicos, o período pós-operatório e a perícia do cirurgião, são factores determinantes para que um transplante seja bem sucedido. — Completou o médico.

— Faz sentido. — Falava Thomas. — Essas questões só estão salvaguardadas se o local for seguro e se os cirurgiões forem prestigiados. Daí eles só procurarem pacientes endinheirados, os quais estão dispostos a pagar o que lhes é exigido e, claro está, para, em contrapartida do pagamento dessa pequena fortuna, usufruírem da garantia duma segurança inquestionável. — E continuou o seu raciocínio. — O esquema está bem pensado. É maquiavélico, mas efficientíssimo! Uma clínica prestigiada, profissionais de referência e todos os meios técnicos de excelência disponíveis. Criaram uma empresa clandestina de sucesso que assiste pacientes riquíssimos, oriundos dos quatro cantos do mundo.

— Contando com a garantia da confidencialidade clientes! Os pacientes têm que ficar calados, pois são coniventes com a ilegalidade. — Acrescentou Aron.

— Deduzo que os pacientes deverão desconhecer a parte pior do funcionamento do esquema. — Comentou Thomas.

— Completamente! Aos pacientes era garantida total segurança, tal como: testes de compatibilidade e todas as exigências que devem preceder um transplante. De onde, de quem e outras questões ficavam em segredo. Repare que até nós, os cirurgiões, apenas tínhamos acesso à informação com muitas reservas. — Assentiu e esclareceu Aron.

— Dos desgraçados dos “dadores” ou estropiados só eles sabiam; assim como do seu destino ou, melhor dizendo, fatal destino. Essa parte é o nosso ponto de continuidade. Para onde deslocalizaram a clínica, onde extraem os órgãos, qual a origem e o qual o destino vaticinado aos “dadores”.

O tempo voara, assim como o jacto que se aproximava da área metropolitana de Londres. No entanto, não iam aterrar num aeroporto comercial, mas sim num pequeno aeroporto, pertença da companhia de aviação da *CFK*, que ficava a cinquenta quilómetros do centro da cidade. Quando faltavam cerca de trinta minutos e o avião iniciou a descida, Thomas voltou para a cabine. Nesse dia, o clima estava chuvoso, ventava um pouco e a temperatura oferecia menos dez graus centígrados do que em Nova Iorque, apenas dezoito graus.

Um Range Rover Sport aguardava-os dentro do hangar onde o jacto entrou, logo após ter aterrado. O

destino definido pela *GONE*, uma pequena propriedade rural discreta, distava cerca de cento e vinte quilómetros do coração de Londres, longe de tudo e de todos. Depois de terem saído do pequeno avião, avistaram a viatura que os iria transportar, cujo motorista caminhou ao encontro deles para ajudar a carregar a escassa bagagem. Logo a seguir a terem efectuado o *check in*, em Nova Iorque, enquanto se dirigiram para a porta de embarque, um agente infiltrado desviou as malas, que estava a caminho do avião da TAP, e colocou-as no jacto privado. Dois minutos se passaram, e a pequena comitiva arrancou em direcção a uma pequena propriedade, localizada nos arredores de Wallingford, que ficava a cerca de oitenta quilómetros de Londres, numa zona bem tranquila. O percurso a percorrer era apenas metade da distância, pois o aeroporto ficava sensivelmente a meio do caminho. O casal estava visivelmente ansioso, o facto de se reencontrarem com as filhas era a razão dessa ansiedade salutar, um bom motivo a alterar-lhes positivamente o sistema nervoso, para variar. Como é natural, nestes casos, os quarenta quilómetros pareceram demorar uma eternidade, mas, passados trinta minutos, chegaram ao refúgio.

— Vai aguardar alguns minutos por mim, David. — Disse Thomas ao motorista.

— Aguardo o tempo que for necessário. — Respondeu o homem, pronta e respeitosamente.

Os Grubb apressaram-se a recolher as malas. Nem deram tempo para que os auxiliassem e, em vez de caminharem, quase correram até à entrada da casa. A emoção estava à flor da pele, aquando pressionaram o botão da campainha. Ellen não cabia em si de contentamento e excitação por ver que a sua família se reunia de novo e em total segurança; a milhares de milhas do perigo que os aterrorizara nos últimos anos, especialmente, nos últimos meses. A porta foi aberta por uma mulher de aparência atlética, jovem e simpática. Era a agente Greta Herrera que ficara incumbida da tarefa de prestar guarda às raparigas. Por detrás dela, apareceram, lado a lado, as irmãs Aimee e Evelyn que, entusiasticamente, saltaram para os braços dos seus pais. Uma cena de cortar a respiração, tal era a forma intensa como se agarravam, repleta de emoção e intensidade.

— Oh! Minhas queridas. Quantas, tantas... Tantas saudades! — Exclamou Ellen, com os olhos encharcados em lágrimas.

— Aimee! Evelyn! Vou encher-vos de beijos ... — Gritou Aron, exteriorizando uma euforia contagiante.

— Muito obrigada, muito obrigada mesmo! Não sei como vos agradecer. Estamos a viver um milagre. Muito obrigada! — Repetia Ellen olhando para Greta com uma expressão de júbilo. A agente nem abria a boca, nem sabia o que dizer perante tamanha expressão de gratidão.

Quer Thomas, quer Greta, aguardaram, enquanto a família se recompunha, antes de dizer aquilo que, de grande importância, era imperativo ser transmitido. Passados alguns minutos e com os ânimos entretanto mais calmos:

— Dr. Aron e Prof^ª. Ellen. Temos que falar convosco antes de irmos embora. — Falou Thomas.

— Claro Sr. Black! Meninas aguardem um pouco. — Dirigiu-se Aron, carinhosamente, às filhas. —

Diga, por favor.

— Bom, é de vital importância que registem o que vos vou transmitir. Em primeiro lugar, nunca, literalmente nunca, usem o telemóvel ou telefone de rede fixa, seja qual for a circunstância ou urgência — os telefones permanecem exactamente como estão, ou seja, desligados; em segundo, não devem usar o vosso correio electrónico, e isso inclui, também, eventuais contas novas que não podem ser criadas; em terceiro lugar, nunca sair dos limites da propriedade, devem agir como se estivessem prisioneiros. Portanto, resumindo: não comunicar com o exterior e não sair do interior. Há uma excepção que é a seguinte: se precisarem de comunicar, com o exterior, usam este telemóvel — disse-o e passou um aparelho para as mãos do médico — que tem apenas um número gravado. Esta linha é segura e a partir de ela, sim, podem solicitar falar. Alguém atenderá e reencaminhará a chamada para uma de duas pessoas, para mim ou para a Greta. Ficou claro? — Questionou Thomas, carregado de convicção.

— Está bem claríssimo. Pode ficar descansado que respeitaremos as suas instruções, com todo o rigor. — Retorquiu Aron, também com a firmeza de quem nunca violaria as directivas.

— Assim está perfeito! Agora, quer eu, quer a Agente Greta, vamos embora. Desfrutem este retiro familiar que em breve tudo regressará à normalidade. Até um dia destes. — Despediram-se e deixaram-nos a vontade.

A casa era parte integrante duma propriedade que, vista do exterior, era muito recolhida e discreta. Ficava a alguns minutos da povoação mais próxima e estava tudo meticulosamente programado, de modo a que não precisassem de sair, fosse para o que fosse. A vivenda era composta por três quartos, sala de estar, biblioteca, cozinha e copa, estufa, casa de banho comum, casa de banho de apoio, quarto em suite e uma garagem com uma área generosa. O amplo lote de terreno tinha, aproximadamente, 2.900 m², proporcionando aos seus ocupantes uma excelente zona exterior relvada, decorada com flores silvestres e algumas árvores de bom porte.

Apesar de todas as recomendações, respeitando ordens do Thomas, a BSO (brigada de suporte operacional) da Estação de Londres tinha colocado diversos dispositivos de escuta e vídeo, tanto no interior como no exterior da vivenda. E em virtude disso, Thomas iria receber um relatório de actividades diário. O princípio básico de se confiar com reservas, ainda com alguma desconfiança, deveria ser sempre levado em linha de consideração. Era um princípio basilar e imperativo! Qualquer pessoa, por muito que diga, nunca conta tudo. Esse facto é elementar. Na paz do novo lar, sentindo segurança, reflectindo sobre os acontecimentos, poderiam surgir conversas, entre Ellen e Aron, que revelassem informações úteis para a operação em curso. Se houvesse alguma coisa em desabono de Aron era evidente que só se saberia através de um deslize. As escutas eram essenciais para a investigação, por isso não foram descuradas e lá estavam bem camufladas.

Thomas, entretanto, optou por viajar até Londres na companhia da Greta, libertando o motorista. O tempo devia ser bem aproveitado e a oportunidade para conversar com a sua colega era óptima, pois a

participação de ela na operação, apesar de colateral, podia ser também uma boa fonte de informação em virtude dos dias por ela vividos com as filhas do casal. A agente tinha recebido instruções para abordar alguns assuntos, sem exercer demasiada pressão, uma espécie de interrogatório casual e informal. Consoante fosse conquistando a confiança delas, facilmente, teria conseguido fazer com que lhe relatassem tudo o que sabiam, isto se, realmente, de alguma coisa relevante tivessem conhecimento. As crianças são extremamente observadoras, muito mais do que os adultos pensam e, particularmente num contexto tão traumatizante quanto aquele, era provável que esse instinto estivesse mais aguçado. Thomas pediu a Greta que lhe fizesse um relatório verbal sabendo que iria recebê-lo por escrito, muito em breve.

— Então Greta, que tal correram estes dois dias com as pequenas? Conseguiste apurar alguma informação relevante? — Auscultou ele.

— No início senti-as um pouco relutantes em falar, a atitude defensiva era notória. Consoante o tempo foi avançando fui conseguindo tornar-me uma amiga e quando lhes disse que os pais vinham ter com elas, graças à nossa ajuda, tudo foi muito mais simples. — Explicou Greta, astuta como sempre.

— E quais foram as revelações? — Perguntou ele.

— Relativamente ao pai têm um sentimento de profundo respeito e também de grande admiração; percebe-se, com clareza, que os conceitos de moralidade foram bem transmitidos e o relacionamento familiar é muito sólido e saudável. A tal prima de quem falaste é, claramente, muito íntima. Notei que os pais de tudo fizeram para as proteger e pressenti que o trauma foi, devido ao notável esforço do casal, bem relativizado. — Explicou Greta.

— Então o Dr. Grubb deverá ser o que aparenta. — Comentou o Thomas.

— Assim parece. Quanto aos demais personagens, começando pelo administrador da Rochelle Health Clinic, o Dr. David Crow, a reacção foi um pouco estranha. Senti que havia uma pequena animosidade, especialmente por parte da Aimee, e quanto tentei indagar mais a fundo, a resposta que obtive foi que Dr. Aron ficava irritado na presença do Dr. David. No entanto, nenhuma das meninas me disse directamente que o pai não apreciava o superior como pessoa. Daqui, até deduzir ou concluir algo mais será precipitado, na minha opinião. A atmosfera na clínica não poderia ser das melhores e a verdade é que o Dr. Grubb foi afastado por decisão do administrador! — Explicou Greta.

— Penso que o teu raciocínio é lógico, realmente o contexto não favorece Dr. David Crow. E daí até concluirmos que ele possa ter uma posição activa na organização vai uma grande distância. De qualquer forma, ele será a próxima pessoa a ser observada. Se existir alguma ligação, nem que seja do tipo conivente activo, acabaremos por perceber. — Afirmou Thomas.

— Relativamente aos outros colegas de trabalho não consegui apurar nada, deduzo que não haveria grande contacto social. — Disse Greta, com uma certa frustração espelhada no rosto.

— Okey Greta. De qualquer forma, os bandidos já estão identificados e tudo começa a encaixar. A nossa investigação e a informação fornecida por Dr. Grubb apontam no mesmo sentido. Os irmãos Zhao

serão os líderes desta máfia, pelo menos, no território Norte-Americano.

O Thomas tinha pedido a Greta para o deixar em casa. Quando chegou, tomou um duche e depois enfiou-se no escritório para redigir um relatório exaustivo. Devia organizar a informação para relatar ao seu superior que o aguardava no dia seguinte, de manhã cedo.

17 APERTANDO O CERCO.

No dia seguinte, os mais diversos jornais de Nova Iorque publicavam várias notícias acerca do incidente ocorrido no JFK Internacional Airport.

Um desses diários noticiava:

“ DOIS HOMENS ASSASSINADOS DENTRO DO JFK

O JFK International Airport foi palco de dois assassinatos sinistros. As autoridades policiais presentes no aeroporto foram avisadas, pelos serviços de limpeza, da presença de dois cadáveres no WC masculino da zona de embarque. Essas mesmas autoridades não nos forneceram informações substanciais acerca do sucedido, mas uma fonte do nosso jornal apurou que os dois homens foram eliminados de um modo implacável, profissional e peculiar. Não houve o recurso a armas brancas ou de fogo, o que induz a pensar que o trabalho tenha sido desempenhado por um especialista, altamente treinado, visto um dos homens ter morrido com o pescoço partido e o outro com um golpe que lhe provocou a penetração da cana do nariz pelo cérebro dentro. “

Foi com esta notícia que Thomas começou o seu dia. Os irmãos Zhao deveriam estar bem confusos, pois, em vez de eliminarem Aron e a esposa, virão dois dos seus capangas ficarem vitaliciamente na posição horizontal. Além disso, ficaram também a saber que teriam que passar a olhar por cima dos ombros, porque alguém andava no encalço deles. A partir daquele momento iriam ficar alerta e nervosos, e Thomas já tinha planeado reservar-lhes algumas surpresas bem desagradáveis. As fraquezas deles iriam ser implacavelmente exploradas com uma grande desvantagem do lado deles: não faziam a menor ideia, nem de quem, nem de onde vinha a ameaça!

Eram nove horas quando o agente deu entrada na *GONE* para se reunir com o seu superior.

— Bom dia Thomas. Tudo bem consigo? — Saudou Marcel Franz.

— Bom dia chefe. Está tudo em ordem, obrigado. — Respondeu Thomas.

— O seu relatório, por favor? — Disse Marcel Franz, interrogativamente, quando Thomas abriu

uma cópia do documento à frente dele. — Ah! É o mesmo que me enviou, ontem, por correio electrónico. Estou a visualizá-lo no correio recebido. Contudo, analisarei os detalhes mais tarde. Agora quero ouvi-lo.

— *Okey* chefe. Como sabe, ontem deixei o casal Grubb em casa segura. À partida, tudo indica que Dr. Grubb e os demais médicos sejam vítimas de chantagem por parte dos irmãos Zhao e ontem consegui salvá-los por um triz. Nessa investida, fui forçado a eliminar os dois burgessos mandatados para assassinar o casal. — Falou Thomas.

— Sei sim senhor, Thomas. Fez o que tinha de ser feito. São os ossos do ofício, meu caro. E aproveito para felicitá-lo pela excelente iniciativa de ter colocado o bilhete no carro de Dr. Aron Grubb, felizmente, ainda chegou a tempo. Foi uma excelente jogada da sua parte, muito astuto! — Elogiou o chefe.

— Obrigado, o que interessa é que funcionou. Conforme suspeitávamos o casal poderia estar a ser vigiado e não tardou muito até os Zhao descobrirem o paradeiro deles. Penso que precipitei o inevitável, ao provocar a fuga deles. — Explicou Thomas.

— E conseguiu obter informações relevantes junto do Dr. Aron? — Perguntou Marcel Franz.

— Apurei apenas o que já suspeitávamos. No entanto, fiquei a saber que a organização abandonou as instalações da clínica. Temos que descobrir para onde e, para isso, teremos que apertar o cerco! — Disse Thomas.

— Concordo. Está na hora de o fazer. Agora que eles sabem que alguém os está a investigar, faz com que tenhamos que ter mais precauções e também mais agressividade. Não devemos permitir que eles se reorganizem. — Recomendou o chefe.

— Lógico chefe, além disso o nosso risco de exposição aumentou. — Assentiu Thomas.

— Estou a ler um ponto do seu relatório onde afirma que as extracções eram feitas noutra local e não na Rochelle. — Referiu Marcel Franz.

— Correcto. Essa informação foi-me concedida pelo Dr. Grubb.

— Será provável que tenham centralizado a operação! — Afirmou Marcel Franz, que pensou nesse eventual cenário.

— É uma possibilidade. — Admitiu Thomas.

— Quais são as próximas iniciativas? — Perguntou-lhe o director, cuja função consistia em supervisionar e não em dizer o que ou, tão pouco, como fazer.

— Vou invadir os escritórios da empresa de fachada para ver o que conseguiremos desvendar e terei, forçosamente, que seguir os Zhao, ou mandar algum agente nosso, da BSO, fazê-lo. Só assim conseguiremos deslindar a localização da clínica. — Argumentou Thomas.

— Estamos no bom caminho. Faça o que tiver que ser feito e boa viagem. — Disse Marcel Franz,

despedindo-se do seu agente predilecto.

— Obrigado chefe. Até breve. — Retribuiu Thomas e saiu.

Nessa manhã, algures em Nova Iorque, os irmãos Zhao estavam reunidos a ler os vários jornais diários, finalmente, compreenderam o porquê de não conseguirem contactar os seus homens que não davam sinais de vida e cujos telemóveis se encontravam desligados. Antes de se terem apercebido do motivo, estavam furiosos pois pensavam que os seus assassinos a soldo tinham desertado. Os burgessos eliminados eram os dois anormais que executavam os trabalhos sujos, as chantagens e outras iniciativas malignas ordenadas pelos Zhao.

— Irra! Míng. — Berrou Yao, incrédulo. — Os rapazes não fugiram, foram eliminados!

— Oh! Eliminados? É impossível. Se assim foi que é feito do Aron Grubb? — Retorquiu Míng, ainda céptico.

— Olha que estamos a ser observados! A forma como eles foram apagados é obra de um profissional. O idiota do médico contratou alguém para se proteger. Estou aparvalhado, afinal o tipo tem tomates! — Resmungou Yao.

— Ah! Será que foi assim?

— Só pode. Os homens iam arrumar com eles e alguém os estava a proteger. É lógico pá! — Continuou Yao.

— Quem diria! — Exclamou Míng, aparvalhado com a hipótese. — Agora estamos às escuras. Perdemos o rasto do tipo, e atenção que ele pode cantar! Se teve coragem para contratar um tipo para se defender poderá estar a tentar tramar-nos.

— Não acredito nisso. Ele tem muito a perder e deve estar bem escondido. Temos que apanhá-lo bem rápido e acabar com ele, a mulher e as filhas. Vamos limpar tudo, estou-lhe com um puto dum ódio. — Bradou Yao, completamente enraivecido.

— Ah! Tive uma ideia para o calar, enquanto não o encontramos será a única forma de o segurar. — Resmungou Míng.

— Que ideia?

— A sobrinha. Deitamos-lhe a mão e mandámos a bomba para os jornais. O tipo vai ler e perceber a mensagem. — Continuou Míng, alucinado.

— Mas queres matá-la? — Interrogou o irmão.

— Não. Quero raptá-la. — Berrou Míng, a espumar de raiva. — Ela tem que ficar viva para o caso de ele nos contactar. Se isso acontecer, temos que a pôr a falar. Arrumar com ela, nem pensar! O nosso trunfo é mantê-la viva e ele perceber que a ameaça é uma constante.

— Tu tens cabeça genial, meu irmão. — Elogiou Yao, que venerava a mente maquiavélica e cruel do irmão mais velho. — Dou-te os meus parabéns! É isso mesmo que vamos fazer.

— Os homens que estão connosco não são tão bons quanto os dois que se foram. Além disso, não convém retirar malta da segurança. Temos que contratar mais pessoal, só pode ser assim. — Decidiu Míng.

— Deixa comigo que eu trato do assunto. — Disse Yao, como sempre pronto para fazer o trabalho sujo.

Os Zhao fizeram uma interpretação bem estúpida, típica de quem tem excesso de confiança. Nem lhes tinha passado pela cabeça a hipótese estarem a ser investigados.

— Já sabes quando chega a próxima carga? — Questionou Míng.

— Hoje de noite. O navio deve atracar lá para as 23h00.

— Vem tudo? A encomenda estará completa? — Insistiu ele.

— Penso que sim. — Respondeu Yao. — O Jonas confirmou-me que embarcaram sessenta, de acordo com a relação que nos enviaram.

— Esse fulano é bom. — Comentou Míng. — O mercado chinês e o indiano estão a ser duas boas minas, e o risco é mínimo.

— E não te esqueças que estamos a adubar bem as sanguessugas dos rondas! — Acrescentou Yao, que costumava encher os bolsos dos polícias corruptos.

— Tem que ser. — Disse o líder. — Para ganhar temos que investir e, além do mais, para nós são trocos.

— Quanto vamos facturar este mês? — Perguntou Yao.

— Com os produtos que temos e com o que vai chegar, se estiver tudo limpo, talvez uns cinquenta milhões. — Respondeu Míng, e deu uma gargalhada ordinária.

— Estamos a facturar muito bem. Mas, com a venda do que sobrar dos cadáveres, se calhar, ainda vai passar. — Acrescentou Yao.

— Temos que acabar com este negócio. O que nos pagam é ridículo face ao risco que corremos. — Alertou Míng. — É melhor fazer como fazíamos antes, cremar as sobras.

— Realmente não vale a pena. Concordo contigo. — Assentiu o mais novo, dizendo depois. — As novas instalações ficaram um luxo, a tua ideia foi genial.

— Estão espectaculares, assim o nosso esquema fica super seguro. Aquela situação na clínica foi perigosa e fez-me pensar a sério. Agora sim. Estamos seguros. — Falou Míng.

— Nunca devíamos ter deixado aquela gaja sair viva. Se tivéssemos sumido com ela e apagado o marido nunca ninguém teria descoberto o resto. Bastava a besta do Grubb ter forjado uma alta hospitalar, consoante lhe ordenamos com uns dias de antecedência. Aquele bandalho podia ter arrumado connosco; só de pensar nisso apetece-me cortá-lo todo e vendê-lo, órgão a órgão. — Disse Yao, sem pestanejar. Para ele matar era um acto corriqueiro que lhe dava especial prazer.

— Oh! Ainda terás esse prazer, meu irmão. — Comentou Míng. — Esse reles vai ter o que merece. Depois da guita toda que lhe pagamos, ainda nos traiu. É um ingrato!

Era imperativo apertar o cerco aos irmãos Zhao. Thomas, após a reunião com o seu superior, voou, nesse mesmo dia, para Nova Iorque. A preocupação com a segurança da Jennifer, face ao desenrolar dos acontecimentos, aumentava consideravelmente. Ela estava de férias, mas voltaria a qualquer instante, estando sujeita, a qualquer momento, a ser alvo de retaliação por parte da organização mafiosa. Aliás, quer Jennifer, quer a sua mãe, Dra. Martha Grubb, as duas pessoas que tinham laços de sangue com Dr. Aron Grubb, corriam perigo iminente. Para conseguir garantir o silêncio do cirurgião, era praticamente certo que a acção dos criminosos iria recair sobre Jennifer, sobre a sua mãe, ou sobre ambas. Sabendo disso, a *GONE*, numa jogada de antecipação, enviou ao encontro da Dra. Martha um agente operacional, precisamente no dia em que o Thomas saiu em socorro do casal Grubb.

Eram nove horas da manhã quando a campainha, de um apartamento localizado na zona de Upper East de Manhattan, tocou avisando a chegada de alguém.

— Bom dia. Quem é? — Perguntou a empregada.

— Bom dia. Anuncie à sua patroa que o Sr. Patrick Burton lhe quer falar acerca de um assunto relacionado com a Dra. Jennifer Grubb.

Nem um minuto se passou até o porteiro aparecer. Quando elevador chegou ao décimo andar parou, a porta abriu, e a Dra. Martha Grubb estava a aguardá-lo, em estado de pânico.

— Por amor a Deus! Diga-me que a minha filha está bem. — Exclamou a médica, mal viu o seu visitante desconhecido.

— Esteja descansada Dra. Martha. A Dra. Jennifer está bem. — Disse Patrick, e fê-lo depressa para descansá-la.

— Quem é o senhor? Não estou a entender nada, explique-se por favor. — Falou Martha, enquanto entravam numa sala de visitas.

— Eu chamo-me Patrick Burton e trabalho para uma Agência de Serviços de Inteligência. Não lhe posso adiantar um certo e determinado tipo de informações, mas quero que saiba que o seu irmão, cunhada e sobrinhas estão em segurança, todavia, fora dos EUA. Fomos nós que os resgatamos das mãos dos criminosos que a senhora muito bem conhece. E o que me trás aqui, é a preocupação com a sua segurança, pois, a haver retaliação, a senhora e a sua filha serão as próximas vítimas. Como pode imaginar, estou aqui para garantir que isso aconteça. — Explicou Patrick, calma e objectivamente.

— Então o meu irmão, a minha cunhada, e as minhas sobrinhas, estão desaparecidos, porém, em segurança. — Repetiu Martha.

— Exacto. — Assentiu Patrick.

— Desculpe perguntar, mas como posso saber se está a falar verdade? Eu nunca o vi. A sua

organização, que o senhor diz ser secreta, é uma incógnita total para mim. — Atirou ela, franzindo as sobrancelhas.

— Muito fácil, Dra. Martha. Tem algum computador em casa? — Perguntou o agente.

— Tenho sim. — Confirmou ela.

— Então vamos precisar de o utilizar para que eu lhe possa provar a autenticidade da minha afirmação. — Disse Patrick.

Dra. Martha Grubb foi à biblioteca, pegou no seu portátil e apresentou-o ao agente.

— Aqui tem. — Disse ela e entregou-lhe o *laptop*.

— *Okey*. — Disse Patrick. De seguida, ligou a máquina e introduziu uma *pen drive* numa das portas *USB* e disse. — Agora, vejamos um pequeno vídeo elucidativo.

O vídeo era uma gravação de parte da conversa do Thomas com o casal Grubb, dentro do jacto.

— Mais uma vez lhe peço desculpa, e não sei como agradecer a vossa preciosa ajuda. — Falou Martha, aliviada.

— Dra. Martha; será prudente contactar o seu marido. Sabemos que ele está a viajar, todavia precisamos de saber a sua localização exacta de modo a providenciar-lhe um transporte, de ligação até si, seguro. Convém que fiquem juntos, pelo sim, pelo não. — Argumentou Patrick, entregando o telemóvel dele à Dra. Martha. — A ligação deste aparelho será mais segura, por favor.

— Mas se tentarem interceptar a ligação, ficarão com o seu número. — Disse ela.

— É verdade sim senhora. Ficarão com um número que reencaminha para outro que por sua vez está registado num nome de alguém que já faleceu, num país qualquer, sabe-se lá onde? Não se preocupe que os nossos serviços são extremamente eficientes! — Explicou Patrick, que não resistiu em sorrir da ingenuidade dela.

— Eu confesso que não percebo nada destas coisas. — Comentou a médica, um pouco embaraçada. — Vou fazer a ligação. O senhor pode ouvir à vontade e se entender que deve intervir, diga-me por favor.

O pai da Jennifer estava de viagem para o Canadá, onde tinha negócios, e tinha como data prevista de regresso uma semana à frente.

— Olá Xavier! — Falou ela, um pouco nervosa.

— Boa noite querida. Está tudo bem? — Retorquiu Xavier, percepcionado algo incomum na voz dela.

— Sim estou, mas tenho que falar contigo um assunto muito sério e urgente.

— Ah! Há algum problema? — Perguntou Xavier, ficando um pouco apreensivo. Assuntos sérios e urgentes, ultimamente, constituíam um mau presságio para o casal Grubb.

— Não, graças a Deus. Agora ouve-me sem interromper. — Falou apressadamente.

— Tudo bem, então diz... — Questionou Xavier, que estava em pulgas de tanta curiosidade.

A Dra. Martha explicou com cuidado e pormenor o que estava a acontecer e Patrick, uma vez ou outra, interveio para ajudar a clarificar o contexto ao Sr. Herrera. Os pais da Jennifer, em virtude da proximidade e do espírito de união da família, conheciam, com todos os detalhes, os problemas da Rochelle Health Clinic e dos seus médicos.

— Já está explicado Sr. Burton, agora preciso que aguarde alguns minutos. — Disse Martha, e dirigiu-se ao seu quarto para fazer as malas.

A visita, relâmpago, de Patrick era inesperada. De qualquer forma, dada a urgência da situação, Martha procurou ser breve e apenas colocou nas malas o que era estritamente indispensável. Depois de ter tudo pronto, foi ao escritório e retirou algum dinheiro do cofre por prudência. Patrick sugerira que assim fizesse se lhe fosse possível. Conforme ele tinha acabado de lhe explicar, não era muito difícil alguém da organização criminosa, usando do suborno, obter junto do banco dela uma cópia do extracto de um cartão de crédito que identificasse os locais onde o cartão estivesse a ser utilizado.

Quinze minutos. Foi o tempo que Dra. Martha demorou a estar pronta.

— Estou preparada Sr. Burton. — Disse ela, apresentando-se pronta, diante dele.

— Perfeito, Dra. Martha. A sua empregada deverá ser dispensada por uns dias. Diga-lhe que deve sair do apartamento, ainda hoje, sem falta, e não lhe explique o porquê das férias surpresa. — Explicou Patrick, antes de saírem.

Desceram, logo após Martha ter falado com a empregada, e pouco depois seguiram rumo a um heliporto onde a *GONE* colocara um helicóptero preparado para transportá-los em direcção ao refúgio. No que respeita ao Sr. Xavier Herrera, as instruções eram as seguintes: deveria, quando chegasse a Nova Iorque, aguardar no aeroporto por alguém que iria recolhê-lo e levá-lo para junto da sua esposa.

O Jeep de Patrick arrancou velozmente em direcção ao heliporto, destino de onde partiriam para uma casa de campo, localizada em Pine Creek, no estado de Pensilvânia, aproximadamente, a quinhentos quilómetros de Nova Iorque. Durante o trajecto, Patrick aproveitou para falar com Martha que lhe confidenciou algumas informações no âmbito das actividades ilícitas daquela rede mafiosa que tanto tinha vindo a hostilizar a sua família nos últimos anos. O voo nocturno decorreu sem atribulações e demorou duas horas e meia a aterrar nos domínios da propriedade. Após pousarem, o agente ajudou-a a transportar as malas até ao interior do imponente *chalé* de madeira.

— O *chalé* é um encanto Sr. Burton. — Disse Martha a Patrick, que tinha acabado de ligar a luz.

— É uma casa muito especial, faz-nos lembrar as casas de outros tempos, bons tempos, aqueles em que as pessoas tinham uma vida mais dura, por um lado, todavia, numa sociedade menos viciada e degradada. Agora tenho que voltar, para Nova Iorque, de imediato. Vou deixá-la à vontade e terá que descobrir a casa sozinha. Só lhe recomendo que, caso resolva dar um passeio fora dos limites do rancho, não use, por prudência, o seu verdadeiro nome. À partida não me parece que seja perigoso, mas nunca se sabe; por isso mesmo, será melhor inventar um nome qualquer. Para todos os efeitos, está a passar uns

dias de férias no rancho de um amigo. — Patrick explicou-lhe, todos os pormenores a reter. — O rancho está registado em nome de uma sociedade de investimentos anónima o que também lhe permite inventar o nome desse amigo fictício. Este telemóvel fica consigo e tem o meu número memorizado para o qual pode ligar em caso de emergência. É muito importante, para sua segurança, que não telefone mais ninguém, entendido?

— Pode ficar descansado Sr. Burton, que eu respeitarei as suas recomendações. — Afirmou Martha.

— Só para terminar. A cozinha está completamente equipada e não faltam alimentos, quer no frigorífico, quer na dispensa. Depois de amanhã regressarei com o seu marido, portanto, até lá, desejo-lhe uma boa noite e até breve.

— Até breve e muito obrigada Sr. Burton. — Disse ela, entretanto, menos agitada.

— De nada doutora. Fique bem.

Dito isso, Patrick desapareceu, num ápice, deixando a médica entregue à paz daquele belo rancho nos domínios de Pine Creek. O lugar era de uma beleza bruta extraordinária e o *chalé* proporcionava um conforto agradavelmente diferente daquele que se encontra nas habitações modernas. Era como recuar no tempo e sentir uma nostalgia relaxante; foi exactamente isso que Martha sentiu ao observar a decoração interior e cheirar aquele odor característico que se sintonizava em perfeição com o ambiente daquele espaço pitoresco. Depois de arrumar os seus pertences no quarto, desceu à cozinha, preparou um chá de ervas e, consoante os minutos iam passando, a tensão, a ansiedade e a inquietude, esmoreceram, até uma sensação de serenidade se apoderar do seu espírito. Foi com essa calma, de outros tempos, que adormeceu profundamente sem precisar de tomar os sedativos de costume.

18 JOGADAS DE ANTECIPAÇÃO.

Sexta-feira, 9h56m da manhã. Thomas aguardava Jennifer que regressava do Brasil num voo da TAM, companhia aérea detentora da maior frota de Airbus da América Latina. Não fosse a mensagem electrónica enviada por Jennifer, na véspera, e a preocupação com a segurança dela, Thomas teria ficado a descansar para recuperar da noitada. A investida aos escritórios da transportadora internacional estendera-se até às 4h45 deixando-o exausto, pois, após o assalto, ainda teve que redigir um relatório o que implicou ter dormido apenas três míseras horas de sono. Contudo, fora um esforço compensador e, em virtude disso, a sua predisposição era das melhores.

Da fila de espera, avistou Jennifer sair da porta de chegada e apressou-se a chegar junto de ela. A “Anestesia Fatal Op” fervilhava e todos os cuidados eram poucos. Detrás dele, na zona de chegadas, estava um sujeito mal-encarado que só recuou perante a evidência dela ter alguém a acolher a sua chegada.

— Oh! Vieste-me buscar! És um querido — Disse Jennifer, enquanto o abraçava com força.

— Então! Claro que vim. Estás com um bronzeado fantástico! — Retorquiu Thomas que também estava feliz por vê-la. — Deixa que eu carregue as malas.

— Obrigada Thomas. — Disse Jennifer, notava-se que ela não cabia em si de contentamento. As saudades eram muitas e nesses dias de férias, graças ao distanciamento casual, confirmou que a paixão era autêntica. Entretanto, foram falando no decurso do caminho interior que os levou até ao carro.

Durante o percurso, já fora do aeroporto, rumo ao centro da cidade, Thomas confirmou que o capanga só não agira contra Jennifer, dentro do aeroporto, devido à sua presença. Era o mesmo que fizera a espera no aeroporto e, aquando da entrada no elevador, Thomas vem vira as trombas de irritação do indivíduo. De modo que, quando arrancaram, começaram a imediatamente ser perseguidos por um carro cinza prata, um *Dodge*. Pelo retrovisor foi-lhe perceptível identificar o brutamontes, sentado ao lado do condutor.

— Não entendo, quer a minha mãe, quer o meu pai, têm os telemóveis desligados! Vou tentar o tio Aron. — Falou, apreensiva.

— Agarra-te bem e não te assustes. — Avisou Thomas, e o *Mercedes* soltou um rugido rouco, avançando a toda a velocidade pela via rápida. A sua companheira ficou sem palavras ao sentir o esticão provocado pela impetuosa aceleração do bólido. O desgraçado do *Dodge* dava o que tinha e o que sonhava ter para tentar acompanhar o ritmo da condução desportiva do Thomas, mas, em escassas centenas de metros, viu gorada a sua tentativa ridícula, ficando para trás e perdendo-os de vista por completo. Apesar disso, Thomas não reduziu a velocidade durante uns largos quilómetros. Consoante se aproximava da entrada da cidade, para evitar problemas com a polícia, abrandou e só parou na garagem do seu apartamento. Durante o percurso Thomas efectuou uma ligação, em alta voz, para Londres e Jennifer, se já estava baralhada, mais baralhada ficou, sempre sem se pronunciar uma única palavra.

— Bom dia chefe. — Disse Thomas, cumprimentando Marcel Franz.

— Viva Thomas, conte coisas. A noite de ontem foi bastante agitada e, a avaliar pelo teor do seu relatório, a investida foi um sucesso. — Comentou Marcel Franz.

— Disso falaremos mais tarde. Acabei, agora mesmo, de escapar a uma perseguição e tenho a Dra. Jennifer Herrera ao meu lado, felizmente tenho-a em total segurança. — Adiantou Thomas, como sempre, com aquela sua calma inexplicável.

— Sendo assim, estamos expostos. Teremos que ter muitas precauções daqui em diante.

— Sem dúvida. — Concordou Thomas. — Estou a ligar para solicitar que autorize, a partir de hoje, a utilização de todos os meios operacionais, particularmente a *BAC*.

— Use-a a 100%. Nesta fase à que pôr em campo todos os recursos necessários disponíveis. Eu darei as instruções, via formal. E, daqui em diante, a brigada agirá à sua voz, sem carecer de autorizações pontuais. — Afirmou o chefe, satisfeito com o desenrolar da operação.

— *Okey* chefe. Transmissão terminada.

— Boa Sorte, Thomas.

— Obrigado.

A chamada terminou aquando da chegada deles à 58th Avenue.

— Jennifer, para que fiques tranquila, a primeira coisa que te digo é que os teus tios, as tuas sobrinhas e os teus pais estão desaparecidos, mas em total segurança. De seguida, vou-te explicar como, porquê e por quem. Agora relaxa, pois também estás segura e irás ficar em minha casa por uma temporada. O teu apartamento está a ser vigiado por uns brutamontes a mando de quem tu bem sabes e tanto temes. — Falou Thomas, energeticamente, mas sem se exaltar.

— Está bem. Não estou a entender nada disto, mas se tu o dizes! — Retorqui Jennifer, completamente desnorteada.

Para ela, ficar durante uma temporada hospedada no apartamento de Thomas não constituía nenhum problema, antes pelo contrário. Não obstante o motivo, até ficou satisfeita com a proposta; ficar perto dele dava-lhe, em boa verdade, um enorme prazer. Quando entraram na habitação, pousaram as malas, Thomas pegou em duas águas do bar, e sentaram-se no terraço para conversar. O sol matinal e a suave brisa convidavam a fazê-lo no exterior.

— Já estás instalada. Agora, vou-te pôr ao corrente de uma data de informações que desconheces e com algumas delas ficarás surpreendida. — Começou Thomas.

— Conta-me rápido, por favor. — Disse ela, olhando-o compenetradamente.

— Muito bem. Começarei pela tua família e depois desenvolverei o restante. A tua mãe está segura e tranquila em Pine Creek, num rancho, e o teu pai será transportado para o mesmo destino, no decurso do dia de hoje, onde ficarão juntos até que tudo se resolva.

— Onde está o meu pai neste momento? — Interrompeu Jennifer.

— Deverá estar em trânsito, do Canada para cá. Temos tudo controlado. No que respeita aos teus tios e primas, estão em Inglaterra, mais precisamente, numa pequena propriedade em Wallingford, localizada a oitenta quilómetros de Londres. — Explicava Thomas, com calma, vendo a expressão de espanto estampada no rosto dela — Com certeza, estarás a interrogar-te; afinal quem é Thomas Stewart? — Disse, sorrindo.

— Confesso que foi um dos primeiros pensamentos que me ocorreu. — Respondeu ela, franzindo a testa enquanto abanava a cabeça.

— Eu sou, conforme sabes, Thomas Stewart, um cidadão inglês que destacado, pelo *LIB*, para trabalhar em Nova Iorque. É tudo verdade. No entanto, há uma pequena, grande, nuance. Além de pertencer aos quadros do banco, sou, praticamente em *full-time*, um agente operacional que trabalha para uma organização internacional: a *GONE*. Por sua vez, a agência e o banco pertencem a uma prestigiada

fundação de dimensão mundial, a *Charles IV Kingstone Foundation (CKF)*.

— Oh! Tu és um espião — Afirmou Jennifer, levando as mãos à boca de espanto.

— Mais ou menos isso, ou melhor dizendo, um espião dos tempos modernos, pós guerra fria, que em vez de estar ao serviço de um país, está ao serviço de uma agência que serve toda a gente e todos os países. — Resumi.

— Contínua, por favor. Estou a arder em curiosidade!

— O facto de te ter conhecido, no desenrolar da nossa operação de investigação, foi uma agradável e casual coincidência. Aliás, tive que gerir muito cuidadosamente a nossa relação pessoal para que esta não tivesse interferência na minha capacidade de avaliação e análise. Estou convicto que fui bem sucedido nessa tarefa. Não devo entrar em grandes detalhes, como tal, apenas te confidenciarei os aspectos relacionados com a tua segurança e dos que te são próximos. Agora vou aproveitar o “cair do pano” para te questionar directamente acerca de algumas dúvidas remanescentes. — Explicou Thomas, observando com um certo gozo a surpresa dela que estava boquiaberta.

— Pergunta tudo o que quiseres, mesmo tudo. Nós conhecemo-nos há pouco tempo, mas desde cedo, não sei explicar bem porquê, senti uma inabalável confiança em ti. — Confessou Jennifer.

— Fico contente que assim seja. É por teres bom instinto, só pode.

— Pensava que não, no teu caso sempre lhe chamei: sorte! E, face a isto, devo deduzir que também fui objecto de investigação. — Disse ela, rindo.

— Evidentemente. — Confirmou Thomas. — Tu e toda a gente que te rodeia. Embora tenha percepcionado, desde o início, que eras uma vítima, não pude deixar de ponderar todas as possibilidades. Por consequência disso mesmo, és, neste momento, um alvo a abater; daí querer que fiques aqui, em segurança.

— Então não devo apresentar-me na clínica?

— Ui! Nem pensar nisso. — Exclamou Thomas. — Daqui não vais a lado nenhum sem que eu te acompanhe.

— *Okey*. — Assentiu ela, sem questionar.

— Porquanto sei, não tardará muito para que todos possam retomar as suas vidas com normalidade. A operação está muito adiantada e, muito em breve, os mercadores de carne humana estarão todos identificados, detidos ou eliminados; assim como o lugar onde têm, actualmente, a clínica clandestina em funcionamento. Deveremos ter o problema resolvido numa semana, no máximo.

— É importante que tenhas conhecimento de um evento, Thomas. — Disse Jennifer.

— Como isso?! — Perguntou surpreendido, visto não imaginar do que se tratava.

— O Dr. Crow enviou-me uma mensagem para me convidar a comparecer numa festa em casa dele. — Contou Jennifer.

— Ah! Uma festa?

— Sim, será depois de amanhã e eu confirmei-lhe a minha presença. Porém, não sei se devo comparecer. Posso? — Perguntou ela. Face ao que acabava de saber, interrogava-se.

— Sozinha não. Comigo sim!

— O convite é extensível a um acompanhante. — Explicava Jennifer. — Toda a gente pode levar o marido ou namorado, no caso das mulheres, e, esposa ou namorada, no caso dos homens.

— Posto isso, irei na qualidade de namorado. — Afirmou Thomas.

— Oh! Por mim está perfeito. Mas aviso-te que vai suscitar muita curiosidade e serás bastante bombardeado. — Ripostou ela, dando uma pequena risada.

— Não te apoquentes que eu aguento bem com isso, e será uma boa oportunidade para conhecer o administrador da Rochelle! — Ironizou Thomas, para quem o Dr. David Crow era um grande embuste.

— Vais conhecê-lo, quer a ele, quer à grande maioria dos médicos e médicos cirurgiões da Rochelle, e não só. — Acrescentou ela.

— Ora aí está uma excelente oportunidade para entrar no meio de forma insuspeita. Prevês que os irmãos Zhao sejam convidados?

— Sinceramente, não faço a mínima ideia!

— Uma das questões que te quero colocar está relacionada com essa dupla. — Continuou ele. — Conheces algum deles pessoalmente?

— Sim, infelizmente conheço. — Confirmou Jennifer.

— Os dois? — Insistiu Thomas.

— Sim, os dois.

— Em que circunstâncias os conheceste? — Questionou Thomas, pois quanta mais informação obtivesse acerca dos mafiosos, melhor.

— Em diversos contextos. Creio que será melhor fazer-te uma síntese.

— Perfeito. Força!

— O primeiro contacto foi há acerca de três anos. — Explicava Jennifer. — Eles começaram aparecer sob o pretexto de serem uma dupla de investidores que iria financiar o centro de investigação. Por conseguinte, foram muito bem acolhidos por todos e conquistaram o respeito geral, especialmente por terem solicitado total descrição. Parecia ser uma atitude altruísta, pois não queriam que se revelasse o apoio, por eles concedido, junto da opinião pública.

— Agora é óbvio o porquê! — Comentou Thomas.

— Sem dúvida que é. Continuando, nessa altura, apresentaram-se como empresários de sucesso em várias áreas de negócio, salientando os transportes internacionais entre outras. Num curto espaço de tempo realizaram-se algumas obras de adaptação e bem feitorias no edifício que esteve afecto, desde

sempre, ao centro de investigação. Quando esses trabalhos ficaram concluídos, começou o nosso inferno!

Jennifer ia descrevendo ao Thomas a sua versão dos acontecimentos e vislumbrava-se uma expressão de alívio no seu rosto, que crescia à medida que ela desabafava.

— No começo convocaram apenas os cirurgiões da Rochelle, e com o decorrer do tempo, consoante aumentava o número de pacientes, começaram a aparecer colegas de outras clínicas e hospitais. Passado pouco tempo, os seis blocos operatórios funcionavam, sem interrupção, durante os cinco dias úteis da semana, chegando ao ponto de se realizarem cinquenta transplantes por semana. Aliás, ultimamente, a Rochelle quase deixou de executar transplantes legalmente.

— Qual era a argumentação por eles utilizada para justificar a proveniência dos órgãos? — Perguntou Thomas.

— Eles diziam-nos que os órgãos eram comprados a pessoas que sabiam o que faziam, oriundas de países onde isso estava banalizado. Nos casos de órgãos tais como rins, até poderia ser verdade, mas, no caso de um coração ou fígado, que são únicos, não faz sentido. De todas as formas, as justificações eram absurdas e violavam, quer a legislação, quer a ética, já para não na moral. Dada a quantidade e o fluxo regular de órgãos disponíveis, era completamente impossível que pertencessem a cadáveres, vítimas de acidentes, ou a vivos. No entanto, pertencendo a mortos, a extracção *post mortem* de tecidos, órgãos, ou partes do corpo destinados a transplante, deverá ser precedida de um diagnóstico de morte encefálica verificada e registada por dois médicos que não façam parte das equipas de remoção e transplante. Além disso, deve-se ter em conta mais dois pontos fundamentais: em primeiro lugar, os prontuários médicos que devem conter os resultados dos exames referentes aos diagnósticos de morte encefálica e as cópias dos documentos onde estão referidos, ao pormenor, assim como os actos cirúrgicos relativos aos transplantes e enxertos que serão mantidos nos arquivos das instituições referidas; e, em segundo lugar, a remoção *post mortem* de tecidos, órgãos ou partes do corpo de pessoas não identificadas, é expressamente proibida. Era evidente que estávamos perante mercadores mercenários de carne humana que usavam a chantagem e o terror para coagir as equipas médico-cirúrgicas a servir os seus interesses e ganâncias, garantindo o silêncio deles através do uso de ameaças e chantagens.

— Então, confirmas que ameaçavam e chantageavam usando as famílias das equipas médicas. — Questionou Thomas.

— Confirmo. Quem ousasse contrariá-los colocaria em perigo a vida dos seus filhos, pais, maridos e esposas. Como é óbvio, todos acatavam as ordens deles, quietos e calados! — Confirmou Jennifer, exaltando-se um pouco.

O problema já estava bem identificado, assim como quase todos os métodos utilizados pelos criminosos. No caso desta organização mafiosa, concluíram que os mesmos usavam a quinta forma possível de obter órgãos, de vivos, para transplantar: a prática do comércio sem escrúpulos e oportunista. Além desta forma, existe outra, também ilegal, que é a doação sob pagamento e, ainda mais

três, sendo estas legais: doação de parentes; doação de pessoas que nutrem sentimentos pelos receptores e doação pura e simplesmente altruísta. O método doação sob pagamento é igualmente ilegal à excepção de um ou outro país, tais como: o Irão e a Índia. A esmagadora maioria dos países proíbem expressamente a venda de órgãos, aliás a classificação - doação sob pagamento - é absurda; correcto seria designá-la simplesmente como: venda de órgãos. Devido à miséria e pobreza, muitas pessoas que vivem em países onde essas realidades são gritantes, dispõem-se a vender os seus órgãos, em causa de desespero, geralmente um dos rins, por quantias irrisórias. Como é evidente, não resolvem o seu problema de subsistência, simplesmente o adiam, pois não é com, por exemplo, dois ou três mil dólares que vão sair da pobreza. Arriscam a vida submetendo-se a extracções, muitas das vezes, em centros médicos sem grandes condições de higiene e sem o devido acompanhamento pós-operatório. Face a esta realidade chocante a *OMS (Organização Mundial de Saúde)* tem tentado esforços, ao longo dos tempos, para sensibilizar os países e as pessoas para que desenvolvam, no plano legal, regras e leis mais eficientes no sentido de colmatar estas atrocidades. Mas não é suficiente legislar se as comunidades e as autoridades não tiverem uma postura pró-activa perante este grave problema. A colaboração de todos é vital. Apesar de algumas pressões por parte de certas individualidades, algumas delas pertencentes à classe médica, que defenderam uma corrente de pensamento favorável à legalização da venda voluntária, não foram bem sucedidas, a globalidade dos países entendeu que a solução para o problema da escassa oferta de órgãos não devia passar pelo facilitismo de tirar proveito da condição de vida precária de um ser semelhante.

No entanto, no caso investigado por Thomas, não se estava perante um cenário de venda de órgãos, mas sim perante o comércio sem escrúpulos e oportunista onde se recorria à compra e venda sem regras que, na realidade, se concretizava por acções de roubo e assassínio como meio para obter os órgãos. Aquela máfia operava, do outro lado do globo, usando uma empresa de recrutamento fictícia que prometiam um sonho americano. Em boa verdade, transportavam os crentes em barcos para um lugar onde os mesmos aguardavam, longe imaginarem, que seriam executados e estropiados. A dita empresa de recrutamento exigia, para efeitos processo de selecção, a realização de testes médicos inerentes às exigências dos transplantes que eram analisados em laboratórios contratados e controlados. Depois, do universo de candidatos aprovados, escolhiam as pessoas que reuniam as condições por eles procuradas para satisfazer as necessidades dos seus clientes. O mais incrível era a organização do esquema de rastreio efectuado através do acesso às listas de espera dos mais diversos países. Após isso, apenas abordavam as pessoas, dotadas de elevado potencial económico, a quem propunham a solução do seu problema de saúde em contrapartida do pagamento de maquiãs exorbitantes. Para credibilizar a oferta usavam e abusavam do argumento de proporcionarem total segurança nas intervenções cirúrgicas, mediante a apresentação de médicos cirurgiões de grande gabarito e de instalações médicas de luxo. A moeda de troca era, como já foi referido, a prática de preços apenas ao alcance de pessoas ricas e a exigência de absoluto sigilo. O que não era muito complicado de garantir, pois, dada a realidade da

legislação, os próprios receptores estavam a incorrer numa ilegalidade. Por consequência, era do interesse de todos que o assunto não fosse divulgado e, em virtude disso, tinham a garantia do silêncio dos médicos e enfermeiros chantageados, das vítimas que eram eliminadas, e dos receptores que beneficiavam dos órgãos clandestinamente.

No decurso da sua investida aos escritórios da transportadora internacional, empresa de fachada dos mafiosos, Thomas conseguiu recolher informações que extraiu dos computadores localizados nos gabinetes privados dos dois irmãos. A partir daí conseguiu obter: os nomes e endereços das empresas de recursos humanos e os seus relatórios; as listas de espera de pacientes de imensos países; os nomes e residências dos homens e mulheres que compunham as equipas médicas; e, por fim, os números das contas bancárias, *offshore*, onde o dinheiro era depositado sem deixar rasto. O maquiavélico esquema era cuidadosamente executado, no entanto não faltavam apurar muitas mais variáveis para desmantelar o negócio à dupla Zhao que, apesar de ter o cerco apertado, ainda não parecia ter percebido estar sob investigação. A busca, por muito proveitosa que tenha sido, não proporcionou obter nenhuma pista relacionada com a localização nova da clínica. Para desvendar essa incógnita, dispondo dos nomes e localizações das residências dos médicos, bastaria seguir algum deles e a rota para a clínica acabaria por se descobrir.

19 A LIMPEZA.

Míng estava completamente irado, com o seu telemóvel despedaçado, após ter sido, por ele, violentamente arremessado contra uma parede da sua sala de estar. A notícia, que tinha acabado de receber, provocou-lhe uma reacção de cólera, da mais pura raiva! Um dos seus jagunços acabava de lhe comunicar ter encontrado mortos os cinco homens responsáveis pela segurança das instalações da empresa. Alguém os tinha liquidado e o trabalho fora, seguramente, obra de profissionais. O escritório achava-se completamente destruído e o cofre arrombado sem nada no seu interior, completamente limpo.

Uns momentos antes, na zona portuária.

— Perante isto, penso que é melhor chamar a polícia, chefe. — Falou Bones.

— Irra! Nem penses nisso, sua grande besta! Garante mas é que ninguém entre nas instalações e não digas nada a quem quer que seja. Polícia, nem vê-la! Entendido, seu anormal?! — Ladrava Míng, enraivecido.

— Pronto! O chefe é que sabe, esteja descansado que eu cumprirei as suas ordens. — Respondeu Bones, prontamente.

— Agora vou desligar e daqui a pouco estarei aí. — Resmungou Míng.

Logo após ter terminado a ligação, tentou refrear os nervos e marcou o número do irmão.

— Yao! — Berrou Míng.

— Ui! Calma que não sou surdo. Que tens?

— Fomos assaltados! Como é que queres que eu tenha calma. — Continuou Míng.

— Oh! Assaltados. Como?! Quando?! — Perguntou Yao, incrédulo.

— Durante a noite passada. — Explicava Míng. — Vou agora para lá. O Bones disse-me que destruíram tudo e que conseguiram arrombar o cofre.

— Oh! Não. A merda do cofre, não! — Exclamou o irmão.

— Pois é. Agora quem berrou foste tu! — Ripostou Míng, ao perceber a ira do irmão.

— Vou sair de imediato. — Falou Yao, frenético.

— Então encontramos-nos lá. Até já. — Retorquiu Míng, também agitado.

— *Okey.*

Quer um, quer outro, saíram disparados em direcção à zona portuária. O pânico invadiu-os, tomou-os por completo. O excesso de confiança tinha desaparecido, dando lugar ao raciocínio lógico. Míng, finalmente, percebera que estavam a ser investigados e, pelos métodos utilizados, dificilmente seria a *NYPD* ou o *FBI*. Já tinham perdido sete homens e ele estava convencido que Aron era o mentor das investidas contra a sua organização. Em primeiro lugar, a fuga bem sucedida, e depois o assalto aos seus escritórios. Por outro lado, acreditava que continuaria a ter o silêncio do médico garantido, pois se Aron

os denunciasses, prejudicaria directamente os seus colegas de profissão. Entretanto chegou à empresa e viu o irmão completamente desvairado.

— É melhor falarmos aqui. — Disse Míng.

— Estive a verificar lá em cima, e o conteúdo do cofre desapareceu. Além disso, os arquivos foram todos remexidos. — Resmungou Yao.

— Vasculharam tudo?! — Perguntou Míng.

— Sim, está tudo escarafunchado!

— Oh! Estamos tramados, Yao.

— Quem pensas que terá ordenado isto? — Questionou o irmão, abanado com tamanha confusão ao ver que estava tudo partido e revirado.

— Para mim, quem está por detrás disto é o Grubb. — Respondeu Míng.

— Ui! O Aron Grubb! — Exclamou Yao, surpreso. Custava-lhe a crer que o médico fosse capaz de orquestrar semelhante ataque.

— Só pode ser ele. — Reiterou Míng. — Está claro que será alguém por ele contratado, não acredito que seja ele pessoalmente.

— Temos que deitar a mão a esse pulha, acabar com ele e com sua raça. O gajo podia estar cheio de dinheiro e deitou tudo a perder quando deixou sobreviver aquela estúpida. — Praguejava Yao, com ódio no olhar.

— Mas, como? Nunca deveríamos ter deixado o tipo fugir! — Resmungou Míng. — Tivemos tantas oportunidades para lhe tirar a tosse e não aproveitamos. Agora é isto! Estamos bem fodidos meu irmão.

— Tem calma que ele não vai fazer nada. Com certeza só quer que o deixemos em paz, claro que tendo a documentação na sua posse, sente-se mais seguro e poderá tentar chantagear-nos. — Deduziu Yao.

— Acreditas mesmo nisso? — Perguntou Míng, céptico.

— Ou, pelo menos, quer garantir a sua segurança e da família. — Acrescentou o irmão.

— Realmente deves ter razão. Quem diria que esse palhaço teria tomates para nos afrontar! — Assentiu Míng. E continuou, dizendo. — De qualquer forma temos que arranjar maneira de o localizar e recuperar a papelada.

— O gajo roubou-nos o dinheiro do cofre! — Berrava Yao. — Queres ver que ainda vai usar o nosso dinheiro para pagar aos tipos que contratou. Grandiosíssimo filho duma grande puta! — Bradava tresloucado de ódio.

— De uma coisa podes ter a certeza. Poderá demorar, mas esse tipo tem os dias contados. — Afirmou Míng, dando um murro na mesa, de tanta raiva que nutria pelo médico.

— Ele e a família. — Acrescentou Yao, enraivecido. — Não vai sobrar ninguém para contar a

história. Será um prazer matá-los e serei eu a executá-los com as minhas mãos.

— De qualquer maneira temos o dinheiro seguro. Ele pode ter o número das contas, mas não tem os códigos de acesso. — Falou Míng, respirando de algum alívio.

Yao, subitamente, ficou branco, transfigurou-se por completo. Tal e qual, cor de cal!

— Oh, não! Esqueci-me do meu portátil no gabinete. — Disse, cerrando e esfregando os olhos.

— Tu és muito estúpido! Agora, também me vais dizer que tinhas os códigos e palavras passe lá guardados, etc. — Berrou Míng, irritado com a imprudência e estupidez, absurda, do irmão.

— Diabo! Tinha, sim. — Confirmou.

— Arre! Trata de ligar, rapidamente, para o banco. Tantas vezes te avisei para não deixares o computador na empresa. — Resmungou Míng.

— Até logo Míng. Vou entrar em contacto com o banco. — E saiu como um foguete.

— Boa sorte, meu idiota! Falámos mais tarde.

Não lhe ia valer de nada. Já era tarde demais. Yao tinha deixado o computador à mercê de Thomas e a primeira coisa que ele fez, foi limpar-lhe, até ao último cêntimo, o recheio da sua conta *offshore*. O dinheiro foi transferido para uma conta, de um banco Suíço, onde a confidencialidade era garantida. Algumas instituições carenciadas iriam receber donativos bem chorudos. Quando Yao tomou conhecimento que o seu dinheiro tinha desaparecido, sem deixar rasto, ficou tresloucado, desvairado, e nada podia fazer para recuperá-lo.

Entretanto, do outro lado, Thomas, com a ajuda de um grupo de elementos da BSO, montou várias operações de vigilância nas imediações das residências dos médicos e enfermeiros que compunham as seis equipas médicas. Aguardaram até ao fim do dia, contudo, nenhum deles teve sorte. À parte das esposas e filhos, no caso dos elementos do sexo masculino, ou, dos maridos e filhos, nos casos de profissionais do sexo feminino, não avistaram nenhum deles. Tudo levava a crer que tinham desaparecido. Os irmãos teriam, com toda a certeza, por prudência, proibido todos os elementos das equipas de voltar para as suas residências. Era muito provável que, após a investida sobre os seus escritórios, tenham ficado em estado de alerta máximo.

O relógio marcava dez horas quando Thomas terminava de dar as instruções ao agente que ficaria a substituí-lo e Jennifer aguardava em casa, pacientemente, conforme ele lhe tinha recomendado. A vivenda de Dr. John Smithson situava-se em Long Island, o que implicou que, apesar de se deslocar de moto, demorasse uns bons trinta minutos a chegar ao apartamento. Quando entrou, atravessou o hall, dirigiu-se à sala e teve uma visão deslumbrante. Jennifer estava pronta, vestida para sair, vestida para fascinar, vestida para ele. O ar da praia tornara o dourado natural do seu corpo ainda mais bronzeado, dourado e brilhante, dentro de um belo vestido cintado e decotado. Ele olhou e com um sorriso malandro, e disse-lhe.

— Uau! Queres matar-me do coração? Só pode.

— Olá Thomas. Exagero teu. — Respondeu ela, fingindo ficar envergonhada.

— Estás um espanto, bonita, linda de morrer! — Reiterou Thomas.

— Obrigada. Agora pára lá com isso, que me pões sem jeito.

— *Okey*. Assim obrigas-me a falar com os olhos, mas tudo bem. — Atacou ele de novo.

— É tardíssimo. Queres mesmo sair? — Perguntou Jennifer.

— Quero, claro que quero. A cidade de Nova Iorque espera-nos. Vou precisar de um quarto de hora para tomar um duche e tentar vestir-me à tua altura. — Disse Thomas, soltando mais um sorriso.

Nem mais, nem menos. Quinze minutos depois estava pronto e bem perfumado. O restaurante escolhido por Thomas ficava na Avenida 85th. Tardaram cerca dez minutos a percorrer os cinco quilómetros até chegarem ao Del Posto, onde se iam deliciar comendo pasta. Jennifer estava radiante; não se lembrava de se sentir tão bem humorada.

— Chegamos Jennifer. — Disse.

— Ah! Com que então, italiano. Lá se vai a minha linha. — Gracejou.

— Juízo menina! — Ripostou Thomas. — Tens que comer toneladas de pasta para teres que te preocupar com isso.

— Esse raciocínio é tipicamente masculino. Tenho sim que ter cuidado com a boca.

— Mas, hoje não. — Disse Thomas. — Vamos comer divinamente, até porque merecemos. E assunto encerrado! — Argumentou Thomas, bem-disposto.

20 OPERAÇÃO RELÂMPAGO.

Ante a informação contida na mensagem de correio electrónico enviada por Thomas, Marcel Franz convocou uma reunião de urgência com três dos seus melhores agentes operacionais. A convocatória dizia: “Compareça na estação central, hoje, às quinze horas. Assunto: destacamento para uma missão relâmpago no exterior.” Os agentes convocados eram: Olivier Dupont; Karl Hoffmann e John Smithson.

Cada um deles seria enviado, numa missão com carácter de máxima urgência, para um dos três destinos: Xangai, na China; Bombaim, na Índia; e Cidade de México, no México. Segundo o relatório enviado pelo Thomas, os mafiosos controlavam uma empresa de recursos humanos denominada *International M.J. (Multiple Jobs)*, e as suas principais delegações, de onde tinha chegado a maioria das vítimas, ultimamente, eram essas. A empresa de recursos humanos lançava anúncios, criando falsas expectativas ao mercado da existência de ofertas de emprego irrecusáveis, publicitando falsas oportunidades no mercado de trabalho dos Estados Unidos, iludindo os interessados com um falso sonho

americano. Outra das informações contida no relatório revelava que as pessoas eram transportadas, quinzenalmente, aos dias um e quinze de cada mês. Dado que estavam a onze, era grande a urgência em agir. Pontualmente, às quinze horas, os três agentes convocados entraram na sala de reuniões. Marcel Franz encontrava-se sentado à cabeceira de uma grande mesa com uma expressão compenetrada, própria de quem está concentrado numa leitura importante. Quando o grupo entrou na sala, levantou os olhos e cumprimentou-os.

— Boa tarde. Sentem-se, por favor. — Saudou o chefe, de rosto fechado.

— Boa tarde, chefe. — Retribuíram todos.

— O assunto que tenho para vos apresentar é muito urgente e muitíssimo importante. Uma das operações que temos em curso, neste momento, designa-se: “Anestesia Fatal Op.”. O agente que está responsável pela operação, o vosso colega Thomas Stewart, encontra-se em Nova Iorque, a cidade palco dos acontecimentos. Algo que não vos será estranho, diz respeito ao assunto em causa que é flagelo do tráfico de pessoas, órgãos e tecidos. Este problema tem consequências fatais para as suas vítimas e, neste caso em particular, estamos perante uma organização mafiosa que opera à escala mundial, tendo centralizada no estado de Nova Iorque a sua unidade médico-cirúrgica de transplantes. Os métodos utilizados por estes pulhas são repugnantes e já apuramos que não há limites para o tipo de atrocidades praticadas por estes crápulas. Tudo o que de mais cruel e macabro possam imaginar, desde o rapto e chantagem até ao assassinato, é por eles praticado fria e impiedosamente. Indo directamente ao vosso papel a desempenhar nesta operação; cada um de vós será enviado para um de três destinos: o Olivier para Bombaim, o Karl para Xangai, e o John para a Cidade do México. Em cada uma destas grandes cidades existe uma sucursal de uma empresa de recursos humanos, denominada *International M.J. (Multiple Jobs)*, que é o vosso alvo. Os mafiosos recrutam as suas presas, pessoas carenciadas e vulneráveis, através desta empresa de fachada e posteriormente enviam-nas para Nova Iorque, por barco ou avião, onde lhes roubaram os órgãos, eliminando-os depois de os estropiar. Temos que agir rápida e eficazmente. A vossa missão consiste em apagar os pulhas, responsáveis pelas sucursais que acabei de referir, e isso tem que ser feito antes da próxima recolha que está estimada para o próximo dia quinze do corrente. Agora, podem colocar as vossas questões. — Expôs Marcel Franz.

— Quando diz apagar, quer dizer: apagar literalmente? — Perguntou Olivier.

— Sim e para sempre, sem falhar. — Respondeu Marcel Franz, com frieza. E continuou. — Estes pseudo-gerentes são na realidade uns crápulas que enviam pessoas para o corredor da morte e fazem-no sistematicamente. Eliminá-los é um imperativo operacional. Só assim evitaremos, garantidamente, que continuem a recrutar as suas vítimas, quer nesta, quer noutra qualquer agência fictícia. Temos que cortar o mal pela raiz. Neste caso, não há lugar para piedade.

— Tudo bem chefe, realmente é mais prudente. Assim será. — Assentiu o agente.

— O que pretende que façamos nas instalações da empresa? — Perguntou Karl, imaginando que uma

busca seria oportuna.

— Devem recolher o máximo de informação possível, salvaguardar a vida dos funcionários secundários e pegar fogo ao que sobrar, tendo o cuidado de avisar os bombeiros de imediato. A ideia é destruir apenas o que pretendemos e não deixar nada às autoridades locais. O assunto morre na nossa mão e devemos evitar danos colaterais. — Explicou Marcel Franz.

— Mas esses funcionários, de segundo plano, poderão estar conscientemente envolvidos! — Comentou Mark.

— É possível que estejam. — Reconheceu o chefe. — E, nessa eventualidade, será uma boa forma de deixar um aviso sério e o caminho aberto para uma investigação posterior. Se estiverem ao serviço de outros traficantes, serão apanhados de seguida. No entanto, sendo figuras secundárias, mais simples serão de controlar, pois ficarão desorientados e cometerão erros básicos.

— A informação necessária está neste dossier? — Interrogou John.

— Exacto. — Disse o líder. — O dossier contém, nomes, fotografias, endereços e contactos.

— Quando deverá ser executada a acção, chefe? — Perguntou Olivier, apercebendo-se da pressão.

— Será uma operação relâmpago. Como tal, devemos coordenar os assaltos de modo a que aconteçam todos à mesma hora. No dossier têm a indicação de que devem atacar no dia catorze pelas dezassete horas. Hora local de Londres.

— Mas, porquê à mesma hora? — Perguntou Olivier, novamente.

— É fundamental garantirmos a surpresa em todas as investidas. — Explicava Marcel Franz, detalhadamente. — Agir sem coordenação poderia comprometer uma ou outra acção. Para entender isso, basta que pensem que o primeiro assalto seria conhecido e qualquer uma das outras sucursais poderia ser avisada a tempo. Pelo contrário, actuando em simultâneo, asseguramos que ninguém alerte alguém, pois os alvos serão atingidos ao mesmo tempo.

— Ah! É lógico. Faz todo o sentido. — Concordou Olivier.

De seguida saíram, indo cada um para seu lado. Havia que tratar das malas e estudar cuidadosamente o dossier da operação. Todos voariam, nesse mesmo dia, para cada um dos destinos definidos, portanto não podiam perder tempo. Assim foi. Nessa mesma noite, os quatro agentes, mandatados por Marcel Franz, seguiram o seu trajecto rumo às grandes metrópoles. Dali a pouco os jornais iam, muito provavelmente, noticiar um ataque organizado a uma empresa de recursos humanos internacional, e desse modo chocar a população mundial, sem ninguém fazer a mínima ideia das motivações e justificações dos assaltos. Seguir-se-iam uma data de acusações, referências infundamentadas a organizações criminosas ou grupos terroristas e, quem sabe, talvez alguém a reclamar a assinatura dos ataques. Todavia, o nome do verdadeiro mentor ficaria em segredo.

Do outro lado do Atlântico, Thomas aguardava o resultado das ofensivas e preparava o golpe final. O derradeiro assalto que atingiria fatal e impiedosamente a organização mafiosa. Contudo, uma grande

incógnita pairava no ar. Para onde teriam deslocado a clínica? Seria para o mesmo lugar onde realizavam as extracções? A dúvida permanecia intacta, e descobrir essa informação preciosa evitaria muitas mortes. Cada dia mais que passava, tornava-se mais urgente pôr termo àqueles crimes hediondos.

21 NÚMEROS INTRIGANTES.

A *O.M.S. (Organização Mundial de Saúde)* tem defendido, ao longo dos anos, a posição de que devia existir um maior contributo por parte do grupo das nações prósperas ao das mais desfavorecidas, materializado através da tomada de medidas eficientes no combate a um dos piores flagelos da humanidade tão globalmente debatido e denominado como: pobreza. Esses apoios contribuiriam para a minimização de vários problemas mundiais, entre os quais está o do tráfico de pessoas, órgãos e tecidos. A colaboração das autoridades e da comunidade civil, por si só, não é, nem de longe nem de perto, suficiente para minimizar significativamente este tipo tráfico oportunista. Enquanto os países mais desenvolvidos, onde as preocupações à volta dos direitos humanos são geralmente maiores, não tiverem uma postura mais coerente com aquilo que apregoam, dificilmente se conseguirá combater, com eficácia, o crime organizado que se a dedicam estes tipos de máfias. A oferta à margem da lei existe porque também há uma procura ilegal. Uma das atitudes possíveis passa por tentar pôr termo à procura que busca, ilegalmente, soluções para o problema da escassez de órgãos humanos, a outra, pela ausência de oferta, resultante de uma melhoria das condições de vida das pessoas que vivem em condições miseráveis. A procura ilegal deveria desaparecer por mérito e acção das autoridades e a ausência de oferta naturalmente levaria à redução dos níveis de procura ilegal em virtude da inexistência do produto...

No entanto será importante sublinhar que se há países onde a população e o governo não têm recursos, também existem outros onde os recursos existem e a pobreza persiste. Se prestarmos a devida atenção a algumas informações disponibilizadas por algumas organizações mundiais, como por exemplo a União Europeia, facilmente entenderemos o porquê da existência desta calamidade chocante: tráfico de pessoas, órgãos e tecidos.

Olhando para alguns dos números divulgados em 2008, constatamos, por aproximação, que o valor do *PIB per capita* (em paridade de poder de aquisição) nos Estados Unidos da América atingiu os 46.790,00 US\$, em contraposição, na China, o valor do mesmo indicador atingiu os 6.010,00 US\$, e na Índia, os 2.930,00 US\$. Daqui se pode concluir que o poder de aquisição de um indiano corresponde a 6,3% do de um americano e que o de um cidadão chinês ficasse pelos 12,8% comparativamente.

Todavia, no mesmo ano, se olharmos para a taxa de poupança dos Estados Unidos verificamos que o número, 14%, é substancialmente inferior ao da China, 54%, e da Índia, 38%. Se nos centrarmos no

fenómeno China, poderíamos ficar um pouco baralhados! Como possível que um país onde existem à volta de 56 milhões de desempregados, e grande parte da população empregada ganha uma miséria, tenha uma taxa de poupança tão elevada? Contudo, não é só a taxa de poupança elevada que nos surpreende. Além disso, a taxa de investimento também é elevada, ascendendo aos 43%. A China é actualmente a segunda maior potência económica do mundo, sendo o país, cujo estado acumula a maior reserva do globo, qualquer coisa como 1,546 Triliões de dólares, numa economia que tem um crescimento galopante. No fatídico ano de 2008, por exemplo, cresceu cerca de 13%.

Outra informação interessante para avaliarmos a força do peso relativo da economia chinesa, no panorama económico mundial, consiste na análise das importações e exportações entre a China e os vinte e sete países que compõem a União Europeia. No ano de 2009 a União Europeia exportou, para a China, 99,7 bilhões de euro de mercadorias e serviços e, em contrapartida, os chineses exportaram para a União Europeia, 227,7 bilhões de euro, ou seja, a China exportou mais do dobro que o seu parceiro comercial europeu, obtendo um saldo favorável na ordem dos 128 bilhões de euro. Se fizermos a mesma análise, agora entre a China e o Resto do Mundo, no ano de 2008, a China registou um saldo favorável nas exportações de mercadorias e serviços, face ao Resto do Mundo, de 233,6 bilhões de euro. Mais um factor, motor do crescimento da economia chinesa, diz respeito às alterações da evolução do peso da agricultura, indústria e dos serviços, num espaço de aproximadamente dez anos. Em 1989 a distribuição do *GDP*, na China, era a seguinte: 25,1%, agricultura; 42,8%, indústria e 32,1%, serviços. Após, aproximadamente dez anos, em 2008, o *GDP (Produto Nacional Bruto)* chinês, obteve a seguinte distribuição: 11,3%, agricultura; 48,6%, indústria e 40,1%, serviços. Daqui se conclui que o sector primário, agricultura e pescas, reduziu o seu peso na economia chinesa, face aos aumentos registados nos sectores secundário, indústria, e terciário, serviços. A mudança na composição do *GDP* da China é manifestamente um sintoma da sua modernização e evolução económica.

Tudo isto nos pode suscitar bastante curiosidade e inclusive alguma indignação, no entanto, se racionarmos um pouco, facilmente encontramos as explicações para descortinar o porquê de uma nação tão rica ter uma grande fasquia da sua população quase pobre, outra pobre, e uma, que é bastante representativa, abaixo do limiar da pobreza. Estamos a falar de um gigante, onde o hábito do aforro é ancestral, com um regime comunista que permite a prática de salários precários não criando condições para o acesso ao crédito; um sistema de protecção social medíocre onde faltam redes públicas, quer de saúde, quer de educação; e, complementarmente, a existência monopólios estatais altamente lucrativos que não distribuem dividendos. Estes factores permitiram que a China amealhasse, ao longo dos anos, o inacreditável número acima referido. Ou seja, um país rico com uma grande fatia da sua população pobre, e a outra escandalosamente pobre. A pobreza na China, no ano de 2005, ascendia a 12,2% da sua população total. Aproximadamente 159 milhões de pessoas. Cerca do dobro da população alemã. Este era o número de pessoas que, nessa data, vivia com menos de 1,25 US\$ por dia.

É uma realidade mais do que chocante. É surreal! Suposta e especialmente, num país com um regime comunista que deveria, segundo a ideologia preconizada, tratar bem melhor a sua população. Aliás, a economia deve estar sempre ao serviço do bem-estar da população e num regime deste tipo, mais sentido faria ver isso reflectido. A preocupação com a poupança é, indiscutivelmente, benéfica; aforrar para, no futuro, investir usando capitais próprios; poupar para ter segurança no presente e no futuro; ou poupar para consumir sem usar do recurso ao crédito. São políticas inteligentes, sem margem para dúvidas, mas, tendo amealhado tanto, e não utilizar parte dessa poupança para melhorar a condição de vida da população, revela uma insensibilidade e austeridade questionáveis.

Não obstante isso, sucedem-se uma série de casos autenticamente bizarros, episódios de “bradar aos céus”!

Em 2008, a comunicação social chinesa noticiou que o número de crianças abandonadas, nos meios rurais, pelos pais que migravam para os meios urbanos em busca de emprego, atingiu os 5,8 milhões. A realidade é gritante! Num país que podia proporcionar ao seu povo melhores condições de vida e que, com todo o seu potencial, sendo uma grande potência, ainda maior potência poderia ser. Esta realidade, com certeza, terá contribuído significativamente para um aumento exponencial do fenómeno da emigração. A China empurrou, enxotou, escorraçou, muitos dos seus habitantes para fora do seu território, ao não lhes garantir as condições mínimas, básicas, e necessárias, para que pudessem viver condignamente e, ou, para que acreditassem num futuro viável no seu país.

Assim se criam dificuldades a cidadãos bons e, por outro lado, se molda o terreno ideal para a propagação da criminalidade. As adversidades de uns são as oportunidades doutros, neste caso, para redes mafiosas que se enchem os bolsos explorando a desgraça do próximo. Porém, não pensemos que o fenómeno tem alguns anos. Em boa verdade a emigração de chineses para os Estados Unidos é uma realidade com cento e noventa anos. Os primeiros emigrantes chineses a pisar o chão da América do Norte, fizeram-no em 1820. Obviamente, não devemos generalizar de forma cega. Nem tudo é mau, nem todos são tratados como objectos de modo desumano, cada caso é um caso!

Todavia, vamo-nos debruçar sobre os casos que nos preocupam, sobre a criminalidade que se alimenta do desconhecimento, da miséria e da esperança daqueles que buscam uma vida melhor. A proliferação das máfias chinesas levou a que, com o avançar dos tempos, aumentasse o flagelo do tráfico de pessoas, órgãos e tecidos; assumindo actualmente proporções deveras alarmantes. Já não bastava o problema das armas e da droga para lhe acrescerem o tráfico de seres humanos, a mais vil exploração que um ser humano pode praticar, usando e lesando um semelhante seu. O passado da humanidade está manchado com este tráfico ao serviço do negócio da escravidão e os tempos contemporâneos trataram de o desenvolver, de o agravar, crescendo ao trabalho escravo, a prostituição, a prostituição infantil, e o rapto para efeitos de “adopção” não consentida. Mas, o homem, que é dotado de uma mente diabólica, conseguiu maquinar algo ainda mais tenebroso, elevar o limite da crueldade, ao limite dos limites! Que é:

um ser humano comprar a outro um órgão vital como se as pessoas fossem aglomerados de peças, ou máquinas, que se podem comprar e vender. Um mercado de carne humana com os mais diversos agentes em funcionamento: o “homem mercadoria” que se fragmenta e se fracciona; os intermediários que gerem o negócio, levando o grosso do lucro; os talhantes que tratam da parte técnica, ganhando mais algum; e, por fim, o comprador rico cuja vida madrasta lhe reservou um destino cruel de debilidade física, prematura, que o leva a procurar uma peça em bom estado. No entanto, o cenário pode ainda piorar, tornando-se mais macabro e aterrador. O expoente máximo da cruel crueldade e da brutal brutalidade. Nestes casos, estamos perante o roubo de órgãos ou ainda mais nojento, repugnante e revoltante, perante o recurso ao assassinato para roubo de todos os órgãos, de todas as “peças”! Diante da presença do mercador de carne humana, do intermediário que ilude, engana, burla, para depois eliminar impiedosamente um semelhante, retirando-lhe o que outro ou outros procuram comprar. Este negócio atroz atingiu dimensões aterradoras, um negócio comércio oportunista de órgãos humanos à escala internacional.

22 SINCRONIZAÇÃO TOTAL.

A operação de assalto aos centros de recrutamento mafiosos estava a ser cuidadosamente planeada. Antes de avançarem, tinham que investigar e descobrir quem eram os cabecilhas e, cada um dos agentes, após chegar ao seu destino, teve que visitar a agência de recursos humanos para conhecer a identidade do seu alvo. As instruções que constavam, por exemplo, no relatório de Karl acerca de como abordar o seu alvo, consistiam em aliciá-lo com dinheiro. Dinheiro vivo! Ele deveria apresentar-se como sendo um corrector de tráfico de pessoas e proporia um negócio de angariação de mão-de-obra para uma rede de prostituição. Segundo o relatório de Thomas, além do tráfico de órgãos, os mafiosos também se dedicavam ao tráfico de pessoas para efeitos de prostituição e de trabalhos forçados. Aliás, essa parte do negócio ainda era maior, em volume de dinheiro movimentado, do que a dos transplantes e provavelmente já se dedicavam a isso antes de expandirem o negócio.

No dia seguinte já se encontravam todos nos respectivos destinos. Cada um dos agentes teria que agir de modo distinto em virtude dos fusos horários divergiam de país para país. Ao horário de Londres correspondem horários diferentes nos países onde as acções iam ter lugar. O horário definido para os ataques era às quinze horas, hora local de Londres, que correspondia a: às nove horas na Cidade do México; às vinte horas em Bombaim e às vinte e três horas em Xangai. Em consequência disso, cada um dos alvos seria, muito provavelmente, eliminado fora do seu local de trabalho.

Eram dez da manhã, em Xangai, quando Karl entrou nos escritórios da agência de recrutamento.

— Bom dia menina. Posso falar em inglês?

— Bom dia. Pode sim senhor, em que posso ser-lhe útil? — Respondeu-lhe a recepcionista, em inglês.

— O meu nome é Joel Bridge e gostaria que me anunciasse ao seu patrão, por favor.

— Pode sentar-se, enquanto eu chamo o Sr. Brandon Yen. — Disse ela e levantou-se.

— Muito obrigado.

Passados cinco minutos, apareceu um homem de raça oriental, que também parecia ter genes ocidentais. A sua estatura era média, e devia ter uns quarenta anos de idade.

— Bom dia Sr. Bridge. Em que posso ajudá-lo? — Questionou o gerente, que não parecia nada afável. Facto que não constituía um bom atributo para um comercial.

— Bom dia. Penso que será melhor falarmos em privado. Pode ser? — Sugeriu Karl, procurando transmitir uma imagem pouco recomendável que encaixasse na sua encenação.

— Claro. Acompanhe-me, por favor. — Assentiu Brandon, olhando-o de lado.

Brandon encaminhou-se para o seu gabinete e foi seguido por Karl. Os escritórios tinham muito bom aspecto. Uma boa imagem devia ajudá-los a passar um impacto positivo, de credibilidade, para o mercado. Aparentemente, um lugar tão cuidado até parecia pertencer a uma empresa respeitável.

— Sente-se Sr. Bridge. — Disse o gerente.

— Obrigado Sr. Brandon.

— Qual é o motivo da sua visita? — Questionou Brandon, olhando para Karl com alguma desconfiança.

— Bom. Eu sou sócio de uma empresa alemã e procurei os vossos escritórios para contratar serviços, do tipo parceria! — Respondeu Karl, sorrindo com cinismo.

— Que tipo de profissionais procuram? — Questionou Brandon, intuindo algo, mas sem se render.

— Mulheres, muitas mulheres. — Disse Karl, directamente e sem rodeios, continuando a sorrir de modo particularmente ordinário.

— Como? Só mulheres! — Exclamou Brandon, fingindo não perceber, obviamente, sem querer admitir fosse o que fosse. Afinal, o homem que tinha pela frente era um estranho.

— Melhor dizendo, mulheres bonitas. — Insistiu Karl.

— Afinal, de que tipo de empresa estamos a falar? — Perguntou o gerente, sempre em tom sério.

— Serviços, meu caro! Somos uma empresa de esquemas, daquelas que prestam serviços a homens, etc. Entende? — Ironizou Karl.

— Penso que sim. Com que então, serviços! — Disse Brandon, rindo e abanando a cabeça.

— Exacto. — Assentiu Karl, fixando o olhar.

— Sabe que a nossa empresa trabalha dentro da legalidade, Sr. Bridge. Há um certo tipo de

negócios que não fazemos. — Atirou Brandon.

— Compreendo, meu caro. Se calhar enganei-me na porta. — Disse Karl, de novo ironicamente.

— Eh! Se calhar enganou-se mesmo. — Retorquiou Brandon, fitando-o com olhar de poucos amigos.

— Parece-me que vou ter que pagar um bom adiantamento, por conta de serviços, a outra pessoa.

Paciência. — Lançou Karl, e encolheu os ombros.

— E eu vou fingir que não nos conhecemos, e que o senhor não veio cá. — Ripostou o gerente.

— Sendo assim, vou seguir o meu caminho. — Falou Karl, enquanto se levantava.

— É melhor fazê-lo, Sr. Bridge. — Afirmou Brandon, seguindo-lhe o exemplo. — Entretanto, se vier a precisar de outro tipo de serviços, cá estaremos para o servir.

— Vou pensar nisso e o senhor pense bem. Quem sabe venha a mudar de ideias. — Disse Karl, já a caminho da porta.

— É, quem sabe! — Terminou Brandon.

Karl saiu rapidamente dos escritórios. Afinal não tinha corrido conforme planeado. Porém, reparou num documento, por cima de uma pilha de papel, que tinha o papel timbrado da empresa de transportes pertença da máfia.

«Ficou mais barato do que eu esperava. O tipo segurou-se bem e o ar de chulo com que me apresentei não o impressionou, mas, para todos os efeitos, eu podia ser um polícia! Fez todo o sentido que o escroque não tenha arriscado e se tenha fechado em copas», pensou Karl.

Na verdade, Brandon não podia arriscar. A operação deles era demasiadamente perigosa e, perante um homem totalmente desconhecido, todos os cuidados eram poucos. Todavia, a missão foi cumprida com sucesso. O agente identificou o seu alvo e, entretanto, bastaria segui-lo para poder planejar minuciosamente a operação de assalto. Para isso, ainda dispunha de quarenta e oito horas e nesse sentido, para adiantar o serviço, optou por se sentar num café localizado diante da *International MJ*. O seu próximo objectivo consistia em seguir os passos de Brandon para conhecer as rotinas dele; era prudente e imprescindível conhecer os seus passos, ao detalhe, para dali a dois dias conseguir eliminá-lo, sem percalços e respeitando a exigência inerente ao horário previamente estabelecido.

«Tenho que me colar ao tipo, não posso perdê-lo de vista. Daqui a dois dias, às 23h00 locais, seja lá onde ele estiver, vou-lhe oferecer uma passagem vitalícia para o outro mundo», pensava Karl.

O risco de se expor era muito reduzido. A cidade de Xangai caracterizava-se por ser um arraial urbano gigantesco e a multidão, atolada nas ruas congestionadas, quase tornava impossível perseguir alguém com eficácia. Em contrapartida, a probabilidade do gerente o avistar, no meio daquela densa massa humana, era muitíssimo baixa.

Do outro lado do globo, John estava a seduzir literalmente uma secretária, num pequeno *snack-bar*, em plena a Cidade do México. A diferença horária entre as duas cidades era de menos catorze horas no

México. Portanto, na Cidade do México, o relógio marcava as 20h00 do dia antecedente. A estratégia seguida no México foi diferente, pois não queriam correr o risco de haver uma troca de informações entre sucursais que viesse a denunciá-los pelo uso de abordagens semelhantes, ao mesmo tempo, em diferentes países. Os Zhao andavam alerta, por isso deveriam ser prudentes de modo a evitar situações que pudessem provocar desconfiâncias. O propósito do John era encantar a secretária da sucursal do México com o intuito de arranjar um pretexto para passar nos escritórios, no dia seguinte. E, uma vez lá dentro, tratar de conhecer o patrão usando da falsa casualidade. Para conseguir os seus intentos, rondou a empresa ao fim da tarde e percebeu quem era a secretária, tratando depois de a seguir até um *snack-bar* no final do dia.

Sentou-se estrategicamente numa mesa escolhida de modo a ficar diante daquela mulher, uma mexicana bem interessante. Depois pegou na carta do menu, dando a entender que não percebia nada do que lá estava escrito, falando em inglês com a empregada de mesa que não falava o mesmo idioma. Aí, levantou os olhos para a secretária, em sinal de socorro e ela sorriu, transparecendo que consentia a abordagem dele. A tática resultou e, graças a isso, John levantou-se para pedir ajuda à mexicana.

— Olá! Será que me pode dar uma ajudinha? — Disse John, sorrindo e encolhendo os ombros.

— Claro senhor. Quer que eu lhe traduza a ementa? — Responde ela, retribuindo o sorriso.

— Seria muito amável da sua parte. — Respondeu.

— Se quiser pode sentar-se comigo. — Falou ela, lançando-lhe o anzol.

— Excelente, olhe que vou aceitar! O meu nome é Terry. — Disse John, fazendo uso de um dos seus nomes falsos.

— Eu chamo-me Guadalupe. — Apresentou-se ela, seguindo-lhe o exemplo. — Mas pode tratar-me por Lupe.

— Tudo bem, Lupe. — Assentiu John.

Guadalupe traduziu-lhe a ementa e ele fez uma bela fita, dando a entender que era um zero em espanhol. Entretanto, aproveitou para criar empatia e sacar-lhe algumas informações úteis.

— Foi muito amável da sua parte. — Agradeceu John.

— Não me custou nada. Deve ser complicado estar num país onde não se entende a língua.

— É, realmente não é nada fácil. — Concordou, aproveitando o pretexto para chegar onde queria. — Cheguei hoje e ainda não tive tempo para aprender nadinha, mas já estou inscrito num curso intensivo que começa amanhã. — Inventou John, levando-a a pensar que não estava de passagem.

— Faz muito bem. Vai ver que não é assim tão complicado, o espanhol é um idioma muito bonito e fácil de aprender.

— Oxalá seja assim! — Disse ele, confirmando o que a tinha levado a intuir. — Vou estar no México uma longa temporada e preciso de entender-vos para poder trabalhar.

— Ah! Então vai ficar por cá. — Exclamou Guadalupe.

— Sim, cinco anos no mínimo. — Disse John, olhando-a nos olhos.

— Deduzo que trabalhe numa multinacional. — Atirou ela.

— Ora nem mais. Adivinhou. — Confirmou John, satisfeito, pois tudo corria conforme ele planeava.

— A Lupe trabalha por estes lados?

— Sim. No edifício do outro lado da rua. — Respondeu, animada.

— Olhe que fala muito bem inglês! — Elogiou John.

— Tenho que mesmo que falar, pois trabalho numa empresa de recrutamento internacional. — Disse Lupe, confirmando o que ele já sabia.

— Ah! Claro que tem que falar inglês.

— É obrigatório. Temos que falar com bastante frequência telefonicamente e escrever também.

— É um bom emprego! — Afirmou John.

— Não me posso queixar. — Assentiu. — Pelo menos dá para ter uma vida digna.

— Olhe que, nos dias de hoje, isso é um grande privilégio!

— Concorde.

— Agora vou ter de deixá-lo. — Disse ela, a custo, na expectativa de ouvir algo mais da parte dele.

— É que tenho que ir para casa. Estou super atrasada.

— Esteja à vontade. — Atirou John. — Todavia, gostava de lhe retribuir a atenção.

— Não é preciso. — Respondeu ela, fingindo nada pretender. — Foi um prazer.

— Desculpe insistir. Amanhã tenho uma reunião num edifício perto daqui. Concede-me o prazer da sua companhia para almoçar? — Convidou John.

— Ah! Muito obrigado. — Disse Lupe, satisfeita.

— Vamos fazer o seguinte. — Continuou John. — Por volta das 13h00m, posso passar pelos escritórios onde trabalha.

— Se quiser, para ser mais fácil para si, podemos-nos encontrar ali, junto à porta. — Sugeriu ela.

— Faço questão de a ir buscar lá dentro. — Contornou John, cavalheirescamente — Prefiro assim, isto se não constituir problema para si, claro.

— Por mim, tudo bem. — Concordou Guadalupe. — Assim, se por acaso não me for possível sair a essa hora, rigorosamente, escusa de esperar cá fora.

Era obvio que o seu cavalheiro iria chegar mais cedo com a intenção de identificar o seu chefe.

— Perfeito Lupe. Então até amanhã.

— Adeus Terry.

A mulher saiu e o John esfregou as mãos de satisfação. O esquema estava montado.

Voltando ao outro lado do globo onde, em Bombaim, eram menos três horas do que em Xangai e mais onze do que na Cidade do México. Olivier encontrava-se numa cafetaria, perto dos escritórios da *International MJ*, muito bem vestido como quem vai a uma entrevista de emprego, a fazer tempo. Dali a duas horas iria visitar a empresa e simular que estava à procura de emprego. A dificuldade de falar com o gerente teria que ser superada, e para isso contava com a sua capacidade de persuasão. O agente aguardava a chegada do gerente, às nove da manhã, sentado num sofá da recepção. A estratégia que adoptou foi muito simples. Disse à recepcionista que era um gestor de topo e que precisava de falar apenas, e só, com o gerente; falando com autoridade, segurança e uma ligeira arrogância. Ante semelhante abordagem, a funcionária nem hesitou em pedir-lhe para aguardar, sem questionar.

— Bom dia menina. O meu nome é Laurent. — Falou Olivier, acentuando o seu sotaque francês.

— Bom dia. Em que posso ajudá-lo, senhor? — Perguntou a assistente.

— Pretendo falar com o gerente, por favor. — Respondeu Olivier, educadamente mas com um ligeiro tom de autoridade.

— Muito bem. — Disse ela. — Pode sentar e aguardar um minuto, por favor.

— *Okey*. — Assentiu ele.

A funcionária foi chamar o responsável, enquanto Olivier aguardou na sala de espera e dez minutos depois apareceu o gerente.

— Bom dia. O meu nome é Greg Lee, Sr. Laurent. — Disse o gerente, que tinha acabado de repreender a sua assistente por ela não ter indagado acerca dos motivos que levavam aquele estranho a aparecer sem aviso prévio. — Qual é o motivo da sua visita?

— Bom dia Sr. Lee. Eu sou um engenheiro mecânico francês e vim para a Índia para trabalhar para numa suposta empresa que produz maquinaria agrícola. — Disse Olivier, mantendo a sua postura arrogante.

— Sim senhor, e qual é o nosso papel na sua história? — Questionou Lee, visivelmente irritado.

— Nenhum. — Retorquiu Olivier, que estava divertidíssimo com o olhar de indignação do outro.

— Então, não estou a perceber o que o trás aqui! — Reiterou o gerente.

— Sucede que, pelos vistos, a empresa não existe.

— Ah! Como?! — Exclamou Lee, já um pouco irritado, e sem se preocupar em dissimular a irritação.

— Apenas gostaria de deixar o meu *curriculum vitae* na sua agência. — Disse Olivier, fingindo não perceber a irritabilidade do Lee. — Pelo que percebi operam a nível internacional e pensei que poderiam ter clientes que estivessem à procura de profissionais fluentes em francês e inglês.

— O senhor podia ter enviado a sua candidatura espontânea por correio electrónico, não precisava de ter vindo aqui. — Resmungou Lee.

— Eu sei. Mas pensei que um contacto pessoal seria mais eficaz. — Respondeu Olivier, gozando-o ainda mais.

— Se quiser pode deixar o seu *curriculum* e se surgir alguma coisa, entraremos em contacto consigo. — Resmungou Lee, de novo, e virou-lhe as costas rudemente.

— Fico-lhe muito grato. — Respondeu Olivier, sorrindo com ironia para o gerente que, estando de costas voltadas, não se apercebeu.

O gerente ficou meio baralhado. Todavia, não suspeitou de nada. Olivier fez passar uma mensagem de idiota petulante, o que resultou na perfeição.

Entretanto, depois de Olivier sair.

— Yasmine! — Berrou Lee.

— Diga senhor. — Respondeu a assistente.

— Deite este papel ao lixo. — Ordenou-lhe o chefe, de modo seco e desagradável.

— Não quer que eu carregue a candidatura no sistema? — Questionou ela.

— Não! — Berrou, ainda mais alto. — É surda? Faça o que estou a mandar e mais nada. — Resmungou Lee.

Os três alvos estavam perfeitamente identificados e cada dos agentes passaria a andar na pegada deles para, em sintonia com horário pré-definido, agir conforme o plano. A cada operacional cabia a responsabilidade, antes de destruir tudo sem deixar rasto, de invadir as instalações da *International MJ*, recolher os discos duros dos computadores e todos os arquivos físicos onde consta-se qualquer informação relacionada com contactos profissionais.

23 O EVENTO ANUAL.

Thomas e Jennifer saíram juntos para fazerem compras na 5th Aveneu. O evento social, em casa do administrador da Rochelle, exigia o respeito pelas regras do protocolo *Black Tie*, obrigando Thomas a trajar um *smoking* e Jennifer um vestido elegante. Não havia muito tempo porque o *cocktail* era no dia seguinte, um sábado. Nesse sentido, procuraram o que precisavam numa das melhores ruas de comércio de Nova Iorque, onde se podem encontrar lojas as melhores marcas e *griffes* de todo o mundo. Jennifer escolheu um vestido elegante, um pouco arrojado, cintado, de cor preta, com um decote que lhe ficava particularmente bem. Não era complicado comprar um belíssimo vestido para quem possuía uma figura esbelta como a dela, com tudo no lugar e nas proporções certas. A tarde correu lindamente e, especialmente para Jennifer, foi-lhe benéfico sair do apartamento visto ter estado enclausurada uma série de dias consecutivos. Porém, por outro lado, permitiu-se descansar com toda a segurança e tranquilidade,

sensação essa que já não experimentava há bastante tempo. Pouco antes de conhecer Thomas, acabara de sair duma relação amorosa de uma forma traumática, tendo vindo a viver, desde o início das irregularidades cometidas na clínica, um dia-a-dia profissional demasiado *stressante*. Aliás, muito recentemente, quase tinha embatido no fundo do poço devido a uma profunda depressão nervosa, chegando ao ponto de, apesar estar sob o efeito de medicação, não conseguir reagir. O nível de *stress* por ela atingido, face ao acumular de situações negativas, chegara a um limite insuportável. A falta de segurança, o mau ambiente no trabalho, as preocupações com a família, tudo acumulado, acrescido da desilusão amorosa, causou-lhe uma grande tensão emocional. Todas as manhãs, só com um grande esforço se levantava da cama, pois sentia um enorme peso na cabeça, uma vontade de abandonar e fugir daquilo tudo que tanto a aterrorizava e atormentava. O *stress* é uma doença, ancestral, muito evidenciada e badalada nos tempos modernos, caracterizando-se por ser um estado emocional que deriva de várias situações, de diversas circunstâncias e, no caso da Elisabeth, acumulavam-se uma série de sintomas em simultâneo. O seu estado de ansiedade era de tal forma intenso que sentia a sua batida cardíaca constantemente acelerada. Não fosse a paz conseguida graças ao precioso apoio de Thomas, a depressão ter-se-ia agravado e não haveria luz no fim do túnel, mas sim, em vez disso, um negrume desolador que provavelmente a poderia levar a cometer uma loucura. Contudo, atempadamente, deu-se o reverter da situação e Jennifer foi recuperando a alegria de viver, outrora sentida.

Nesse final de tarde, após o roteiro das compras, deram um passeio no parque, tomaram um refresco numa esplanada, onde conversaram acerca de assuntos agradáveis e voltaram para casa mais para o final da tarde. Levavam um sortido de salgados, frutas e doces, pois tencionavam ficar por casa e não lhes apetecia cozinhar. De modo que não voltaram a sair de casa nesse dia. O palco de actividades ficou, pela noite dentro, circunscrito ao quarto de casal!

O Dr. David Crow reservava sempre um dia no ano para organizar um evento, de carácter social, mediante o qual promovia a sua imagem pública e a da clínica também. O administrador da Rochelle era um homem vaidoso que sobrevalorizava as aparências. Como prova disso, bastava constatar a escolha da sua opulenta residência para a realização da sua festa anual. Na sua vida privada pouca privacidade existia dada a exagerada exposição social e o seu exuberante estilo de vida, quer pela exibição de sinais exteriores de riqueza, quer pela sistemática presença em eventos sociais, sempre acompanhado por mulheres bem mais novas e exuberantes. O médico era um *playboy* divorciado, com sessenta anos de idade, um babão que aparentava uma idade inferior à realidade, dado o uso e abuso de cirurgias plásticas que representavam a sua imagem de marca. As suas festas eram sempre muito badaladas, tendo a presença habitual dos órgãos da comunicação social que as tornavam em eventos com muita projecção, aparecendo em diversas revistas de sociedade, também, em virtude dos convidados da praxe, tais como: profissionais mediáticos, empresários de destaque, homens e mulheres da cena política, artistas famosos, modelos de renome, etc. A hora de início do cocktail estava prevista para as 18h30m, contudo Jennifer e Thomas chegaram por volta das 18h45m. O parque automóvel encontrava-se completamente preenchido e

mais parecia o *Salão Automóvel de Genebra* de tanto luxo ostentar. O casal de “namorados”, depois de estacionar o carro, dirigiu-se à entrada do palacete e a obtenção da autorização, para entrar no palacete, carecia de procedimentos de segurança e identificação. Além disso, ninguém escapava a ser fotografado enquanto essa rotina decorria. Imediatamente após entrarem, Thomas ficou deveras impressionado com a dimensão e o luxo da casa. Era de assinalar, também, a produção visual das muitas mulheres ali presentes, a festa era uma autêntica passarela de vestidos assinados, jóias, penteados e maquilhagem; tudo de um luxo exacerbado!

O espaço afecto à festa ocupava por completo o piso térreo do palacete, seguramente, uma área nunca inferior a um terço de um campo de futebol. No que dizia respeito ao serviço de catering, em nada ficava aquém de tudo o resto pois, além do número de funcionários ser considerável, a qualidade, a diversidade e o requinte dos produtos eram notórios.

Jennifer apresentou-se deslumbrante e no que dizia respeito ao seu acompanhante, aos olhos de todos e de todas, personificava o charme no masculino. Ambos, apesar de comparecerem por obrigação, transpareciam boa disposição e não tardou muito a serem abordados pelo anfitrião da noite.

— Boa noite, minha querida Jennifer. — Disse David Crow, com voz amável.

— Boa noite, Dr. Crow. — Retorquiu Jennifer. — Apresento-lhe Thomas Stewart, um amigo.

— É um prazer, Sr. Stewart. — Cumprimentou o médico, cordialmente.

— Igualmente, Dr. Crow. — Retorquiu Thomas, apertando-lhe a mão com firmeza, no entanto, sem exagerar.

— Ah! Inglês. O seu sotaque denuncia-o, Sr. Stewart. — Observou David Crow, continuando num tom educado e cordial.

— Tem razão. Sou inglês, sim senhor. — Assentiu Thomas.

— Seja bem-vindo à Cidade. — Disse David Crow, afagando-lhe o braço direito com a sua mão esquerda.

— Muito obrigado, doutor.

— E então, que tal essas férias, menina Jennifer? — Questionou o médico.

— Correram lindamente, mas pouco falta para terminarem. — Respondeu Jennifer, encolhendo os ombros.

— Desculpe, minha querida. Não que a quisesse incomodar no seu descanso, mas mudou de número móvel?! — Questionou David Crow, denunciando-se. Com certeza teria tentado contactá-la nesse período.

— Mudei sim, doutor. Não recebeu uma mensagem com o meu cartão-de-visita actualizado? — Perguntou Jennifer, sem perder a compostura.

— Não, não recebi nada! — Respondeu, mostrando-se surpreso.

— Desculpe, mas pensei que lhe tinha enviado. — Emendou Jennifer, descontraidamente.

— Não se apoquente com isso, minha querida. — Retorquiu ele.

— E o Sr. Stewart, o que faz por cá? — Perguntou David Crow, mudando de assunto e voltando-se para Thomas.

— Sou um quadro do banco *LIB*. Destacaram-me para Nova Iorque, e ainda me estou a adaptar. — Disse Thomas, fingindo-se “meio perdido” e evitando mostrar desenvoltura.

— Então veio para ficar? — Insistiu o médico.

— Isso mesmo. — Respondeu Thomas. — À volta de três anos.

— O que é feito do seu tio? — Questionou David Crow, dirigindo-se a Jennifer. — Nunca mais deu notícias.

— Também eu gostava de saber. — Respondeu evasivamente.

— Como isso? — Insistiu médico, não conseguindo evitar um olhar de uma certa irritação.

— A verdade é que ninguém sabe dele. — Continuou ela, sem se alterar. De facto, a influência do Thomas estava a ajudá-la, tornava-a mais forte.

— Ah! A Jennifer não sabe do paradeiro dele? — Questionou David Crow, incrédulo.

— Não. Aliás, quando cheguei de férias, tentei contactá-lo; e nada! — Reiterou Jennifer.

— Ele não atendeu? — Insistiu ele.

— O telefone não dá sinal. Deduzo que esteja desligado. — Retorquiu Jennifer.

— Ah! Então não faz a menor ideia.

— Desculpe, mas não entendo porque pergunta com tanta insistência! Afinal o meu tio já não trabalha na Rochelle?! — Atirou Jennifer, invertendo as posições.

— Por nada, nada mesmo. Só por mera curiosidade, minha querida. — Respondeu ele, ficando um pouco atrapalhado.

— Se calhar resolveu dar um passeio com a família. — Rematou Jennifer, olhando-o fixamente.

— Claro, claro. Muito bem, Dra. Jennifer e Sr. Stewart. Bom, fiquem à vontade e divirtam-se. Agora, tenho que circular um pouco. — Disse David Crow, atabalhoadamente, e desapareceu.

— Até mais logo, Dr. Crow. — Disse Jennifer, revirando os olhos.

Thomas ficou um pouco baralhado tal como o anfitrião, porém não tirou nenhum tipo de conclusão. O médico transbordava cortesia e simpatia, percebia-se a sua vaidade exagerada, todavia causava um primeiro impacto positivo. Jennifer foi identificando alguns dos presentes e não tardou muito até que avistassem a dupla Zhao que se fazia acompanhar das respectivas companheiras. Thomas, habituado a observar de modo discreto, reparou que os irmãos fixaram a sua atenção nele e na Jennifer. Uma das técnicas por ele dominadas era a capacidade de conseguir ler nos lábios, capacidade essa que usou naquele momento e registou que, além de estarem a observá-los, também falavam acerca deles. Mais

concretamente, leu o que Míng disse a Yao: "...finalmente apareceu a sobrinha de Grubb. Não a percas de vista..." Apercebendo-se disso, Thomas pediu a Jennifer para não sair da sua beira, apesar de pensar que num ambiente tão mediático, a probabilidade de atentarem contra alguém, fosse quem fosse, seria muito reduzida. A quantidade de jornalistas e objectivas era um factor intimidatório para qualquer acção arriscada. Não obstante essa realidade, à saída, e após abandonar a festa, ele sabia que todos os cuidados seriam poucos. E o seu instinto não o traiu, pois não tardou muito a constatar vários pares de olhos a mirá-los, fixamente, estivessem eles onde estivessem. Porém, nada referiu à sua companheira para não a alarmar e, mais do que isso, evitar que o comportamento dela se alterasse. Quanto mais tranquila e à vontade ela permanece-se, melhor. Caso contrário, poderiam dar nas vistas e levantar suspeitas, algo que não deveria acontecer em circunstância alguma. Perante a atitude do Dr. David Crow, que não resistiu à tentação massacrar Jennifer com o assunto – Grubb –, Thomas mantinha o seu radar em estado de alerta máximo. Aquele médico, apesar das aparências, não lhe inspirava confiança e contra todo o aparato, pelo médico exibido, havia muitas situações mal explicadas. Ninguém lhe tirava a ideia de que o administrador da Rochelle estaria activamente envolvido naquele esquema criminoso. Às vezes, os pequenos deslizos dizem muito acerca de uma situação e, mediante a atitude dele, em inquirir Jennifer com tanta insistência relativamente ao paradeiro do seu tio, fazia sentido raciocinar desse modo. A que propósito, com que intenção, falou ele no ex-colega, especialmente um que ele próprio escorraçara da sua clínica.

Mas, à parte da trama que os convidados da festa desconheciam, tudo aparentava estar a correr às mil maravilhas, a nata cosmopolita e *social light* de Manhattan divertia-se à brava. O avançar da hora começava a revelar algumas euforias, consequência do consumo exagerado de bebidas alcoólicas e também de outras substâncias, nada recomendáveis, que provocavam um anormal desinibir dos comportamentos.

A dada altura, Thomas estranhou uma sensação que se apoderava dele. Conforme é recomendável, especialmente quando de está a trabalhar, apenas tinha bebido duas taças de champanhe; por isso mesmo, ficar entorpecido, não fazia sentido. Acabou por se sentar, quando Jennifer lhe pediu e foi aí que percebeu que alguém os tinha drogado. As suas forças começaram a falhar até que, quer um, quer o outro, perderam os sentidos.

Quando acordou, percebeu que estava noutra lugar, bem diferente e particularmente desagradável, húmido e mal cheiroso. As suas mãos e pés tinham sido bem amarrados a uma cadeira metálica, desconfortável, onde o tinham sentado ainda em estado inconsciente. A pequena sala não disponha de iluminação, à excepção de uma luz de presença débil. O pior, aquilo que ele mais temia, aconteceu e Thomas sentiu arrependimento em ter ido àquela maldita festa.

Cinco minutos. Foi esse o tempo que Thomas demorou até que a sua visão se adaptasse à escassa luminosidade daquele buraco nauseabundo. Entretanto, começou a identificar o que havia em seu redor,

conseguindo visualizar: umas estantes desarrumadas, caixas plásticas empilhadas, quinquilharia velha e alguns caixotes de cartão. Obviamente deduziu que deveria estar numa arrecadação e após ouvir um som abafado, distante, suspeitou que pudesse estar nos fundos de um bar ou discoteca. Não lhe foi complicado entender que, se o tinham poupado, o quereriam interrogar, provavelmente por desconhecerem a sua origem e, dado o estatuto de forasteiro, ter surgido do nada, de um dia para o outro, numa altura em que os mafiosos foram confrontados com uma sequência de adversidades. Mas, só perante o interrogatório poderia ter mais informação, claro, porque quando se está a passar, ou simular passar, informação, também se obtém alguma. Terá aguardado, sensivelmente, uma hora até que alguém introduziu uma chave na fechadura, rodou-a e abriu a porta. Apareceram três homens, mal encarados, um deles era bem conhecido: o Yao Zhao, ainda trajando smoking. Pouco tempo teria decorrido, após a festa.

— Tenho um enorme prazer em recebê-lo aqui, nesta arrecadação noventa, Sr. Stewart. Está confortável, ou precisa de alguma coisa? Talvez um chá! — Falou Yao, enquanto sorria ironicamente.

Thomas não reagiu à provocação, não proferiu uma só palavra, nem mudou a sua expressão facial. Quem olhasse para ele, não conseguia perceber nenhum tipo de emoção.

— Agora que temos o gosto de o receber em nossa casa, aconselho-o a começar a cantar. Não se arme em esperto e porte-se bem, pois eu ando um bocado irritadiço. — Resmungou Yao.

Nem uma palavra proferida. Thomas não reagia a nada. E subitamente, antes de o mafioso voltar a dirigir-se a ele, tocou um telemóvel.

— Sim. Diz lá. — Disse o mafioso.

Pela reacção, percebia-se que estava alguém familiar do outro lado.

— Estou na arrecadação com ele. O tipo já acordou e ia começar a interrogá-lo. — Respondeu Yao — Okey, concordo contigo. Daqui a uma hora estarei aí, até já.

Desligou o telemóvel e disse.

— Vamos ter que adiar a nossa conversa, Sr. Stewart. Mas não se preocupe que, enquanto cá estiver, nada lhe faltará. Aliás, com o dinheiro que tinha na carteira, podemos chamar uma daquelas dengosas do bar para lhe fazer companhia, enquanto bebem um champanhe. — Disse Yao, e deu uma gargalhada, gozando com ele.

Mais uma informação confirmada. A organização mafiosa, além do tráfico de órgãos, também estava envolvida noutros negócios.

A saída repentina do Yao fora uma sorte. Todavia, ainda não lhe tinha ocorrido nenhuma ideia de como se poderia escapular daquele lugar. Com as pernas e os braços presos às pernas e braços da cadeira, respectivamente, não seria fácil soltar-se sozinho. Quando o Yao saiu, um dos seus homens ficou para trás e Thomas pediu-lhe um favor.

— Pode fazer-me um grande favor? — Perguntou Thomas, procurando simular um ar combalido e amedrontado.

— O quê? — Questionou o burgesso, em tom rude.

— Fumava um cigarro. Vá lá, o que é que lhe custa. — Continuou Thomas.

— Tudo bem. Até parece que estás a fazer um último pedido. — Respondeu o idiota, com ar de troça. Contudo, satisfiz-lhe o pedido. — Mas vais fumar sem mãos. — Disse, depois de lhe acender o cigarro e sair, soltando uma rizada.

Thomas, que não fumava, desatou a puxar e a soltar o fumo sem tragar, precisava de manter o cigarro aceso para tentar provocar uma explosão. Deu um forte impulso, balançando os ombros e os joelhos para trás e, agilmente, depois de cair para trás, sem deixar cair o cigarro, e rebolou lateralmente até junto da parede onde visualizou um tubo de gás. Depois, em posição adjacente face à parede e bem colocado para golpear o tubo, pontapeou-o, violentamente, com a ponta do pé, servindo-se do impulso da sua última rotação. O tubo deslocou-se, rompeu-se e Thomas lançou-lhe a pequena brasa do cigarro que despoletou a inflamação do gás dali até ao reservatório. Alguns segundos depois, uma impetuosa explosão lançou o caos na discoteca, chamando a atenção da corporação de bombeiros e, também, da *NYPD (Departamento de Polícia de Nova Iorque)*.

Os mafiosos apressaram-se a sair juntamente com as prostitutas, os funcionários e os clientes. Se havia algo que eles não queriam, era serem interrogados pelas autoridades. De modo que se evadiram apressadamente da discoteca duvidosa, deixando o Thomas aprisionado na arrecadação do edifício em chamas. O risco de morrer carbonizado era menor do que ser baleado ou esquartejado. Esse seria o seu provável destino, caso não tivesse agido, no entanto, graças à sua investida, chegaram os bombeiros que o soltaram antes da *NYPD* chegar ao local. Mal se viu desembaraçado, rejeitou ser transportado para o hospital e desenrascou-se com uma *Harley-Davidson* que um dos gorilas estacionara diante da discoteca. O facto de haver um chaveiro na arrecadação, aliado à fuga atabalhoada dos mafiosos, permitiu-lhe recolher a chave da mota de um deles. Thomas, já fora do prédio em chamas, montou a mota e arrancou rapidamente, cruzando-se com um comboio de carros da *NYPD*, um pouco mais adiante, noutra parte da zona industrial. A *Harley* gozava duma personalidade peculiar, mas o seu comportamento em estrada não se comparava ao da *Ducati*, mas, apesar disso, deu tudo que tinha para dar. Thomas derreteu a mota dali até casa onde subiu, num ápice, para pegar no seu arsenal de assalto, antes de seguir para a Estação em Wall Street.

Quando entrou no seu gabinete, ligou o computador, consultou o correio e constatou que havia um relatório relacionado com o assalto sincronizado. Os acontecimentos sucediam-se em catadupa, como uma série de bombas em cadeia, e quase não havia tempo para planear as acções. Antes de começar a ler o relatório, emitiu um alerta vermelho para o comandante da *BAC* solicitando que o mesmo reunisse o maior número possível de agentes para uma operação de assalto, dali a sessenta minutos.

24 FINALMENTE LOCALIZADA.

Pensar depressa, planear rápido e agir de rompante. Agir sem hesitar. Cada minuto, cada fracção de segundo, podia marcar a diferença. Com as dúvidas todas dissipadas e os responsáveis devidamente identificados, urgia avançar com a derradeira e decisiva operação de assalto. Thomas aguardava, na sala M, a chegada de um esquadra da *Brigada de Assalto e Combate (BAC)* que contava com um grupo de sete elementos, sete máquinas de combate letais. Um helicóptero aguardava-os para transportá-los até ao covil dos mafiosos.

— Boa noite, pessoal. — Disse Thomas, com firmeza.

Os agentes retribuíram o cumprimento.

— Daqui por uma hora, no máximo, estaremos a invadir as instalações de uma organização mafiosa, alvo da “Anestesia Fatal Op.” Mais do que importante, é crucial que interiorizem a seguinte ideia: não há margem para erros! — Thomas discursava, com convicção. — Suspeitamos que iremos dar de frente com uma multidão de pessoas, das quais: parte, serão criminosos; outra, pacientes debilitados; e, por fim, vítimas fragilizadas.

— Quantos alvos serão? — Questionou Jason, um dos agentes.

— Infelizmente, não temos a menor ideia. — Respondeu Thomas.

— Oh! Isso é complicado. — Disse o agente Rob.

— Por isso mesmo, estou a avisá-los! — Continuou Thomas. — Temos que partir do pressuposto de que vamos ser confrontados com o pior dos cenários, provavelmente, um pequeno exército e quando digo que não há margem para erro, quero dizer que será importante evitar danos colaterais, o que não será nada fácil. Essa é a única certeza que tenho.

— Então, quais são os nossos principais objectivos? — Perguntou Rob.

— De todos, o principal será resgatar as vítimas, prioritariamente as crianças e mulheres, depois os homens e pacientes, e por fim capturar, se possível com vida, os criminosos. Se conseguirmos agarrar algum vivo, poderemos extrair-lhe informação importante. — Explicou Thomas.

— Como acha que devemos operar? — Perguntou Jason, que também era o chefe da esquadra.

— Outra adversidade! — Afirmou Thomas. — Não temos mapa das instalações, portanto não dá para planear.

— Oh! Assim estamos fritos, agente Stewart. — Observou Diaz.

— Calma. Muita calma, meus senhores. Será como “sozinhos no mato”, algo do género. — Acrescentou Thomas, passando uma imagem de segurança e confiança.

— Mas, como é que avançaremos? — Interveio Diaz, de novo.

— Em pares. — Adiantou Thomas. — Haverá sempre um agente a dar cobertura a outro, excepto eu

que agirei sozinho.

— Eh, lá! Vai ser muito arriscado. — Disse Cleo, a única mulher do grupo.

— Só e sorrateiramente. — Continuou Thomas. — Enquanto vocês fazem barulho, eu avançarei de peúgas...

Thomas despendeu mais quinze minutos na exposição e de seguida subiram ao topo do edifício, onde o helicóptero estava pronto para descolar. Os sete agentes subiram a bordo, carregando equipamento e armamento, como se fossem travar uma batalha. A variedade de armas e explosivos era impressionante, carregavam: C-4; nitroglicerina; granadas e lança projécteis; metralhadoras MP5N e pistolas Glock 18. Um arsenal capaz de causar muitos e grandes estragos. Quanto à indumentária, a farda vestida por Thomas destrinçava-se da dos outros. Ele envergava um fato preto azulado e levava a cara tapada com uma máscara, apenas se viam os olhos. Nas costas carregava uma espada e um arco com as respectivas flechas; além disso, munia-se duma corda com um gancho, estrelas e agulhas de arremesso, dois punhais e bombas de fumo e, no que respeitava a armas de fogo, apenas se munia de um par de pistolas glock 18, enfiadas nuns suportes agarrados às partes superiores e exteriores das coxas. Thomas apetrechou-se com as armas que um ninja tradicionalmente usa, à excepção das pistolas.

Subiram ao topo, entraram no helicóptero e o mesmo levantou seguindo as coordenadas, por Thomas fornecidas, rumo ao destino do confronto. A noite tinha caído e, na ausência de bruma, a iluminação artificial rompia o céu, guiando-lhes, com uma visibilidade límpida, o trilho aéreo através duma assombrosa projecção dos incontáveis feixes luminosos, pois voavam por cima dos inúmeros arranha-céus de Nova Iorque, rasando-lhes o topo. A adrenalina crescia, gradualmente, consoante se aproximavam do alvo que ficava fora dos limites de Manhattan. A estratégia de invasão consistia em começar o assalto sorrateiramente; deveriam protelar ao máximo serem detectados e, para que isso funcionasse na perfeição, seria ele a avançar primeiro com a missão de eliminar o maior número possível de alvos. Os outros deveriam avançar quando ele desse a instrução e, quando assim fosse, deveriam fazê-lo em bloco, dois a dois, para se protegerem melhor e concentrarem a intensidade de fogo sobre os alvos de forma violenta e arrebatadora. A ideia passava por baralhá-los e se eles fossem muitos pensariam que os assaltantes também atacavam em grande número. Mas, indo Thomas a abrir caminho, muitos alvos tombariam pela certa, tornado o percurso mais facilitado. O rigoroso treino de *Ninjutsu*, desde criança assimilado, permitia-lhe fazer coisas inimagináveis: conseguia permanecer indetectável e avançar sem ruído, camuflar-se como ninguém e bastava-lhe uma estrela, uma agulha, ou uma flecha para abater um alvo. A sua margem de erro era, praticamente, igual a zero! Quando usasse a pistola, já muita da limpeza estaria feita.

O helicóptero chegou ao destino passados trinta minutos. Aí lançaram uma escada de corda aço, após o aparelho ter parado por cima de um pequeno submarino, e cada um dos homens desceu, na sua vez, entrando no aparelho. O resto do percurso era subaquático e tardou um quarto de hora até

emergirem, ficando lado a lado com um iate imponente que se encontrava imobilizado em alto mar, uma mega clínica flutuante!

O comandante revelou-se um fora de série, a manobra era bastante difícil e o sucesso do assalto dependia duma invasão silenciosa e da eficiência dos técnicos em iludir o radar. Thomas tomou a iniciativa, conforme previamente definido, e lançou a corda com o gancho para dentro do iate, após ter verificado que não havia nenhum homem por perto, fazendo uso dos binóculos infra-vermelhos. Trepou agilmente, pela corda acima, entrando na embarcação, pelo lado da popa, e depois fez sinal aos outros para que o imitassem. Em três minutos, a equipa já estava toda reunida, dentro do barco, na cobertura do último piso por detrás da chaminé e pronta para a acção. Os relógios estavam rigorosamente sintonizados e cada um deles disponha de um rádio sintonizado na mesma frequência, para que pudessem comunicar uns com os outros e receberem as instruções da parte do comandante. Thomas dirigiu-se à ponte de comando, caminhando pelo topo da cobertura e parou quando ficou exactamente por cima da ponte. A sua primeira tarefa seria imobilizar o comandante do iate, o seu imediato e, eventualmente, mais outro oficial que pudesse estar na ponte. A ideia de se terem posicionado na cobertura foi a melhor decisão, pois não havia nenhum vigilante nessa zona do iate. Antes de avançar mais, verificou a presença dum homem empunhando uma arma automática diante da ponte, na parte de baixo, mais precisamente na ponta da proa. Imediata e silenciosamente, pegou no arco, armou-o, e disparou uma flecha a trinta metros de distância, apontada abaixo da nuca. O vigilante caiu redondo. Muita imprudência, da parte dos mafiosos, em terem apenas um homem a fazer a ronda; um iate com cerca de cento e vinte metros de comprimento precisava bem de, pelos menos, mais um homem na outra extremidade, ou seja, na popa. Assim tiveram a vida facilitada. Enquanto não aparecesse outro bandido, para render o abatido, continuariam incógnitos. Thomas, com o terreno livre, desceu por uma escada de parede fixada ao lado da porta que dava acesso à cabine e espreitou cuidadosamente para o interior. Avistou dois homens que seriam, com toda a certeza, o comandante e o seu imediato. Abriu a porta, sem entrar, e escondeu-se. Um dos homens, o imediato, aproximou-se para encerrar a porta e quando colocou um pé e a cabeça, no exterior, para ver se alguém a teria aberto, foi automaticamente apunhalado no olho esquerdo sendo, simultaneamente, puxado para fora. O ataque foi executado com tal ligeireza que o comandante nem se apercebeu e, num *flash*, vislumbrou Thomas a fitá-lo, já dentro da cabine, e a apontar-lhe uma flecha, a qual disparou certa ao seu coração do alvo. O homem caiu instantaneamente e a ponte de comando ficou controlada. O arco era a sua arma de eleição, para média distancia, dada a precisão e o silêncio, obtidos, serem superiores aos da pistola. Quando voltou à zona da chaminé deu instruções a um dos seus homens para se colocar na posição onde ele tinha abatido o vigilante da proa, para a eventualidade de surgir alguém a rendê-lo. Seria melhor prescindir de um agente do que permitir que o alarme fosse accionado. De seguida caminhou no sentido da prôa, pisou o espaço reservado ao heliporto e desceu por uma escada que ligava a pista ao piso inferior, em *deck*, por cima da área da piscina e do *jacuzzi*. A partir daí seguiu pelo lado estibordo, rente à parede; avançou seis metros, avistou uma escada que permitia o acesso ao piso inferior e alvejou, no

peito, outro homem armado, de metralhadora automática que começava a subir os degraus. Com aquele, já iam quatro. Depois, continuou sorrateira e rapidamente, parecia um puma negro a quem só se viam os olhos. Terá percorrido cinquenta metros, agilmente, em posição de cócoras, até encontrar duas portas grandes que tinham do outro lado, na zona interior, um grande *lobby* que atravessava o iate. Entrou e viu que a partir dali poderia, através de três largos lances de escada, aceder aos pisos inferiores, mas, antes disso, optou por fazer o reconhecimento desse piso. Apercebeu-se de tudo muito calmo, seria provável que fosse uma zona de quartos. À sua esquerda leu, numa placa, uma indicação onde dizia: *Master Suite* nº.1, *V.I.P. Suite* nº. 2, e a *V.I.P. Suite* nº. 3; à direita, noutra placa, dizia: *V.P.I. Suite* nº. 4. Além disso, indicava para a direita, noutra placa, outras salas: a sala de jogos, uma sala de jantar e uma sala de estar, que comunicava com o *deck* exterior, por cima da piscina. Entrou nos *lobbies* das *suites* e não viu ninguém, após isso, ao chegar à sala de estar, apareceu-lhe mais um segurança. Desta feita, dado o surgir repentino do brutamontes, lançou uma estrela à zona da traqueia, imobilizando-o por completo; aproximou-se dele num movimento rápido, apanhando-o em queda, e terminou o serviço com a espada. Aquele segurança era mais um com aspecto de oriental e levava um rádio que Thomas guardou. Em virtude do resto do piso se encontrar limpo, antes de descer, e continuar o reconhecimento, deu instruções aos seus homens para ocuparem o piso inspeccionado. A partir daquele momento, seria de esperar mais resistência. Verificou no seu *pc-pocket* que Jennifer estava por perto. Bem dita a hora em que Thomas decidira oferecer-lhe um relógio mecânico, cujo funcionamento dependia da pulsação, assegurando-lhe, pela emissão do sinal, que ela permanecia viva. Graças ao dispositivo *GPS*, integrado na máquina, conseguiu segui-la e, sem querer, descobriu a localização da clínica. Uma feliz casualidade! Há males que vêm por bem, e aquele era um deles; o rapto da Jennifer, apesar de dramático, acabou por ser útil. No *lobby* do piso seguinte estavam dois seguranças na conversa, obrigando-o a redobrar os cuidados. Para abatê-los, sem causar azáfama, optou por lançar uma agulha envenenada a cada um deles. Porém, não avançou muito, deitou-se e rastejou silenciosamente, descendo meia dúzia de degraus. Apontou para um dos homens, o que estava de frente, e soprou, lançando a agulha para o olho direito do homem que ficou paralisado, sem reacção. O outro não percebeu o ataque, instantaneamente, ficando, por uma fracção de segundo, surpreendido e baralhado. Quando se voltou, já Thomas tinha lançado mais uma flecha, fatal, trespassando-lhe o pescoço e, com esse golpe duplo, tombavam mais dois. Face ao aumento do número de seguranças, chamou o grupo que se juntou a ele num instante. As indicações foram claras, deveriam usar as pistolas com silenciador e evitar, a todo custo, que algum dos alvos soasse o alarme. O grupo foi separado, seguindo um dos homens com ele para o lado direito; três homens para o esquerdo; e um ficou a controlar o elevador, no *lobby*. Do lado dele havia a sala de jantar principal e o *lounge* virado à piscina, do outro lado ficava o *SPA*. Thomas avançou com Bill na sua asa, o salão estava vazio e sem luz, no entanto, avistaram dois homens a conversar, animadamente, na zona do *lounge*. Thomas fez um sinal ao seu parceiro, com os dedos da mão esquerda, apontado para um dos seguranças e Bill entendeu, e bem, que deveria disparar para o alvo do lado esquerdo, imediatamente, em simultâneo. Mal viu o

parceiro lançar a flecha, disparou e ambos acertaram nos respectivos alvos. Foi então que ouviram o som de uma metralhadora vindo do exterior: estavam expostos! Rob comunicou, informando a chegada de um helicóptero. O fogo, entre ele e os homens acabados de chegar, intensificou-se e Thomas voltou ao *lobby* para agrupar os seus homens. Aquele piso estava limpo, no entanto começaram a ouvir berros vindos de baixo e Thomas deu-lhes instruções para que subissem todos para dar cobertura a Rob. Ele ficaria sozinho e iria tentar fazer crer que estariam todos juntos. O risco seria maior, mas, avançando sorrateiramente, acabaria por funcionar como uma boa manobra de diversão. O grupo subiu rapidamente e Thomas, para controlar melhor a situação, sabotou o elevador. Assim obrigava a que o circuito fosse feito pelos *lobbies* e respectivas escadas. Poucos segundos depois, uma violenta explosão destruiu por completo o elevador e quem nele tentava subir aos pisos superiores. Um pequeno WC, frontal à escadaria, foi o lugar por ele eleito para fazer a espera aos burgessos que aparecessem a subir ou descer a escadaria central, o que não tardou muito a acontecer; mal teve tempo de se deitar, e apareceram vários homens que foram, por ele, baleados, até que resolveu lançar mais uma granada, destruindo por completo o *lobby* inferior e quem lá estava. De seguida, desceu rápida e agilmente e deparou-se com mais dois gorilas, e eliminou-os. Com a adrenalina a ferver, leu na diagonal: quartos, nesse piso, e blocos operatórios, indicados no piso inferior seguinte. Lançou mais uma granada e, mal se deu a explosão, em vez de descer, saltou e enrolou. O movimento foi de tal forma rápido que um segurança, acabado de surgir, ficou sem a mão; antes sequer de lhe apontar a arma. A seguir à mão, rolou a cabeça e Thomas, num pulo, enfiou-se noutra WC, ficando de frente para as duas portas que davam acesso aos seis blocos operatórios. O fogo cruzado continuava nos pisos superiores, mas no último, onde ele se encontrava, acalmou. Das duas uma, ou já não restavam mais escroques, ou estariam escondidos a aguardá-lo. De qualquer forma, poucos deveriam restar. Saiu com cuidado e seguiu o sinal do seu *Palm* que indicava a presença de Jennifer na zona dos blocos operatórios. Abriu a porta do lado esquerdo e avançou cuidadosamente, a única luz era a de segurança; os seus sentidos, aguçados, ficaram mais alerta e, passo a passo, foi avançando com a espada numa mão e uma faca na outra. A certeza de que Jennifer estava ao fundo do corredor era de 100%, portanto, alguém o esperava. Uma vida de aprendizagem e aperfeiçoamento das muitas técnicas do *Ninjutsu* era compensada em momentos complicados como aquele. O seu nível de concentração era total; todo e qualquer ruído, por muito pequeno que fosse, eram captados pelos seus ouvidos. Sons, sombras, aragens, conseguia detectar tudo. Ao longo do corredor, eliminou mais dois seguranças até que chegou à última porta. Aí, deteve-se e colocou um pequeno aparelho entre o seu ouvido e a parede, mas não ouvia nada, absolutamente nada. Sinistro!

Com um movimento fulminante, abriu a porta e enrolou o corpo, fugindo da frente da porta e nada se passou. Espreitou para o interior da sala, com muitas cautelas, usando um espelho, e verificou que estavam lá dentro, pelo menos, uma mulher e um homem. Só que essa mulher não era a Jennifer!

Lançou uma bomba de fumo e cinco segundos depois entrou, de rompante no compartimento, sem ser visto. Quando o fumo se começou a dissipar, já Thomas tinha a mulher a servir-lhe de escudo e uma

pistola apontada ao homem vestido de bata branca. O médico era o Dr. David Crow e estava junto de uma maca ocupada com um paciente de origem oriental.

— Ao mínimo movimento suspeito, serão todos eliminados. — Avisou Thomas. E ninguém se mexeu, ficaram todos paralisados como se fossem estátuas.

— Tenha calma, eu sou um simples médico.

— Ah, sim! E esse tipo, deitado na maca, é um paciente. Certo?! — Ironizou Thomas.

— Como se chama o senhor?

— O meu nome? — Falou Thomas, e deu uma gargalhada. — Calar! É para calar e quem faz perguntas sou eu. Entendido?

— Oh! Desculpe-me. — Disse o médico.

— Já agora pergunto-lhe. Que tipo de clínica têm os senhores aqui, neste faustoso iate? — Atirou Thomas.

— É um centro de cirurgia plástica. — Respondeu David Crow, visivelmente alterado.

— Ah, plástica! Sim senhor. Só isso?! — Ironizou Thomas, de novo.

— Sim, só isso mesmo. — Reiterou o médico, que suava em bica. Pânico! Era a palavra que melhor descrevia o seu estado.

Thomas identificou o homem deitado na maca. O suposto paciente era, nada mais, nada menos, Yao Zhao. Entretanto, para pressionar, Thomas sussurrou algo ao ouvido da mulher exuberante.

— Ou me dizes onde está a dona desse relógio, ou dispararei sobre o homem que está deitado na maca. — Ameaçou Thomas, friamente.

— Mas, eu não sei! — Disse a mulher, aterrorizada.

Mal ela acabou de falar, Thomas disparou um projectil para a perna do chinês. O homem soltou um berro de dor e contorceu-se...

— Pensaste melhor ou contínuo a crivá-lo de balas. — Disse Thomas, sem alterar o tom de voz. Estava frio, resoluto, e, fosse qual fosse o preço a pagar, sairia dali na posse da informação.

— Oh! Yao. — Berrou ela, a tremer. — Ele está a dizer que te mata se não lhe disser onde está a doutora.

A cor do rosto do cirurgião plástico era branca como cal. Aquilo não passava de uma reles encenação. Contudo, ainda não se podia ter a certeza absoluta acerca da posição dele naquela novela.

— Podes começar a cantar, animal. — Disse Thomas.

— Se eu falar, deixo de ter esse trunfo. — Retorquiu Yao, em sofrimento.

O Thomas ouviu-o e, sem hesitar, disparou outro tiro, desta feita, à cabeça do chinês. David Crow tremia, apavorado, e a mulher soltou um grito de horror.

— Se eu sair daqui sem a informação, vocês os dois terão o mesmo destino daquele porco que

acabei de abater. Podem ter a certeza! — Falou Thomas, sempre num tom gélido e assustador.

— Mas eu não sei. — Insistiu a mulher. — Juro mesmo que não sei.

— Como ficamos, senhor doutor? — Perguntou Thomas, apontando-lhe a Glock à cabeça.

— Se eu contar, o senhor poupa-me?

— Poupo. — Retorquiui Thomas, usando de cinismo. — Eu sou um rapaz muito poupado, Dr. Crow.

— A sério? — Repetiu-se David Crow.

— Atenção que se voltar a perguntar, ou hesitar, mudo de ideias e arrumo consigo. Acredite que será um prazer! — Atirou Thomas.

— Pronto, calma. — Apressou-se a falar o médico. — Eu digo-lhe onde ela está. A Dra. Jennifer está em Nova Iorque.

— Nova Iorque, onde? — Interrogou Thomas.

— Em minha casa. — Confessou o médico.

— Como? Em sua casa! — Exclamou Thomas, indignado.

— Sim, juro-lhe que é a verdade. — Retorquiui David Crow, desorientado de tanto medo que sentia.

Thomas precisava de confirmar a informação e para isso pressionou a mulher.

— Onde é que arranhas-te este relógio? — Perguntou Thomas.

— O Yao deu-mo. — Disse ela.

— Onde e quando?

— Numa festa, em casa de Dr. Crow. — Esclareceu a mulher.

Batia certo, ela nunca chegara a sair da casa do médico. Thomas seguiu o relógio, mas Jennifer ficara em Nova Iorque. Conforme ele suspeitava, o administrador da Rochelle estaria envolvido até ao pescoço.

— A menina vai dar o recado da morte daquele escroque, ao irmão dele. Diga-lhe, também, que só a poupei para usá-la como correio e informe-o que o destino dele será igual ao do irmão. Irei visitá-lo, não tarda nada. — Disse Thomas, com voz áspera.

— Vai deixar-me ir? — Perguntou a mulher.

— Melhor do que isso. — Falou ele. — Vou dar-lhe boleia!

— Ah! Como? — Perguntou ela, pois não tinha atingido o alcance das palavras dele.

— Vou levá-lo a casa, doutor. — Dirigiu-se Thomas, ao médico. — Se a Dra. Jennifer não estiver lá, ou, se alguma coisa lhe acontecer, o senhor irá desejar nunca ter nascido.

— Ui! Ela está bem, garanto-lhe. — Retorquiui David Crow.

— Que é feito do irmão do defunto? — Perguntou Thomas, com ironia.

— Viajou para Xangai. — Respondeu a mulher.

— Ah! Foi dar um passeio. — Ironizou Thomas.

Aquela informação foi preciosa. Thomas ia aproveitar e pôr de aviso o agente que fora destacado para Xangai.

O iate era uma enorme clínica flutuante, muito luxuosa, com todos os confortos e requinte que media cerca de cento e vinte metros de comprimento. Dos cinco andares, um estava afecto às máquinas e foram todos basculhados por quatro agentes. Depois de terem encontrado trinta e oito pacientes das mais diversas nacionalidades, completamente apavorados, descobriram, no piso das máquinas, quer no alinhamento da popa, quer na outra extremidade, no da proa, uma série de pequenos compartimentos com vinte pessoas acamadas que tinham sido induzidas em estado de coma. No que respeita aos pacientes, uma pequena parte aguardava ser submetida a cirurgia plástica, mas a grande maioria aguardava transplante de algum órgão. No que concerne os médicos e o pessoal auxiliar, nem todos estavam a bordo, os que se encontravam no iate tinham permanecido nos seus quartos, durante o assalto. Depois, teriam que apurar quais os que operavam de livre e espontânea vontade, e quais os que eram vítimas de chantagem. De qualquer forma, todos seriam submetidos a interrogatório auxiliado por um polígrafo.

Thomas entrou no helicóptero acompanhado pelo David Crow e pela namorada do Yao, instruindo o piloto para que ele os transportasse até casa do médico e não abriu a boca durante o voo. Os dois prisioneiros iam apreensivos, pois não faziam a menor ideia de quem estava por detrás daquela operação de assalto e de todos os demais acontecimentos. O médico, pela primeira vez na sua vida, encarava o desmascarar da sua fachada e de todas as actividades criminosas em que estava envolvido.

25 O RESGATE.

O motivo que levara Yao a abandonar a discoteca, sem interrogar Thomas, relacionava-se com a notícia do ataque aos seus escritórios, nas três metrópoles, e o do desaparecimento dos respectivos gerentes. O irmão, no preciso momento em que ele se preparava para torturar Thomas, telefonara-lhe a informá-lo do sucedido e a marcar uma reunião de urgência, momentos antes de voar para Xangai.

A eliminação dos três responsáveis das agências centrais da China, Índia e México, culminou com o assalto aos escritórios, onde foi efectuada a recolha de toda a informação comprometedor, antes da destruição das instalações que foram reduzidas a cinzas. Um triplo golpe naquela máfia asquerosa. O esquema maquiavélico, por eles montado, fora desmantelado e decomposto ao detalhe. Além das agências principais, detectaram também as localizações de um vasto número de pequenas delegações, distribuídas por várias cidades secundárias nos países referidos. Os contactos e nomes dos informadores, funcionários públicos, e também os nomes dos agentes e responsáveis da polícia, corruptos, que lhes

simplificavam a vida nos três países “fornecedores”.

A rede era bem maior e mais complexa do que aparentava inicialmente. Segundo a informação obtida, além do tráfico de órgãos, também mantinham uma operação de tráfico humano de grande envergadura, inclusive, com ramificações no continente europeu. A saída apressada de Zhao Míng, não foi mais do que uma manobra de fuga e o facto de irmão ter ficado nos Estados Unidos foi pura sorte, pois ele não tardaria muito a seguir os passos do seu irmão e mentor.

A aurora do dia permitiu que Thomas conseguisse ver, duma perspectiva aérea, o quanto vasta era a propriedade de David Crow. Depois de aterrarem ao lado da piscina, dirigiram-se para o interior do palacete. O médico atravessou o enorme salão virado para a parte posterior da casa e, já no hall de entrada, abriu uma porta para lá da qual havia uma escadaria que dava acesso à cave. Uma vez lá, após terem percorrido um corredor bem extenso e depois de passarem por alguns compartimentos, finalmente chegaram a outro hall e voltaram a descer mais um lance de escadas. No final apenas havia uma porta. O médico digitou um código secreto, num painel electrónico, e a porta super pesada, que era blindada, abriu-se automaticamente. Essa última porta pesava toneladas e comunicava com um grande compartimento, uma autêntica casa subterrânea que na realidade era um *bunker*. Dr. Crow transpôs a porta seguido pela mulher e por Thomas. A ansiedade e a tensão nervosa dominavam o íntimo do anfitrião e o silêncio do Thomas, que continuava encapuçado, ainda o baralhavam mais. Por fim, após terem percorrido mais um longo corredor, no final do mesmo, e depois de abrirem mais uma porta, encontraram Jennifer sentada num cadeirão com uma expressão de pavor e desespero estampadas no seu rosto consternado. A chegada de David Crow e da mulher que se tinha apoderado do seu relógio, numa primeira reacção, em nada a fizeram sentir melhor. No entanto, quando viu o homem mascarado, aparecer por detrás deles, empunhando uma arma apontada ao seu raptor, percebeu que a sua sorte acabava de mudar. Graças a Deus alguém aparecia em seu socorro.

Thomas derrubou o médico, com uma pancada certa e firme na nuca, deixando-o inconsciente. A companheira de Yao, vendo o médico cair, entrou em pânico e, antes de poder implorar à clemência do ninja, foi golpeada de seguida. Com ambos inconscientes, retirou o relógio à mulher, destapou a cabeça surpreendendo a Jennifer, e soltou um sorriso rasgado antes de receber nos seus braços.

— Oh! És tu Thomas! — Exclamou Jennifer, sentindo um grande alívio.

— Estás bem? Vou instruir o nosso homem, que está lá fora no helicóptero, para te deixar em minha casa. Terás que ficar sozinha mais algum tempo. — Disse Thomas.

— Porquê?

— Ainda não terminei a missão. — Disse ele energeticamente, fruto da pressão.

— Eu nunca imaginei que o Dr. Crow fosse quem é! — Falou Jennifer, abanado a cabeça.

— Não penses nisso agora. — Falou Thomas. — O que interessa, acima de tudo, é que tu estás segura. Vamos!

— Oh! Vais deixá-lo aqui, solto? — Perguntou Jennifer, admirada da facilidade com que o médico se safava.

— Preciso dele solto. — Adiantou Thomas. — Ele não sabe o quanto eu sei. A minha última tarefa é muito importante e ele servirá de guia.

— Como isso? — Questionou Jennifer, continuando às escuras.

— Algures, por aí, há um esconderijo onde estão muitas vítimas enclausuradas. Acredito que o nosso “amigo” conheça esse lugar. Além disso, o chefe da máfia está fugido; seguindo este artista poderemos, eventualmente, chegar ao mafioso e, ou, ao buraco onde esconderam as pessoas traficadas. — Explicou Thomas, enquanto saíam do *bunker*.

Jennifer subiu a bordo do helicóptero e Thomas voltou para dentro, escondendo-se na garagem. O médico não tardaria muito a acordar e o seu movimento, mais provável, seria tentar a fuga ou, conforme suspeitava o Thomas, dirigir-se ao “armazém” para se desfazer da “mercadoria”, ou seja, eliminar as pessoas traficadas, apagando assim o seu rasto criminoso.

A colecção privada de automóveis do médico impressionava tanto quanto a ostentação exibida na festa. O raciocínio analítico de Thomas dizia-lhe que seguir os próximos passos de David Crow, em larga escala, facilitaria o desfecho da operação. A desorientação e o pavor de ser exposto iriam levá-lo a tomar algumas atitudes irreflectidas e precipitadas, comportamentos que são muito comuns a quem fica desesperado e desorientado. E algum tempo depois, tal qual o Thomas antecipara, o médico apareceu na garagem, pegou numa das chaves penduradas na parede, abriu a porta do seu Porsche cinza e, enquanto a porta automática se içava, Thomas colocou um dispositivo electrónico na traseira do bólido. Entretanto, usando da sua agilidade, escondeu-se enquanto o carro saiu aceleradamente por entre as majestosas árvores da avenida frontal da propriedade. De seguida e sem perder tempo, pegou na chave de um Ford GT negro e seguiu o trilho do escroque através das coordenadas fornecidas pelo sistema de alta voz do seu *iphone*. No outro local da acção, o iate já estava, ou estaria muito em breve, ocupado com uma *BSO* (*Brigada de Suporte Operacional*) incumbida de dar abrigo às vítimas até as pôr à guarda das suas respectivas embaixadas, e também de oferecer um bilhete de volta aos pacientes e aos médicos. Tudo seria alvo de um rigoroso registo de identificações para mais tarde poderem agir em conformidade, embora não houvesse intenção de perseguir os pacientes que já tinham uma cruz demasiadamente pesada para carregar. No que dizia respeito ao pessoal médico e auxiliar, deveriam apurar quem era quem!

O Porsche de David Crow seguia veloz em direcção à zona industrial, perto da localização da discoteca onde Thomas estivera aprisionado. Mais uma vez corria para um destino incógnito sem tempo para estudar o terreno e planear a investida. Neste caso, agir de impulso implicaria salvar vidas, pois o que Dr. David Crow tencionava fazer era precisamente o contrário para salvar apenas uma, a dele. O Porsche, segundo o sinal do dispositivo *GPS*, immobilizou-se e Thomas estava a dois minutos de distância. Quando se aproximou teve o cuidado de estacionar o carro num beco escondido, localizado a duzentos

metros do armazém onde verificou que o médico entrara. Antes de parar não abdicou do cuidado de rondar o local para decidir qual seria a melhor tática de intrusão a adoptar. Thomas entendeu que o uso do factor surpresa aliado à dispersão dos recursos do alvo, provocada pelas duas explosões de C-4 que ele ia despoletar, geraria a confusão ideal. Uma das explosões aconteceria na parte dianteira do armazém, enquanto a outra seria nas traseiras, e a cobertura seria a zona de penetração, de onde poderia ver tudo sem correr o risco de ser detectado, portanto, tratou de armadilhar os dois pontos, temporizando as explosões para que acontecessem em simultâneo e ter tempo para se posicionar junto à zona das clarabóias existentes na cobertura do armazém. Lá em cima, depois de entrar e antes das explosões, ainda lhe restaram alguns segundos para observar a estrutura interior do espaço e poder verificar que não havia muitos alvos para eliminar. Após ter saído do iate, precaveu-se com carregadores para as pistolas, mas não levou consigo o arco, pois gastara todas as flechas no outro assalto. Como tal, à parte dos explosivos, apetrechava-se com as duas Glock, dois punhais, estrelas, agulhas e com a sua lâmina predilecta, a sua espada. Já no interior do armazém olhava, sereno e concentrado, para o seu cronómetro: cinco, quatro, três, dois, um! E deram-se duas brutais explosões as quais provocaram uma ensurdecadora onda de som e uma gigantesca vibração. Thomas, que já contava com o impacto, não se desconcentrou e observou as movimentações dos alvos desorientados. Três homens precipitaram-se para a entrada do armazém e além desses, identificou adicionalmente, numa estrutura localizada num patamar com altura de um piso, o seu alvo principal que se aproximou de uma janela aquando das explosões. Junto dele estava outro brutamontes que saiu de lá disparado, daquele espaço que parecia ser um escritório, para o piso térreo. A primeira reacção de Thomas foi deslizar por uma escada abaixo, em vez de utilizar os degraus, e posicionar-se por detrás de um contentor metálico. Ao contornar o volume, deparou-se com um dos homens, que corria para o exterior, e eliminou-o lançando-lhe um punhal que lhe trespassou o pescoço de trás para a frente. Os outros dois seguiam-lhe o exemplo e quando olharam para trás foram baleados, caindo redondos. Um dos flancos, o da porta principal, ficou limpo; faltava-lhe eliminar, pelo menos, mais um alvo e decidir o que fazer com Dr. David Crow. Sabendo o que o esperava, do lado oposto, avançou sorrateiramente, por entre vários contentores, até que visualizou o quarto homem empunhando uma metralhadora a qual disparava aleatoriamente, completamente desnordeado. A Thomas, apenas bastou um disparo certo para o alvejar na cabeça. Depois disso fez-se silêncio total. O médico nem se atrevia a sair do seu caixote e a haver pessoas sequestradas, estariam tão apavoradas que nem se manifestavam, nem sequer murmúrios se ouviam. No entanto, pouco tardaria para que a *NYPD* aparecesse e Thomas ainda tinha que verificar o local a fundo. Subiu, rápida e agilmente, ao caixote escritório e antes de entrar disse em voz alta.

— Cá estou eu de novo, Dr. Crow.

— Ah! Quem? — Perguntou o médico, assustado.

— O homem que o poupou em casa e que o vai deixar à mercê das autoridades. Mas isso, só se me

disser onde estão os sequestrados. Caso contrário sairá daqui como o seu amigo Yao, em posição horizontal. — Ameaçou Thomas.

— As pessoas estão na cave. Não sei quem é o senhor, mas tem toda a razão. Eu sairei daqui como o Yao e jamais serei humilhado publicamente. — Respondeu Crow.

Logo de rajada, sem que tivesse tempo para entrar, ouviu um tiro. O médico sucumbiu ao pavor e à pressão e suicidou-se com um tiro na cabeça. Thomas desceu, sem perder tempo, e procurou a cave. Foi aí que viu a uma das imagens que mais o chocou em toda a sua vida. Uma cadeia com celas de luxo, minúsculas ou, melhor dizendo jaulas, dada a sua reduzida dimensão. Dentro delas encontravam-se pessoas de todas as idades, desde orientais a mexicanos e todos, sem excepção, com o terror estampado no rosto. Thomas, que não falava mandarim, disse a um mexicano em espanhol perfeito.

— A *NYPD* chegará dentro de poucos minutos. Os senhores já estão livres de perigo e quando ouvirem ruído, gritem bem alto para que eles vos ouçam. — Informou.

— Muito obrigado senhor. Mas porque não nos solta? — Perguntou o homem.

— Porque estão todos ilegais e vulneráveis. Assim será mais prudente, acreditem que é a melhor solução e a mais segura também. Boa sorte a todos. — Respondeu Thomas, com a satisfação do dever cumprido.

De seguida, saiu rápida e dissimuladamente. Atrás dele ouviam-se múltiplas sirenes, assim como, imediatamente a seguir, viam-se também imensas luzes de faróis, e Thomas, pelo retrovisor do Ford GT em andamento, ainda avistou a confusão da chegada dos bombeiros e das autoridades. Um dos seus alvos escapara, mas não para todo o sempre

O telemóvel tocou e Jennifer atendeu.

— Ah! Olá, Thomas. — Exclamou ela.

— Viva Jennifer. Temos uma mesa reservada num restaurante muito especial, podes-te ir arranjando que eu não tardo nada a chegar. — Disse ele, completamente relaxado.

— Onde? Estás bem?! — Perguntou.

— Ups! Ainda vou ser processado. Parece-me que provoqueei alguns estragos nas últimas 48h. — Falou rindo. — Mas agora mereçemos festejar, portanto um beijo e até já.